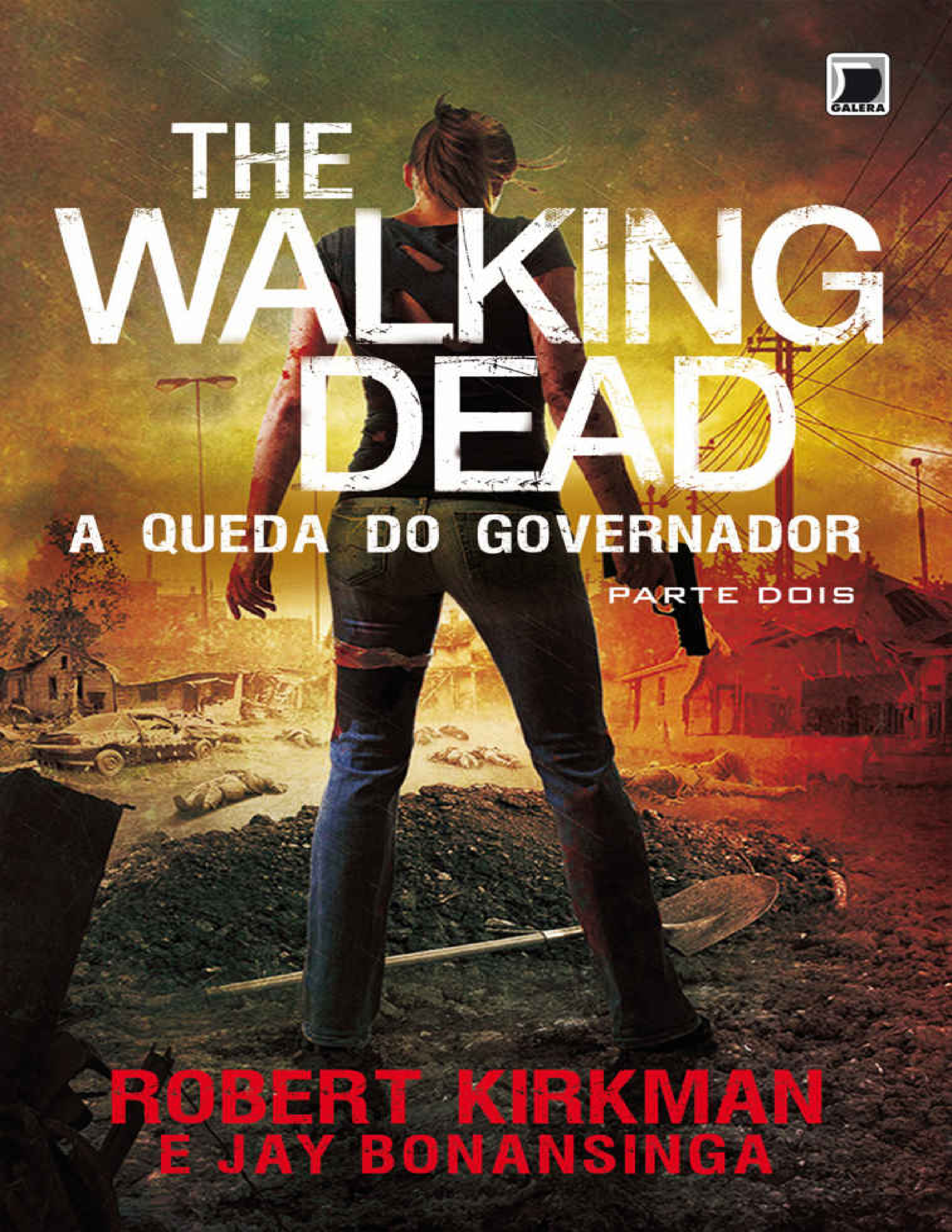
GALERA
THE WALKING DEAD
A QUEDA DO GOVERNADOR
PARTE DOIS
ROBERT KIRKMAN
E JAY BONANSINGA

Obras dos autores publicadas pela Galera Record

The Walking Dead: *A ascensão do Governador*
The Walking Dead: *O caminho para Woodbury*
The Walking Dead: *A queda do Governador – parte 1*
The Walking Dead: *A queda do Governador – parte 2*

ROBERT KIRKMAN
E JAY BONANSINGA

THE WALKING DEAD

A QUEDA DO GOVERNADOR

PARTE DOIS

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K65w
Kirkman, Robert, 1978-
The walking dead [recurso eletrônico] : a queda do governador : parte dois /Robert Kirkman, Jay Bonansinga ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Galera Record, 2014.
recurso digital (The walking dead ; 4)
Tradução de: The walking dead : fall of the governor : part two
Sequência de: The walking dead : a queda do governador : parte um
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui agradecimentos
ISBN 978-85-01-10252-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção de terror americana. 2. Livros eletrônicos. I. Bonansinga, Jay R. II.Kohnert, Mariana. III. Título. IV. Série.
14-16663

CDD: 813
CDU: 821.111(81)-3

Título original:
Walking Dead: The Fall of the Governor – part two (book #4)

Copyright © 2014 by Robert Kirkman LLC

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, LLC.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo: Abreu's System

Adaptação de layout de capa: Renata Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-05276-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Joey e Bill Bonansinga, com amor

AGRADECIMENTOS

Mais do que nunca, um obrigado extraespecial ao Sr. Robert Kirkman por me levar junto na melhor aventura da vida; um *gracias* adicional a Andy Cohen, David Alpert, Brendan Deneen, Nicole Sohl, Kemper Donovan, Shawn Kirkham, Stephanie Hargadon, Courtney Sanks, Christina MacDonald, Mort Castle, subtenente Alan Baker e Brian Kett; e o melhor, como sempre, deixei para o final: meu agradecimento profundo e amor eterno por minha linda mulher e melhor amiga, Jill M. Norton.

PARTE 1

Campo de Batalha

Eu me tornei a morte, o destruidor de mundos.

— J. Robert Oppenheimer

UM

O incêndio se inicia no primeiro andar, as chamas lambem o papel de parede de rosas, espalhando-se pelo teto de gesso e borrifando fumaça preta e tóxica pelos corredores e quartos da casa em Farrel Street, deixando-o cego e tirando-lhe o fôlego. Ele disparara pela sala de jantar, em busca das escadas dos fundos e, ao encontrá-las, grita para baixo da escadaria velha de madeira e segue na direção da escuridão almiscarada do porão.

— Philip?! PHILIP!?! PHILLLLIIIIIIP!!?!

Ele rasteja pelo piso de cimento imundo e com marcas de infiltração, vasculhando freneticamente a adega escura em busca do irmão. No andar de cima, a casa pega fogo e estala, a conflagração ruge pelos cômodos entulhados do bangalô humilde, o calor pressiona a fundação. Ele se vira inutilmente, andando em círculos, verificando as extensões sombreadas da adega envolta em fumaça, afastando teias de aranha e engasgando com a fumaça acre e o fedor pútrido de amônia de beterraba enlatada velha, as fezes de ratos e o isolamento velho de fibra de vidro. Ele consegue ouvir o ranger e os estampidos de vigas de madeira desabando no piso acima conforme o redemoinho foge do controle — o que não faz sentido, porque a pequena casa em que ele passou a infância em Waynesboro, Geórgia, nunca pegou fogo, pelo que ele se lembra. Mas ali está ela, destruindo-se em um inferno terrível, e ele não consegue encontrar o irmão, porra. Como foi parar ali? E

afinal onde está Philip, porra? Ele precisa de Philip. Merda, Philip saberia o que fazer!

— PHILLLLLLLLIIIIIIIIIP!

O grito histérico sai de dentro dele como um leve sopro, um chilreio sem fôlego, um sinal que se esvai no rádio sintonizado em alguma estação distante. De repente, ele vê um portal em uma das paredes do porão — uma abertura estranha e côncava como uma escotilha num submarino, de onde um brilho esverdeado esquisito emana — e percebe que a abertura é nova. Ela não existia no porão da casa de sua infância em Farrel Street, mas, novamente, como magia negra, ali está aquela porra. Ele tropeça na direção da abertura verde mal iluminada e radiante na escuridão. Ao impulsionar o corpo pela passagem, ele entra em uma cabine de garagem sufocante, feita de blocos de concreto. A câmara está vazia. As paredes exibem marcas de tortura — riscos de sangue escuro, seco e as pontas esfrangalhadas de cordas fixas em ganchos — e o lugar irradia maldade. Uma maldade pura, inalterada, sobrenatural. Ele quer sair dali. Não consegue respirar. Seus pelos estão arrepiados. Ele não consegue emitir som algum além de um fraco gemido que vem da parte mais profunda de seus pulmões, um gemido angustiado. Ele ouve um ruído, se vira e vê outro portal verde-gangrena brilhando, então dispara na direção dele. Ele passa pela abertura e sai em um bosque de pinheiros no limite de Woodbury. Ele reconhece a clareira, a lenha caída formando um pequeno anfiteatro natural — o chão coberto por pinhas foscas, fungos e ervas-daninhas. O coração dele acelera. Aquele é um lugar ainda pior — um cenário de morte. Uma figura emerge da floresta e adentra a luz pálida. É seu velho amigo, Nick Parsons, desengonçado e esquisitão como sempre, espreitando na clareira com uma espingarda .12 de alimentação manual, o rosto parecendo mais uma máscara suada e horrorizada.

— Senhor — murmura Nick com a voz embargada. — Limpai-nos das impurezas. — Nick ergue a espingarda. O cano parece gigantesco, como um planeta enorme cobrindo o sol, apontando diretamente para ele. — Renuncio a todos os meus pecados — continua Nick, com a voz sepulcral. — Perdoe-me, oh, senhor... perdoe-me.

Nick puxa o gatilho. O ferrolho estala. O estouro em câmera lenta se incendeia como uma corona amarelo-brilhante, como os raios de um sol moribundo, e ele sente como se estivesse sendo puxado das botas, atirado no espaço, sem peso, flutuando pela escuridão... na direção de um nimbo de luz branca celestial. É isso. É o fim do mundo, do mundo dele, o fim de tudo. Ele grita. Nenhum som sai de seu pulmão. Isso é a morte, o vazio sufocante, branco como magnésio, que surge do nada, e, muito repentinamente, como um interruptor sendo desligado, Brian Blake deixa de existir.

Tão repentinamente quanto um corte seco em um filme, ele está deitado no chão do seu apartamento em Woodbury — inerte, congelado, preso à madeira fria e sentindo uma dor gélida e paralisante — com a respiração tão difícil e fraca que suas células parecem arquejar por vida. A visão dele consiste em uma cena entrecortada, embaçada e fractal dos azulejos do teto manchados pela infiltração — um olho completamente cego, a cavidade orbital fria como se um vento soprasse através dela. A fita adesiva pende de um dos lados da boca do homem e as minúsculas inalações e exalações pelas narinas ensanguentadas são quase imperceptíveis ao ouvinte despercebido. Ele tenta se mover, mas não consegue sequer virar a cabeça. Mal consegue distinguir o som de vozes com os nervos auditivos que se contraem com agonia.

— E quanto à garota? — pergunta uma voz, de algum lugar da sala.

— Foda-se ela, já está fora da zona de segurança agora e não tem chance alguma.

— E ele? Está morto?

Então outro som é reconhecido — um grunhido aquoso e distorcido — chamando a atenção para o canto da visão do homem. Enxergando pela retina embaçada do único olho bom, ele mal consegue discernir a minúscula figura no portal do outro lado da sala, o rosto pálido dela marcado pela decomposição, os olhos sem pupilas parecendo olhos de pardal. Ela avança até que a coleira de corrente tilinte alto.

— GAH! — grita uma das vozes masculinas quando o pequeno monstro tenta pegá-los com as garras.

Philip tenta desesperadamente falar, mas as palavras ficam presas na garganta escaldante dele. Sua cabeça pesa mil toneladas, e ele tenta mais uma vez falar com os lábios secos, rachados e ensanguentados, tenta formar palavras sem fôlego que simplesmente não se constituem. Então ele ouve a voz grave de barítono de Bruce Cooper.

— Tudo bem, foda-se! — O clique delator de uma trava de segurança se desarmando em uma semiautomática quebra o silêncio. — A garota vai ser atingida por uma bala agora mesm...

— *N-nnggh*! — Philip coloca tudo o que tem na voz e consegue emitir mais uma série fraca de balbuciações. — *N-nãã... n-não*! — Ele toma mais um fôlego agoniante. Precisa proteger a filha Penny, independentemente de ela já estar morta, e isso já faz mais de um ano. Ela é tudo o que lhe restou no mundo. Ela é tudo. — N-não toque nela, porra... NÃO FAÇA ISSO!

Os dois homens voltam os olhares na direção do que está no chão, e, pela mais breve fração de segundo, Philip tem um lampejo

dos rostos deles enquanto o encaram, boquiabertos. Bruce, o mais alto, é afro-americano e tem a cabeça raspada, a qual está franzida de horror e repulsa. O outro homem, Gabe, é branco e tem o físico de um caminhão Mack, um corte à escovinha da marinha e gola rulê preta. Pelo olhar deles, está claro que Philip Blake deveria estar morto.

Deitado naquele pedaço de compensado de 4 x 8 m ensopado de sangue, ele não faz ideia de como está com uma má aparência — principalmente seu rosto, que ele sentia como se tivesse sido amaciado por um picador de gelo — e, por um breve momento, as expressões daqueles homens rudimentares, simples, olhando boquiabertos para Philip, enviam um alarme de aviso ao cérebro dele. A mulher que trabalhou nele — *Michonne* é o nome dela, se não lhe falha a memória — fez bem seu trabalho. Pelos pecados que cometeu, ela o deixou tão perto dos portões da morte quanto é possível que alguém fique sem atravessá-los.

Os sicilianos dizem que a vingança é um prato que se come frio, mas essa garota o serviu com uma bandeja fumegante de agonia. Ter o braço direito amputado e depois cauterizado logo acima do cotovelo é o menor dos problemas de Philip. O olho esquerdo dele, no momento, está caído na lateral do rosto, colado à pele por gavinhas secas de tecido ensanguentado. Mas pior do que isso — muito pior para Philip Blake — é a sensação fria e grudenta que se espalha pelas entranhas dele brotando do lugar em que seu pênis foi cortado com um golpe da espada elegante daquela mulher. A lembrança daquele pequeno giro — o ferrão de uma vespa de metal — agora o manda de volta para o crepúsculo da semiconsciência. Philip mal consegue ouvir as vozes.

— PORRA! — Bruce encara de olhos arregalados o homem com o bigode fino que já foi saudável e esguio. — Ele está vivo!

Gabe fica observando.

— Que merda, Bruce... O doutor e Alice foram embora, porra! Que diabos vamos fazer?

Em algum momento, outro homem entrou no apartamento feito um borrão de respiração pesada e estalando uma espingarda de alimentação manual. Philip não consegue ver quem é nem ouvir as vozes muito bem, pois está flutuando entre a consciência e o esquecimento enquanto os homens que pairam sobre ele continuam a conversa brusca e em pânico.

A voz de Bruce:

— Vocês, tranquem essa merdinha no outro quarto. Vou descer para buscar Bob.

A voz de Gabe é a próxima:

— Bob?! Aquele bêbado da porra que está sempre sentado lá embaixo, perto da porta?

As vozes começam a sumir conforme o manto frio e escuro toca Philip.

— ...afinal, o que ele pode fazer...?

— ...provavelmente não muito...

— ...então por que...?

— ...ele pode fazer mais do que qualquer um de nós...

Ao contrário da opinião pública e da mitologia dos filmes, o médico de combate comum não é sequer *remotamente* tão habilidoso quanto um cirurgião traumatologista experiente e credenciado nem quanto um clínico geral. A maioria dos médicos recebe menos de três meses de treinamento durante o acampamento de recrutas, e até o mais

prodigioso desses indivíduos mal ultrapassa o nível de um técnico de emergência ou de um paramédico. Eles conhecem os primeiros socorros básicos, algumas técnicas de ressuscitação e os rudimentos da traumatologia, e isso é tudo. São atirados em campo com unidades de batalha e espera-se que simplesmente mantenham os soldados feridos respirando — ou mantenham o sistema circulatório intacto — até que a vítima possa ser transportada para uma unidade cirúrgica móvel. São barcos-reboques humanos — endurecidos pelas condições da frente de batalha, calejados por testemunharem uma corrente constante de sofrimento — dos quais se espera somente que coloquem Band-Aid e uma tala nos ferimentos de perfuração da guerra.

O oficial hospitalar de primeira classe Bob Stookey serviu uma única rodada com a Sexagésima Oitava Companhia Alfa, no Afeganistão, treze anos antes, na tenra idade de 36, tendo sido convocado pouco depois da invasão inicial. Ele foi um dos homens mais velhos a se alistar na época — os motivos para o alistamento tiveram muito a ver com um divórcio que acabou mal na época — e se tornou uma espécie de tio para os mais jovens ao seu redor. Ele começou como um motorista de ambulância superqualificado nos limites de Camp Dwyer e trabalhou até se tornar médico dos campos de batalha na primavera seguinte. Bob tinha a habilidade de divertir os garotos com piadas horrorosas e doses proibidas da sempre presente garrafa de Jim Beam. Também tinha o coração mole — os praças o amavam por isso — e morria um pouco sempre que perdia um fuzileiro. Quando Bob foi mandado de volta para o mundo, uma semana após completar 37 anos, ele tinha morrido 111 vezes e tratava esse trauma tomando meia garrafa de uísque por dia.

Todo esse movimento de Tempestade e Ímpeto do passado de Bob tinha sido afogado há muito tempo pelo horror e o clamor da praga, assim como a perda avassaladora de seu amor secreto, Megan Lafferty. A dor cresceu de forma tão maligna dentro dele que agora, naquela noite — *naquele instante* — Bob está completamente alheio ao fato de que está prestes a ser levado de volta ao campo de batalha.

— BOB!

Encostado nos tijolos diante da casa do Governador, semiconsciente, com a saliva seca e cinzas espalhadas pela jaqueta verde-oliva surrada, Bob se move ao ouvir a voz estrondosa de Bruce Cooper. A escuridão da noite queima vagarosamente com o amanhecer, e Bob já começara a tremer por causa do vento frio e da noite inquieta de sonhos febris.

— Levante-se! — ordena o homem grandalhão ao sair aos tropeços do prédio e se aproximar do ninho de jornais ensopados, cobertores em frangalhos e garrafas vazias de Bob. — Precisamos da sua ajuda... lá em cima! AGORA!

— O-o quê? — Bob esfrega o rosto lamuriante e arrota ácidos estomacais. — Por quê?

— É o Governador! — Bruce se abaixa e segura o braço inerte de Bob. — Você é médico do exército, não é?

— Fuzileiros navais... o-oficial hospitalar — gagueja Bob, sentindo como se estivesse sendo erguido por um sistema de roldanas. Sua cabeça está girando. — Por uns quinze minutos... há um milhão de anos. Não sei fazer porra nenhuma.

Bruce o levanta como se fosse um manequim, segurando Bob com força pelos ombros.

— Mas vai tentar, porra! — Bruce sacode o homem. — O Governador tem cuidado de *você*, certificando-se de que está sendo

alimentado, de que não está bebendo até morrer, e agora você vai devolver o favor.

Bob engole o enjoo, esfrega o rosto e acena, hesitante.

— Tudo bem, me leve até ele.

A caminho, ao passar pelo saguão, subir as escadas e atravessar o corredor dos fundos, Bob pensa que não deve ser nada demais, que o Governador deve estar gripado ou algo assim, ou bateu com a porra do dedo e agora estão exagerando, como sempre. E, conforme os homens se apressam na direção da última porta à esquerda, Bruce quase deslocando o braço de Bob, que apenas por um instante sente o cheiro de alguma coisa como cobre e almíscar escapando pela porta entreaberta, o que dispara avisos em sua cabeça. Logo antes de Bruce o puxar para dentro do apartamento — naquele instante horrível antes de Bob atravessar o portal e ver o que o espera — ele tem um lampejo da guerra.

A memória repentina e desenfreada que percorre sua mente naquele momento o faz encolher o corpo — o cheiro, aquele ensopado rico em proteínas que pairava sobre a unidade cirúrgica improvisada em Parwan Province; a pilha de ataduras cobertas de pus marcadas para incineração; o ralo por onde a bile escorria; aquelas macas ensopadas de sangue assando debaixo do sol do Afeganistão — tudo isso lampeja no cérebro de Bob naquela fração de segundo antes que ele se depare com o corpo no chão do apartamento. O odor o deixa arrepiado e obriga Bob a se segurar no portal para manter o equilíbrio enquanto Bruce o empurra para dentro do vestíbulo, e Bob, por fim, olha direito para o Governador — ou para o que sobrou do homem — na plataforma de compensado profanada.

— Tranquei a garota e soltei o braço dele — diz Gabe, mas Bob mal consegue ouvir o homem ou ver o outro cara, o outro panaca chamado Jameson, que está agachado no quarto, com as mãos unidas de um jeito estranho, os olhos quentes de pânico. A tontura ameaça jogar Bob no chão. Ele arqueja. A voz de Gabe gorgoleja, como se saísse de dentro d'água. — Ele desmaiou, mas continua respirando.

— Puta mer... — Bob mal emite um ruído, pois sua voz está embargada e incolor.

Ele cai de joelhos. Encara e encara e encara os restos contorcidos, chamuscados, ensopados de sangue e flagelados de um homem que um dia percorreu as ruas do pequeno reino de Woodbury como se fosse um cavaleiro do rei Arthur. Agora, o corpo desfigurado de Philip Blake começa a se metamorfosear na mente de Bob Stookey no corpo daquele pobre jovem do Alabama: subtenente Bobby McCullam, o garoto que assombra os sonhos de Bob, aquele que teve metade do corpo arrancada por um dispositivo explosivo improvisado nos limites de Kandahar. Sobreposto ao rosto do Governador, em uma imagem dupla grotesca, Bob agora vê o fuzileiro, aquela máscara da morte que era seu rosto com o capacete; olhos vermelhos e uma careta ensanguentada apoiados na alça debaixo do queixo, o olhar terrível fixado em Bob, o Motorista da Ambulância. *Me mate*, murmurava o garoto para Bob, que não podia fazer nada pelo rapaz a não ser colocá-lo no vagão de carga escaldante já apinhado de fuzileiros mortos. *Me mate*, dissera o garoto, deixando Bob desamparado e completamente mudo; o jovem fuzileiro morreu com o olhar fixo em Bob. Tudo isso percorre a imaginação de Bob num instante, puxando o vômito para o esôfago dele, enchendo sua boca com ácidos estomacais, queimando no

fundo de sua garganta, irrompendo das cavidades nasais de Bob feito fogo líquido.

Bob se vira e ruge, vomitando no tapete imundo da sala.

Todo o conteúdo de seu estômago — uma dieta líquida de 24 horas de uísque barato e goles ocasionais de Sterno — sai como um jato, formando uma poça no tapete. De quatro, Bob ofega repetidas vezes, as costas arqueadas, o corpo se convulsionando. Ele tenta falar entre arquejos aquosos.

— Eu... eu não... nem consigo olhar para ele. — Bob inspira. Um estremecimento espasmódico percorre seu corpo. — Não posso... não posso fazer nada p-por ele!

Bob sente a mão de alguém, forte como um torno fixo, apertar sua nuca e parte de sua jaqueta surrada do exército. A mão o puxa com violência, deixando-o de pé, e Bob quase é arrancado das botas.

— O doutor e Alice se foram! — grunhe Bruce para ele. Os rostos dos dois estão tão próximos agora que uma névoa fina de perdigotos borrifa em Bob enquanto Bruce segura a nuca do bêbado com mais força. — Se não fizer nada, ele vai MORRER, PORRA! — Bruce sacode o homem. — QUER QUE ELE *MORRA*?!

Inerte na mão de Bruce, Bob emite um grunhido:

— Eu... eu... eu não... sei.

— ENTÃO FAÇA ALGUMA COISA, PORRA!!

Com um aceno cambaleante, Bob se volta para o corpo distorcido no chão. Ele sente o aperto no pescoço se afrouxar. Bob se agacha e passa a ver apenas o Governador.

Ele vê todo o sangue escorrendo pelo tronco despido, formando manchas grudentas, no formato de mapas, que já começavam a secar e escureciam à luz fraca da sala. Ele olha para o cotoco chamuscado do braço direito, então avalia a cavidade ocular exposta e ensopada

de sangue; a órbita ocular, brilhante e gelatinosa como um ovo cozido mole, pendia da lateral do rosto do homem por gavinhas de tecido. Ele repara no pântano de sangue arterial formando uma poça ao redor das partes íntimas do homem. E, por fim, Bob repara na respiração breve e árdua — o peito do homem mal se infla e esvazia.

Algo estala dentro de Bob Stookey — deixando-o sóbrio com a velocidade e a intensidade de sais de cheiro. Talvez seja a velha sensação de guerra retornando. Não há tempo para hesitação no campo de batalha — nem espaço para repulsa, medo ou paralisia —, pois é preciso seguir em frente. Depressa. De forma imperfeita. Apenas seguir em frente. Triagem é tudo. Interromper o sangramento primeiro, manter as vias aéreas livres e a pulsação, então descobrir como mover a vítima. Só que, mais do que isso, bem ali Bob é tomado por uma onda de emoção.

Ele nunca teve filhos, mas o rompante de empatia que sente de súbito por aquele homem se assemelha àquele que percorre o corpo de um pai na cena de um desastre de automóvel, a habilidade de erguer quinhentos quilos de aço de cima de uma criança presa nas ferragens. Aquele homem se importava com Bob. O Governador tratava Bob com gentileza, até mesmo carinho — sempre fazendo questão de visitá-lo se certificar de que ele tinha comida e água suficientes, além de cobertores e um lugar para ficar. A revelação acalma Bob, o envolve, desanuvia sua visão e faz a mente focar. O coração dele desacelera, e ele estende a mão para pressionar a ponta do dedo na jugular ensopada de sangue do Governador. A pulsação está tão fraca que poderia ser confundida com uma pupa estremecendo dentro de um casulo de pele.

A voz de Bob sai num tom baixo, equilibrado e autoritário:

— Vou precisar de ataduras limpas, esparadrapo... e um pouco de água oxigenada. — Ninguém vê o rosto de Bob mudar. Ele afasta mechas do cabelo ensebado e cheio de pomada para a cabeça. Os olhos do homem se semicerram, aninhados em pés de galinha e rugas fundas. As sobrancelhas de Bob se franzem com a intensidade de um mestre do jogo se preparando para mostrar o que tem na mão. — Depois teremos que levá-lo à enfermaria. — Por fim, Bob olha para os outros homens, a voz assumindo uma gravidade ainda mais profunda. — Farei o possível.

DOIS

Boatos circulam pela cidade naquele dia com a trajetória descontrolada de um jogo de pinball. Enquanto Bruce e Gabe mantêm a condição do Governador em segredo, a ausência marcante da liderança de Woodbury causa muita especulação e sussurros. A princípio, o que as pessoas sabem é que o Governador, o Dr. Stevens, Martinez e Alice fugiram antes do nascer do sol do dia anterior em uma missão de emergência — o propósito dela permanece encoberto em mistério. Cada um dos homens na muralha tem uma versão diferente. Um garoto jura que viu Martinez levando um grupo de ajudantes não identificados em um caminhão de carga para buscar mantimentos antes do alvorecer. Mas essa história perde muita credibilidade no meio da manhã, ao verificarem que todos os veículos estão no lugar. Outro guarda — o jovem aspirante a gângster chamado Curtis, o garoto que Martinez, inesperadamente, aliviou no fim do beco leste na noite anterior — alega que Martinez fugiu a pé sozinho. Esse boato também perde força quando a maioria dos que ficaram percebe que o doutor e Alice também sumiram com o próprio Governador e o estranho ferido que estava sendo tratado na enfermaria. O homem estoico posicionado com o rifle do lado de fora do prédio do Governador não tem nada a dizer sobre o assunto

e não deixa ninguém passar, assim como o vigia no alto da escada que dá para a enfermaria. As duas situações não contribuem em nada para apaziguar os boatos que correm.

No fim da tarde, Austin monta a história verdadeira. Ele estava ouvindo murmúrios sobre uma fuga — mais provavelmente vindos dos estranhos que viu com o Governador uma semana e meia antes — e tudo faz muito mais sentido quando ele encontra Marianne Dolan, a mulher matrona cujo filho está com febre alta há 24 horas. A mulher diz a Austin que viu Stevens bem cedo naquela manhã, antes do alvorecer, correndo pela cidade com a maleta de médico. Ela não consegue lembrar direito se ele estava com um grupo de pessoas. Tem uma vaga lembrança de ter visto um aglomerado de gente esperando pelo médico debaixo de um toldo no fim da rua (perto da esquina na qual ela fez Stevens parar), mas não tem certeza disso. Marianne se lembra de ter perguntado ao doutor se mais tarde ele poderia examinar o filho dela, e ele disse que poderia, claro, mas parecia ansioso, como se estivesse com pressa. Com um pouco de orgulho, Marianne se lembra repentinamente de ter visto Martinez e Alice alguns minutos depois, correndo pela rua com o médico, e então se lembra de se perguntar quem eram os outros — os estranhos que os acompanhavam — o grandalhão, o garoto e a moça negra.

Austin agradece Marianne e segue imediatamente para a casa de Lilly para contar toda a história. Por eliminação, eles deduzem que o grupo inteiro fugiu da cidade, sem ser visto, pelo fim do beco leste — a história do gângster fornece essa conclusão —, e os dois decidem ir até lá. Austin leva os binóculos. Ele também leva a arma, por algum motivo. A tensão na cidadezinha está grande a essa altura. Quando chegam à muralha improvisada no fim do beco, não

há ninguém. Todos os vigias se reuniram do outro lado da cidade, perto das barricadas principais, para continuar fofocando, fumando e compartilhando garrafas de bebida barata.

— Não acredito que iriam com eles — diz Lilly a Austin, segurando um xale comido por traças ao redor dos ombros para afastar o frio enquanto fica de pé no caminhão de carga leve que bloqueia o beco do mundo externo.

Uma muralha construída às pressas com placas de aço amassadas foi erguida num dos lados do caminhão. Do outro lado se estende a zona de perigo com vielas escuras, escadas de incêndio aos pedaços, cantos sombreados e prédios abandonados entregues aos errantes, tudo isso se estendendo até os limites solitários de Woodbury.

— Simplesmente nos abandonar sem dizer uma palavra? — Lilly está um pouco assombrada. Então balança a cabeça e encara as sombras opacas e pretas do campo de pinheiros. As árvores oscilam e se agitam ameaçadoramente à brisa. — Não faz sentido algum.

Austin está ao lado dela de jaqueta jeans, seu cabelo longo e solto balançando com o vento. Àquela altura, a noite caíra, o vento esfriara e lufadas intermitentes faziam o lixo rodopiar pelo beco atrás dos dois, o que apenas acrescentava uma sensação de desolação ao lugar.

— Se parar para pensar, a coisa toda faz um sentido meio doido — replica Austin.

Lilly estremece e olha para o rapaz.

— Como assim?

— Bem, para começar, Stevens odeia o Governador, certo? Quero dizer, isso é óbvio.

Lilly olha para a paisagem vasta, encoberta por sombras que só crescem.

— O doutor é um homem bom, mas nunca entendeu a situação em que estamos.

— Sério? — Austin funga. — Não sei. — Ele pensa um pouco. — Vocês não tentaram tomar o lugar no ano passado? Arquitetaram um golpe ou sei lá o quê?

Lilly lança um olhar para ele.

— Aquilo foi um erro. — Ela olha para o bosque de novo. — Não vimos as... razões práticas para as coisas que ele faz.

— O Governador? — Austin olha para ela de modo despretensioso, o cabelo sendo soprado no rosto estreito. — Sério? Você chama as merdas que ele faz de "*práticas*"?

Lilly volta a olhar para Austin.

— Este é nosso lar agora, Austin. É seguro. É um lugar onde podemos criar nosso filho.

Austin não diz nada. Nenhum dos dois repara na figura escura se arrastando para fora das árvores a 140 metros de distância.

— As pessoas têm o que comer — continua Lilly. — Têm recursos. Têm um futuro aqui em Woodbury. Tudo por causa do Governador.

Lilly estremece no frio e Austin tira a jaqueta jeans. Ele a coloca por cima dos ombros dela. Lilly olha para ele.

A princípio, ela considera protestar, devolver o casaco a ele, mas então apenas sorri. Até que Lilly acha esses cuidados constantes de Austin um pouco adoráveis. Desde que soube que ela estava grávida do filho dele, Austin Ballard se transformou. Parou de dizer que precisa encontrar mais maconha para fumar, de agir como um desleixado e, mais importante, parou de dar em cima de qualquer

mulher disponível que cruzasse seu caminho. Austin realmente adora Lilly Caul, e ele ama de verdade todo o conceito de ser pai, de criar uma nova geração como uma proteção contra o fim do mundo. Austin — pelo menos aos olhos de Lilly — cresceu instantaneamente, bem diante dela.

Enquanto Lilly pensa nisso tudo, a figura em farrapos se aproxima de longe. Está a cem metros de distância agora, e já surge no campo de visão. Um macho adulto vestindo um casaco branco borrifado com sangue, com o rosto morto virado para cima e girando como uma antena de satélite, se arrasta para trás e para a frente pela estrada de cascalho, formando um caminho sinuoso na direção da barricada como se seguisse para algum farol olfativo, algum cheiro predatório que o atrai para a cidade. Nem Lilly nem Austin reparam na figura, pois seus pensamentos estão sendo consumidos pelo êxodo dos amigos.

— A *Alice* eu entendo — diz Austin por fim. — Ela seguiria o Dr. Stevens até o inferno se ele quisesse. Mas Martinez é quem eu não entendo. Ele sempre pareceu tão... não sei... *devotado* ou algo assim.

Lilly dá de ombros.

— Martinez é difícil de desvendar. Ele nos ajudou no inverno passado. Sempre achei que fosse um pouco ambivalente em relação à coisa toda. — Lilly pensa mais um pouco. — Não sei se confiei nele totalmente. Mas acho que isso não faz mais diferença.

— É, mas... — Austin fica em silêncio. — Espere um segundo. — Ele vê a figura se aproximando. — Espere. — Pega o binóculo que está pendurado no pescoço e olha através das lentes para a figura, agora diminuindo a distância para uns cinquenta metros.

— O que é? — Lilly vê o errante chafurdando na direção deles, mas a princípio não acha que é algo muito sério. A visão de um cadáver errante oscilando para fora das árvores se tornou algo comum por ali, e Austin tem a Glock, então não há nada com o que se preocupar mesmo. — Qual é o problema?

— Aquele é...? — Austin ajusta o foco das lentes para ver melhor. — Não pode ser. Puta merda, acho que *é*.

— O quê? — Lilly pega o binóculo. — Também quero olhar.

Austin não diz nada, apenas entrega a ela o binóculo e encara a figura que se aproxima.

Lilly leva o binóculo aos olhos, ajusta o foco das lentes e, na mesma hora, fica totalmente imóvel. Então fala, baixo e ciciante.

— Ai, meu Deus.

Com passadas esquisitas e arrastadas, o homem recém-morto se aproxima da barricada do beco como se fosse um cão atraído por um assobio subsônico. Lilly e Austin descem depressa a escada e dão a volta pelo caminhão até chegar a um lugar em que uma fenda estreita entre o veículo e o prédio adjacente foi cercada com arame enferrujado retorcido e uma espiral de arame farpado. Lilly olha pela cerca de arame retorcido para a criatura que se arrasta na sua direção.

Àquela proximidade — o errante está a uns três metros — Lilly consegue discernir o físico alto e magro, o nariz proporcional e o cabelo loiro e ralo como areia. Os óculos do homem sumiram, mas o jaleco branco é inconfundível. Rasgado, com buracos desfiados e ensopado de sangue agora preto como petróleo bruto, o jaleco pende em frangalhos.

— Ai, meu Deus, não... não, não, não — murmura Lilly, totalmente desesperada.

A criatura fixa de repente o olhar reluzente como níquel em Lilly e Austin e dispara contra eles, os braços estendidos instintivamente, os dedos retorcidos em garras, os lábios pretos afastando-se da boca cheia de dentes escuros e imundos. Então um grunhido chiado e horroroso vibra da mandíbula do monstro.

Lilly recua espantada quando a coisa que um dia foi o Dr. Stevens se choca na cerca.

— Jesus... Jesus Cristo — murmura Austin, levando a mão à Glock.

O arame retorcido chacoalha quando o ex-médico estende as garras e se colide, inutilmente, com a barreira. Seu rosto, antes inteligente, foi reduzido a um mapa de veias lívidas e pele branca como mármore, o pescoço e os ombros destroçados formando uma polpa ensanguentada, como se tivessem passado num triturador de lixo. Os olhos do médico, que um dia brilharam infinitamente com ironia e sarcasmo, são agora de um branco opaco, refletindo o crepúsculo como geodos. A mandíbula da criatura se abre quando ele tenta morder Lilly através da cerca.

Lilly sente o cano da Glock de Austin se erguer pela visão periférica.

— Não, espere! — Ela gesticula para Austin recuar e encara o errante. — Meu Deus... não. Apenas espere. Espere. Preciso... não podemos simplesmente... *droga*.

A voz de Austin abaixa uma oitava, ficando fria e rouca com a revolta.

— Eles devem ter...

— Ele deve ter voltado — interrompe Lilly. — Talvez tenha pensado melhor e decidido voltar.

— Ou talvez o tenham matado — sugere Austin. — Babacas cruéis da porra.

A criatura de jaleco não desvia os olhos que mais parecem botões de Lilly conforme abre e fecha o maxilar e move os lábios escurecidos em volta dos dentes que estalam, como se tentasse morder o ar ou talvez falar. O morto-vivo inclina a cabeça por um momento, como se reconhecesse alguma coisa atrás da cerca, alguma coisa importante na sua presa, algo como memória muscular. Lilly fica encarando a criatura.

A cena estranha — errante e humano, a apenas centímetros de distância, encarando um ao outro — não dura mais que um breve momento. Mas, naquele instante terrível, Lilly sente o peso da praga inteira, a imensidão dela, o vazio terrível do fim do mundo a pressionando. Ali está um homem que um dia cuidou dos doentes, aconselhou todo tipo de gente, que dizia coisas inteligentes e sarcásticas — um homem que tinha integridade, bom humor, audácia e empatia pelos fracos. Ali está o auge da humanidade — o integrante mais funcional da espécie humana — despido de tudo que poderia ser chamado de humano, reduzido a vários tiques neurológicos salivantes, bestiais. As lágrimas se acumulam nos olhos de Lilly sem que ela sequer tome consciência — o único sinal da angústia é aquele rosto lívido diante dela ficando embaçado.

Por fim, a voz embargada de Austin arranca Lilly daquele devaneio horrível.

— Temos que fazer isso — diz ele, pegando o silenciador e o enroscando no cano da arma. — Devemos isso a Stevens, certo?

Lilly abaixa a cabeça. Ela não consegue mais olhar para a coisa.

— Você está certo.

— Para trás, Lilly.

— Espere.

Austin olha para ela.

— O que foi?

— Só... me dê um segundo, está bem?

— Claro.

Lilly encara o chão, respirando fundo, fechando os punhos. Austin fica esperando. A coisa do outro lado da cerca cospe e grunhe. Com um movimento súbito, Lilly se vira para Austin e pega a arma.

Ela enfia o cano numa abertura da cerca e atira no errante, à queima-roupa, na cabeça. O estalo seco da alavanca ecoa pelo céu e o único tiro acerta o topo da cabeça do Dr. Stevens, arrancando a parte de trás do crânio dele.

O monstro desaba sem cerimônia no chão em uma poça de sangue. Lilly abaixa a arma e encara os restos mortais. Uma poça de fluido preto cerebroespinhal se acumula debaixo do corpo.

Um momento de quietude se passa e as batidas da pulsação de Lilly são o único som nos ouvidos dela agora. Austin está ao lado dela, esperando.

Por fim, ela se vira para ele e pergunta:

— Acha que consegue encontrar uma pá?

O casal enterra o corpo dentro da barricada, na terra dura de um lote vazio que ladeia a cerca. Quando terminam de cavar o buraco, o que não foi fácil, a escuridão total já caiu, as estrelas saem em profusão e uma lua cheia surge no alto. O ar fica frio e úmido, e o suor na nuca

de Austin o esfria até os ossos. O jovem sai de dentro da cova e ajuda Lilly a jogar os restos mortais do médico no túmulo.

Então Austin recua e dá a Lilly um momento diante do túmulo, olhando para o corpo, antes que ele encha a cratera.

— Dr. Stevens — diz ela, tão baixinho que Austin precisa inclinar a cabeça para poder ouvir —, você foi... uma figura. De alguma forma, foi a voz da razão. Nem sempre concordei com você, mas sempre o respeitei. Esta cidade vai sentir tanto a sua falta... não só pelo serviço que oferecia, mas porque não será a mesma coisa aqui sem você.

Uma pausa se segue, e Austin olha para cima, se perguntando se Lilly terminou.

— Eu teria ficado orgulhosa se você tivesse feito o parto do meu bebê — diz ela, por fim, com a voz falhando. Lilly funga para afastar as lágrimas. — Do jeito que as coisas estão... temos muitos desafios pela frente. Espero que você esteja em um lugar melhor agora. Espero que todos estejamos um dia. Espero que essa loucura acabe logo. Sinto muito por você não ter vivido o bastante para ver esse dia chegar. Que Deus o abençoe, Dr. Stevens... e que sua alma descanse em paz.

Lilly abaixa a cabeça e Austin espera as lágrimas dela pararem antes de começar a encher o buraco.

Na manhã seguinte, Lilly acorda cedo, a mente acelerada em várias direções ao mesmo tempo.

Ela fica deitada na cama — o quarto acabou de começar a clarear à luz que precede o alvorecer — com Austin dormindo pesado a seu lado. Os dois têm dormido juntos desde que Lilly deu a notícia a Austin, dois dias antes, de que estava esperando um filho

dele. Até agora, após a revelação, os dois são inseparáveis e o relacionamento anda fácil e natural. Por enquanto eles mantêm a notícia em segredo, mas Lilly está doida para contar aos outros — talvez aos Stern, a Bob ou até mesmo ao Governador. Ela está contaminada por uma onda de euforia e sente, pela primeira vez desde que chegou a Woodbury, que tem uma chance de ser feliz, de sobreviver àquela loucura. Austin tem muito a ver com isso, mas o Governador também.

E aí está o problema. Lilly não vê rastro do líder desaparecido há 48 horas e não acredita nos boatos de que o Governador saiu com um grupo de busca para encontrar os fugitivos. Se Woodbury está sob ameaça de ataque — o que deixa Lilly preocupada, pois é uma possibilidade real — então parece, para ela, que precisam do Governador bem ali, fortificando a cidade, preparando-se para defendê-la. Afinal, onde ele está? Há outros boatos percorrendo a cidade, mas Lilly não acredita em nenhum deles. Precisa descobrir qual é o problema, sozinha; precisa ver o Governador com os próprios olhos.

Lilly se desenrola vagarosamente da coberta e sai da cama, tomando cuidado para não acordar Austin. Ele tem sido carinhoso com ela nos últimos dois dias, e o som da respiração baixa e profunda do rapaz dá a Lilly uma sensação boa. Ele merece uma boa noite de sono — principalmente após os acontecimentos recentes. Mas Lilly está tão inquieta quanto um animal enjaulado e precisa descobrir o que está acontecendo com o Governador. Ela anda pelo quarto sentindo-se tonta e enjoada.

Teve enjoos matinais desde o início, mas não apenas pela manhã. Aquela sensação de o estômago estar flutuando e inquieto vem em ondas ao longo do dia — todos os dias —, às vezes a

levando à beira do vômito, outras vezes nem tanto, mas sempre revirando o estômago dela como se tivesse um punho lá dentro. Ela ainda não vomitou, e fica imaginando se isso lhe traria algum alívio. Lilly arrota regularmente, o que alivia um pouco a náusea, mas não muito. Talvez a ansiedade tenha uma participação nisso — o temor pelo futuro, pela segurança da cidade após as fugas, pelo número crescente de errantes na área —, mas parte disso, Lilly está convencida, são as provações e as dificuldades normais do primeiro trimestre. Como tantas mulheres grávidas em uma montanha-russa de hormônios, parte de Lilly se sente grata pelos enjoos, pois eles significam, em algum nível fundamental, que todos os sistemas estão funcionando corretamente.

Ao se vestir o mais depressa possível, Lilly pratica os exercícios de respiração profunda que viu um dia em alguma reunião feminina na TV, um factoide enterrado em seus bancos de memória midiáticos há muito abafados. Inspirar pelo nariz, expirar pela boca, devagar, profunda e equilibradamente. Lilly veste a calça jeans, calça as botas e pega a Ruger semiautomática que está carregada com um pente de dez cápsulas, então aninha a arma na parte de trás do cinto.

Por algum motivo, uma lembrança fugaz de seu pai cruza-lhe a mente quando Lilly pega um suéter de tricô e se olha num espelho quebrado apoiado em caixas e recostado contra a parede de gesso, que reflete um lado fracionado de seu rosto magro e cheio de sardas. Se Everett Caul tivesse sobrevivido ao rompante inicial de mortos-vivos que varreu a região metropolitana de Atlanta no ano anterior, o velho estaria fumegando de animação agora. Se não tivesse sido brutalmente arrancado da porta daquele ônibus desgovernado por uma horda de Mordedores, ele estaria mimando Lilly e dizendo coisas como:

— Uma menininha na sua condição não deveria estar disparando armas de fogo, mocinha.

Everett Caul a criou muito bem após sua esposa ter falecido por causa de um câncer de mama, quando Lilly tinha apenas sete anos. O velho criou a filha com um toque carinhoso e sempre teve orgulho dela, mas a perspectiva de Everett Caul se tornar avô — de mimar o filho de Lilly, ensinar a criança a fazer iscas de pesca e sabão a partir de banha bovina — a faz congelar diante daquele espelho quebrado, à luz do pré-alvorecer do quarto.

Ela abaixa a cabeça e começa a chorar baixinho a perda do pai, os pulmões chiando com emoção, fazendo ruídos ciciados contidos no quarto silencioso, as lágrimas escorrendo pela frente do suéter. Lilly não se lembra de ter chorado assim antes — mesmo quando Josh foi morto — e tenta tomar fôlego, levando a mão à ponte do nariz. O crânio de Lilly está latejando. Talvez seja apenas a "condição" em que está, mas ela sente a tristeza se revirar dentro de si como as ondas de um mar revolto.

— Chega dessa merda — diz Lilly, dando um sermão em si mesma, aos sussurros, afastando a tristeza e o luto.

Ela saca a arma. Recua o ferrolho. Verifica o gatilho de segurança e coloca a Ruger de volta no cinto.

Então sai.

O dia amanhece limpo, o céu iluminado e sem nuvens. Lilly caminha pela rua principal com as mãos nos bolsos, reparando no humor geral dos poucos residentes de Woodbury que cruzam seu caminho. Ela vê Gus segurando várias latas de combustível e descendo bizarramente pelos degraus do deque de carga atrás do armazém em Pecan Street. Vê também as meninas Sizemore brincando de jogo da

velha na calçada de um beco sob o olhar cauteloso da mãe, Elizabeth, que aninha uma espingarda nos braços. O clima nas ruas de Woodbury está estranhamente calmo e alegre — parece que os boatos deram uma trégua por enquanto —, embora Lilly detecte um fluxo intrínseco de ansiedade entre as pessoas. Ela consegue sentir essa presença em olhares furtivos e na velocidade com que as pessoas atravessam as ruas e carregam suprimentos pelas portas e por passagens. Isso faz Lilly pensar naqueles antigos filmes de faroeste exibidos nas tardes de domingo no canal Fox de Atlanta. Invariavelmente, em algum momento, algum caubói velho e grisalho dizia:

— Está calmo... talvez calmo demais.

Lilly estremece e afasta a sensação, então se dirige para o sul, para a esquina da rua principal com a Durand.

O plano dela é tentar primeiro o apartamento do Governador — no dia anterior não conseguiu nada com Earl, o motociclista tatuado que vigiava a entrada — e, se não conseguir informação nenhuma com isso, então tentará a enfermaria. Lilly ouviu os fofoqueiros da cidade murmurando que o Governador foi ferido durante uma luta para evitar que os estranhos escapassem. Mas, àquela altura, Lilly não sabe o que ou em quem acreditar. Tudo que sabe é que, quanto mais tempo a cidade ficar sem um plano, sem consenso, sem informações, mais vulnerável se tornará.

Ela vê de longe o prédio do Governador — assim como o vigia andando de um lado para outro na entrada — e começa a ensaiar o que vai dizer quando repara numa figura se arrastando pela rua. O homem carrega dois galões enormes com 120 litros de água filtrada e anda depressa, como se estivesse correndo para apagar um incêndio. Troncudo, de ombros largos e fortes, ele está usando uma blusa de

gola rulê surrada, escura debaixo dos braços devido ao suor, e calça militar enfiada dentro das botas com tachas nas solas. A enorme cabeça do homem com corte à escovinha está inclinada para a frente de um jeito esquisito, como a proa de um navio que naufragou nas rochas, conforme ele carrega os galões para o centro da cidade — para a pista de corrida.

— GABE!

Lilly tenta manter a voz tranquila ao gritar, tenta não parecer alarmada demais, mas o grito sai marcado pela histeria. Ela não vê Gabe há 48 horas, desde que os estranhos escaparam em uma cortina de mistério dois dias antes, e tem a sensação de que ele sabe exatamente o que está acontecendo. O homem grande e parrudo ainda é um dos tenentes e confidentes mais próximos do Governador — um cão de ataque que sublimou por completo a própria personalidade em favor de servir o tirano com mãos de ferro.

— Hã? — Gabe ergue o rosto com uma expressão sobressaltada e envergonhada. Ele consegue ouvir passos, mas não vê quem se aproxima. Então se vira com o enorme peso puxando seus braços. — O-o que...?

— Gabe, o que está acontecendo? — pergunta Lilly, sem fôlego, ao correr até ele. Ela engole a ansiedade e estanca a pulsação acelerada. Então abaixa a voz. — Onde diabos está o Governador?

— Não posso falar agora — diz Gabe, e ultrapassa Lilly, arrastando os galões de água pela calçada.

— Espere! Gabe! Espere um segundo. — Lilly o persegue e segura o braço gorducho do homem. — Só me diga o que está acontecendo!

Gabe para, olha por cima do ombro para ver se mais alguém está ao alcance da sua voz. A rua está deserta. Ele mantém o tom de voz baixo.

— Nada está acontecendo, Lilly. Cuide da sua vida, porra.

— Gabe, por favor. — Lilly olha por cima do ombro e depois de volta para Gabe. — Só quero saber se... ele está aqui. Ele está em Woodbury?

Gabe coloca os galões no chão com um resmungo. Ele passa os dedos pelo cabelo raspado e loiro como areia, cujo couro cabeludo está molhado de suor. Nesse momento, Lilly repara em algo desconcertante a respeito daquele homem grandalhão, com o peitoral feito um barril, algo que nunca tinha visto. As mãos de Gabe estão tremendo. Ele cospe na rua.

— Tudo bem... olhe. Diga a todos... conte a eles... — Gabe para, engole em seco, olha para baixo e balança a cabeça. — Não sei... diga que está tudo bem, que o Governador está bem e que não há nada com que se preocupar.

— Se não há nada com que se preocupar, Gabe, onde *está* ele, porra?

Ele olha para Lilly.

— Ele está... aqui. Está... lidando com umas merdas agora.

— Que merdas?

— Porra... falei para cuidar da porra da sua vida! — Gabe se sobressalta, e o ressoar grave da voz ecoa pelo emaranhado distante de becos de pedra e fachadas de tijolos. Ele respira fundo e se acalma. — Olhe, preciso ir. O Governador precisa desta água.

— Gabe, ouça. — Lilly se aproxima do rosto do homem. — Se sabe o que está acontecendo, me conte... porque a cidade está começando a se desfazer sem saber de nada. As pessoas estão

inventando besteiras. Os caras na muralha estão começando a não aparecer para os turnos. — Algo dentro de Lilly endurece nesse momento, como um bloco de gelo. Todo o medo e as dúvidas se esvaem dela, deixando para trás um intelecto frio, calculista e resistente. Lilly fita os olhos cinza arregalados e inquietos de Gabe. — Olhe para mim.

— Hã?

— Olhe para mim, Gabe.

Ele obedece, seus olhos semicerrados de ódio.

— Qual é a porra do seu problema, moça?... Acha que pode falar comigo assim?

— Eu me importo com esta cidade, Gabe. — Lilly insiste, encarando aquele touro nervoso que grunhe. — Ouça o que estou dizendo. Preciso que esta cidade dê certo. Está entendendo? Agora me conte o que está acontecendo. Se tem alguma coisa errada, você não tem motivo algum para esconder nada.

— Porra, Lilly...

— Fale comigo, Gabe. — Ela ergue os olhos para os dele. — Se tem algum problema, precisa de mim ao seu lado. Posso ajudar. Pergunte ao Governador. Estou do lado dele. Preciso dele naquela muralha. Preciso que ele mantenha as pessoas atentas.

Por fim, o homem troncudo vestindo gola rulê acaba cedendo. Ele olha para o chão. A voz de Gabe sai fina como papel, aguçada e derrotada, como um garotinho que admite ter se comportado mal.

— Se eu lhe mostrar o que está acontecendo... precisa me prometer que vai manter segredo.

Lilly apenas o encara, imaginando como a situação deve estar ruim.

TRÊS

— Jesus *Cristo*.

As palavras saem de Lilly em um arquejo, desenfreadas e involuntárias, conforme ela absorve de uma só vez a totalidade da câmara subterrânea coberta por ladrilhos. Gabe está ao lado dela, à porta, ainda segurando os galões de água, paralisado como se em animação suspensa.

Por um breve instante, toda a informação que invade os sentidos de Lilly enche seu cérebro em uma onda pesada. A coisa mais proeminente que ela registra — detonando qualquer outra impressão inicial — é a mistura pungente de sofrimento, o cheiro acobreado de sangue, o fedor sombrio de infecção e bile e o odor onipresente de amônia. Mas, por baixo disso tudo, fornecendo uma contrapartida estranha, há o cheiro de café queimado, pois uma cafeteira antiga no canto ferve uma jarra de Maxwell House amargo. Esse odor incongruente — há um bom motivo para isso, o que Lilly descobrirá em breve — se mistura com outras fragrâncias da enfermaria de um modo estranhamente perturbador. Lilly dá um passo na direção da maca no centro da sala, debaixo da enorme lâmpada.

— Ele está...? — Ela mal consegue falar e encara o corpo deitado na forte luz fria.

No estado atual, sobressaltado pela luz severa, o corpo lembra o velório de líderes mundiais, amados ditadores conservados na morte e exibidos em sarcófagos de vidro para o prazer de filas intermináveis de lamentadores. Ela demora algum tempo para perceber que o paciente ainda está respirando, apesar de ser uma respiração breve, fraca, e que seus pulmões sobem e descem devagar debaixo da coberta colocada na caixa torácica exposta e manchada de iodo. A cabeça do homem está apoiada num travesseiro amarelo e caída para um lado, e seu rosto está quase completamente obscurecido por ataduras ensopadas de sangue.

— Oi, menina Lilly — diz uma voz logo atrás do lado direito dela, um borrão de movimento na visão periférica de Lilly que interrompe seu estupor. Ela se vira e vê Bob Stookey de pé ao seu lado. Ele apoia a mão no ombro dela. — É bom ver você.

Agora Lilly está paralisada por outra inconsistência — somando-se às visões, odores e ruídos surreais naquela sala de ladrilhos horrível —, outro detalhe esquisito, que também a atinge de forma incompreensível. De pé diante dela com uma toalha jogada no ombro, o jaleco manchado de sangue abotoado no colarinho como o de um barbeiro competente, Bob se transformou por completo. Ele segura um copo de café de isopor, as mãos tão imóveis quanto pedras angulares. O cabelo preto ensebado de Bob está agora penteado cuidadosamente para trás do rosto castigado, seus olhos estão alertas, vívidos e lúcidos. Bob é a imagem da sobriedade.

— Bob, o... o que aconteceu? Quem fez isso?

— Aquela porra da vaca com a espada — intromete-se Bruce Cooper. Do canto da sala, o homenzarrão se levanta de uma cadeira

dobrável e se aproxima da maca. Ele olha para Gabe. — Que porra é essa, Gabe? Achei que deveríamos manter isso em segredo!

— Ela não vai contar a ninguém — murmura Gabe, finalmente colocando o galão de água no chão. — Certo, Lilly?

Antes que Lilly possa responder, Bruce atira uma caneta esferográfica em Gabe. A caneta por pouco não atinge os olhos dele, mas acaba roçando o alto da cabeça. Bruce vocifera para o colega:

— SEU IMBECIL DE MERDA! A CIDADE INTEIRA VAI FICAR SABENDO AGORA!

Gabe faz um movimento na direção de Bruce, e Lilly se coloca entre os dois.

— PAREM! — Ela os empurra para longe da maca. — CALMA, PORRA!

— Fale isso para *ele*! — Gabe encara Bruce de perto, os punhos fechados e se movendo. Bob vai até o paciente, sentindo a pulsação do Governador. Em meio à agitação, a cabeça do homem oscilou de leve, mas essa foi a única mudança. Gabe inspira depressa, olhando com ódio para Bruce. — É *ele* que está arrancando as calças pela cabeça!

— Cale a boca! — Lilly empurra cada homem para um lado, colocando-se entre eles. — Não é hora de perder a cabeça. Precisamos continuar raciocinando, porra, agora mais do que nunca.

— É exatamente isso o que eu venho dizendo — resmunga Bruce, encarando Gabe.

— Tudo bem, vamos respirar fundo. Não vou contar a ninguém. Está bem? Acalme-se.

Lilly olha para os dois homens, e Gabe baixa o olhar e não diz nada. Bruce limpa o rosto, respirando com dificuldade, olhando ao

redor da sala como se a solução para os problemas deles estivesse escondida nas paredes.

— Precisamos dar um passo de cada vez. — Lilly olha para Gabe. — Só me responda uma coisa: o que estão dizendo sobre Martinez... é verdade? — Mas ele não responde. — Gabe? Martinez foi com aqueles babacas do outro acampamento? — Ela se volta para Bruce. — Foi?

Bruce abaixa o rosto e solta um suspiro de dor. Ele assente.

— O filho da puta os ajudou a escapar.

— E como sabemos disso?

Bruce olha para Lilly.

— Temos testemunhas que viram aquela bicha ajudando o grupo a cruzar a muralha no fim do beco de Durand Street.

— Que testemunhas?

Bruce dá de ombros.

— A mulher com o filho doente, não sei qual é o nome dela, e também Curtis, o garoto que estava vigiando o beco naquela noite. Ele disse que Martinez o rendeu, mas o garoto ficou por perto e viu o grupo atravessar... viu a moça negra se separar dos outros. A vaca atacou o Governador minutos depois.

— Onde?

— Na casa dele, logo na porra da casa dele, aquela vaca maldita deu o bote nele.

— Tudo bem... vamos apenas nos ater aos fatos por um instante. — Lilly começa a andar de um lado para outro, nervosa, e, a cada poucos segundos, olha para o paciente. O rosto do Governador parece inchado e disforme debaixo das ataduras, e a gaze inchada ocupa o lugar da órbita ocular esquerda dele. — Como

sabemos que esses imbecis não tinham uma arma apontada para Martinez o tempo todo?

Bruce lança um olhar para Gabe, que encara Lilly com ceticismo e diz:

— Eu não apostaria nisso, Lilly.

— Por quê?

Gabe olha para ela.

— Bem... vejamos. Que tal o fato de que Martinez é um filho da puta mentiroso sem lealdade nenhuma ao Governador?

— Por que diz isso?

Gabe bufa com escárnio, desdém, quase dando uma gargalhada.

— Deixe-me pensar. — Ele aponta para um ferimento oblongo no próprio pomo de adão. — Para começar, ele me atacou do lado de fora da cela da vaca e quase rachou meu crânio. — Gabe olha para ela com raiva. — Além disso, ele não fez parte da sua ganguezinha de esfarrapados do ano passado, quando tentaram dar um golpe no Governador?

Lilly o encara de volta e nem mesmo hesita, apenas olha e diz:

— As coisas mudam... fizemos escolhas ruins. — Ela olha para Bruce, então de volta para Gabe. — Não sei quanto a Martinez, mas estou cem por cento do lado do Governador agora... *mil* por cento.

Nenhum dos dois homens fala nada. Ambos apenas encaram o chão, como crianças em detenção.

Lilly observa o paciente.

— Acho que não é surpresa que Stevens e Alice tenham ido com os estranhos; nunca houve qualquer afeição ali.

Gabe solta outro riso de deboche.

— Isso é um eufemismo.

Lilly anda de um lado para outro, pensando.

— Acho que isso é o que mais me incomoda.

Bruce interrompe:

— O que está querendo dizer? É porque não temos o doutor agora?

Lilly olha para ele.

— Não. Não é disso que estou falando. — Ela gesticula na direção de Bob. — Acho que esse departamento está garantido. — Lilly olha de volta para Bruce. — Estou preocupada que aqueles babacas tenham gente da nossa cidade com eles.

Bruce e Gabe trocam outro olhar irritado. Gabe encara Lilly.

— E daí?

— E *daí*? — Lilly vai até a maca e olha para o Governador. O homem se agarra à vida, um olho fechado visível por uma fenda na atadura da cabeça, a órbita se movendo de leve sob a pálpebra. Será que ele está sonhando? Teve danos cerebrais? Será que algum dia vai lutar para sair desse estado vegetativo? Lilly encara o vagaroso subir e descer do peito do homem e pensa mais um pouco. — Martinez, Alice e o doutor conhecem esta cidade melhor do que ninguém — murmura ela, sem desviar os olhos do paciente. — Conhecem os pontos fracos e sabem onde somos vulneráveis.

Isso faz com que um silêncio paralisante recaia sobre a câmara de ladrilhos. Todos encaram Lilly como se esperassem que ela pudesse dar uma resposta. Lilly fica mais um tempo observando o corpo detonado do Governador.

Por fim, ela se vira para Bob com um ar de autoridade recém-encontrado:

— Bob, dê um prognóstico aqui.

As primeiras 24 horas foram um mistério para todos. Depois de levarem o corpo trucidado do Governador para a enfermaria, o mais importante era manter o coração batendo, depois estancar o sangue perdido. Apesar de ele ter um cotoco toscamente cauterizado na metade do braço direito, na altura do desmembramento — o que diminuiu o sangramento da amputação, que fora misericordiosamente limpa graças à lâmina afiada da katana — havia um sangramento intenso em outros pontos do ferimento, em especial no pênis decepado. Bob dera vários pontos apressados, como em um campo de batalha, com o estoque de categute cirúrgico que o Dr. Stevens guardava na prateleira —, em certo momento recolocando o pênis decepado com as mãos trêmulas. Quando acabaram as linhas de sutura, ele usou a linha e a agulha recuperadas no armazém geral da rua principal.

As velhas lições da zona de guerra voltavam à sua memória em ondas. Bob se lembrou dos quatro estágios do choque hipovolêmico — médicos de campo de batalha chamam isso de "partida de tênis", pois os estágios de perda de sangue equivalem à contagem de pontos desse esporte — quinze por cento de perda é o mínimo; entre quinze e trinta por cento é algo sério, resultando em pressão sanguínea baixíssima e taquicardia; entre trinta e quarenta por cento é risco de morte, ocasionando parada cardíaca; e mais de quarenta por cento é letal.

Durante horas o Governador oscilou entre os estágios dois e três, e Bob precisou recorrer duas vezes à ressuscitação para manter o coração do homem batendo. Por sorte, Stevens tinha bastantes eletrólitos no armário para abastecer a mangueira do soro, e Bob até mesmo encontrou meia dúzia de unidades de sangue. Ele não conseguia descobrir como determinar o tipo sanguíneo do

Governador — isso estava além das habilidades de Bob —, mas ele sabia o suficiente para injetar plasma no homem o mais rápido possível. As transfusões não sofreram rejeição e, seis horas depois, o Governador estava, de alguma forma, estável. Bob encontrou também um velho tanque de oxigênio meio cheio, e o administrou paulatinamente até que o Governador parecesse respirar sozinho. A respiração dele se equilibrou e o ritmo sinusal voltou ao normal. Dessa forma, o Governador se estabilizou em um estado semicomatoso.

Mais tarde, da maneira como um investigador de seguro remonta a cronologia de um acidente fatal, Bob Stookey desenhou rabiscos toscos em um caderno espiralado dos instrumentos de tortura deixados na sala do Governador (assim como os pontos de entrada presumidos). O ferimento de perfuração da furadeira era particularmente problemático, apesar do fato de que, a princípio, não havia perfurado qualquer artéria importante. Passara a dois centímetros de uma veia proveniente da carótida, e Bob trabalhara durante quase uma hora limpando o local. Acabou a gaze, o esparadrapo, a água oxigenada, a iodopovidona e a glicose. Outro problema era a hemorragia interna — para a qual o tratamento estava, de novo, fora do alcance de Bob —, mas, no segundo dia, ele estava convencido de que a agressão ao reto do Governador, assim como a profusão de traumas por um instrumento cego em 75 por cento do corpo dele, não havia provocado nenhuma hemorragia interna.

Depois que o homem estava estabilizado, Bob voltou seu foco para a infecção. Ele sabia pela experiência na linha de frente que infecção é o parceiro silencioso na maior parte das fatalidades em campo de batalha — a ferramenta número um do ceifador de almas

depois que um soldado sai de perigo iminente —, então revirou os suprimentos e saqueou os armários da enfermaria em busca de antibióticos. Bob estava preocupado porque o Governador era um candidato perfeito para a sepsia — considerando todas as ferramentas enferrujadas, imundas e oxidadas que tinham sido usadas nele —, por isso ele inseriu até o último centímetro cúbico de moxifloxacina na mangueira do soro e administrou hipodermicamente as últimas gotas de netromicina que restavam em Woodbury. Na manhã do terceiro dia, os ferimentos tinham começado a se fechar e a se curar.

— Eu não diria que ele já está fora de perigo — relata Bob, resumindo a situação toda conforme anda pela enfermaria indo até a lixeira, na qual joga um punhado de cotonetes usados. Ele levou quase dez minutos para reconstituir toda a linha do tempo, e agora está indo até a jarra de café para se servir de mais alguns dedos daquela coisa lamacenta. — Vou colocar desta forma: ele está à beira da morte, mas se segurando firme. — Bob se vira para Lilly e ergue a xícara de café. — Quer uma?

Lilly dá de ombros.

— Claro... por que não? — Ela se vira para Bruce e Gabe, que estão de pé, inquietos, à porta. — Não estou dizendo a vocês o que fazer... mas, se fosse eu, verificaria a muralha do lado norte.

— E por acaso você é a rainha de Sabá agora? — murmura Bruce.

— Com Martinez sumido e o Governador fora de circulação, aqueles caras andam desertando os postos por todos os cantos. Não podemos correr o risco de sermos descuidados agora.

Bruce e Gabe se entreolham, cada um avaliando a reação do outro por receber ordens de uma garota do subúrbio.

— Ela tem razão — diz Gabe.

— Minha nossa... *que seja* — resmunga Bruce baixinho, então se vira e dispara porta afora.

Gabe vai atrás dele.

Bob vai até Lilly e entrega a ela um copo de papel com café. Ela repara outra vez como as mãos de Bob pararam de tremer e toma um gole.

— Puta merda, isso está ruim — diz ela, encolhendo o corpo de leve.

— É líquido e tem cafeína — comenta Bob ao se voltar para o paciente. Tirando o caderno espiralado do bolso, ele empurra uma cadeira para perto da maca, senta-se e faz algumas anotações. — Estamos num estado crítico — murmura Bob ao escrever. — Preciso registrar quanto de hidrocodona administrei; não tenho certeza se todas as drogas se voltaram contra ele, mas elas podem ter induzido esse coma.

Lilly aproxima sua cadeira da maca e se senta ao pé da cama. Ela consegue sentir o cheiro dos odores sufocantes de antisséptico e de iodo e então encara as unhas não feitas dos pés descalços e pálidos do Governador — inertes e lívidos como um peixe morto — que despontam pelo lençol.

Por um momento, Lilly é tomada por uma estranha mistura de impressões — crucificação e cordeiros sacrificais — que a percorrem com a força de um raio. A emoção inesperada dá um nó nas tripas de Lilly e a faz se virar. Que tipo de pessoa faria isso com outra? Quem é essa mulher? De onde ela veio? E a principal preocupação que martela o fundo da mente de Lilly: se ela é capaz de fazer *isso* com um homem tão perigoso quanto o Governador, então o que o grupo dela é capaz de fazer com Woodbury?

— O importante agora é manter a infecção longe — diz Bob, apertando cuidadosamente o pescoço do Governador com a ponta do dedo, controlando a pulsação do homem.

— Bob, me conte a verdade — pede Lilly, olhando nos olhos do homem mais velho. O rosto de Bob se enruga de espanto ao encarar Lilly de volta. Ele apoia o caderno, enquanto ela pergunta baixinho: — Acha que ele vai sobreviver?

Bob respira fundo, pensativo, então exala com um suspiro.

— Ele é um osso duro de roer, esse aqui. — Então olha para o rosto coberto do Governador. — Se alguém consegue sair de algo assim, é *ele*.

Lilly repara que a mão esquerda retorcida de Bob está apoiada cuidadosamente no ombro do Governador. O carinho inesperado a toma de surpresa por um momento. Lilly imagina se Bob Stookey finalmente encontrou sua razão de ser — um canal para todo seu luto e amor não correspondido. Ela se pergunta se toda aquela crise fez com que Bob descobrisse um meio de afastar a dor de perder Megan. Imagina se é disso que Bob sempre precisou — de um filho adotivo, de alguém que precisasse dele. O Governador sempre foi bom com ele — Lilly reparou isso quase desde o primeiro dia — e agora ela vê a extensão lógica daquela bondade. Bob nunca pareceu mais vivo, mais em paz, mais confortável consigo mesmo.

— Mas quanto tempo? — pergunta Lilly, por fim. — Por quanto tempo acha que ele vai ficar deitado?

Bob balança a cabeça, suspirando.

— Não há como dizer quanto tempo. Mesmo se eu fosse um cirurgião de traumas bambambã, não poderia determinar quanto tempo.

Lilly suspira.

— Estamos numa merda séria aqui, Bob. Precisamos de uma liderança, porra. Mais do que nunca. Podemos ser atacados a qualquer minuto. — Ela engole em seco, sentindo uma pontada de náusea percorrer o esôfago. *Agora não, porra, agora não*, pensa Lilly. — Com o Governador fora de ação, estamos *ferrados*. Precisamos nos armar para o pior.

Bob dá de ombros.

— Tudo que posso fazer é ficar com ele, vigiar e torcer pelo melhor.

Lilly morde o lábio.

— O que acha que aconteceu entre os dois?

— Entre quem?

— O Governador e aquela garota.

Outro gesto de ombros de Bob.

— Não sei nada sobre isso. — Ele pensa por um momento. — Não importa. Quem quer que tenha feito isso com ele era doido de pedra, um animal, e deve ser abatido como a porra de um cão raivoso.

Lilly balança a cabeça.

— Eu sei que ele a havia deixado trancada; provavelmente a estava interrogando. Bruce e Gabe disseram alguma coisa a respeito?

— Não perguntei, e não *quero* saber. — Bob esfrega os olhos. — Só quero tirá-lo desses fios e colocá-lo de volta em pé... não importa quanto tempo leve.

Lilly solta outro suspiro.

— Não sei o que vamos fazer sem ele, Bob. Precisamos de alguém que mantenha essas pessoas na linha.

Bob pensa mais um pouco, então abre um sorrisinho sarcástico.

— Acho que você pode já ter encontrado essa pessoa.

Ela olha para Bob.

De súbito, Lilly percebe aonde Bob quer chegar, e a pressão recai sobre ela como uma bigorna gigante, quase a deixando sem fôlego... *Porra nenhuma, nem em um milhão de anos vai ser eu, porra.*

Naquela noite, Lilly organiza uma reunião de emergência no tribunal, na sala comunitária dos fundos, com as portas trancadas e todas as luzes apagadas, exceto por duas lanternas de querosene tremeluzindo em cima da mesa de reunião. Ela pede que cada participante mantenha o encontro em segredo. Os cinco chegam depois da meia-noite, depois que a cidade se aquietou, e cada um ocupa um lugar à mesa, com Lilly na cabeceira, perto do mastro de metal quebrado que ergue a bandeira do estado da Geórgia, desbotada e em frangalhos.

Para Lilly, a sala está fervilhando de fantasmas. Espectros de seu passado escorrem pelas paredes de gesso em ruínas, do chão cheio de lixo, das cadeiras dobráveis reviradas, dos buracos de bala na parede da frente e das janelas altas, agora rachadas e tapadas com tábuas. Um retrato emoldurado de Nathan Deal, o há muito esquecido octogésimo segundo governador da Geórgia, pende do lintel, o vidro quebrado e manchado com gotas de sangue ferruginoso à luz crepitante da lareira — um testemunho adequado do apocalipse.

As lembranças invadem a mente de Lilly naquela noite. Ela se lembra de ter conhecido Philip Blake naquela sala há mais de um ano e meio — assim que chegou a Woodbury com Josh, Megan, Bob e Scott, o chapado — e nunca se esquecerá da arrogância, da impressão assustadora que o Governador lhe causou inicialmente.

Mal sabia ela que o homem se tornaria seu bote salva-vidas um dia, que ele seria uma âncora naquele mar de caos.

— Cristo na *cruz* — murmura Barbara Stern depois de ouvir toda a história sobre a fuga elaborada e a condição do Governador. Ela se senta ao lado do marido, numa das pontas da mesa, agitando as mãos esguias. A luz fraca oscila no rosto bastante enrugado dela e nos fios rebeldes de cabelo cinza como ferro. — Como se já não tivéssemos o suficiente com o que lidar neste lugar abandonado por Deus, ainda temos que cuidar *disso* agora?

— Acho que a primeira coisa que temos que fazer é espalhar uma história para acobertar — diz Lilly, que está usando um boné do Atlanta Braves, o cabelo preso em um rabo de cavalo que desponta pela tira de plástico da parte de trás do boné. Ela fica séria. A crise afastou seus enjoos matinais.

Bruce, sentado do lado oposto da mesa, recostado na cadeira e cético, com os braços esguios e rígidos cruzados sobre o peito, franze as sobrancelhas para Lilly.

— Uma o quê?

Ela olha para ele.

— Um acobertamento, uma explicação qualquer que não deixe todos ansiosos e estressados. — Lilly olha ao redor da mesa. — Deveríamos criar uma história simples e nos certificar de que todas as versões sejam iguais.

— Lilly... hã — diz Austin da cadeira imediatamente à esquerda de Lilly. Ele está com as mãos unidas, como se rezasse, e estampa um olhar de dor no rosto. — Você sabe que cedo ou tarde as pessoas vão descobrir. Quero dizer... esta é uma cidade muito pequena.

Lilly emite um suspiro nervoso.

— Tudo bem... é... se descobrirem, vamos nos certificar de que eles acreditem que é um boato. As pessoas andam dizendo todo tipo de merdas doidas.

David Stern se intromete.

— Querida, só por curiosidade: o que a preocupa que possa acontecer se contarmos a verdade a todo mundo?

Lilly exala, se afasta da cabeceira da mesa e começa a andar de um lado para outro.

— Olhem, precisamos manter esta cidade bem contida. Não podemos deixar as pessoas entrarem em pânico agora. Realmente não fazemos ideia de quem são esses estranhos ou do que eles têm em mente. — Lilly cerra os punhos. — Se quiser ver do que são capazes, vá até a enfermaria e dê uma olhada no Governador. Essas pessoas são loucas, são perigosas demais. Precisamos fortificar nossas defesas. Se vamos pecar, então será por *excesso* de cautela.

Gabe fala de perto das janelas:

— Então acho que devemos ir atrás delas. — Recostado na moldura da janela arqueada e coberta por tábuas, com as mãos nos bolsos, Gabe encara Lilly com os olhos arregalados. — A melhor defesa é um ataque forte.

— Isso aí, porra — concorda Bruce com um aceno de cabeça, recostado na máquina de Coca-Cola que não funciona mais.

— Não! — Ao lado da bandeira, com os olhos de avelã incandescentes com o fervor da justiça e o queixo delicado projetando-se de modo desafiador, Lilly não cede. — Não sem o Governador. Não faremos nenhum movimento grandioso enquanto ele estiver apagado. — Ela olha para cada pessoa na sala, uma por vez, a voz ficando baixa e tranquila. — Manteremos o acobertamento até que ele esteja de pé de novo. Bob acha que é possível ele sair do

coma qualquer dia desses. — Lilly olha para Gabe. — Entende o que estou dizendo? Até então, manteremos este lugar selado como um tambor.

Gabe respira fundo e solta um suspiro exasperado.

— Tudo bem, senhorita... faremos do seu jeito.

Lilly olha para Bruce.

— Tudo bem por você?

Ele balança a cabeça e revira os olhos.

— O que você disser, menina. Está no comando. Está com tudo.

— Ótimo. — Lilly volta a olhar para Gabe. — Por que não dizemos a alguns homens de Martinez para sumirem durante alguns dias, então contaremos a todos que o Governador saiu numa busca com eles. Pode cuidar disso?

Gabe dá de ombros.

— Acho que sim... é.

— Enquanto isso, vigiaremos a enfermaria o tempo todo. — Lilly olha para os demais. — Então essa é a história de acobertamento que contaremos. Precisaremos da ajuda de todos nesta sala. Bruce, você cuida da muralha. Mantenha os turnos o tempo inteiro e certifique-se de que teremos bastante munição para as metralhadoras. Faça mais uma busca na estação da Guarda Nacional se precisar. — Ela olha para os Stern. — David e Barbara, vocês dois espalhem a história e mantenham os ouvidos atentos. Aquele grupo que toma café na praça toda manhã, saiam com ele. Acompanhem o que estão dizendo. Austin... você e eu vamos caminhar com regularidade pela barricada. Nós nos certificaremos de que estamos seguros. Isso é crucial, gente. Com o Governador de cama, estamos completamente vulneráveis. Precisamos nos lembrar...

Um ruído vindo do lado de fora das janelas cobertas por tábuas a interrompe. Todas as cabeças se viram na direção de gritos, vidro se quebrando, madeira se partindo.

— Ai, merda — resmunga Lilly, paralisada à frente da sala com os punhos fechados.

Barbara Stern fica de pé, os olhos subitamente arregalados de terror.

— Talvez seja apenas uma briga, alguém bêbado ou puto ou algo assim.

— Acho que não é esse o caso — murmura David Stern, levantando-se e estendendo a mão para a pistola encaixada atrás do cinto. Ele saca a arma.

Austin salta da cadeira e dispara pela sala até onde Lilly está parada, encarando.

— Vamos deixar Gabe e Bruce verificarem primeiro.

Do outro lado da sala, Bruce já está de pé, tirando a .45 do coldre, puxando o gatilho de segurança e olhando para Gabe.

— Está com a outra MIG?

Gabe já se virou na direção do canto mais afastado da sala, onde dois rifles de assalto estão encostados na parede. Ele pega um, então o outro, depois se volta para Bruce e joga um dos rifles ao gritar:

— Venha! Vamos! Antes que isso vire um inferno!

Bruce pega a arma, engata um pente e segue Gabe até a porta, descendo pelo corredor na direção da saída.

Os outros ficam de pé, imóveis, na sala comunitária, olhando uns para os outros e ouvindo o pandemônio que se desenrola na rua.

QUATRO

Na escuridão, uma garrafa vazia de Jack Daniel's rola pela rua, meio quarteirão ao norte do tribunal, e Gabe a chuta para o lado conforme dispara na direção da ponta sudoeste da cidade com Bruce ao seu encalço. Sob o vento noturno, Gabe consegue ver os flashes intermitentes dos canos das armas atrás das árvores que ladeiam a praça da cidade, faíscas tão brilhantes quanto maçaricos quicando no céu, o ar frio da noite vivo com os gritos. Um dos vigias já está no chão, na esquina; os colegas de bebida correm para longe, as silhuetas retrocedendo a distância. Três errantes estão empilhados em cima do vigia caído, dilacerando-o, enterrando-se na carne dele, arrebentando fios de tendão e cartilagem às sombras bruxuleantes. Gabe fica a dezoito metros da orgia gastronômica e puxa a alavanca seletora do rifle. O cano da arma levanta quando Gabe a carrega e puxa o gatilho.

Fogo incandescente dispara da MIG, atingindo a parte superior do corpo dos Mordedores, perfurando os ossos do crânio em fontes de tecido e esguichos de sangue. Os errantes recuam. Bruce ruge ao passar por Gabe e sua voz estrondosa sai como um grito espontâneo:

— LEVANTE A PORRA DAQUELA PAREDE DE NOVO AGORA!!!

Gabe ergue o olhar e entende o grito de Bruce na escuridão, a 22 metros: um ponto fraco no canto da barricada — um aglomerado de painéis de gesso, folhas de metal e pregos para telhado — desabou sob o peso de uma dezena ou mais de errantes que vêm do bosque adjacente. Os homens deviam estar faltando aos turnos, brincando, desatentos, bebendo ou qualquer outra merda assim. Agora, um dos jovens guardas em uma torre de atirador varre a paisagem freneticamente com o feixe de luz — o raio iluminado cruza a rua envolta em névoa — pintando halos luminosos ao redor das silhuetas de mais de vinte Mordedores que cambaleiam na lenha caída.

Bruce dispara uma represa de cápsulas capazes de perfurar coletes à prova de bala sobre o ataque.

Ele atinge a maior parte das criaturas — as cápsulas saem voando, uma a uma, pelos ares — e uma fileira de corpos reanimados dança de forma involuntária em meio aos jatos espiralados de fluidos, corpos dilacerados desabando em uma coreografia de quadrilha mortal sincronizada. Mas Bruce não repara em Gabe se afastando à direita, perseguindo um Mordedor desgarrado que se arrasta para um beco. Se os mortos se infiltrarem nas fendas e nos cantos sombreados da cidade antes de serem, todos, eliminados, será um inferno. Em meio à comoção — vigias retornando com artilharia pesada, gritos, raios de luz se agitando, os dois pontos de metralhadoras começando a cuspir fogo — Gabe se separa.

Ele segue um Mordedor até um beco escuro, mas logo perde o rastro da coisa.

— PORRA... PORRA! PORRA! PORRA! — cicia Gabe, alto, virando-se, vasculhando a escuridão, o rifle erguido e pronto

enquanto as sombras o engolem.

Ele mal consegue ver a mão diante do rosto. Tem dois pentes sobressalentes nas bainhas do cinto, uma Glock enfiada na perna esquerda da calça e uma faca Randall escondida na lateral da bota direita. Está armado até os dentes, mas, no momento, não está conseguindo enxergar nada. Gabe sente o cheiro da coisa: aquele odor de carne rançosa e queijo fedido infectando a escuridão. Ele ouve um ruído de algo sendo esmagado e vira o cano na direção do som.

Nada.

Gabe entra ainda mais no beco, e os ruídos do pandemônio na rua se dissipam dos ouvidos dele, que parecem apitar. O coração dele bate forte no peito. Sua boca está seca. Então ele vira o cano da arma para a direita, pisca para afastar o suor que pinga nos olhos e depois aponta o cano para a esquerda. Afinal, onde aquela porra se meteu? Gabe mergulha ainda mais no beco. A escuridão aumenta.

Um barulho repentino à direita imediata dele — o tilintar de uma lata de alumínio rolando pela calçada — faz sua espinha se enrijecer, e Gabe aperta o gatilho. Meia dúzia de balas de alta velocidade traceja a escuridão como fogos de artifício, ricocheteando no tijolo adjacente como um cordão de poeira.

Gabe para e ouve, os disparos ecoando em seus ouvidos. Nada se move. Nada faz barulho. Talvez ele esteja no beco errado. Poderia ter jurado que a coisa rastejou até aquele ali, mas a escuridão está afetando Gabe, roubando-lhe a confiança, enviando tremores e pânico para seus ossos.

Que porra é essa?

Gabe se aproxima do fim do beco, um beco sem saída cheio de caçambas de lixo e coberto de porcarias. Ele leva a mão livre ao

Zippo e com a outra apoia o rifle no seu enorme quadril. Gabe ouve o zumbido baixo de um gerador próximo — provavelmente dentro da parede — ao pegar o isqueiro e girar a pequena pederneira, acendendo uma minúscula chama amarela.

O cone bruxuleante de luz ilumina uma enorme figura com olhos leitosos e vítreos em um blazer fúnebre surrado a um metro de distância.

Gabe solta um grito e larga o isqueiro, recuando e buscando o gatilho conforme o Mordedor avança na direção dele, mastigando o ar. Gabe perde o equilíbrio e cai com força, de bunda no chão, atingindo a calçada com um resmungo. O Mordedor dispara para o chão — está faminto, determinado e se contorcendo — e Gabe mira inutilmente na coisa com o cano curto do rifle, incapaz de conseguir uma boa mira.

A arma dispara uma vez, a faísca do cano captura uma imagem do monstro avançando para a garganta de Gabe com os incisivos verdes cheios de limo. Gabe consegue se desviar dos dentes que estalam, mas perde a arma no processo: a MIG cai com um clangor na calçada ao lado dele. Ele se encolhe, se contorce e solta um grito gutural de ódio; então, por fim, leva a mão ao cabo da faca Randall na bota.

Com um golpe violento, Gabe enfia a lâmina na cabeça do Mordedor.

A princípio, a faca apenas acerta um golpe ágil na mandíbula do monstro, rasgando uma aba de pele morta. Os olhos de Gabe se ajustaram à escuridão o suficiente para enxergar formas — borrões úmidos de pele — e ele golpeia incessantemente a cabeça da criatura até a faca empalar o monstro pela narina esquerda. A ponta penetra

a cavidade nasal e o crânio pútrido se racha ao meio com a força movida a adrenalina do golpe de Gabe.

O Mordedor borrifa fluidos em Gabe quando tem o crânio partido em dois.

Gabe arqueja e rola para longe enquanto a coisa morta se encolhe e fica imóvel na poça do seu próprio fluido, a qual se espalha pelas pedras da calçada como óleo preto. Gabe consegue rolar até o rifle. Mas antes que consiga alcançar a arma — o coração acelerado agora, a adrenalina formando faíscas nos olhos dele como manchas de sol — ele sente algo mudar no beco atrás de si. Movimentos escuros como asas de morcegos preenchem sua visão periférica conforme o barulho de grunhidos humanos — um coro de rodas dentadas triturando — se aproxima dele devagar. Gabe sente o cheiro delator das proteínas rançosas e da podridão escura inundar o beco. Tontura percorre seu corpo conforme ele se levanta com as pernas trêmulas e, devagar, se vira. Os olhos de Gabe se dilatam de repente — um estremecimento involuntário percorre a espinha — e ele logo percebe todo o horror.

Pelo menos dez Mordedores — talvez mais — se arrastam na direção de Gabe com olhares mortos implacáveis, uma matilha inteira atravancando qualquer chance de fuga, um regimento insaciável de monstros movendo-se como um só, cercando-o, silhuetas como marionetes mortais à luz que se projeta pela entrada do beco atrás deles. Gabe solta mais um grito distorcido e desafiador, então corre até a arma.

É tarde demais. Antes que ele consiga alcançar o rifle, o errante à frente avança para o ombro carnudo de Gabe. Ele chuta o tronco da criatura com o coturno, tentando alcançar a Glock, quando outro monstro se aproxima pelo flanco oposto, enfiando as garras no

pescoço dele. Gabe abaixa a cabeça e ergue a pistola, então tenta sair rolando do centro da horda, disparando incessantemente de forma que o cano da arma late e faísca com o brilho surreal e intermitente de um *jukebox*.

Há muitos deles. Braços mortos se estendem na direção de Gabe antes que ele consiga se desvencilhar do grupo, dedos frios se contorcem em ganchos que o seguram, se enterram em Gabe, empurrando-o para a calçada. Ele cai nas pedras com as costas curvadas, tentando tomar fôlego, o pente já vazio, o ar sugado de seus pulmões. Então tenta rolar para longe, mas as criaturas começam a se amontoar — uma alcateia de lobos avançando para a sua jugular — e Gabe acaba de costas, encostado na parede, encurralado, encarando o céu noturno estrelado e impenetrável que o encara de volta num silêncio impassível. Ele não consegue respirar. Não consegue se mover. O choque se instaura, toma conta dos braços e das pernas volumosos dele, que percebe, com um toque estranho de tristeza, que aquele é o fim. É ali que sua história acaba. Merda. Os monstros convergem para ele. Pairam sobre Gabe com as mandíbulas pútridas pingando saliva sedenta por sangue, os olhos brilhantes como moedinhas de cobre. Tudo fica lento, como se Gabe estivesse sonhando, enquanto as criaturas se aproximam para se alimentar. O fim... o fim...

Ele sempre se perguntou se o fim seria como dizem nos filmes — sua vida passa diante dos olhos ou alguma porcaria melosa como essa —, mas não é assim. Gabriel Harris descobre naquele momento horrível antes que o primeiro conjunto de dentes podres se enterre nele que o fim não vem acompanhado de asas vaporosas e visões angelicais. Ele surge como um estalo alto — feito um balão

estourando — e uma imagem final envolta na realização de um desejo. Gabe vê o errante mais próximo ser repentinamente impulsionado para trás em uma erupção grotesca de tecido e sangue, em seguida a cabeça da criatura se parte na divisão do cabelo e borrifa sangue em Gabe num ritual de batismo em câmera lenta. Ele observa os ruídos de estalo continuarem — os barulhos secos, abafados de estouros que lembram uma série de fogos de artifício molhados — e mais cabeças jorrarem sangue.

Os monstros desabam ao redor de Gabe em um massacre sequencial repulsivo.

Gabe recobra os sentidos a tempo de ver seu salvador pelo canto do olho. Ela está de pé, em uma silhueta, no centro do beco, a dez metros dele, com duas pistolas Ruger calibre .22 idênticas e incandescentes, uma em cada mão, e os canos silenciados por supressores de ruídos. O último Mordedor desaba no chão e os estalos secos cessam tão depressa quanto começaram. A mulher com as armas solta os gatilhos. Sem qualquer emoção ou cerimônia, ela pressiona o botão para soltar o cartucho de uma das armas, e depois o da outra, fazendo-os caírem na calçada com um clangor. As armas são abaixadas, e agora pendem na lateral do corpo dela, que avalia a cena com a autoridade casual de um pesquisador que calcula a medida de um prédio.

Gabe tenta se sentar, mas suas costas reclamam, seus nervos estão pinçados e o sacro, luxado.

— Puta merda — murmura ele, chutando um cadáver úmido que caiu em suas pernas. Gabe se senta e contorce o corpo de dor.

Lilly vai até ele.

— Você está bem? Foi mordido? Eles abriram sua pele?

Gabe respira fundo diversas vezes, olhando para a carnificina ao redor do beco. A dezena, ou mais, de Mordedores está agora caída em amontoados distorcidos de carne mórbida pela extensão do beco, suas cabeças florescendo com a gelatina vermelha de matéria encefálica que está vazando, as pedras da calçada ao redor deles ficando vermelhas com o sangue contaminado.

— Não... eu... não — gagueja Gabe, tentando se recompor. — Estou bem.

Na entrada do beco, uma luz varre a abertura e penetra a escuridão. Lilly se ajoelha ao lado de Gabe e guarda as pistolas na parte de trás da calça jeans. A luz projeta um halo prateado ao redor da cabeça dela, destacando alguns fios do seu cabelo castanho.

— Vou ajudar você — diz Lilly, auxiliando Gabe a se levantar.

Ele resmunga baixinho ao erguer por completo o corpo troncudo.

— Onde está minha arma?

— Vamos pegar — responde Lilly.

Gabe alonga o pescoço dolorido.

— Aquilo foi o mais perto que pretendo chegar.

— Sei como é. — Lilly olha por cima do ombro. Os ruídos de vozes altas sobre o estrondo do tiroteio começam a se esvair. Ela suspira. — Não tem desculpa para isso — diz. — Precisamos de todos sempre a postos de agora em diante.

— Entendido — responde Gabe.

— Vamos lá, vamos examinar você e limpar essa merda toda.

Ela se dirige à entrada do beco quando Gabe a segura e, com cuidado, a faz parar.

— Lilly, espere — pede ele, umedecendo os lábios. Gabe não é bom com palavras, mas precisa dizer algo a ela. Então a encara. —

Obrigado por... sabe... só estou dizendo... que agradeço.

Lilly dá de ombros e abre um sorrisinho.

— Preciso de você inteiro.

Ele começa a dizer outra coisa quando repara que Lilly, subitamente, se curva e dobra o corpo bem de leve. Ela segura a barriga.

— Você está bem?

— Estou... é só uma colicazinha. — Lilly respira pela boca, soprando por um momento. — Coisa de garota. Não se preocupe. — A dor passa. — Venha... vamos destruir uns errantes.

Lilly se vira e vai embora, passando por cima dos cadáveres.

Naquela noite, Lilly e o grupo ficam acordados até tarde, trabalhando nos bastidores para aumentar as defesas da cidade. Bruce recruta cada homem apto da equipe de Martinez para fortalecer as barricadas. Eles consertam a muralha ao norte, reforçando as fortificações com folhas de metal e madeiras sobressalentes, e levam mais caminhões para os pontos fracos. Além de vigiar atentamente os pântanos ao redor.

Todo o barulho e a confusão do ataque dos errantes atraíram mais mortos para fora dos bosques adjacentes. Gabe supervisiona um revezamento de atiradores posicionados com calibres .50 nas elevações de cada canto da muralha. No meio da madrugada, as munições capazes de perfurar coletes à prova de balas estalam e se acendem em intervalos regulares, derrubando retardatários que se arrastam para fora das árvores em grupos de dois ou três, e às vezes até nove ou dez aglomerados em legiões farroupilhas. Ninguém chega a notar que o comportamento dos mortos está mudando, que aumentam em número, que os movimentos deles estão se agitando

como cardumes de peixes que reagem a vibrações em um aquário enorme. Ninguém presta muita atenção à ameaça crescente de hordas se formando. Estão todos ocupados demais se preocupando com um ataque dos vivos.

Repensar as intenções daqueles estranhos violentos se torna uma atividade quase obsessivo-compulsiva para Lilly e seus camaradas naquela noite. Eles conversam sobre isso aos sussurros conforme trabalham na muralha, discutem em segredo em salas escuras afastadas, agonizam sobre isso em silêncio, consigo mesmos, enquanto realizam suas tarefas individuais — fazem o inventário do arsenal de armas de fogo e de munição, planejam outra busca até a estação da Guarda Nacional, formulam contramedidas para o caso de serem saqueados, montam armadilhas, constroem rotas de fuga e, no todo, se preparam para o pior. Lilly acredita que podem ser atacados a qualquer momento. Desde que ficou grávida, ela tem oscilado entre a fadiga debilitante e rompantes insanos de energia, mas agora tem pouco tempo para comer, descansar e sequer para fazer uma pausa — apesar de Austin insistir que ela pegue leve, pelo bem da criança. Talvez seja a descarga de hormônios dos estágios iniciais do primeiro trimestre. Os sentidos ficam aguçados durante essa fase, o fluxo sanguíneo aumenta, a atividade cerebral fica mais intensa. Lilly canaliza esse rompante de energia em um redemoinho de atividade — Austin precisa entornar Red Bull com barras energéticas somente para acompanhá-la, seguindo-a como algum adido do governo estressado — e se coloca à frente da situação, prestando atenção impecável aos detalhes.

Ninguém diz em voz alta, mas Lilly quase imperceptivelmente assumiu o papel de líder substituta. Austin teme que seja demais para uma mulher na condição dela assumir tal responsabilidade,

mas, para Lilly, isso é visto por outro ângulo: ela está assumindo todos esses riscos *porque* está grávida, e não apesar disso. Não está apenas lutando pela própria vida — sem falar do futuro da cidade —, mas sim pela vida do seu filho que ainda não nasceu. Ela fará o que for preciso até que o Governador volte à ativa. Em um nível mais profundo, Lilly está descobrindo o que Woodbury significa para ela. Quase sente como se entendesse o Governador em um nível mais fundamental agora. Lilly mataria por aquela cidade.

Com o alvorecer do dia seguinte, Austin finalmente a convence a comer alguma coisa — ele prepara um macarrão instantâneo numa panela de combustível em gel — e depois Lilly aceita se deitar durante algumas horas. Gabe se oferece para assumir os deveres de supervisão enquanto ela descansa, e a cidade segue em frente para sobreviver mais um dia.

A corrente de boatos se acalma — por enquanto, pelo menos — graças a Barbara e a David Stern, que asseguram aos habitantes que o Governador está em segurança e que envia notícias regulares da fronteira. Não, ele ainda não encontrou os fugitivos. E não, não há perigo iminente. E sim, todos deveriam apenas ficar calmos, cuidar de suas famílias, não se preocupar e se sentirem reconfortados ao saber que a cidade está segura e em boas mãos e blá-blá-blá.

É claro que durante esse estranho limbo — que se prolonga por dias — ninguém suspeita do que está reservado para Woodbury, muito menos Lilly. Apesar da atenção incansável em aumentar as defesas e se planejar para qualquer contingência imaginável, ela nunca poderia sonhar, nem nos seus piores pesadelos, com o que está no horizonte.

— Vamos dar uma olhadinha nessa garganta — diz Bob Stookey, dando uma piscadela para o garoto sentado em uma caixa de pêssegos em um apartamento amontoado. A criança, um menino de oito anos cheio de sardas e de aparência de querubim vestindo uma camiseta do Bob Esponja desbotada e com o cabelo preto arrepiado na frente, diz “Ah” enquanto Bob insere com cuidado uma espátula para abaixar a língua na boca do garoto.

O lugar tem cheiro de unguento, suor e grãos de café. Cobertores de mudança tapam as janelas e um sofá-cama velho e puído no canto está coberto por lençóis amarelos. A mulher da casa — a matrona gorducha de pele morena que parou o Dr. Stevens durante a fuga — paira ao redor de Bob e da criança, agitando as mãos, nervosa.

— Consegue ver como está vermelha, Bob?

— Um pouco inflamada, né, garotão? — diz Bob para o menino, recolhendo a espátula.

O garoto assente, tímido.

Bob estende a mão para uma maleta médica e vasculha seu conteúdo.

— Vou consertar isso agora mesmo, rapazinho. — Ele pega um pequeno frasco da bolsa. — Logo vai estar gritando de novo com sua irmã.

A mãe olha com ceticismo para o remédio.

— O que é isso?

Bob entrega o frasco de comprimidos para a mulher.

— Um antibiótico leve. Acho que temos uma virose circulando, nada com o que se preocupar. Dê a ele um desses três vezes ao dia com a comida seu filho vai ficar curado rapidinho.

A mulher morde o lábio.

— Hum...

Bob inclina a cabeça para ela.

— Algum problema?

A mulher dá de ombros.

— Não tenho nada para trocar, Bob. Posso pagar com comida ou algo assim.

Bob sorri e fecha a maleta em um movimento ágil.

— Não há necessidade disso, Marianne.

Ela olha para Stookey.

— Ah... Bob, tem certeza?

— Estamos em Woodbury. — Ele pisca para ela. — Somos todos família aqui.

Marianne Dolan um dia parou o trânsito com sua beleza franco-canadense e sua pele morena, o corpo em formato de ampulheta e os enormes olhos azul-esverdeados. Uma década e meia de trabalho doméstico árduo e como mãe solteira cobrou seu preço sobre a aparência dela, e os tempos da praga aprofundaram as linhas ao redor da boca e dos olhos, mas agora, ao abrir um sorriso caloroso e inocente, o esplendor do rosto antes lindo reaparece.

— Eu agradeço muito, muito mesmo, Bob, você é um...

Uma batida alta na porta a interrompe. Marianne pisca sobressaltada e Bob olha na direção do barulho.

Marianne se vira e grita:

— Quem é, por favor?

Do outro lado da porta, o som de uma voz feminina, clara e forte ressoa:

— É Lilly Caul, Marianne. Desculpe incomodar.

Marianne Dolan atravessa a sala.

— Lilly? — diz ela depois de abrir a porta e encontrar Lilly de pé, sozinha, no corredor. — O que posso fazer por você?

— Soube que Bob está aqui... — sugere Lilly, que veste uma calça jeans rasgada e um suéter de tricô largo que são sua marca registrada. Seu cabelo é formado por fios rebeldes e embaraçados, e um cinto de presilha militar cheio de bolsas para pentes de munição pende ao redor da cintura.

Algo a respeito das feições de Lilly e do modo como ela fica de pé denotam vigor, rigidez, força, do tipo que Marianne nunca viu naquela mulher. O cinto militar não é um adereço da moda.

— Ele está, sim — diz Marianne, com um sorriso. — Está ajudando Timmy, na verdade. Entre.

Bob fica de pé conforme as duas mulheres se aproximam.

— Ora, ora... parece que a cavalaria chegou. Como está, menina Lilly?

Ela parece impressionada.

— Olhe para você, Bob... fazendo consultas domiciliares agora.

Ele sorri e gesticula com os ombros para ela.

— Não é nada... Só estou tentando fazer a minha parte.

O olhar no rosto castigado de Bob — agora alerta e com os olhos atentos — diz tudo. Seus olhos marcados pelas olheiras brilham com orgulho e seu cabelo escuro está cuidadosamente penteado para trás. Bob é um novo homem e isso agrada Lilly.

Ela se vira para Marianne.

— Você se importa se eu pegar esse bom médico emprestado por um minuto? Austin acordou um pouco abatido hoje.

— Sem problemas — diz Marianne, e então, ao voltar-se para ele, acrescenta: — Não tenho como agradecer, Bob. — Então olha para o filho. — Como se diz, Timmy?

— Obrigado? — murmura o garoto, erguendo o olhar para a mãe e para os outros adultos.

Bob dá tapinhas na cabeça da criança.

— De nada, garotão. Aguente firme aí.

Lilly leva Bob para fora, conduzindo-o pelo corredor até a saída do prédio.

— Qual é o problema com o bonitinho? — pergunta Bob, percorrendo o caminho de tijolos diante do prédio dos Dolan.

O sol está alto e forte no céu sem nuvens e o calor os sufoca. O verão da Geórgia não está longe e os mais vagos indícios dos dias abafados, de queimar o asfalto, estão na brisa.

— Austin está bem — diz Lilly a ele, levando Bob até uma pequena reentrância de álamos para terem alguma privacidade. — Não queria perguntar sobre o Governador diante de Marianne.

Bob assente e olha para o outro lado da rua, para uma fileira de fachadas de lojas diante da qual algumas crianças jogam *kickball*.

— Ele está bem, até onde sei. Continua em coma, mas a respiração parece normal. A cor da pele está boa, a pulsação, forte. Acho que ele vai se recuperar, Lilly.

Ela assente e solta um suspiro. Depois olha para longe, pensativa.

— Fiz tudo o que pude para nos manter a salvo enquanto ele esteve de cama.

— Você se saiu bem, Lilly. Vamos ficar bem. E graças a você, que assumiu o controle.

— Eu só queria que ele acordasse. — Ela pensa mais um pouco. — Não quero que as pessoas fiquem nervosas, entrem em pânico. Já estão imaginando por que o Governador sairia em uma busca durante tanto tempo.

— Não se preocupe, ele vai voltar para nós. É forte como um touro.

Lilly se pergunta se Bob realmente acredita nisso. A seriedade e a duração do coma induzido — o melhor palpite do médico é que foi provocado por uma combinação de choque hipovolêmico com todos os analgésicos e anestésicos administrados durante a parte mais difícil, logo após o ataque — são impossíveis de prever. Até onde Lilly sabe, ele poderia acordar a qualquer dia desses ou continuar como um vegetal para o resto da vida. Ninguém tem qualquer experiência com tais coisas. E a incerteza está enlouquecendo Lilly.

Ela começa a dizer outra coisa quando repara no som de passos pesados ao vento — alguém andando com pressa por uma calçada adjacente —, e o barulho interrompe seus pensamentos. Lilly olha por cima do ombro e vê Gus se arrastando depressa na direção dos dois. Com a compleição de um hidrante, aquele homem atarracado parece ter acabado de receber uma intimação, pois suas feições de buldogue estão marcadas pela urgência.

— Lilly — diz Gus, sem fôlego, conforme caminha até os dois —, estava procurando você por toda parte.

— Respire fundo, Gus; qual é o problema?

O homem para, inclinando-se com as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego.

— Querem usar o resto da gasolina que temos no armazém.

— Quem quer?

— Curtis, Rudy e os outros guardas. — Ele olha para Lilly. — Dizem que precisam para as plataformas levadiças da muralha. O que acha? É o último combustível, é tudo o que sobrou.

Lilly suspira. Na ausência do Governador, mais e mais cidadãos têm se dirigido a ela em busca de conselhos — de decisões, de

direcionamento — e Lilly não tem certeza se quer ser quem os fornece. Mas alguém precisa fazer isso. Por fim, ela diz:

— Não tem problema, Gus... Deixe que usem... Vamos sair em outra busca amanhã.

Ele assente.

Bob olha para ela por um momento, uma expressão estranha cruzando suas feições profundamente enrugadas — uma mistura de fascínio, preocupação e algo indecifrável, como se ele soubesse que há algo diferente nela. Gasolina se tornou a força vital de Woodbury; não só uma antiga fonte de energia, mas também um tipo de medida mórbida das chances de sobrevivência deles. Ninguém fode com o racionamento de combustível.

Lilly olha para Bob.

— Vai ficar tudo bem. Vamos encontrar mais amanhã.

Bob dá um fraco aceno de cabeça para ela, como se soubesse que Lilly não acredita em nada do que está dizendo.

Durante os três dias seguintes, eles de fato encontram mais combustível. Lilly manda um pequeno contingente de guardas — Gus, Curtis, Rudy, Matthew e Ray Hilliard — para fora em um dos caminhões de carga militares. A missão deles: vasculhar os postos de gasolina no Walmart saqueado e nas duas Piggly Wigglys do lado deles do limite do condado, na esperança de encontrar um dos tanques de reserva subterrâneos ainda com alguns galões de combustível residual. O plano B é puxar o máximo possível de qualquer carcaça perdida ou carro abandonado que não tenham sido desmontados completamente por saqueadores ou por dois anos do clima árduo da Geórgia.

Quando os homens voltam, na noite de quarta-feira, estão exaustos, mas foram bem-sucedidos, pois esbarraram em uma área de camping da KOA em Forsyth, 65 quilômetros a leste. Na garagem atrás da recepção, trancada desde o advento da Transformação, havia alguns carrinhos de golfe enferrujados e um enorme tanque de reserva meio cheio do néctar dos deuses doce e livre de chumbo — mais de quinhentos litros —, o que deixa Lilly encantada com a nova sorte. Se as pessoas forem moderadas com o combustível e racionarem com inteligência, ele vai fornecer um mês ou mais de energia a Woodbury.

Durante o restante da semana, Lilly mantém as coisas abafadas da melhor forma que pode, alheia ao fato de que os eventos estão prestes a fugir do controle.

CINCO

Na sexta à noite — uma noite que Lilly e os outros mais tarde lembrarão como um ponto de virada significativo — uma frente quente chega do sul, deixando o ar abafado como uma estufa. À meia-noite, a cidade se acalmou e ficou em silêncio; a maioria dos habitantes está dormindo sob lençóis encharcados de suor, e um regimento de guardas silenciosamente vigia as muralhas. Até mesmo Bob Stookey tirou uma folga da vigília incansável com o Governador e agora dorme profundamente numa cama militar em uma das baias de serviço adjacentes debaixo da pista de corrida. Apenas a enfermaria — ainda acesa com a luz de halogênio forte vindo de uma sala de operações — murmura com o clamor abafado de vozes irritadas.

— Estou cheio disso — reclama Bruce Cooper, andando de um lado para outro diante de monitores quebrados e macas encostadas na parede dos fundos da baia médica. — Quem a corou Rainha Megera? Mandando nas pessoas como a porra da Cleópatra.

— Calma, Brucey — murmura Gabe da cadeira enviesada ao lado da cama do Governador, o homem ferido deitado imóvel e pálido feito um manequim debaixo dos lençóis.

Faz uma semana desde que o Governador brigou com a garota de dreadlocks, e, ao longo desses sete dias, Philip Blake permaneceu, na maior parte, inconsciente. Ninguém se sente confortável em chamar isso de coma — embora Bob tenha nomeado dessa forma —, mas, seja lá o que for que está segurando o homem, ele parece estar agarrado aos ganchos dentro de si. Apenas em duas ocasiões Philip se mexeu um pouco — a cabeça oscilou de repente e algumas sílabas confusas foram expelidas dele numa tosse —, mas todas as vezes ele mergulhou de volta naquele mundo crepuscular tão abruptamente quanto saiu dele. Mesmo assim, Bob acha que é um bom sinal. O tom da pele do Governador continua melhorando a cada dia e a respiração está ficando mais clara e forte. Bob começou a aumentar a quantidade de glicose e de eletrólitos no soro e a acompanhar de perto a temperatura do homem. Ela está em torno dos 37 graus há mais de dois dias.

— Qual é o seu problema com ela? — pergunta Gabe ao homem negro. — Nunca fez nada para você. Qual é a implicância com ela?

Bruce para, enfia as mãos enormes nos bolsos da calça camuflada e solta um suspiro irritado.

— Só estou dizendo que ninguém oficializou que ela deveria ser a pessoa no comando agora.

Gabe balança a cabeça.

— Quem se importa? Ela quer ser chefona temporária, então deixe-a ser a chefona temporária.

— Uma vaca burra de uma porra de uma comunidade cercada?! — Bruce perde a calma com Gabe. — Ela é peso-pena!

Gabe se levanta da cadeira, as costas ainda um pouco rígidas por causa do confronto no beco alguns dias antes. Ele fecha os

punhos ao dar a volta pela maca do Governador e fica cara a cara com Bruce.

— Muito bem, vamos esclarecer uma coisa. Aquela vaca peso-pena de quem você está falando salvou a porra da minha vida na outra noite. Aquela vaca peso-pena tem mais colhões do que noventa por cento dos homens que moram aqui.

— E daí? E *daí*, porra? — insiste Bruce, encarando Gabe com uma expressão de ódio e olhos incandescentes. — Ela pode mirar uma arma, puxar um gatilho. Grande merda.

Gabe balança a cabeça.

— Qual é a porra do seu problema, cara? Acordou com o pé esquerdo hoje?

— Vou dar o fora daqui!

Bruce dispara na direção da porta, balançando a cabeça, enojado, murmurando obscenidades. Ele sai bufando, batendo a porta de metal com uma pancada que reverbera pela câmara de ladrilhos.

Encarando a porta, Gabe fica parado ali por um momento, embasbacado com tudo, quando ouve um barulho vindo do outro lado da sala que enrijece sua coluna.

Parece uma voz vindo do homem que está deitado na maca.

A princípio, Gabe acha que está ouvindo coisas. Ao rever o momento, ele chegará à conclusão de que *ouviu mesmo* a voz do Governador naquele instante — logo depois de a porta bater —, e as palavras foram pronunciadas com tanta clareza e nitidez que Gabe inicialmente achou que estava imaginando o som da voz dele dizendo algo como “Quanto tempo?”

Gabe se vira na direção da maca. O homem na cama não se moveu, o rosto coberto por ataduras ainda está levemente elevado no travesseiro, a ponta da maca está a um ângulo de 45 graus. Gabe se aproxima devagar.

— Governador?

O homem na cama permanece imóvel, mas, subitamente, quase em resposta à voz de Gabe, o único olho, o que ainda está visível naquele rosto — despontando por um entremeado de ataduras de gaze branca e espessa — começa a se abrir.

Acontece em estágios, um pouco fraco no início, mas vai estremecendo mais e mais vigorosamente até que aquele único olho esteja arregalado e encarando o teto. Mais algumas piscadelas e o olho começa a focalizar as coisas no cômodo. A pupila se dilata de leve quando Gabe se aproxima.

Ao puxar a cadeira dobrável para o lado da cama, sentando-se e apoiando a mão no braço frio e pálido do Governador, Gabe concentra o olhar naquele único olho que busca alguma coisa. Seu coração fica acelerado. Ele encara aquele olho com uma intensidade tão fervorosa que quase consegue ver o próprio rosto refletido na órbita lacrimejante no globo ocular.

— Governador? Consegue me ouvir?

O homem na maca consegue oscilar de leve a cabeça na direção de Gabe, então ele concentra o olho bom na cabeça rechonchuda com um corte de cabelo militar que paira sobre a cama. Com lábios secos, inchados e rachados, o homem murmura de novo:

— Quanto tempo...?

A princípio, Gabe fica em choque e nem mesmo consegue formular uma resposta. Ele apenas encara aquele rosto exaurido,

enfaixado durante um momento interminável e torturante. Então, afasta a confusão e diz, bem baixinho:

— ...você ficou apagado?

Um aceno muito lento, muito fraco.

Gabe umedece os lábios, nem mesmo ciente de que está sorrindo com uma animação tola.

— Quase uma semana. — O homem engole a vontade de gritar de felicidade e abraçar o homem. Ele se pergunta se deveria chamar Bob. Embora esse homem provavelmente seja alguns anos mais novo, ele é seu chefe, seu mentor, sua bússola, sua figura paterna. — Você acordou algumas poucas vezes — diz Gabe, com a maior calma que consegue reunir —, mas não acho que vai se lembrar de nada.

O Governador vira a cabeça devagar de um lado para outro, como se testasse os limites da própria condição. Por fim, ele consegue proferir mais uma frase rouca.

— Encontrou o Dr. Stevens? — O homem respira brevemente, como se o próprio ato de fazer a pergunta o exaurisse. — Obrigou ele a me costurar?

Gabe engole em seco.

— Não. — Ele umedece os lábios, nervoso. — O doutor está morto. — Gabe respira fundo. — Eles o encontraram logo do outro lado da nossa cerca. Saiu com aquela vaca e os amigos dela... mas não durou muito.

O Governador respira pelo nariz por um momento. Ele engole com dificuldade e inspira mais uma sequência de ar dolorosa. Então pisca e encara o teto, parecendo um homem que espera que os resíduos de um pesadelo passem, que a luz fria da realidade volte e afaste as sombras. Por fim, ele consegue falar de novo:

— Bem feito para aquele merda. — O ódio que reluz no olho dele vagarosamente o traz de volta, permite que ele se recomponha aos poucos e entenda a situação. Então o Governador olha para Gabe. — Então, se o doutor morreu, como diabos não estou morto?

Gabe olha para o homem.

— Bob.

O Governador absorve a informação, e seu único olho que enxerga se dilata e se arregala com o choque.

— Bob?! — Mais um fôlego dolorido. — Isso é... *ridículo, porra*... aquele velho bêbado? Ele não conseguiria desenhar uma linha reta, quem dirá me costurar. — O Governador engole com muito esforço. A voz dele fica presa na garganta feito um disco pulando. — Ele se recusou a ser o assistente de Stevens, obrigou a porra daquela *garota* a fazer isso.

Gabe dá de ombros.

— Acho que ele não precisou fazer muito, graças a Deus. Disse que seu braço tinha sido bem selado, esterilizado o suficiente pelo fogo, mas mesmo assim ele limpou você direitinho, ficou de olho, deu antibióticos ou algo assim. Não tenho certeza. Pelo que entendi... quando ela cortou seu... hã... quando ela cortou sua coxa, Bob disse que por pouco não acertou uma artéria importante, então houve tanta perda de sangue quanto possível. — Gabe morde o lábio inferior. Ele não quer contar muita coisa ao homem agora, não naquela condição. — Com certeza teria matado você se ela tivesse acertado. — Ele para. — O olho quase infeccionou, mas isso acabou não acontecendo. — Outra pausa. — Bob disse que ela deve ter tomado muito cuidado. Ele acha que ela *queria* manter você vivo, como se tivesse mais planos para você.

O olho direito do Governador se semicerra com ódio puro e imaculado.

— Planos para *mim*?! — Ele dá uma risada de deboche encatarrada. — Espere até eu saber de Martinez. Eu poderia escrever um *livro* inteiro com todas as merdas que planejei para ela.

Gabe sente o estômago se revirar. Ele pensa em não dizer nada, mas então murmura baixinho:

— Hã... chefe... Martinez foi com eles.

O Governador se contorce subitamente, pela dor ou por um rompante de ira incandescente que percorre seu corpo... ou talvez pelos dois.

— Eu *sei* que ele foi, porra. — O homem toma um fôlego contido e continua: — Eu não sabia que o doutor e a vadia dele iriam também... mas esse era o meu *plano*. — Respiração difícil de novo, levando ar para os pulmões pesados feito chumbo. — Martinez os ajuda a escapar e então volta e nos conta onde fica a porra da prisão deles. — Pausa. — Se faz uma semana que estou apagado... ele deve chegar lá a qualquer dia.

Gabe assente quando o Governador emite um suspiro longo e agonizante e olha para o cotoco do braço direito coberto com ataduras. O olho dele registra o horror, a dura realidade. Sua mão fantasma envia sensações ilusórias até o ombro e o cérebro dele, fazendo-o estremecer. Então ele comprime os lábios rachados e Gabe vê algo reluzindo bem no fundo da íris escura do olho determinado do Governador. Gabe vê muito claramente. O Governador está de volta. Se é loucura, força, instinto de sobrevivência ou apenas pura maldade, a luz reluzente como a cabeça de um alfinete naquele único olho diz tudo sobre o homem.

Por fim, ele olha para Gabe e acrescenta, com a voz rouca de dor e fúria:

— E quando esse dia chegar... aquela vaca é minha.

Durante o resto daquela semana, o calor do fim da primavera recai sobre as depressões e os vales do oeste da Geórgia central. A umidade se intensifica e o sol cruel transforma os dias em saunas. Como os aparelhos de ar condicionado gastam muita energia, a maioria dos habitantes de Woodbury atura a onda de calor dentro de casa ou à sombra de carvalhos, abanando-se compulsivamente e evitando as tarefas diárias. Os Stern descobrem um modo de fazer gelo no armazém com uma geladeira velha sem gastar muita energia. Austin encontra algumas vitaminas pré-natais na drogaria saqueada e cuida sem parar de Lilly, acompanhando as refeições dela e insistindo que ela se refresque. As pessoas continuam pensando na fuga, na ausência do Governador e no futuro da cidade.

Enquanto isso, Gabe, Bruce e Bob acobertam a condição do Governador. Ninguém quer que o povo da cidade veja o homem andando com muletas feito uma vítima de derrame enquanto se recupera. À noite, eles o levam às escondidas pela cidade até o apartamento em que mora, onde o Governador passa um tempo com Penny e descansa. Gabe o ajuda a limpar a casa — removendo qualquer resquício do ataque, limpando a pior parte dos cortes e das manchas — e em certo momento menciona como Lilly se impôs logo após a fuga. O Governador fica impressionado com o que ouve e, no final da semana, pede para vê-la.

— Sei que não precisa ser dito — comenta Gabe com Lilly naquela noite, depois do anoitecer, conforme a conduz pelo corredor todo sujo do prédio do Governador. — Mas tudo o que você está

prestes a ver e ouvir fica aqui. Entendeu? Não quero que nem mesmo Austin saiba disso.

— Entendido — responde Lilly, hesitante, ao desviar de uma pilha de papelão molhado, seguindo o homem troncudo de pescoço largo pela entrada interna. A escada do primeiro andar cheira a orvalho e cocô de rato. Lilly segue Gabe para cima das plataformas das escadas cobertas com carpete surrado, os degraus guincham ruidosamente enquanto eles sobem. — Mas por que todo esse segredo? Quero dizer... Austin já sabe do ataque. E os Stern também. E conseguimos abafar tudo por quase duas semanas.

— Ele tem algo em mente para você — explica Gabe, conduzindo Lilly pelo corredor fétido do segundo andar — e não quer que ninguém saiba.

Lilly dá de ombros quando chegam à porta do Governador.

— Como quiser, Gabe.

Eles batem, e a voz do Governador, forte e determinada como sempre, ordena que entrem.

Lilly tenta não encará-lo ao entrar na sala e ver o homem jogado no sofá puído com as muletas apoiadas ao lado.

— Aqui está ela — diz o Governador, com um sorriso, gesticulando para que Lilly se aproxime. Ele usa um tapa-olho preto, o qual Lilly descobre depois que foi feito por Bob com as faixas de uma bolsa para moto, e está sem o braço direito, o cotoco envolto em ataduras despontando levemente pela cava do colete de caça. A silhueta do Governador, antes robusta, agora mal preenche a calça camuflada e as botas largas, e os músculos definidos foram reduzidos a tendões sob a pele. O tom de pele do homem está tão pálido quanto alabastro, o que faz o olho e o cabelo castanho parecerem quase nanquim, deixando-o feito um espantalho. Apesar

das pernas e do braço emaciados, o Governador parece tão maligno e capaz como sempre. — Por favor, desculpe meus modos se não me levanto — acrescenta ele, com um risinho. — Ainda estou um pouco trêmulo nos pés.

— Você parece bem — mente Lilly, se sentando na poltrona diante dele.

Gabe permanece de pé à porta.

— Vai ser preciso mais do que uma vadia maluca para derrubar este homem, não é mesmo, Governador?

— Tudo bem, os dois podem parar com a conversa fiada — diz Philip. — Não preciso de carinho agora, está bem? As coisas são como são. Vou ficar bem.

— Que bom ouvir isso — comenta Lilly, e agora fala com sinceridade.

O Governador olha para Lilly.

— Ouvi coisas boas sobre você, sobre como assumiu o comando enquanto eu estava de cama a semana toda.

Lilly dá de ombros.

— Todos contribuíram, sabe. Foi um esforço do grupo.

Por um breve momento, Lilly ouve um ruído esquisito e abafado vindo do outro quarto, um farfalhar, um chiado e o tilintar de uma corrente. Ela não faz ideia do que diabos está ouvindo, mas afasta isso da mente.

— A moça também é modesta. — O Governador sorri para ela. — Está vendo, Gabe? É disso que estou falando. Por aqui se deve andar na encolha e carregar a porra de um grande cassetete. Preciso de mais uma dúzia de pessoas como você, Lilly.

Ela baixa o olhar para as mãos.

— Eu estaria mentindo se dissesse que esta cidade não significa muito para mim. — Ela volta a olhar para o Governador. — Quero que este lugar sobreviva. Quero que funcione.

— Você e eu, Lilly. — O Governador se levanta dolorosamente do sofá. Gabe vai ajudá-lo, mas Philip gesticula para o homem se afastar. Respirando pelo nariz, Philip vai mancando, sem as muletas, até a janela coberta por tábuas, e olha por uma fenda estreita entre as madeiras. — Você e eu — murmura ele, encarando a escuridão, pensativo.

Lilly observa o Governador. Ela vê a expressão dele mudar levemente, iluminada por uma faísca de luz prata proveniente de uma luminária distante que entra na sala. O feixe estreito de luz brilha no único olho bom do homem conforme seu rosto fica mais sombrio e o olhar de Philip se contrai de ódio.

— Temos uma situação que precisa ser resolvida — murmura o Governador. — Se quisermos manter este lugar em segurança, precisaremos tomar medidas... qual é mesmo a palavra? *Preventivas*.

— Preventivas? — Lilly avalia o homem. Ele parece um pit bull ferido preso numa jaula, a amputação inerte pende de um lado do corpo e o restante está encolhido como uma mola. Lilly tenta não encarar. As ataduras manchadas de iodopovidona e a pele coberta de cicatrizes gritam pela atenção dela. O Governador é a personificação dos perigos que pairam diante deles. Incita a pergunta: quem poderia fazer isso com um homem tão indestrutível quanto esse? Lilly toma um fôlego profundo e completo. — O que quer que tenha em mente, estou aqui para você. Ninguém na cidade quer viver com medo. Não importa o que precisar... estou totalmente dentro.

Ele se vira e olha para Lilly por debaixo do tapa-olho, seu olho bom faiscando com emoção.

— Tem algo que precisa saber. — O Governador olha para Gabe e depois para ela. — Deixei aqueles filhos da puta escaparem.

O coração de Lilly acelera um pouco.

— Como é?

— Mandei Martinez junto. Ele deveria bancar o espião, descobrir a localização deles, encontrar a porra dessa prisão onde estão se escondendo... e depois voltar com notícias.

Lilly assente, absorvendo a informação. A mente dela está cheia de ansiedades, variáveis e implicações imediatas.

— Entendo — responde ela, por fim.

O Governador olha para Lilly.

— Ele já deveria ter voltado.

— É... tem razão.

— Você é uma líder nata, amiga. Quero que organize uma equipe de busca, pode escolher quem quiser, e vá descobrir que merda aconteceu. Veja o que consegue encontrar. Pode fazer isso por mim?

Lilly assente de novo, mas, no fundo, está imaginando se é uma boa ideia que alguém em sua condição faça um... *trabalho tão intenso*. *Trabalho* é a chave. Será que Lilly está mesmo pronta para todos os sacrifícios que vêm com a maternidade? Como andar por aí com uma bola de ginástica pendurada no corpo. No momento, ela está naquele delicado estágio de transição — ainda não exibe sinais, não está fisicamente debilitada, não está preparada por completo para todo o trabalho que, tem à frente — mas o que acontecerá quando começar a reduzir o ritmo? Lilly sabe o suficiente sobre os estágios iniciais da gravidez para entender que atividade física e exercícios regulares são perfeitamente seguros, até mesmo recomendados, mas e quanto a algo tão perigoso quanto sair em missão para campos

tomados pela praga? Durante uma fração de segundo, ela pensa bem, então, por fim, olha para o Governador e diz:

— É claro que posso fazer isso por você. Sairemos assim que amanhecer.

— Ótimo.

— Mas tenho uma pergunta.

O Governador fixa o único olho nela.

— O que foi agora, porra?

Ela fica um tempo mordendo o lábio, medindo as palavras. Não se chacoalha a jaula de um animal ferido. Mas Lilly precisa dizer.

— As pessoas estão desesperadas sem saber como você está, seu paradeiro. — Ela olha para o olho bom de Philip. — Precisa mostrar que está bem.

Ele emite um suspiro atormentado.

— Eu vou, em breve, amiga. Não se preocupe com isso. — O silêncio paira na sala por um momento. O Governador olha para Lilly. — Mais alguma coisa?

Ela dá de ombros. Não tem nada mais a dizer.

Lilly e Gabe saem, deixando o Governador à própria privacidade e aos ruídos incessantes e abafados de garras no outro cômodo.

Lilly passa o resto daquela noite reunindo a equipe e separando suprimentos para a missão de reconhecimento. Austin é totalmente contrário à partida dela e discute sobre isso com Lilly, mas ela está irredutível. Está animada com a tarefa que recebeu — a necessidade de manter a cidade em segurança, a perspectiva de cortar qualquer perigo potencial pela raiz. Está lutando por dois agora — três, se contar com Austin. E, talvez, o mais importante de tudo é que ela

não quer que ninguém suspeite de sua condição. Não quer dar qualquer indicação de que se sente de outro modo que não cem por cento bem. Esse é o segredinho de Lilly. O corpo dela. A vida dela. A vida do seu futuro bebê.

Então, Lilly se prepara para a jornada dando atenção dobrada aos detalhes. Considera levar Bob, mas decide que é melhor não — os serviços dele são muito mais necessários na cidade do que naquela pequena viagem; e, além do mais, ele provavelmente só os atrasaria. Lilly também decide deixar Bruce em Woodbury para que ele possa intervir pelo Governador. Portanto, ela alista Gabe e Gus para irem junto, e Austin, não só pelos músculos extras, mas também porque os dois estão intimamente familiarizados com os métodos, padrões comportamentais e manias de Martinez. Gabe ainda sente dor por causa do conflito com Martinez nos túneis subterrâneos sob a pista de corrida, mas ele também é pragmático. Sabe agora que foi tudo parte de um plano maior, e também que Martinez é essencial para eles. Precisam encontrar essas pessoas e intervirem antes que algo terrível aconteça. Além disso, Gabe deve a vida a Lilly Caul.

A última pessoa que ela recruta é David Stern — mais pela mente aguçada e pela inteligência nata — para ajudar com a estratégia. Lilly está fora de seu elemento ali. Rastrear seres humanos por centenas de quilômetros quadrados de pântanos infestados de Mordedores não é exatamente uma especialidade sua — embora ela esteja mais motivada do que nunca para fazer o que precisa ser feito. Além de Lilly, no entanto, só Gabe e Austin sabem da verdadeira missão na qual Martinez partiu. Gus e David operam sob a presunção de que Martinez era um traidor e que agora estão simplesmente tentando pegar os fugitivos.

— Já faz um tempo que tem estado bem encharcado lá fora — conta David Stern a Lilly enquanto carrega um engradado na traseira do caminhão de carga militar estacionado sob a escuridão pré-alvorecer perto do portão norte da cidade. O caminhão funciona baixinho, o potente motor a diesel gorgolejando e roncando sob o capô, disfarçando o som das vozes deles. — Meu palpite é que as pegadas deles ainda estão bem evidentes.

— Tá, mas como distinguimos as *deles* do monte de pegadas de errantes que certamente se misturaram durante a última semana? — Lilly faz a pergunta com um resmungo ao erguer uma caixa de garrafas d'água para o compartimento de carga. Eles carregaram o suficiente de provisões para ficar na estrada por 24 horas ou mais: comida, cobertores, walkie-talkies, o kit de primeiros socorros, binóculos, óculos de visão noturna, baterias sobressalentes, munição extra e um arsenal de armas da estação da Guarda Nacional embora Lilly queira acabar com aquilo o mais rápido possível. O número de atividades dos errantes no bosque aumentou naquela semana, e, quanto mais rápido obtiverem respostas, melhor. — Parece que será como agulhas em um palheiro lá fora — diz ela, empurrando a caixa para o fundo do caminhão.

— Vamos começar por onde eles foram vistos pela última vez — anuncia David, subindo pelo estribo da caçamba. — O sol vai nascer logo. Vamos presumir que eles seguiram para o leste, pelo menos a princípio.

Eles terminam de encher o caminhão e então todos entram.

Gus dirige com Gabe no banco do carona — armado até os dentes — cuidando do walkie-talkie. Lilly vai atrás com os suprimentos, também com um walkie-talkie e junto de David e Austin, que estão sentados no estribo traseiro para sair e entrar com

facilidade do veículo. O sol começa a clarear o horizonte conforme os homens na barricada abrem a brecha — motores ligando, empilhadeiras verticais engasgando, um caminhão de carga leve saindo do caminho deles —, revelando a escuridão primordial da floresta vizinha envolta pela névoa matinal.

O estômago de Lilly se aperta assim que o caminhão de carga estremece ruidosamente ao atravessar a fenda.

Ao olhar pela aba traseira de lona, que agora começa a estremecer à brisa, Lilly consegue ver a zona leste da cidade passando sob a luz fraca que antecede o alvorecer enquanto Gus circunda o vilarejo. O lugar parece Beirute — o território do lado de fora de paredes com arames farpados coberto de destroços, sumidouros e montes de carnificina de confrontos anteriores com errantes. Alguns corpos estão decapitados, chamuscados e queimados até carbonizarem por completo... outros estão caídos em covas abertas de água imunda. Conforme o dia amanhece, o beco de Durand Street entra no campo de visão deles, junto com a muralha que Martinez ajudou os fugitivos a atravessarem quase duas semanas antes, que agora está claramente visível.

Gus aperta os freios de ar comprimido e o caminhão chia até parar em uma estrada de cascalho a nove metros da muralha externa. David e Austin saltam para fora do estribo e percorrem depressa o chão com as lanternas, iluminando as pegadas na lama — agora cheias de pequenos bolsões d'água da chuva imunda — que contam a história do ataque ao Dr. Stevens e da fuga subsequente na direção da autoestrada 85. Aos estalos, pelos walkie-talkies, observações breves são enviadas para o caminhão, e Lilly manda os dois homens voltarem.

Agora, eles seguem por uma via curva de cascalho na direção da autoestrada e então encontram os rastros do outro lado da pista de asfalto de dois sentidos. David Stern lembra o grupo de ignorar todas as pegadas que são longas marcas arrastadas — o sinal delator dos passos rastejantes de um errante — e ficar de olho em impressões bem definidas. Depois que se acostumam com as diferenças, fica mais fácil encontrar evidências dos humanos em fuga. Mesmo com duas semanas, as marcas — em muitas encruzilhadas pela rota de fuga — secaram na charneca como pequenas poças em formato perfeito de botas.

No meio da manhã, o grupo perde as pegadas cerca de um quilômetro e meio a oeste de Greenville e Gus encosta o caminhão. Até aquele ponto, os fugitivos parecem ter escapado na direção norte e noroeste a partir de Woodbury, mas agora ninguém sabe se e quando mudaram de direção. Por sorte, as aparições de errantes naquela manhã foram poucas e espaçadas, e conforme o sol bate no caminhão de carga, transformando seu interior numa sauna, eles ficam sentados ali por um momento, suando debaixo das roupas e discutindo o próximo movimento. Gabe sugere que sigam a pé, mas Lilly não gosta da ideia de se separarem ou de deixar o caminhão sem supervisão.

Então Lilly se lembra do local da queda — o helicóptero abatido da rede de notícias que os fez desviar na última busca, várias semanas antes — e percebe que estão a apenas oitocentos metros ao sul dos destroços. Ela pede que Gus dirija para o norte um pouco mais adiante, ele obedece e, dentro de minutos, chega ao mesmo terreno encharcado e lamacento por onde se arrastaram três semanas e meia antes.

Gus encosta e para o caminhão. Todos olham para Lilly, a percepção recaindo sobre eles ao mesmo tempo: não podem mais evitar.

Precisam seguir a pé... para o bosque infestado de errantes.

SEIS

— Tudo bem, David, veja isso. — Lilly o conduz pelo acostamento lamacento de cascalho e para na borda da elevação da estrada, gesticulando para a constelação de pegadas indelevelmente estampadas no barro. Uma nuvem de mosquitos voa ao redor da cabeça de Lilly por um momento e ela a afasta conforme os colegas se reúnem ao seu redor. Centenas de pegadas, de todos os formatos, tamanhos e graus de frescor, riscam o solo coberto de limo, muitas das quais pertencem a Lilly e aos seus comparsas no início do mês. Mas algumas parecem mais recentes. — O que acha dessas? — pergunta Lilly, apontando para uma fileira diagonal de pegadas que formam uma trilha que liga a estrada ao bosque, uma fileira de pessoas se movendo relativamente rápido na direção do bosque mais denso.

David encara as pegadas.

— Parece que alguém sabia aonde ir.

Gus se intromete.

— Local da queda?

— Pode acreditar — confirma David. — Talvez Martinez achasse que eles poderiam encontrar mais alguma coisa lá. Não

tivemos a chance de vasculhar completamente a aeronave da última vez. Vai saber o que deixamos passar.

Lilly olha para a linha das árvores no horizonte, o entremeado denso de folhagem oscilando ao vento como cortinas verdes e sujas.

A cerca de 450 metros, no declive de um vão densamente florestado, eles encontraram pela primeira vez os destroços do helicóptero — o piloto morto, a única passageira agarrando-se à vida. A fumaça se foi há muito tempo, mas é possível que o helicóptero ainda esteja caído de lado no leito seco do rio onde o encontraram semanas antes. Lilly toma uma decisão impetuosa.

— Muito bem... todo mundo conhece o esquema. Gus fica no caminhão. Tragam munição sobressalente e água. Manteremos contato pelos walkie-talkies. Vamos.

Eles carregam as mochilas e saem andando pelo terreno encharcado e lamacento.

No meio do dia, eles chegam ao local da queda. O helicóptero está caído onde o deixaram — retorcido sobre as margens do riacho lamacento como um dinossauro petrificado. Os rotores estão despedaçados, a fuselagem, destruída, as janelas, quebradas e a carcaça parafusada já começa a enferrujar sob o sol inclemente. Milhares de pegadas circundam os destroços na lama — muitas, muitas mais do que se lembram de ter deixado ali — e David Stern começa a estudá-las. Por isso, não ouve o leve estalar de galhos a distância, o farfalhar coletivo de pés insensatos chafurdando pela vegetação rasteira na direção deles vindo praticamente de todos os lados. Ele está ocupado demais extrapolando a narrativa da jornada de Martinez.

Pela profusão de pegadas, assim como pela reorganização de alguns pedaços dos destroços, David conclui que o grupo de Martinez não só atravessou por aquele lado como também deve ter passado a noite ali. A porta da cabine está caída numa trilha de ervas daninhas e urtiga à esquerda do nariz da aeronave. Um cobertor molhado pende de uma ponta. Dentro da cabine, ele encontra sinais de um acampamento — garrafas d'água vazias, lacres rompidos, um cartucho de munição vazio. David ilumina as sombras da cabine do piloto com uma lanterna, mas uma voz chama sua atenção.

— David, dê uma olhada nisso... aqui.

Ele se vira e vê Lilly de pé do outro lado da margem do rio, ajoelhada, examinando com atenção o chão coberto de folhas.

David vai até ela e vê as pegadas embutidas na lama.

— Essas são mais recentes, certo?

— São. — Lilly aponta para o rastro mais profundo que se projeta de um círculo de pegadas mais novas perto do local do acidente. — Parece que ficaram aqui um tempo, talvez tenham encontrado alguém, e então seguiram para lá. — Ela aponta para as sombras mais intensas a oeste, onde as árvores ficam mais densas ao longo do leito do riacho. — Acho que devemos seguir naquela direção.

A essa altura, Gabe e Austin se juntaram a eles e estão com as armas em punho, prontos para atirar. Gabe está ouvindo ruídos dos quais não gosta nas árvores correnteza acima, o que o deixa sobressaltado. Lilly verifica as pistolas calibre .22 e então assume a liderança. Ela segue a ravina seca para os arbustos, prestando atenção nas pegadas e nas barreiras de árvores adjacentes de cada lado. Os outros a seguem. A conversa para subitamente.

O silêncio recai sobre o grupo. É um silêncio pegajoso, preguiçoso e pesado, repleto de vibrações implacáveis da natureza — insetos zumbindo nos ouvidos, um fluxo distante de água — e isso faz as passadas deles soarem como explosões. Gabe fica assustado ao extremo. Algo não parece certo. O coração de Lilly se acelera. Depois de um tempo, ela saca as duas pistolas e então segue com dificuldade pela margem do rio segurando as armas na lateral do corpo.

Eles atravessam mais quatrocentos metros de floresta vazia — o leito do rio seco serpenteando entre cercas infinitas de pinheiros e bétulas — antes de começarem a sentir que as pegadas os estão levando para uma armadilha. Os ruídos perturbadores voltaram. Lilly ouve galhos se partindo e folhas secas estalando de forma rítmica em algum lugar não muito longe, mas é impossível distinguir de que direção vem o ruído. O grupo sente o fedor de errantes flutuando na brisa.

As armas se erguem, polegares vão para os gatilhos de segurança, em punho, bainhas de facas são abertas, os olhos, arregalados, corações, acelerados, músculos, tensos, orelhas, atentas e os pelos se arrepiam. O bosque está vivo com os ruídos, agora as sombras movediças e os odores pútridos aumentando, e isso deixa todos loucos. Mas de que direção os mortos estão vindo? Lilly reduz o passo e olha para a folhagem distante, então, subitamente, ergue a mão.

— Esperem! — cicia ela num sussurro alto, fazendo com que todos parem onde estão. — Todo mundo para baixo, PARA BAIXO! Agora mesmo!

O grupo se move como um só, cada pessoa se abaixando atrás de uma fileira de pedregulhos cobertos de limo embutidos na terra.

Com armas erguidas, olhos arregalados e alertas, todos olham para Lilly, que ergue o olhar por cima dos rochedos.

Ao longe, a cerca de 45 metros, ela vê um espaço entre as árvores, revelando outra clareira — esta é um campo amplo de grama alta — lotada de figuras escuras e em frangalhos. A pulsação de Lilly acelera. Ela olha para a direita e repara numa trilha estreita e sinuosa que sobe uma colina, indo na direção de árvores mais altas. Lilly olha para os outros e indica o caminho, então, em silêncio, aponta para um monte formado por troncos caídos mais acima.

Todos a seguem trilha acima — mantendo-se abaixados, movendo-se tão silenciosamente quanto podem, os fôlegos presos nas gargantas — e Lilly os leva até o alto do monte. O grupo se abaixa, um ao lado do outro atrás dos troncos enormes. Daquele ponto de vantagem — através da cobertura das árvores — cada um tem uma visão livre do enorme campo abaixo.

— Meu Deus... é uma porra de uma convenção — murmura Lilly entredentes assim que absorve a imensidão do pasto primitivo.

Do tamanho de cinco campos de futebol americano de uma ponta a outra, o chão encharcado de chuva, abarrotado de grama trazida pelo vento e pincelado de cor de dentes-de-leão amarelos e aquilégias vermelhas, o campo imenso fervilha com errantes de todos os tipos. Alguns deles circundam a carcaça pútrida de um cervo morto, coberta de moscas, enquanto outros caminham sem rumo pela periferia como sentinelas bêbadas. Outros mal conseguem se mover devido a membros faltando ou apêndices esmagados, já os demais parecem estar vestindo roupas esfarrapadas e borrifadas com sangue. O sol bate no pasto, os cantos distantes tremeluzem em faixas de raios de calor e flores de algodoeiro flutuam no ar como

neve fantasmagórica. Um zumbido baixo de grunhidos estremece a brisa devido à vocalização coletiva de pelo menos cinquenta ou mais errantes.

— Lilly, querida — murmura David Stern por fim, muito baixinho —, você se importa de me passar aquele binóculo?

Ela tira a mochila com um gesto de ombros, abre o zíper, pega lá dentro as pequenas lentes de campo e em seguida as entrega a David. O homem mais velho leva as lentes aos olhos e avalia a largura e a altura do campo abaixo. Os outros olham boquiabertos. Austin se acomoda ao lado de Lilly; ela pode ouvir a respiração dele e seu nervosismo é palpável. Gabe leva o dedo ao gatilho de segurança da MIG, morrendo de vontade de devastar o campo todo com alguns estouros bem mirados.

Lilly começa a sussurrar algo quando ouve David resmungando baixinho.

— Não... não... ah, Deus não... não. — Ele ajusta o foco e aperta o binóculo nos olhos. — Ah, meu Deus... não me diga.

— O quê?! — Lilly engole o medo. — David, o que foi?!

Ele lhe entrega o binóculo.

— À esquerda, perto do cervo — indica David. — Aquele andando sozinho no canto.

Lilly olha com o binóculo e encontra o errante solitário no canto sudoeste do campo, e seu corpo inteiro é tomado por desespero quando ela identifica a silhueta em farrapos e dilacerada se arrastando pelas tifas e ervas-daninhas. Uma pontada de cólica do primeiro trimestre contrai o abdômen dela por um momento e seus olhos ardem. Pelo borrão trêmulo do campo de visão estreito do binóculo, ela vê a bandana, a marca registrada, ainda amarrada na cabeça do homem alto, as costeletas aparecendo na lateral do rosto

antes tão bonito e que agora se resume a um pesadelo de pele macilenta, olhos cor de cádmio, boca enrugada e sem lábios.

— Merda — murmura Lilly, sem fôlego.

Gabe e Austin estão morrendo de vontade de pegar o binóculo, então Lilly o entrega a eles.

Eles se revezam e olham pelas lentes telescópicas para o campo abaixo banhado pelo sol. Cada um deles revela por meio da linguagem corporal — um desabar de ombros repentino e angustiado de Austin e uma exalação entredentes de Gabe — que identificou o errante solitário.

Austin é o primeiro a falar, olhando para Lilly:

— O que acha que aconteceu?

Lilly olha pelo binóculo, murmurando conforme avalia cuidadosamente o campo.

— Não tem como saber com certeza, mas parece que... não sei... está vendo aquelas marcas de pneu profundas cruzando o campo que vem do leste?

— É, eu vi.

David se intromete.

— Pois é, também reparei nisso... Parecem marcas de pneu de um veículo grande, como um caminhão, uma van, um trailer, algo assim.

Lilly olha pelas lentes e avalia o desvio oval e irregular no chão onde o caminhão ou a caminhonete deve ter derrapado, perdido o controle e parado abruptamente. Por algum motivo, ela acha que as marcas têm algo a ver com a morte de Martinez.

Lilly direciona os binóculos de volta para o errante solitário no canto. Aquilo que um dia foi Caesar Ramon Martinez — antigo professor de educação física de Augusta, Geórgia, um homem

solitário com habilidades de liderança naturais — agora se arrasta estranhamente para trás e para a frente através das partículas de poeira de algodoeiro e raios de sol pálidos, sem direção, sem propósito, sem objetivo algum que não seja se alimentar. Os braços e o tronco dele — mesmo daquela distância, no borrão dos binóculos — parecem completamente dilacerados, como se tivessem sido rasgados até virarem frangalhos por vários conjuntos de dentes podres. Fios de cartilagem e tendões ensanguentados oscilam do tronco lacerado dele. Um fragmento viscoso de osso branco desponta pela perna da calça rasgada, o que dá às passadas arrastadas de Martinez o aspecto de um mancar acentuado.

Ver aquele homem reduzido a uma casca tão monstruosa pega Lilly de surpresa e a tristeza percorre a espinha dela, revira suas entranhas. Ela nunca chegou a conhecer aquele homem muito bem — nem ela, nem ninguém —, pois ele não era muito sociável. Mas, ao longo daquele último ano, em momentos de quietude, Martinez falava sobre os dias pré-praga. Lilly se lembra dos detalhes da vida modesta dele. O homem nunca se casou ou teve filhos, era distante dos pais, mas amava ensinar, amava treinar o time de futebol americano e de basquete na escola secundária Pope John. Quando a praga se alastrou, a escola foi tomada. As primeiras equipes de resgate se mudaram para lá, a fim de proteger as crianças, lutando contra as ondas iniciais dos mortos-vivos, e Martinez tentou salvar uma turma inteira ao trancá-la no ginásio, mas isso acabou sendo inútil. Pesadelos com aquele dia assombraram o homem pelo resto da vida dele — os alunos gritando, chamando as mães conforme as claraboias eram quebradas e os monstros desciam para o ginásio como paraquedistas farroupilhas —, mas a pior parte era a culpa. Martinez mal conseguiu escapar, abrindo caminho pela estação de

carga e descarga... mas nunca se esqueceria dos sons das crianças gritando atrás de si enquanto ele fugia, dos Mordedores devorando a turma em um frenesi gastronômico grotesco.

— Pela aparência daquelas marcas de pneu — murmura Lilly, por fim, aos sussurros —, imagino que o tenham descoberto, que o tenham abatido, talvez com o veículo. — Ela baixa o olhar. — Ele não era perfeito, mas era um de nós... era um homem decente. Não merecia isso.

Austin estende a mão e coloca um braço ao redor dela.

— Não há nada que você pudesse ter feito, Lilly. Ele sabia onde estava se metendo.

— É, acho que sim — murmura ela, toda a confiança sendo drenada da voz.

Austin emite um suspiro cansado.

— Podemos dar o fora daqui agora? Quero dizer... missão cumprida, certo?

Gabe resmunga para ele.

— O que quer dizer com missão cumprida? Nada foi cumprido aqui a não ser o fim de Martinez.

Austin olha para ele.

— Nós o encontramos, não foi? Descobrimos por que ele não apareceu. Não há mais nada que possamos fazer, cara. Caso encerrado.

David se intromete.

— Preciso dizer que concordo com o bonitinho. Pelo que sabemos, o grupo inteiro de fugitivos pode estar morto. Além do mais, o sol vai se pôr daqui a pouco.

Lilly olha por cima do ombro, avalia a trilha e o caminho de volta... Nenhum Mordedor à vista.

— Tudo bem, está decidido — diz ela. — Fiquem abaixados e em silêncio... Não queremos nenhum desses Mordedores na nossa cola.

Eles começam a descer a colina seguindo na direção do leito do rio, mas de repente Gabe fica de pé e dá a volta, passando a frente de Lilly e bloqueando o caminho dela com os olhos incandescentes.

— Espere aí! — Ele a empurra para trás. — Não vamos a lugar algum!

Austin se intromete, tornando-se protetor. Mas Lilly gesticula para que todos retomem as posições agachados.

— Fiquem abaixados, droga! — Ela se vira e olha para Gabe. — Qual é o *seu* problema, porra?

Gabe perfura Lilly com os olhos.

— Precisamos voltar com provas.

— Como é?

— O Governador vai querer provas de que isso aconteceu.

— Provas?! — Ela o encara. — Você tem quatro testemunhas. O que mais você quer, Gabe... uma mecha do cabelo dele? Fala sério, quer arriscar mais vidas?

Gabe leva a mão à perna da calça. Ele pega a faca Randall de uma bainha e a lâmina reluz sob os raios do fim da tarde.

— Faça o que quiser, Lilly... mas não vou voltar sem provas.

Lilly fica agachada ali, embasbacada, observando Gabe se virar e descer a elevação rastejando. Ela se vira para os demais.

— Que inferno da porra. Vamos... precisamos dar cobertura a ele.

Quando chegam à base da trilha coberta de madeira, todas as armas de fogo disponíveis foram sacadas, erguidas, municiadas e

apontadas. Gabe segue na direção da clareira, abaixado atrás de um carvalho antigo e retorcido. Lilly se agacha seis metros atrás dele, mantendo o corpo abaixado e os olhos atentos, agarrando as duas pistolas Ruger semiautomáticas com força nas palmas das mãos suadas. Austin está logo atrás dela com a Glock na lateral do corpo, enquanto David fecha a fileira, avaliando o bosque atrás deles e temendo ter a rota de fuga bloqueada.

O silêncio é agonizante — um peso de dez toneladas paira em cima deles — e os ruídos audíveis agora são a respiração do grupo e a pulsação acelerada deles. Lilly vê Gabe se abaixar e pegar uma pedra. Ela aponta as pistolas Ruger para o enxame distante de errantes do outro lado do campo afastado. Até então, nenhuma das criaturas notou.

O monstro que antes fazia parte do grupo deles — o antigo técnico de futebol americano que, menos de um ano antes, compartilhou uma garrafa de *brandy* no ano-novo com o Dr. Stevens, Alice e Lilly — agora arrasta os pés sem direção pelas ervas-daninhas, a menos de sete metros de Gabe. Os olhos brancos e opacos da criatura como os de uma boneca avaliam as árvores ao redor, a boca escura trabalha e mastiga involuntariamente.

Gabe atira uma pequena pedra pela clareira, na direção de Martinez.

Em uma cena congelada de tensão de arrepiar os cabelos, os quatro humanos observam o Mordedor solitário parar e inclinar a cabeça para o ruído baixo da pedra quicando pelas ervas-daninhas diante dele. O monstro se vira devagar na direção do barulho, então começa a arrastar os pés para mais perto da clareira.

Gabe avança.

O que acontece a seguir ocorre na velocidade de um pesadelo, tudo ao mesmo tempo. Gabe ataca a coisa que um dia esteve no comando da segurança de Woodbury, e, sem hesitar — sem sequer permitir que o Mordedor tenha alguma chance de reagir — enfia com toda a força a lâmina de cerca de trinta centímetros no pescoço do monstro. A faca corta a epiderme, a cartilagem, as artérias, os músculos e a cervical com a força de uma guilhotina.

Do ponto de vantagem de onde está Lilly, parece que Gabe abriu um hidrante de sangue. A cabeça do monstro se solta e cai, e o corpo cambaleia e escoa sangue durante um tempo antes de desabar. Gabe pega o crânio caído, então se vira e corre de volta para a trilha. Infelizmente, o ruído ínfimo gerado pela agressão — uma série negligente de passadas, resmungos e galhos se partindo — se prova suficiente para chamar a atenção dos outros errantes. Lilly percebe isso um minuto antes de o tiroteio começar.

Ela se vira a tempo de ver Austin e David no meio da trilha com as armas em punho, os canos disparando plumas brilhantes de luz — cada tiro emitindo um estalo silenciado —, as cápsulas arrancando as folhagens e derrubando meia dúzia de errantes em uma sucessão rápida pelo canto sudoeste do campo.

Gabe agora está de pé ao lado de Lilly, segurando a cabeça que pinga sangue, procurando o rifle de assalto.

Em um movimento contínuo, ele coloca a mão livre em torno do gatilho de segurança, vira a arma para cima e dispara uma rajada. O cano curto se incendeia e dispara fogo nos corpos dos errantes que se aproximam, abrindo buracos em uma dúzia de crânios, mandando pele, fragmentos de ossos e uma névoa vermelha para as folhagens, derrubando cadáveres reanimados dos mais diversos tamanhos, gêneros e idades na grama alta, formando pilhas

grotescas. A Bushmaster de Gabe emite um estalo sinalizando que está vazia.

Mais criaturas saem do estupor — atraídas pelo barulho do tiroteio e pelo cheiro de tecido vivo — e a dinâmica se altera dramaticamente no campo. Feito um cardume de peixes mudando de direção como um enorme organismo ondulatório, grupos de mortos errantes se viram em uma coreografia bêbada e começam a se arrastar na direção dos humanos. Lilly se levanta e recua, murmurando:

— Há muitos deles, Gabe... muitos... Puta que pariu, *são muitos*!

De pé ao lado dela, Gabe solta um resmungo irritado em resposta e enfia depressa o polegar na alavanca de abertura do rifle, ejetando o pente. Ele se atrapalha com a cabeça decepada e viscosa por um momento, virando a sacola e enfiando o artefato grotesco na bolsa, então puxa mais um cartucho do cinto e o enfia no receptor da arma. Gabe se vira e vê mais um amontoado de mortos abrindo caminho em meio à folhagem imediatamente à direita deles — bocas escuras e mortais trabalhando como bocas de piranhas —, então acerta a alavanca do ferrolho e dispara mais uma rajada.

Lilly se agacha conforme a rajada descontrolada de Gabe percorre as folhas.

A cobertura oposta de folhagem se esfrangalha quando mais meia dúzia de errantes cai em jorros de sangue e tecido. Enquanto isso, Austin e David atiram mais meia dúzia de balas no canto oposto da clareira, acabando com o sofrimento de mais três cadáveres em uma nuvem de bruma sangrenta. Lilly continua recuando, sem ter outra opção, nenhum propósito na luta, nenhuma esperança de estancar o enxame. Toda a população do campo está

agora convergindo para cima deles em uma enorme massa de cadáveres esfarrapados em movimento.

As armas estalam, indicando que estão vazias de novo, e, por um instante frenético, os outros três homens olham por cima do ombro para Lilly, que fica imóvel. O volume de munição e a fúria do contra-ataque envolveram a clareira em uma névoa de cordite e partículas flutuantes, sendo que o nevoeiro é tão espesso que Lilly mal consegue ver os demais conforme a horda se aproxima. O único curso de ação viável está escrito na expressão petrificada dela. Só há uma coisa que eles podem fazer.

Lilly nem precisa dizer.

Eles correm.

Disparando com a cabeça erguida pela vegetação rasteira e densa, Lilly lidera o grupo, saltando troncos caídos e raízes expostas, agitando os braços, o fôlego vindo em arquejos difíceis. Há certo tempo, Lilly era a estrela da corrida na escola de ensino médio Marietta — sua especialidade era a corrida de cinco quilômetros, a qual conseguia completar em pouco menos de 19 minutos — e agora ela entra naquele ritmo natural, que não é uma corrida acelerada nem uma disparada ensandecida, mas sim uma passada suave e rítmica que parece adequada ao seu corpo. O medo afasta todos os pensamentos sobre a gravidez da mente de Lilly e cada músculo no tronco dela está retesado devido ao nervosismo, escondendo qualquer potencial pontada de dor abdominal. As colunas de carvalho preto passam por ela com velocidade estroboscópica conforme Lilly segue o leito do rio. Apesar da sua condição delicada, ela consegue correr por aquele caminho sinuoso com as duas armas ainda presas às mãos frias e dormentes.

Gabe corre logo atrás dela, as pernas grossas agitando-se como as de um *linebacker* da NFL que volta, relutante, para a reunião em campo, o *huddle*, com Austin no encalço, respirando com dificuldade. David é o mais lento, por ter sido fumante a vida toda, e luta para acompanhar o grupo. Em certo momento, ele arrisca olhar por cima do ombro — vendo os errantes ficando mais longe no emaranhado de árvores atrás de David — e o movimento desengonçado quase o derruba... mas ele acaba conseguindo se manter de pé.

O grupo atravessa quatrocentos metros de trilha de floresta em menos de três minutos.

Ao se distanciar, Lilly reduz a velocidade, bufando para recuperar o fôlego, maravilhada com a facilidade com que um humano saudável consegue correr mais do que um batalhão de mortos. Quando está agitado, um Mordedor pode alcançar uma pessoa a uma distância curta, mas a grandes distâncias essas criaturas não têm chance, e grandes distâncias são a especialidade de Lilly.

Ao olhar por cima do ombro, ela vê que os errantes ficaram tão para trás que agora não estão mais à vista; estão contra o vento e não representam mais uma ameaça imediata. Lilly recupera o fôlego ao se aproximar do helicóptero caído.

Ninguém diz nada conforme eles passam enfileirados pelos destroços. O que há para dizer? Martinez está morto — a missão dele fracassou — e sua cabeça decepada agora se contorce e se retrai na bolsa de Gabe feito um motor minúsculo engasgando. Ninguém diz muito enquanto eles encontram o caminho de volta pelo bosque pantanoso adjacente à autoestrada. Ao alcançarem o caminhão, veem Gus de pé do lado de fora com o binóculo nas mãos.

— Como foi? — pergunta ele a Lilly, que atira a mochila no compartimento de carga. — Encontraram ele?

Gabe responde:

— Encontramos, sim. — Ele entra na cabine. — Vamos dar o fora daqui, porra.

— E Martinez? — pergunta Gus ao pegar no volante. A traseira do caminhão estala quando os demais, ainda sem fôlego, sobem com dificuldade. Gus olha para Gabe. — O que aconteceu? O que tem de errado com todo mundo?

Gabe coloca a sacola ensebada no chão da cabine, entre as pernas.

— Apenas saia dessa porra de lugar, Gus, pode ser?

Gus passa a marcha no veículo e retorna para a autoestrada.

No caminho de volta para Woodbury, Lilly está sentada, sozinha, na traseira do compartimento de carga, olhando a paisagem que passa pela fenda de lona tremeluzente, ruminando em silêncio, envolta nos próprios pensamentos. Austin tenta algumas vezes fazer com que ela fale, mas Lilly apenas balança a cabeça, incapaz de esconder a repulsa no rosto, e continua encarando, muda, a luz do sol do fim de tarde que atravessa o borrão de árvores no limite da estrada.

Ela está enojada com a perspectiva de retornar com o conteúdo alarmante da sacola de Gabe. Achava que ele fosse mais são do que isso... mas ela sabe que precisa deixar para lá. Pelo bem de Woodbury, precisa engolir os próprios sentimentos. Afinal de contas, se Martinez tivesse morrido dentro do confinamento da cidade, alguém — provavelmente a própria Lilly — teria sido forçado a picar a carcaça dele para alimentar os Mordedores da arena de qualquer forma. Então por que a ambivalência?

Dissonância cognitiva.

Lilly lembra-se de um psiquiatra em Marietta que certa vez lhe contou sobre esse termo obscuro da psicoterapia — uma expressão chique para os joguetes que a mente de uma pessoa faz consigo mesma quando se depara com duas ou mais ideias conflitantes. Em tempos mais simples, Lilly lutava contra os sentimentos antiéticos de orgulho e de autodepreciação, mas isso quando tinha o luxo de contemplar o próprio umbigo e chorar com um terapeuta sobre os aborrecimentos de seu dia a dia confortável. Hoje em dia é difícil discutir pontos sofisticados de moralidade, ética ou o que é certo e errado. Nessa nova sociedade, a questão é sobreviver até a porra do dia seguinte. E ponto final. É por isso que Lilly não tem nada a acrescentar no momento, e não faz nada além de encarar a luz do sol intermitente — e, em alguns momentos, encolher o corpo diante de mais uma cólica pré-natal.

As dores abdominais têm vindo com mais frequência ultimamente. Lilly perdeu a conta do que as desencadeia — se é que isso existe —, mas Deus sabe que o estresse dos últimos dias poderia muito bem ocasionar a dor. Ela se preocupa constantemente agora com a dieta, o sono e a saúde em geral. Mas, afinal, como é que ela poderia se manter na linha naquele ambiente louco? Austin começou a planejar buscas oficiais para encontrar comida saudável em algum lugar. Macarrão instantâneo e suco Kool-Aid não vão funcionar agora. Lilly precisa de nutrição de verdade, e precisa disso consistentemente.

Depois que voltam para a cidade e o grupo se separa, Lilly fica calada. Não conversa muito com Austin naquela noite, apesar de ele, como sempre, parecer preocupado com ela. Pela cidade, rumores de que o Governador planeja aparecer aquela noite na pista de corrida

se espalham. Austin precisa implorar para que Lilly vá com ele. O rapaz tem a sensação de que os dois deveriam estar presentes — assim como cada residente — porque não há como saber o que Philip pode dizer.

Austin acredita que eles podem estar diante de um ponto de virada na evolução da comunidade, um marco que nenhum deles nunca viu — um momento realmente crucial. Mas nem Austin nem Lilly — ou *qualquer um* em Woodbury, na verdade — fazem alguma ideia de quão crucial esse momento se revelará.

SETE

Precisamente às 21h01 do horário padrão do leste naquela noite, 11 de maio, no segundo ano do que alguns dos moradores mais religiosos de Woodbury agora chamam de a Grande Tribulação, o poste de xenônio acima da ponta sul da pista de corrida se acende, projetando o brilho de magnésio quente sobre a pista e dando ao campo empoeirado — assim como à pista oval gasta e antiga — um tom prateado surreal. As vozes altas que vêm da fileira central da arquibancada imediatamente cessam, dando lugar a murmúrios e conversas nervosas de uma congregação que se prepara para oferecer suplício e dízimo a um clérigo rigoroso. Nenhum viva ou grito, nada de torcida — na verdade, nada da balbúrdia habitual que acompanha uma noite típica de luta em Woodbury —, agora há somente o zumbido baixo dos sussurros ansiosos.

Devido a um curto-circuito no gerador ou talvez a uma imperfeição no filamento de xenônio da lâmpada, o raio intenso que brilha na arena começa a falhar. Outros postes de xenônio ganham vida, também falhando intermitentemente. O efeito tem o aspecto onírico e de abalar os nervos de um projetor de filme que está fora do eixo, o que resulta em flashes que criam fantasmas de demônios feitos de poeira de nitrato e que se movem em câmera lenta, além de

lixo rodopiando pela pista abandonada e pelas baias vazias dos errantes à brisa noturna.

Algo épico está prestes a acontecer, e cada um dos cinquenta ou mais espectadores, o que constitui cerca de oitenta por cento da população da cidade — Woodbury está agora perto de ter sessenta almas — está inquieto, em estado de assombro ansioso. Em cada quarteirão espalhou-se a notícia de que as festividades da noite terão um pronunciamento especial do recluso Governador, e ninguém quer perder isso. Alguns entraram na arena naquela noite com grandes esperanças acerca de uma remediação, uma dose de segurança do homem que faz as coisas, mantém as engrenagens engraxadas e cuida de todos. Mas, conforme os minutos se aproximam da hora marcada, o humor fica espontaneamente sombrio. É como se o temor coletivo de viver durante a Grande Tribulação tivesse se tornado nada mais do que um micróbio, infeccioso como tuberculose, contagioso pelo ar e pelos olhares furtivos dos oprimidos.

Depois de mais alguns minutos — agora são 21h05 — o estalo alto do sistema de pronunciamento público reverbera pelo anfiteatro.

— *BOM POVO DE WOODBURY* — ecoa a garganta envolta em uísque de Rudy Warburton, o bom garoto de Savannah que usou suas habilidades com reboco na construção das barricadas. As palavras dele têm a característica pomposa de um discurso que acabou de ser entregue ao homem, provavelmente pelo próprio Governador. — *VAMOS DAR BOAS-VINDAS CALOROSAS A NOSSO LÍDER, NOSSA LUZ GUIA... O GOVERNADOR!*

Durante um momento, não acontece nada além de uma salva de palmas tépida e alguns vivas esmaecidos que ecoam da arquibancada.

Bem no canto, na primeira fileira, perto da barreira de cerca retorcida, sentada ao lado de Austin, Lilly Caul observa, espera e rói as unhas. Ela está cobrindo os ombros da jaqueta jeans com um cobertor e mantém o olhar fixo no portal mais afastado, por onde o Governador prefere entrar e sair do campo.

Conforme a pausa desconfortável se prolonga e os murmúrios coletivos recomeçam, Lilly rói as cutículas. Ela havia conseguido parar de roer as unhas algumas semanas antes — estranhamente, bem na época em que descobriu que estava grávida —, mas agora o hábito retornou com força total. As pontas dos dedos dela já estão em estado de miséria, no sabugo e descascadas, com minúsculas fissuras. Ela se senta em cima das mãos, respira fundo para afastar mais uma pontada de cólica e uma mecha de cabelo castanho sopra diante de seus olhos.

Austin se vira para Lilly, estende a mão e afasta o cabelo dos olhos dela.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou ótima — responde ela com um sorrisinho sarcástico. Os dois conversaram muito sobre os enjoos matinais, as aflições do primeiro trimestre, as cólicas e as dores. Mas os medos não ditos dos dois estão na base de todas as conversas que eles têm agora. Será que esses sintomas são normais? Será que Lilly corre perigo de perder o bebê? Como ela vai conseguir a nutrição e os cuidados pré-natais de que precisa? Será que Bob é capaz de cuidar de Lilly? E a maior de todas as preocupações: será que o velho médico do exército está apto a fazer o parto de um bebê quando chegar a hora? — Eu só queria que ele saísse logo — murmura Lilly, inclinando de leve a cabeça na direção do canto sombreado na ponta norte da arena. — O suspense está matando essas pessoas.

Quase como uma deixa, como se as palavras de Lilly tivessem conjurado o homem, a multidão fica em silêncio — e o silêncio é tão inquietante quanto um fusível se acendendo — quando uma figura macilenta surge à boca do portal.

Todas as cabeças se viram na direção norte e vários rostos ansiosos ficam boquiabertos, em consternação completa, quando o homem do momento se dirige vagarosamente ao centro do campo. Ele veste o colete de caça, sua marca registrada, calça camuflada e coturnos, mas se move com cautela, com a ansiedade cuidadosa de uma vítima de derrame, dando um passo de cada vez. Rudy, o apresentador substituto, anda ao lado do Governador segurando uma pequena caixa de papelão manchada de graxa e um microfone sem fio. O que choca o público não é o tapa-olho de couro preto. Nem a profusão de cicatrizes e ferimentos desbotando, visíveis até mesmo a uma grande distância, na pele exposta do Governador. O que incomoda a todos é o braço faltando.

Philip Blake para diante do público, pega o microfone da mão de Rudy, aperta o botão de LIGAR, então olha para a multidão. O rosto dele parece pálido como porcelana sob a luz de xenônio piscando, e o efeito o faz parecer espectral, como se saísse de um pesadelo — um personagem em um filme mudo esquecido que se move através de cortes secos.

A voz dele estala pelos alto-falantes conforme Rudy sai do campo:

— *PEÇO DESCULPAS POR TER ESTADO INDISPONÍVEL PARA VOCÊS RECENTEMENTE*. — O Governador para e avalia os rostos silenciosos. — *SEI QUE ALGUNS ASSUNTOS DA COMUNIDADE SURGIRAM E EU NÃO PUDE RESOLVÊ-LOS... E, POR ISSO, PEÇO DESCULPAS*.

Nenhuma reação emana da multidão, com a exceção de alguns pigarreios. Da primeira fileira, no canto norte da arquibancada, Lilly sente uma descarga de apreensão. A condição do Governador, de alguma forma, parece mais grave naquela luz tremeluzente terrível.

— *OS JOGOS VOLTARÃO COM FORÇA TOTAL EM BREVE* — continua ele, indiferente ao silêncio bizarro e à tensão tão densa que parece pesar sobre o estádio como um nevoeiro. — *MAS COMO DEVEM TER NOTADO AO ME VER... TIVE OUTROS ASSUNTOS, MAIS URGENTES, PARA TRATAR*.

Ele fez outra pausa, conforme observa as fileiras de residentes com rostos sombrios.

Lilly estremece — apesar do ar úmido da noite, que tem cheiro de borracha queimando — e uma onda inexplicável de pesar a percorre. *Espero que ele consiga fazer isso; precisamos que ele volte, precisamos de uma liderança, precisamos que ele seja o Governador*. Segurando com força o colarinho com uma das mãos, Lilly sente emoções conflituosas se chocando dentro de si. Ela sente empatia pelo homem, vergonha, ódio incandescente pelos filhos da puta que fizeram aquilo, e, sob a superfície de tudo isso, incessante e primordial, uma onda debilitante de dúvida.

— *COMO SABEM, FAZ MUITO TEMPO QUE NOVAS PESSOAS CHEGARAM À CIDADE*. — Ele respira fundo como se estivesse se preparando para um rompante de dor. — *ENTÃO... RECENTEMENTE, QUANDO UM PEQUENO GRUPO DE SOBREVIVENTES APARECEU, FIQUEI ANIMADO. PENSEI QUE ERAM COMO NÓS... ESTAVAM FELIZES POR TEREM SOBREVIVIDO... AGRADECIDOS POR VEREM OUTROS SOBREVIVENTES... MAS NÃO FOI ISSO QUE ACONTECEU*. — Na pausa que se segue, as palavras do Governador ecoam no céu e

ricocheteiam na multidão atingindo as fachadas das lojas distantes. — *EXISTE O MAL NESTE MUNDO... E NEM TODO ELE ESTÁ NA FORMA DAQUELES MOSTROS MORTOS-VIVOS ARRASTANDO AS GARRAS EM NOSSAS CERCAS*.

Por apenas um instante, o Governador olha para a caixa de papelão ao seu lado. Lilly se pergunta o que tem ali dentro — algum tipo de apresentação visual, talvez — e a sensação que aquilo lhe dá não é exatamente de conforto. Lilly imagina se mais alguém na arquibancada está tão incomodado com aquela caixa encharcada, mofada e manchada de sangue quanto ela. Será que ocorre a alguém que o que quer que tenha dentro da caixa pode mudar o curso do destino deles?

— *A PRINCÍPIO, EU NÃO FAZIA IDEIA DO QUE ELES ERAM CAPAZES* — continua Philip Blake, voltando a olhar para o campo. — *CONFIEI NELES... E ERREI FEIO. PRECISAVAM DE SUPRIMENTOS, DE ALGUMAS COISAS QUE PARECÍAMOS TER EM GRANDE QUANTIDADE. ELES MORAM NUMA PRISÃO AQUI PERTO. LEVARAM NOSSO CHEFE DE SEGURANÇA, MARTINEZ, COM ELES. ACHO QUE FALARAM EM UNIR OS ACAMPAMENTOS... UM GRUPO SE MUDARIA PARA O LUGAR MAIS SEGURO*.

Agora, ele se ajoelha perto da caixa e sua voz fica baixa e grave com desprezo. O microfone capta cada nuance, cada estalo de lábios, cada clique e arranhão no fundo da garganta do Governador.

— *ALGUNS DELES FICARAM PARA TRÁS... E, CERTA NOITE, QUANDO EU ESTAVA COM A GUARDA BAIXA, ELES ME ATACARAM E ME TORTURARAM... ME MUTILARAM... E ME DEIXARAM PARA MORRER*.

Do canto das arquibancadas, Lilly ouve com atenção, o estômago gelando. Ela detecta um leve floreio na verdade. “Eles” o atacaram? “Eles” o torturaram? Mas foi a mulher com a katana, não foi? O que ele está planejando? A desconfiança de Lilly começa a remoer dentro dela conforme o homem naquela pantomima de luz poeirenta e tremeluzente continua seu discurso, a voz ficando mais baixa e mais grave a cada minuto.

— *ELES ESCAPARAM* — prossegue o Governador, ajoelhando-se ao lado daquela caixa misteriosa como se um palhaço de papel estivesse prestes a saltar dali de dentro. — *MAS TODOS VOCÊS PRECISAM SABER DISSO*. — Ele para e avalia a multidão como se os medisse. — *PELO CAMINHO, MATARAM O DR. STEVENS. ESSAS PESSOAS SÃO SELVAGENS, CRUÉIS E DESUMANAS*.

Ele faz outra pausa, como se a exaltação do ódio já o tivesse exaurido.

Lilly observa o homem ajoelhado sob a poça tremeluzente de luz fosfórea. Tem algo muito, muito errado em relação àquilo. Como o Governador sabe que foram eles que mataram o Dr. Stevens? Estava em coma na época e todas as testemunhas já se foram há muito tempo. Como sabe que Stevens simplesmente não esbarrou num ninho de Mordedores? Lilly cerra os punhos.

— *EU TEMIA PELA VIDA DE MARTINEZ* — continua o homem. — *SEM SABER SE O HAVIAM LEVADO COMO PRISIONEIRO OU ALGO PIOR. ANTES QUE PUDÉSSEMOS MANDAR UMA EQUIPE DE BUSCA, À NOITE DEIXARAM ALGO NO PORTÃO PRINCIPAL*. — O Governador abre as abas no topo da caixa. Ele tira lá de dentro um objeto escuro e reluzente do tamanho de uma bola de basquete vazia.— *ELES DEIXARAM ISTO!*

Philip fica de pé e exibe o objeto para o escrutínio de todos os presentes.

Apesar da exclamação coletiva, dos arquejos baixos e do desvio de olhares entre alguns dos espectadores, uma estranha transferência ocorre entre o público. A visão de uma cabeça decepada sendo erguida pelo cabelo e oscilando no espaço provoca uma reação inata nos humanos, uma reação composta não só por uma repulsa natural, mas também por centenas de milhares de anos de programação genética.

No canto da arquibancada, com as mãos dobradas no colo, Lilly apenas olha para baixo e balança a cabeça. Ela já esperava algo como aquilo. Apesar de todas as mentiras a terem pegado de surpresa, a visão da cabeça drenada de sangue de Caesar Martinez provoca mais repulsa do que ela imaginava. Lilly a viu de relance, uma ou duas vezes no bosque, durante a retirada tempestuosa do campo, mas *aquilo* — aquela coisa nojenta suspensa pelo cabelo na mão do Governador — parece de algum modo *diferente* no contexto da lâmpada de xenônio falhando. Uma cabeça humana decepada de sua estrutura é registrada pela mente em estágios, primeiro como artificial, então, quase comicamente macabra — o rosto pálido e emborrachado do homem de origem latina que já fora bonito é agora um mero *simulacro* de rosto —, uma efígie carnuda de Halloween com um olhar de fome congelado nas feições.

Então o verdadeiro horror logo se revela e a realidade do espetáculo se instaura.

Por um breve instante, enquanto o Governador segura em silêncio o objeto para que todos o absorvam, a cabeça oscila, preguiçosamente, no pêndulo de cabelo. Para Lilly, o movimento

parece lânguido e onírico à luz tremeluzente. Fiapos de tendões ensanguentados e nervos pendem da base dilacerada como se fossem raízes. Um fluido preto pinga da boca escancarada, e, se não fosse pelo filme leitoso nos olhos, seria difícil dizer se Martinez já havia se transformado quando ocorreu a decapitação. Uma bandana surrada ainda se agarra ao crânio, manchada e ensopada de sangue.

As pessoas nas fileiras dos fundos, olhando para a abominação a uma distância de mais de vinte metros, não conseguem ver que o rosto sem sangue ainda se contorce com o rigor mortis inquieto dos mortos-vivos — os tiques nervosos e os estremecimentos, as articulações enferrujadas da mandíbula ainda pulsando, como pulsarão eternamente até que a coisa seja incinerada ou o cérebro, destruído. Lilly está entre os poucos próximos o bastante para ver isso. Ela reconhece os sinais pesarosos da condenação eterna.

— Meu Deus — murmura Lilly para ninguém em especial, mal reconhecendo a presença de Austin ao seu lado ou o reconforto carinhoso da mão dele em seu braço.

O homem no campo tremeluzente comenta:

— *EU SABIA QUE NENHUM DE VOCÊS GOSTARIA DE VER ISTO E PEÇO DESCULPAS POR TÊ-LOS CHOCADO. SÓ QUERO DEIXAR TODOS TOTALMENTE CIENTES DO TIPO DE GENTE COM QUE ESTAMOS LIDANDO AQUI.* — Mais uma pausa dramática do Governador. — MONSTROS*!*

Lilly engole o nojo. Ao lançar um rápido olhar por cima do ombro, ela vê a ação traiçoeira se espalhar pela multidão. Alguns dos homens presentes cerram os punhos, as expressões mudam visivelmente de choque para ódio, os olhos se estreitam com raiva. Algumas das mulheres seguram os filhos com mais força, virando os rostos deles para os corpos dela, apoiando-os no peito, desviando os

olhares jovens do horror no campo. Outros trincam os dentes em um rompante de ódio e sede por vingança. Lilly está assombrada pela manipulação que ocorre, a mentalidade de multidão emergindo em meio ao público.

A voz no alto-falante continua:

— *ESSES SELVAGENS SABEM ONDE MORAMOS! SABEM O QUE TEMOS! CONHECEM NOSSAS FORÇAS E NOSSAS FRAQUEZAS!* — O Governador avalia os rostos angustiados. — *ACHO QUE DEVEMOS* ATACÁ-LOS *ANTES QUE ELES TENHAM A CHANCE DE VIR ATRÁS DE* NÓS*!*

Agora Lilly se encolhe diante do coro inesperado de gritos e urras que vem da arquibancada atrás dela. E não só dos homens. As vozes representam todas as idades, sexos e sensibilidades — elevando um aleluia sombrio de gritos até o brilho prateado tremeluzente do céu. Alguns dos espectadores erguem os punhos no ar. Outros dão gritos confusos de ódio que parecem quase bestiais. O Governador se alimenta disso. Ainda segurando a cabeça decepada como se fosse um personagem shakespeariano degenerado numa peça, movendo-se sob a câmera lenta surreal das lâmpadas piscando, ele incita o grito de ação ao falar no microfone:

— *EU ME RECUSO A FICAR PARADO E PERMITIR QUE ELES NOS DESTRUAM... NÃO DEPOIS DE TUDO O QUE PERDEMOS, NÃO DEPOIS DE TUDO O QUE SACRIFICAMOS!*

Alguns dos espectadores começam a gritar encorajamentos como se dessem uma resposta religiosa, o que faz Lilly estremecer com pesar e lhe garante mais um reconfortante tapinha no braço de Austin, o qual sussurra incessantemente para ela agora:

— Está tudo bem... vai ficar tudo bem... está tudo bem, Lilly...

Atrás dos dois, um homem vocifera:

— É ISSO AÍ, PORRA!

Outro grita:

— ESTÁ CERTO!

E as vozes se elevam e inflam conforme o Governador abafa o barulho com seu grunhido amplificado:

— *TRABALHAMOS DEMAIS PARA CONSTRUIR O QUE TEMOS AQUI E NEM MORTO VOU PERMITIR QUE ALGUÉM TIRE ISSO DE MIM!*

A multidão ruge e, para Lilly, isso basta. Ela fica de pé e olha para Austin. Assentindo, ele se levanta e, saindo pelo canto do estádio, a segue para o lado de fora.

— *FICO FELIZ POR VER QUE SENTEM O MESMO* — diz o Governador à multidão agora, e o tom de voz dele se acalma, sua voz se torna quase hipnótica. — *PRIMEIRO, PRECISAMOS ENCONTRÁ-LOS. SEI QUE A MAIORIA DAS PESSOAS QUE MORAVA NESTA ÁREA MIGROU PARA ATLANTA QUANDO O GOVERNO ORDENOU QUE TODOS NÓS FÔSSEMOS PARA AS CIDADES... MAS DEVE TER ALGUÉM AQUI QUE SEJA UM POUCO FAMILIAR COM O LOCAL. SE TIVER, POR FAVOR, ME DIGA*.

Ao saírem da arena, andando pela escuridão irritante de um túnel de saída cheio de lixo, Lilly ouve a voz amplificada como uma aparição fantasmagórica ecoando e reverberando pela passagem.

— *A PRISÃO ONDE ELES MORAM PODE ESTAR A 8 QUILÔMETROS OU A 25... E NEM MESMO TEMOS CERTEZA DA DIREÇÃO EM QUE FICA. ISSO* NÃO *VAI SER FÁCIL.*

Lilly e Austin emergem do túnel e seguem para longe da edificação, e o som da voz estalando se dissipa.

— MAS CONSEGUIREMOS... ELES SERÃO PUNIDOS... DISSO VOCÊS PODEM TER CERTEZA.

Lilly dorme muito pouco naquela noite. Ela se contrai no emaranhado de lençóis ao lado de Austin, sentindo-se pesada, letárgica e enjoada. Tem tomado vitaminas pré-natais na última semana e bebido o máximo de água que consegue, e sua bexiga anda em alerta total. Pelo menos meia dúzia de vezes durante a noite, Lilly se levanta e vai ao banheiro e, enquanto está sentada no vaso sanitário, ouve as vozes esquisitas, perturbadoras e distantes dos mortos sem rumo ao vento nos vastos campos de pastos escabrosos a oeste da cidade. O Governador havia assinalado corretamente que os Mordedores não eram a verdadeira fonte do mal naquele novo mundo, e ele tinha razão. Mas agora Lilly remói um amontoado de emoções contraditórias e dúvidas pútridas. Ela quer acreditar no Governador — precisa disso —, mas não pode ignorar os medos que a habitam. Sua pele formiga e se arrepia toda conforme ela caminha pelo apartamento, deitando-se na cama e se levantando, tentando não acordar Austin.

Quando a luz cinzenta do alvorecer afasta as sombras, Lilly já formulou um plano de ação. Ela conversará com o Governador — tentará argumentar com ele —, que a ouvirá se ela o abordar do modo certo. Afinal de contas, todos querem o mesmo: manter Woodbury em segurança. Mas deixar as pessoas agitadas daquela forma — toda aquela provocação — é loucura. Lilly precisa colocar juízo no homem. Ele a ouvirá. Ela precisa tentar.

Lilly espera até o meio da manhã — sofrendo durante um café da manhã tenso com Austin — para ir encontrar o Governador.

Austin quer ir com ela, mas, por algum motivo, Lilly quer fazer isso sozinha.

Ela tenta o apartamento primeiro, mas não encontra ninguém. Então vai até a enfermaria e pergunta a Bob se ele o viu, mas Bob não faz ideia de onde Philip está no momento. Lilly anda sem rumo pelas ruas por um tempo, até que ouve o barulho de tiros vindo das cercas atrás da pista de corrida. Ela segue esse som.

O dia já esquentou, o céu pálido está pesado com a umidade. O sol alto cozinha o estacionamento de asfalto rachado e o ar tem cheiro de piche e estrume. Lilly já suou a camiseta da Georgia Tech e o short jeans desfiado, e suas cólicas voltaram. Ela não tem apetite e não sabe dizer o que perturba mais seu sistema: a gravidez ou o medo.

Do lado sul da arena, Lilly encontra Gabe e Bruce parados perto de um portão, fumando, os rifles jogados nos ombros em estilo paramilitar. Os estalos intermitentes de tiros de pequeno calibre ecoam atrás deles, vindos de algum lugar da enorme barricada de arame farpado que separa a cidade dos arredores infestados de errantes.

— Philip está por aí? — pergunta Lilly a Gabe ao se aproximar dos dois guarda-costas.

— O que você quer? — exclama Bruce Cooper antes que Gabe tenha a chance de dizer qualquer coisa. — Ele está ocupado agora.

— Ei, calma — diz Gabe ao enorme homem negro de peitoral tão largo quanto um barril paramentado em roupa camuflada encharcada de suor. — Ela está do nosso lado. — Gabe se vira para Lilly. — Ele está na cerca treinando um pouco de tiro ao alvo, Lilly. Do que precisa?

— Só queria falar com ele um segundo — diz ela. — Já deram sorte com a busca pela prisão?

Gabe dá de ombros.

— Temos gente vasculhando de cima a baixo em Macauster Lane, mas nada ainda. Posso ajudar em alguma coisa?

Lilly suspira.

— Só achei que poderia ter uma conversa com o Governador, nada de mais... é que tive umas ideias.

Gabe e Bruce compartilham um olhar ligeiro.

— Não sei. Ele disse que não queria ser...

Nesse momento, o som de uma voz grave ecoa da esquina.

— Tudo bem... podem deixar ela vir aqui!

Os dois deixam Lilly passar e ela atravessa o portão, caminha por uma calçada estreita, passa por fileiras de vagas de estacionamento para deficientes vazias, até que vê um homem macilento, de um braço só, vestindo jaqueta militar verde-oliva de pé a meia distância, perto de uma barricada de cerca retorcida.

— Órgão incrível, o cérebro humano — diz ele, sem olhar para Lilly. O homem está parado ao lado de um carrinho de mão cheio de armas, de todos os tamanhos e calibres, e logo fica óbvio que o Governador estava atirando em errantes do outro lado da cerca como se tentasse a sorte numa brincadeira grotesca de tiro ao alvo. Uma dúzia ou mais de corpos em frangalhos estão caídos no chão do lado de fora da barreira de cerca, e o ar está quase azul com a fumaça das armas. — É como um computador que pode reiniciar — murmura ele, pegando uma pequena pistola 9 mm do carrinho com a mão esquerda. Depois ergue a arma, abaixa o ferrolho com o polegar e mira. — No entanto, uma porcaria que de tão frágil... pode desligar a qualquer momento.

O Governador atira no aglomerado de errantes do outro lado da cerca.

— MERDA! — A bala acerta de raspão o crânio de uma fêmea que usa um vestido de verão surrado e manchado de sangue. A fêmea cambaleia, mas se mantém de pé, então continua se debatendo contra a cerca. O Governador cospe, com ódio. — Não valho nada com a mão esquerda! — Ele atira outras vezes, até que o quarto disparo estilhaça o crânio da fêmea em uma fonte de matéria encefálica que a manda deslizando para a base da cerca em uma trilha viscosa de sangue. — Isso não vai ser fácil — resmunga Philip. — Ter que reaprender cada instrução, porra. — Ele olha para Lilly. — Veio me passar um sermãozinho?

Ela olha para ele.

— Como assim?

— Percebi que você não ficou muito animada com a minha pequena apresentação.

— Eu nunca disse...

— Vi pela sua linguagem corporal, pela sua expressão... Você não parecia muito feliz com minhas habilidades oratórias.

O modo como ele diz isso, com o sotaque da Geórgia — pronunciando com exagero a palavra "o-ra-tóóóó-rias" — faz os pelos da nuca de Lilly se arrepiarem. Será que está brincando com ela? Está desafiando-a? Lilly umedece os lábios e escolhe as palavras com cuidado.

— Tudo bem, olhe... tenho certeza de que sabe o que está fazendo. Não estou tentando dizer a você como deve governar esta cidade. É só que... havia crianças naquela plateia.

— E você acha que ultrapassei os limites quando mostrei a eles o que havia restado de Martinez.

Lilly respira fundo.

— Tudo bem, sim... para ser sincera... é... achei que foi um pouco demais.

O Governador coloca a 9 mm de volta no carrinho de mão e escolhe uma .357 revestida de níquel. Ele verifica o cilindro e mira outro tiro.

— Uma guerra se aproxima, Lilly — diz o homem, baixinho, acertando uma bala em outro errante à sombra de um carvalho antigo e retorcido. — E prometo uma coisa a você. — O braço esquerdo do Governador agora está tão imóvel quanto uma viga de aço. — Se essas pessoas não estiverem prontas para defender nossa cidade a qualquer custo, perderemos... *tudo*. — Seu dedo indicador esquerdo acaricia a alça do gatilho. Ele está pegando o jeito. — Tudo o que você ama... tudo o que estima, Lilly. Você vai, garanto, *perder*.

O Governador fecha o olho direito e olha pelo cano da arma com o esquerdo, então atira.

Lilly não se encolhe ao ouvir o barulho — sequer estremece, apesar do volume do disparo da .357 —, em vez disso, apenas fica de pé ali, encarando o homem, pensando, sentindo a frieza do pesar se transformar em uma certeza dentro dela. O Governador tem razão.

Do outro lado da cerca, um grande Mordedor do sexo masculino dobra o corpo em direção ao chão em um batismo de sangue e fluidos. Lilly trinca os dentes com força. Ela sente a minúscula faísca de vida dentro do seu corpo, lutando, uma semente sedenta pela luz do sol.

Por fim, Lilly fala, bem baixinho:

— Você está certo. Estou do seu lado, todos estamos, não importa o que acontecer. Estamos prontos. Não importa quão ruim fique.

Naquela tarde, as cólicas pioram até Lilly não conseguir sequer ficar de pé. Ela está deitada em posição fetal no futon do quarto com cobertores de mudança tapando as janelas para bloquear a luz ríspida do sol da primavera. Lilly está com um pouco de febre — 38 graus na hora do jantar — e começa a ver feixes de luz no seu campo de visão como se fossem manchas de sol, brilhando forte a cada dor lancinante no abdômen, e a sentir um latejar constante na ponte do nariz.

Às 18 horas, os calafrios começam a percorrer o corpo dela, fazendo Lilly estremecer convulsivamente debaixo do cobertor térmico em frangalhos que Austin trouxe da própria casa. Ela sente como se estivesse prestes a vomitar, mas não consegue. Está arrasada.

Por fim, Lilly consegue sair da cama para ir ao banheiro. Sua lombar está pinçada pela dor, retesada, conforme ela arrasta os pés descalços pelo piso de madeira, cambaleando até o banheiro e se fechando na câmara fétida de azulejos rachados e piso de linóleo antigo. Ela desaba no vaso sanitário e tenta fazer xixi, mas nem disso é capaz.

Austin a estava obrigando a tomar fluidos, tentando evitar que Lilly ficasse desidratada, mas o sistema fisiológico dela está tão detonado que Lilly não suporta tomar mais que alguns mililitros de água por vez. Agora, está sentada na escuridão do banheiro tentando respirar entre as cólicas, as quais enviam tremores de agonia pelo intestino e estômago de Lilly. Ela se sente fraca. Detonada. Inerte. Como se um piano tivesse acabado de cair em cima dela. Será que é só estresse? Lilly olha para baixo e pisca.

Ela vê o sangue, de cor forte como geleia de morango, manchando as beiradas da sua calcinha, as quais agora pendem dos

tornozelos de Lilly. O corpo inteiro dela fica gélido. Lilly tem verificado com frequência sua calcinha em busca de manchas e até então só a tinha encontrado limpa. Ela tenta manter a calma, tenta respirar fundo, tenta pensar.

Uma batida alta a tira do estupor.

— Lilly? — A voz de Austin vem do lado de fora da porta, com um toque de sobressalto. — Você está bem?

Ela inclina o corpo para a frente e agarra a maçaneta, quase caindo do assento de porcelana. Lilly consegue entreabrir a porta e então encara os olhos vítreos e aterrorizados de Austin.

— Acho que talvez devêssemos ver Bob — murmura ela, a voz rouca de medo.

OITO

Naquela noite, Philip Blake limpa a casa — metafórica e literalmente —, ele é um homem à beira da revolução, um guerreiro no precipício da guerra. Ele quer que o ambiente reflita a organização limpa, austera e estéril do seu cérebro. Chega de vozes sem corpo, chega de ambivalência trazida por seu segundo eu simbiótico. Na autoclave da sua mente — cauterizada e limpa pela tribulação — qualquer vestígio de Brian Blake foi queimado, varrido das fendas obscuras dos pensamentos. Ele é um mecanismo preciso agora — calibrado para uma única coisa e nada mais: *a vingança*.

Então Philip começa o processo com os quartos do apartamento, a cena do crime. Ainda há sinais desbotados da abominação; ele se sente impelido a limpar ainda mais fundo.

Bruce leva para ele produtos de limpeza do armazém, e o Governador passa horas erradicando qualquer evidência restante da tortura que passou nas mãos daquela vadia lunática com a espada. Ele limpa as paredes da sala com desinfetante Dutch, trabalhando desengonçadamente com a mão esquerda, e, com cuidado, passa um aspirador Dirt Devil movido à bateria no carpete manchado, o qual ainda exibe manchas fracas do sangue dele. Philip usa um solvente nas manchas mais teimosas, esfregando com uma escova macia até o

carpete começar a desfiar. Ele arruma os quartos, faz a cama, separa a roupa suja em sacolas, limpa o piso de madeira com Murphy's Oil Soap e tira a sujeira de lodo dos vidros de sua matriz de aquários, prestando pouca atenção às cabeças decepadas que se contorcem dentro deles.

Philip mantém Penny acorrentada ao parafuso da entrada enquanto trabalha e a cada poucos momentos nota a presença da menina no outro quarto — o zumbido baixinho dos grunhidos perpétuos dela, o chacoalhar insistente da corrente que Penny puxa numa tentativa de escapar, o leve estalar dos dentes da filha, como os de piranhas, fechando-se no ar com fome cega. Conforme Philip limpa ao redor de Penny, ele se vê cada vez mais incomodado por aquele ruído baixo dos estalos.

O Governador leva horas para desinfetar o lugar como quer. Trabalhar com um braço só torna algumas das tarefas, tais como abrir um saco de lixo ou empurrar a vassoura até os cantos, um pouco complicadas. Para piorar as coisas, ele continua vendo cantos que não limpou, depressões e fendas ainda com sinais de seu tormento — poças grudentas de sangue seco, um rolo de fita descartada, uma lasca da furadeira ainda incrustada com tecido debaixo de uma cadeira, uma unha do dedo da mão presa nos fiapos do carpete. Philip continua limpando até o meio da noite, até ter quase apagado cada resquício de seu sofrimento. Chega até mesmo a reorganizar a mobília escassa para cobrir ou esconder as cicatrizes que não pode expurgar, como as marcas de queimadura do maçarico e os buracos de pregos no tapete do painel de madeira compensada.

De longe, Philip acaba com qualquer prova visível de que a tortura sequer ocorreu ali.

Satisfeito com o trabalho, ele desaba na poltrona do cômodo ao lado. O zumbido baixo dos aquários o acalma, os estampidos e estalos abafados dos rostos reanimados se chocando contra a parte interna do vidro são quase tranquilizadores. Philip encara os rostos inchados e molhados que ondulam por trás dos véus de água. Ele imagina o momento glorioso no qual vai despedaçar cada pedacinho daquela vadia de dreadlocks... e, por fim, cai no sono.

Ele sonha com os velhos tempos e se vê em casa, em Waynesboro, com a mulher e a filha — um mito que seu cérebro agora entalhou em si mesmo com a perenidade de uma tábua de pedra —, o que o deixa feliz, muito feliz, talvez a única época na qual tenha sentido tamanha felicidade na vida. Philip segura Penny no colo no pequeno e aconchegante jardim de inverno da cozinha, nos fundos da casa de acabamento em réguas de madeira em Pilson Street, com Sarah Blake aninhada no sofá ao lado deles, a cabeça dela apoiada no ombro de Philip enquanto ele lê um livro do Dr. Seuss para Penny.

Mas alguma coisa invade a cena: um ruído esquisito de batidas, um tilintar constante e metálico. No sonho, Philip ergue o rosto para o teto e vê rachaduras se formando; cada ruído de batida abre outra rachadura fina no gesso acima e um vazamento de partículas de poeira desce pelos raios de sol. O som das batidas aumenta e acelera, e ele vê mais rachaduras se formando, até que o teto começa a se partir. Philip grita no momento em que o cômodo desaba.

O cataclismo o acorda.

Philip impulsiona o corpo para a frente na poltrona, sobressaltado, os ferimentos doendo com pontadas lancinantes de agonia devido aos golpes com o martelo, as lacerações e as perfurações, que ainda estão repuxando as suturas debaixo das

roupas dele. Philip está encharcado de suor frio e seu braço fantasma lateja. Ele engole ácido estomacal, olha ao redor do quarto — o brilho fraco e as bolhas dos aquários o trazem de volta à realidade — e percebe que ainda ouve o ruído infernal de estalos.

O ruído de Penny rangendo os dentes no outro cômodo.

Ele precisa fazer algo em relação àquilo.

O último estágio da limpeza da casa.

— Não se preocupe, menina Lilly, por acaso tenho bastante prática em pegar bebês — diz Bob Stookey, mentindo descaradamente para o casal à luz prata como magnésio da enfermaria subterrânea.

É o meio da noite e a sala cavernosa está em silêncio como um necrotério. Bob levou um oxímetro de pulso até a cama na qual Lilly está deitada, coberta por um lençol, com Austin por perto, inquieto, roendo as unhas e lançando olhares de um lado para outro, do rosto pálido de Lilly para a expressão sorridente e envelhecida de Bob.

— Não sou nenhum obstetra — acrescenta Bob —, mas precisei cuidar de algumas garotas grávidas durante o tempo que passei no exército. Você e seu bebê vão ficar bem... nos trinques... cem por cento, mocinha.

Na verdade, Bob cuidou apenas de uma mulher grávida durante o tempo que passou no Afeganistão — uma intérprete —, uma garota local que tinha apenas 17 anos quando um dos caras do posto de trocas a engravidou. Bob escondeu a condição da jovem até o dia em que ela sofreu um aborto. Foi ele quem teve que dar a notícia à mulher — embora ele estivesse convencido, na época e até hoje, de que ela já sabia. Uma mulher sabe. É simples assim... *uma mulher sabe*.

— E as manchas? — pergunta Lilly. Ela está deitada na mesma maca em que o Governador flutuou entre a vida e a morte durante tantos dias.

Bob inseriu uma mangueira de soro no braço de Lilly, logo acima do pulso, usando a última bolsa de glicose na despensa para evitar a desidratação e manter a paciente estável.

Agora, Bob tenta manter o tom reconfortante na voz ao se dirigir a Lilly.

— Isso não é tão incomum durante o primeiro trimestre — diz ele, sem saber exatamente o que está falando, virando-se para lavar as mãos na pia de aço atrás deles. O som da água atingindo a pia é torturantemente alto no silêncio da enfermaria. A sala é uma panela de pressão de emoções. — Tenho certeza de que está tudo ótimo — comenta, de costas para o casal.

— O que precisar, Bob, é só dizer — diz Austin logo em seguida. Vestindo um casaco de moletom com capuz e com o cabelo preso num rabo de cavalo, ele parece uma criança perdida que pode cair no choro a qualquer momento. Então coloca a mão no ombro exposto de Lilly.

Bob seca as mãos em uma toalha.

— Lilly Caul vai ser mãe... Ainda não consigo acreditar nisso. — Ele se vira e volta para perto da cama. Então sorri para ela ao colocar as luvas cirúrgicas. — É exatamente do que precisamos neste lugar — completa Bob, fingindo estar animado — De uma boa notícia, para variar. — Ele enfia a mão debaixo do lençol e, delicadamente, apalpa a barriga de Lilly, tentando se lembrar de como um aborto é diagnosticado. — Você vai ser ótima também. — Bob se vira para uma bandeja de instrumentos e encontra uma sonda chata de aço inoxidável. — Algumas pessoas simplesmente

nasceram para isso. Entende o que quero dizer? Eu nunca tive jeito para isso... Deus sabe.

Lilly vira a cabeça para o lado e fecha os olhos, e Bob percebe que ela está tentando não chorar.

— Não parece estar tudo certo — murmura Lilly. — Tem alguma coisa errada, Bob. Sinto que tem.

Ele olha para Austin.

— Filho, vou precisar fazer um exame pélvico nela.

Austin está com os olhos cheios d'água. Ele sabe. Bob consegue perceber isso na expressão vítrea do jovem.

— Faça o que tiver que fazer, Bob.

— Querida, vou precisar ver lá dentro — diz ele. — Não vai ser muito confortável e você vai sentir uma coisa gelada.

Com os olhos ainda fechados, Lilly mal emite um sussurro.

— Tudo bem.

— Certo, então vamos lá.

— Droga... fique parada. — Philip Blake está agachado na escuridão do corredor da entrada, trabalhando com o alicate de pressão, a mão esquerda enluvada e protegida por uma camada de fita adesiva prateada. — Sei que não está gostando, mas espero que entenda como isso vai melhorar as coisas.

Ele cutuca o fosso escuro que é a boca da filha com o alicate, tentando agarrar os incisivos superiores dela. Penny fica tentando mastigar a mão de Philip, mas ele a mantém imobilizada com a bota pressionada na parte inferior do corpo da menina. O fedor de Penny o envolve conforme Philip trabalha, mas ele o ignora.

— Juro que é pelo bem do nosso relacionamento — diz Philip, segurando, por fim, um dos dentes superiores da menina com o

alicate. — Aí vai!

Ele extrai um dente — o que provoca um ruído de uma minúscula rolha estourando — e liberta a bolinha ensanguentada, deixando um rastro de tendões delicados de polpa. Penny recua por um momento, suas feições demoníacas se contraem e os olhos arregalados e leitosos da menina se fixam em algum ponto vazio além desse mundo.

— E aqui vem outro — murmura Philip, baixinho, como se falasse com um bicho de estimação. — Consigo sentir o dente se soltando. — Ele resmunga quando outro dente sai. — Pronto. Está vendo? Não é tão ruim, é? — Philip joga o segundo dente numa lata de lixo atrás de si, então se vira para a coisa-menina. — Você está quase se acostumando com a sensação, não está?

Penny baba uma substância preta e viscosa enquanto Philip remove um dente após o outro. O rosto dela está agora tão inexpressivo quanto a face oculta da Lua.

— Só mais alguns e terminaremos — comenta Philip, fingindo uma animação ao cuidar dos dentes inferiores da menina. — Parece bom? — Ele puxa os últimos dentes pontiagudos com um mínimo de esforço, fazendo com que os minúsculos fiapos de tecido oscilem diante do vestido de verão imundo de Penny.

Graças à decomposição avançada, os dentes se soltam com facilidade das raízes mortas.

— Pronto — diz Philip, de modo reconfortante —, acabou.

Durante um breve instante de pé naquela enfermaria silenciosa, na beira da maca de Lilly, Bob se lembra daquela vez no Afeganistão quando auxiliou o cirurgião de campo a realizar uma dilatação e curetagem na intérprete — a remoção de qualquer tecido fetal ou

placentário depois que a gravidez é perdida — e agora ele vasculha na memória as lições daquele dia. Bob coloca a mão delicadamente debaixo do lençol que cobre a parte inferior do corpo de Lilly. Ele nem mesmo olha para o rosto dela.

Lilly vira o rosto.

Bob começa o exame. Ele se lembra de como um útero saudável deve parecer ao toque durante as primeiras semanas de uma gravidez viável — de acordo com o cirurgião de campo — em relação ao modo como fica após um aborto espontâneo. Ele leva apenas alguns segundos para encontrar o colo do útero. Lilly solta um gemido de angústia que parte o coração de Bob. Ele apalpa o útero e percebe que está completamente dilatado e pesado, com sangue e tecido. É tudo o que Bob precisa saber. Ele cuidadosamente recua, retirando a mão de dentro da paciente.

— Lilly, quero que se lembre de uma coisa — diz Bob então, retirando as luvas. — Não há motivo...

— Ah, não. — Ela já está chorando baixinho, a cabeça ainda virada para o lado, as lágrimas encharcando o travesseiro. — Eu sabia... eu sabia.

— Ai, meu Deus. — Austin apoia a cabeça no corrimão lateral da maca. — Ai, meu Deus.

— O que eu estava pensando?... — Lilly chora baixinho, em silêncio, no travesseiro da maca. — No que eu estava pensando, porra?...

Bob está arrasado.

— Querida, não vamos começar a nos punir, está bem? A boa notícia é que você pode tentar de novo... Ainda é jovem, saudável, com certeza ainda pode tentar de novo.

Lilly para de chorar.

— Chega, Bob.

Ele olha para baixo.

— Sinto muito, querida.

Austin ergue o rosto, enxuga os olhos e encara a parede. Ele solta um fôlego longo e doloroso.

— Porra.

— Me dê uma toalha, Bob. — Lilly se senta na maca. Ela está com uma expressão estranha, impossível de ser decifrada, mas, ao olhar para ela, Bob sabe que deve calar a porra da boca e entregar uma toalha para a mulher. Ele pega um tecido e o dá a Lilly. — Me solte dessa merda — diz Lilly, inexpressiva, limpando-se. — Preciso sair daqui.

Bob retira a agulha, limpa o pulso de Lilly e coloca um curativo no lugar.

Ela impulsiona o corpo para fora da maca. Por um momento, parece prestes a cair. Austin a equilibra, segurando-a com carinho pelo ombro. Lilly o empurra e encontra sua calça jeans jogada no encosto de uma cadeira.

— Estou bem. — Lilly se veste. — Estou muito bem.

— Querida... vá com calma. — Bob dá a volta em torno dela, como se quisesse bloquear seu caminho até a porta. — Você provavelmente precisa ficar deitada um tempo.

— Sai da minha frente, Bob — exclama Lilly, os punhos fechados agora, o maxilar rígido com determinação.

— Lilly, por que nós não... — Austin fica em silêncio quando Lilly olha para ele. A expressão dela, os dentes trincados, as faíscas incandescentes de ódio nos olhos, o deixa espantado.

Bob quer dizer alguma coisa, mas acha melhor apenas a deixar ir. O médico sai da frente, então olha para Austin, gesticulando para

que ele se afaste. Lilly já atravessou metade da sala.

A porta bate quando ela sai, quebrando a tensão residual.

Durante um momento interminável e agonizante, Philip Blake se ajoelha diante da cria monstruosa no brilho tênue no hall de entrada do seu apartamento. Penny parece estranhamente reprimida pelo procedimento dentário tosco. Ela cambaleia um pouco sobre as perninhas finas, movendo os lábios escurecidos sobre as gengivas pútridas e ensanguentadas, o olhar vazio vidrado no homem diante dela.

Philip inclina o corpo para baixo, na direção da menina morta, a mente dele cheia de memórias falsas de colocar a filha para dormir à noite, ler histórias para ela, acariciar os cachos dourados brilhantes de Penny e beijar a pequena e cheirosa testa dela.

— Bem melhor — murmura para a criatura acorrentada à parede. — Agora, venha.

Ele coloca os braços ao redor de Penny e a abraça. A menina parece uma casca quebradiça nos braços de Philip, como um espantalho minúsculo. Ele apoia o maxilar frio e destruído da menina na sua mão esquerda enluvada.

— Dê um beijinho no papai.

Philip beija aquele torrão pútrido que é a boca de Penny, em busca de carinho e amor, mas sente apenas a podridão amarga de carne estragada e fezes de inseto. Ele recua, um movimento involuntário, enojado pelo fio de tecido viscoso que toca seus lábios. Philip arqueja e limpa incessantemente a baba preta, o que faz seu estômago se revirar de repente.

Penny avança na direção do pai, os olhos semicerrados, tentando mordê-lo com as gengivas pretas e carnudas.

Philip faz uma finta e inclina a cabeça da menina para trás com um braço. A náusea dentro dele se transforma em uma coluna de bile quente se erguendo no esôfago. O homem vomita no piso de madeira e o ensopado amarelo e viscoso dos ácidos estomacais se espalha pelas tábuas. Philip vomita e estremece até não sobrar mais nada para expelir.

Ao desabar sobre os joelhos de novo, Philip limpa a boca, hiperventilando.

— Ah, querida... me desculpe. — Ele engole em seco e tenta se recompor, tenta afastar a vergonha e o nojo. — Não pense sobre isso. — Philip recupera o fôlego e engole em seco de novo. — Tenho certeza de que... com o tempo... eu vou... eu vou... — Ele limpa o rosto. — Por favor, não deixe que isso...

Mas ele é interrompido subitamente pelo estrondo de alguém batendo forte à porta do apartamento. O Governador engole a repulsa e pisca ao ouvir o barulho.

— Porra! — Philip fica de pé sobre os joelhos fracos. — PORRA!

Durante os trinta segundos seguintes — o tempo que leva para Philip Blake se recompor, atravessar o hall de entrada, destrancar e escancarar a porta — ele deixa de ser um pai trêmulo, fraco e não correspondido para se transformar em um líder duro como diamante.

— Eu não disse que *não* deveria ser *incomodado*? — grunhe Philip, com frieza, para a figura sombreada de pé à luz fraca do corredor.

Gabe pigarreia instintivamente. Vestindo uma jaqueta militar presa na cintura por um cinto para a arma e a munição, ele mensura as palavras.

— Desculpe, chefe... alguma merda está acontecendo.

— Que merda?

Gabe respira fundo.

— É que houve uma explosão. Achamos que foi na estação da Guarda Nacional porque uma nuvem de fumaça enorme está subindo pelos ares. Bruce foi com alguns homens investigar. Saíram faz alguns minutos, então ouvimos tiros próximos.

— Próximos?!

— É, na mesma direção.

O Governador perfura os olhos do homem com o olhar.

— Então por que simplesmente não pega um carro e... PORRA! — Philip se vira para o apartamento. — Deixe para lá! Esqueça! Venha!

Eles pegam um dos caminhões-forte. O Governador vai na cabine, no banco do carona, segurando uma AR-15 no colo enquanto Gabe dirige. Este mal diz uma palavra durante a viagem inteira — eles vão pela Flat Shoals Road, percorrendo quilômetros da floresta infestada de errantes até chegarem à autoestrada 85, e seguem por uma extensa estrada de fazenda na direção do borrão de fumaça preta visível no céu noturno — enquanto o Governador está silenciosamente desanimado no assento do carona. Rudy e Gu, dois dos homens de Gabe, vão do lado de fora da cabine, um de cada lado, de pé nos estribos, ao vento, agarrados a rifles de assalto.

Ao seguirem para o leste noite adentro, o Governador sente o braço fantasma se contorcer com pontadas de dor a cada quebra-molas, a cada desvio — uma sensação bizarra que cutuca sua visão periférica na escuridão de brilho esverdeado da cabine do caminhão, dando-lhe a impressão de que um braço fantasma formigante

desponta do cotoco — e isso o deixa mais irritado a cada minuto. Philip rumina silenciosamente na escuridão chacoalhante, pensando em ir à guerra, pensando em torcer o pescoço daquela vadia que o atacou.

Os grandes líderes militares de outrora, os homens sobre os quais Philip leu em livros de história — todos, desde MacArthur a Robert E. Lee — ficavam longe do front, mantendo-se abrigados em tendas com os comandantes, planejando, bolando estratégias, olhando mapas. Mas não Philip Blake. Ele se vê como Átila, o Huno, ou talvez Alexandre, o Grande, bramindo para o Egito com a vingança na mente e a morte pingando do sangue na ponta da espada. O tapa-olho de Philip coça conforme a adrenalina percorre seu corpo. O Governador está usando uma luva de couro na mão esquerda, a qual estala quando ele fecha o punho.

O grupo se aproxima de uma curva familiar serpenteando para fora da via principal de mão dupla. O vento arrancou uma letra da enorme placa na estrada, que agora diz:

Wal art

Economize. Viva melhor.

No meio do caminho, o Governador consegue ver o amplo cimento rachado do estacionamento do Walmart reluzindo como um oceano cinza ao luar. Perto do limite oeste do estacionamento, alguns objetos escuros e em farrapos estão caídos na calçada perto de um caminhão de carga familiar. Philip reconhece o caminhão, que é da frota de Woodbury.

— Porra! — O Governador aponta. — Ali, Gabe... perto das caçambas de lixo!

Gabe acelera, e o veículo produz um estrondo pelo estacionamento, levantando uma nuvem de poeira no céu noturno. Os freios pneumáticos são acionados conforme o grupo se aproxima do campo de batalha. Gabe derrapa até parar a dez metros com um solavanco.

— PORRA! — O Governador escancara a porta e fica de pé no estribo, olhando para a carnificina espalhada pelo estacionamento como se fossem bonecas de pano jogadas fora. — PORRA!

O Governador desce do estribo e lidera os outros três homens pelo estacionamento até os cadáveres. Por um tempo, ninguém diz nada. Philip avalia a cena, observa as evidências. O caminhão de carga ainda está ligado, o cheiro de monóxido de carbono e de cordite ainda paira no ar como um manto azul espesso sobre a cena.

— Cruzes — murmura Gabe, abaixando o rosto para os quatro corpos caídos em poças de sangue no concreto. Um deles está decapitado e sem mãos; o crânio partido foi parar numa poça de sangue a uns quatro metros dali. Outro corpo, do garoto chamado Curtis, está caído de barriga para cima com os braços nos quadris e os olhos mortos ainda arregalados e encarando as estrelas. Um terceiro é encontrado morto em um pântano de sangue e tecido, as vísceras aflorando de uma laceração enorme na barriga. Não é preciso ser Sherlock Holmes para deduzir que os cortes longos e limpos, os apêndices perfeitamente cortados, são resultado de uma katana japonesa.

Gabe anda até o corpo maior, de um homem negro que ainda se agarra à vida, mas sangra depressa, o pescoço detonado por diversos disparos de alto calibre. O rosto dele está grudando no próprio

sangue, os olhos exibem mais a parte branca. Bruce Cooper usa seus últimos suspiros para tentar falar.

Mas ninguém consegue entendê-lo.

O Governador vai até o homem caído e olha para baixo, para o corpo, com quase nenhuma emoção a não ser o ódio fervilhante.

— A cabeça dele ainda está intacta — diz Philip a Gabe. — É provável que não demore a se transformar.

Gabe começa a dizer algo em resposta quando um som ínfimo da voz de barítono de Bruce Cooper, agora sem fôlego e engasgada com a agonia, é ouvido sob o vento. O Governador se ajoelha e escuta com atenção.

— V-vvi o d-desgraçado careca, o g-garoto — murmura Bruce, a garganta se enchendo de sangue. — Eles... v-voltaram... eles...

— Bruce! — Philip se aproxima. Seu rosnado de ódio não traz qualquer compaixão. — BRUCE!

O homem grande no chão não tem mais nada. Sua enorme cabeça raspada — agora encharcada de sangue escuro como piche — começa a oscilar uma última vez. Os olhos dão uma estremecida, então ficam imóveis, fixos, sem vida, feito bolas de gude. O Governador encara o homem por um momento.

Em seguida, ele abaixa o rosto para o cimento e fecha os olhos de Bruce.

Ele não vê os outros abaixando a cabeça em um sinal de respeito relutante ao segurança de mãos de ferro que executava obedientemente as ordens do Governador, que o apoiava sem questionar, sem esperar por uma recompensa, sem hesitar. Agora, Philip Blake luta contra a angústia que invade seus pensamentos como um produto químico volátil que anuvia sua determinação. Bruce Cooper é apenas um homem — uma única roda na máquina

que é Woodbury — mas, secretamente, ele significava o mundo para Philip. À exceção de Gabe, Bruce era o mais próximo de um amigo que ele tinha no mundo. O Governador tinha em Bruce um confidente, permitiu que ele visse os aquários, que visse Penny. Bruce era incondicional em seu respeito — se não amor — por Philip Blake. Na verdade, até onde Philip sabe, foi Bruce quem salvou sua vida, quem forçou Bob a entrar na linha e tratar os ferimentos.

O Governador ergue o olhar e vê Gabe se virando, fazendo uma reverência com a cabeça como se oferecesse deferência e privacidade ao chefe naquele momento doloroso, a Glock 9 mm ainda embainhada no quadril. Só resta uma coisa a ser feita — uma última ponta solta que precisa ser amarrada.

Philip pega a pistola do coldre de Gabe, fazendo o homem se sobressaltar.

Mirando na cabeça de Bruce, ele dispara um único tiro — à queima-roupa — enfiando uma cápsula de ponta oca dentro do crânio de Bruce. O disparo assusta a todos, exceto o Governador.

Ele se volta para Gabe.

— Eles estavam bem *aqui*. — O tom de voz do Governador é baixo e grave, uma voz marcada pelo ódio latente e pelo caos. — Encontrem as porras dos rastros deles. Encontrem a porra da prisão. — Philip fixa o olhar determinado do único olho bom em Gabe e ruge, subitamente: — ENCONTREM AGORA!

Ele então vai para longe, na direção do caminhão-forte, sem dizer mais uma palavra.

Durante um bom tempo, de pé em meio aos cadáveres espalhados feito manequins quebrados pelo estacionamento desolado e iluminado pelo luar, Gabriel Harris está paralisado pela indecisão.

Observar o Governador sair irritado, pegar o volante do caminhão-forte e sair dirigindo para a noite deixa Gabe sem palavras e assombrado. Afinal, como ele deve encontrar essa porra de prisão a pé, sem suprimentos, com pouquíssima munição e apenas dois homens? E como diabos eles vão voltar para casa? Vão ter que pedir carona, porra? Então, durante um instante, o estado de frustração completa de Gabe se transforma em determinação pura e imutável quando ele volta a olhar para os restos mortais de Bruce Cooper, seu amigo, seu companheiro de combate.

A visão do enorme homem caído ao luar — agora detonado e dilacerado feito um pedaço de carne fatiada — toca alguma reserva profunda dentro dele. Uma onda de emoções contraditórias percorre seu corpo — tristeza, ódio e medo — e Gabe afasta essas emoções com força. Em seguida, ordena que os outros dois homens o sigam.

O grupo saqueia o que restou dentro do falecido Walmart. Nas depressões e fendas sombreadas, debaixo de displays caídos e no chão atrás dos balcões, eles encontram algumas mochilas utilizáveis, uma lanterna, binóculo, uma caixa de biscoitos, um pote de manteiga de amendoim, folha de caderno, canetas, pilhas e duas caixas de munição calibre .45.

Eles guardam os mantimentos nas mochilas, então seguem para o leste, a princípio seguindo as marcas de pneus, perambulando por uma via de acesso adjacente de terra, em seguida fazem uma curva acentuada para o sul. O grupo segue os rastros por estradas de terra durante toda a noite, mas num ponto as marcas fazem uma curva na extensão do asfalto e somem instantaneamente.

Gabe se recusa a desistir e decide que devem se dividir. Manda Gus para o leste e Rudy para o oeste, e os três planejam se encontrar de novo no cruzamento da autoestrada 80 com a 267.

Os homens seguem caminhos diferentes, e os feixes estreitos das lanternas somem na névoa que precede o alvorecer. Gabe usa sua faca de caça de trinta centímetros para cortar uma extensão de vegetação rasteira e densa, abrindo caminho direto para o sul conforme o sol começa a clarear com os primeiros indícios da manhã.

Uma hora depois, esbarra em alguns errantes desgarrados perambulando entre as árvores, atraídos pelo cheiro de Gabe, mas ele consegue desviar da maioria deles. Em certo momento, um errante pequeno — uma criança ou um anão, o rosto pútrido escurecido está além de qualquer reconhecimento — dispara para fora da vegetação rasteira na direção de Gabe. Ele abate o errante com um único golpe da faca no crânio. Suor brota na nuca espessa de Gabe e escorre até sua lombar quando ele recupera o passo, abrindo caminho pelos campos de fazenda enormes, esquecidos.

No meio do dia, Gabe chega à junção de duas estradas de asfalto detonadas pela erosão. Ele vê Rudy e Gus a cerca de vinte metros para o norte, sentados lado a lado como corujas em uma cerca de madeira, esperando por ele, e, a julgar pelas expressões envergonhadas e deprimidas, fica óbvio que nenhum dos dois encontrou algo.

— Deixe-me adivinhar — diz Gabe, aproximando-se dos homens pelo sul. — Não encontraram porra nenhuma.

Gus dá de ombros.

— Passei por várias cidades pequenas de fazendeiros, todas desertas... mas nada de prisão.

— Idem — resmunga Rudy. — Nada além de carros destruídos e prédios vazios. Esbarrei em alguns errantes, mas consegui abatê-los sem fazer muito alarde.

Gabe suspira, pega um lenço e limpa o suor da nuca.

— Precisamos continuar tentando, droga.

Rudy começa a dizer:

— Por que não tentamos seguir...

Um estalo repentino de tiro ecoa a oeste, interrompendo as palavras dele. Parece uma pistola de calibre pequeno. O breve disparo reverbera pelo céu, e Gabe se vira na direção do som, o qual vem de detrás do limite das árvores.

Os outros dois homens olham para cima e depois para Gabe, que encara as montanhas além da cerca. Por um momento, ninguém diz nada.

Então Gabe se vira para os demais e diz:

— Muito bem, venham comigo... e fiquem abaixados. Tenho a sensação de que acabamos de encontrar o tesouro.

NOVE

Lilly passa a maior parte daquele dia entocada no apartamento, tomando aspirina, se arrastando pela sala com calça de moletom e o casaco de futebol americano da Georgia Tech, fazendo inventário do próprio armazém de armas de fogo e armas em geral. A luz do dia nublado se infiltra pelas persianas, fazendo a cabeça de Lilly latejar, mas ela ignora as dores, operando com a carga de puro ódio que percorre o corpo dela feito uma corrente elétrica.

Depois de uma noite em claro e de uma série de conversas tensas com Austin, ela está elétrica, fervilhando de desprezo por aqueles desgraçados que invadiram Woodbury e a fizeram perder o bebê. Depois de quase dois anos vivendo em meio à praga, Lilly desenvolveu uma teoria unificada sobre o comportamento adequado entre os sobreviventes. Ou se ajudam — se possível — ou deixam o outro em paz. Mas aqueles intrusos ultrapassaram todos os modos decentes de interação e estragaram tudo, por isso a revolta queima forte dentro de Lilly. Ainda bem que a sensibilidade no abdômen dela diminuiu um pouco — assim como o choque de ter todos os sonhos destruídos —, o que agora só serve para dar espaço a mais desprezo incandescente por aquelas pessoas, desprezo que se

incendeia dentro de seu corpo conforme ela caminha pelo apartamento entulhado.

Todas as caixas de madeira e de papelão e a mobília de segunda mão foram empurradas, empilhadas nas paredes para abrir espaço para o arsenal de pequenas armas, facas e munição sobressalente espalhados no chão. Lilly não tinha reparado em quantas coisas vinha acumulando durante os meses — por paranoia ou talvez por algum tipo de intuição sombria —, mas agora ela vê tudo disposto em fileiras organizadas. As duas pistolas Ruger MK II calibre .22 estão lado a lado no topo da pilha, como o timbre de um brasão. Um par sobressalente de cartuchos de dez balas está alinhado ao lado das pistolas, e um cinto militar está enrolado logo abaixo dos cartuchos. Embaixo disso tudo há ainda uma fileira de caixas cheias de balas calibre .40, um facão, silenciadores diversos, a Glock de Austin e um monte de cartuchos extras, um rifle Remington .308 MSR de ferrolho manual, três facas de lâmina longa de fios diversos, uma picareta de cabo longo e uma variedade esquisita de coldres, bainhas e cartucheiras alinhadas de forma ordenada.

A voz de Austin ecoa da cozinha ao lado.

— A sopa está pronta! — anuncia ele, com o máximo de vigor e animação que consegue reunir, mas a tristeza é aparente na sua voz, funcionando como um peso constante que o empurra para baixo. — O que acha de comermos juntos no quarto dos fundos?

— Estou sem fome — grita ela de volta.

— Lilly, por favor... não faça isso comigo — pede Austin, entrando na sala enquanto seca as mãos numa toalha. Ele usa uma camiseta do REM surrada, os longos cachos soltos caindo nas costas. Austin para, nervoso. — Você precisa se nutrir.

— Por quê?

— Lilly, por favor.

— Olhe... agradeço o gesto. — Ela sequer olha para o rapaz, apenas continua estudando o arsenal a seus pés. — Pode comer, estou bem.

Austin umedece os lábios, pensando, escolhendo as palavras com cuidado.

— Você sabe que talvez não vejamos essas pessoas nunca mais.

— Ah, vamos, sim... prometo... vamos vê-las de novo.

— O que quer dizer com isso?

Lilly encara as armas.

— Quer dizer que não vamos parar até as encontrarmos.

— Por quê? Que bem isso vai fazer?

Ela olha para Austin.

— Será que o QI daqui caiu até a temperatura ambiente?

— Lilly...

— Você não tem prestado atenção em nada do que está acontecendo?

— Esse é o problema! — Austin joga a toalha no chão. — Estive do seu lado em cada momento, tenho prestado muita atenção a *tudo*, porra. — Ele engole em seco, respira fundo, então tenta se acalmar e mensura as palavras. — Sei que está magoada, Lilly, mas eu também estou.

Lilly volta o rosto para as armas de fogo, então diz, bem baixinho:

— Eu sei disso.

Austin se aproxima e toca o ombro de Lilly.

— Isso é loucura.

Ela não desvia o olhar das armas.

— É o que é.

— E o que seria isso?

Lilly olha para ele.

— É guerra, porra.

— Guerra? Sério? Isso parece mais o Governador falando.

— Somos nós ou eles, Austin.

Ele emite um suspiro exasperado.

— Não estou preocupado com *eles*, Lilly... estou preocupado *com a gente*.

Lilly o fulmina com o olhar.

— É melhor você deixar essa inocência de lado e começar a se preocupar com *eles*, ou *não* haverá um nós... não haverá Woodbury, não haverá *nada*, porra.

Austin baixa o olhar e não diz nada.

Lilly começa a dizer outra coisa e então se interrompe. Ela vê algo na expressão de Austin mudar, os olhos dele se encherem d'água e uma única lágrima escorrer pelo rosto do rapaz. A lágrima pinga do queixo dele e cai no chão. Lilly perde toda a vontade de lutar e seu estômago se contorce de tristeza. Ela anda até Austin e o abraça. Ele retribui o abraço, então Lilly ouve a voz do rapaz ao pé do ouvido, quase um sussurro, embargada pela tristeza.

— Eu me sinto inútil — murmura ele, sem fôlego. — Perder o bebê... e agora... sinto como se você estivesse se afastando... e não posso perdê-la... não posso... simplesmente não posso.

Lilly o abraça e acaricia o cabelo comprido dele, então murmura baixinho ao seu ouvido:

— Você não vai me perder. É o meu homem. Entendeu? Somos eu e você... fim da história. Entendeu?

— Sim... — A voz de Austin é quase inaudível. — Entendo... obrigado... obrigado.

Durante um bom tempo, os dois se abraçam à luz pálida daquela sala entulhada, sem dizer nada, apenas se abraçando como se estivessem se preparando. Lilly consegue ouvir a respiração pesada de Austin, consegue sentir o coração dele batendo no peito.

— Sei como é se sentir inútil — diz ela, por fim, encarando Austin, os rostos dos dois quase se tocando, a respiração deles se misturando. — Até pouco tempo, eu era a garota propaganda da inutilidade. Estava arrasada. Mas alguém me ajudou, me deu confiança, me ensinou a sobreviver.

Austin a segura com mais força, então sussurra:

— Foi isso o que você fez por mim, Lilly.

Ela dá um beijo suave e carinhoso na testa de Austin e o puxa para um abraço mais apertado. Por Deus, Lilly o ama. Ela lutará por Austin, lutará pelo futuro dos dois, lutará até a morte. Então segura a nuca de Austin, acaricia o cabelo comprido dele, mas, agora, só consegue pensar em entrar naquela merda e exterminar cada um daqueles monstros desgraçados que ainda são uma ameaça.

Ao anoitecer daquele dia, o Governador está sentado sozinho na arquibancada vazia da pista de corrida enquanto o vento sopra lixo pelo campo deserto. O céu, pesado com partículas tóxicas, está manchado com fitas douradas e fúcsias conforme o sol mergulha para baixo das nuvens e pequenos tornados rodopiam pela pista na turbulência do fim do dia. E tudo isso reflete o humor pensativo de Philip Blake.

Um grande líder militar certa vez chamou aquela hora de “a grande inalação antes da tempestade”, e Philip sente um peso semelhante no ar. Sentado na luz que se extingue, ele orienta a própria energia para fantasiar sobre a glória da batalha e a satisfação

de ver aquela vadia que o deixou aleijado ser desmembrada como uma *piñata* cheia de sangue. A mente dele está impregnada com a energia sombria da guerra feito um acelerador de partículas atômicas — zunindo de ódio — transformando a luz da hora mágica dele em um ritual profano, uma invocação sacra.

Então, quase como se conjurado pelos pensamentos do Governador, um arauto aparece — uma figura troncuda vestindo calça camuflada, botas e jaqueta militar —, materializando-se nas sombras do portal mais afastado da pista de corrida.

Philip ergue o olhar.

Gabe se apressa pelo campo, sem fôlego depois de correr, o rosto volumoso marcado pela urgência, os olhos incandescentes com animação. Ele vê Philip. Então dá a volta pelo fundo da arquibancada, saltando por cima das correntes de ferro e subindo pelos assentos até se aproximar do Governador.

— Disseram que eu o encontraria aqui — diz Gabe, ofegante, inclinando o corpo e apoiando as mãos nos joelhos.

— Acalme-se, Kemosabe — diz o Governador. — Espero que tenha boas notícias para mim.

Gabe olha para ele e assente.

— Encontramos.

As palavras parecem pairar no ar por um momento, e a expressão de Philip é ilegível à luz azul que se extingue. Ele encara o outro homem.

— Comece a contar.

De acordo com Gabe, ao ouvirem os tiros naquele dia eles seguiram sorrateiramente pelo bosque denso adjacente à estrada de pista dupla até surpreenderem duas garotas e um cara mais velho em uma

clareira treinando tiro ao alvo. Gabe e os outros homens se mantiveram fora do campo de visão, abaixados atrás das árvores, observando de longe enquanto os três desconhecidos abatiam alguns Mordedores e depois começavam a levar um dos corpos de volta, na direção de uma cerca alta e distante.

A princípio, nada daquilo fez sentido, mas quando Gabe e os rapazes finalmente seguiram por uma trilha colina acima para ver melhor do alto — e deram uma boa olhada no que havia além da cerca, estendendo-se pelo terreno adjacente entrecortado por fazendas feito um enorme quarteirão residencial que simplesmente caiu do espaço — todas as peças se encaixaram.

O lugar antes conhecido como Instituição Correcional do Condado de Meriwether se estende quase tão longe pelos pastos do limite leste do condado quanto a vista pode alcançar. É uma rede ziguezagueante de prédios pós-guerra de tijolos cinza situados atrás de três camadas de cercas de segurança. Gabe percebeu naquele instante que o motivo pelo qual ninguém em Woodbury pensou naquele lugar se devia ao fato de que os fundos foram cortados pelo estado da Geórgia na crise de 1987, e durante anos a prisão ficou fora do radar, ali, no interior da zona rural, como um navio fantasma. O único motivo que fez a memória de Gabe ser aguçada ao ver tal lugar foi seu primo, Eddie, um traficante de Jacksonville, que ficara detido ali no fim dos anos 1990, aguardando recurso. O estado havia começado a usar o lugar como uma sala de espera melhorada — tecnicamente, uma prisão para criminosos condenados — que funcionava com uma equipe escassa, mas essencialmente era mantida armada, municiada, trancada e lotada.

Na maior parte, a propriedade pareceu relativamente segura para Gabe — mas de maneira alguma *impenetrável*. Dentro do

perímetro de arame farpado e torres de guarda, os pátios de exercícios e as quadras de basquete detonadas estavam desertos, há muito livres de Mordedores. E, embora os limites exteriores das cercas fervilhassem em um ou outro ponto com errantes desgarrados — aglomerados deles sendo atraídos pelo cheiro dos habitantes humanos como abelhas são atraídas pelo mel —, os prédios sujos de fuligem pareciam relativamente sólidos, com boa estrutura e chaminés no alto do telhado soltando lufadas de gás. Alguém devia ter consertado os geradores e os aparatos de emergência. A condição do lugar sugeria ter potencial para refrigeração, chuveiros, ar-condicionado, refeitórios cheios de comida e mantimentos, e certos luxos como academia, salas de musculação e de jogos — tudo isso implorando para ser tomado.

— Eles estão com as cercas — explica Gabe, de pé em uma arquibancada de metal, apenas a centímetros de distância de onde o Governador está sentado ouvindo atentamente. — E parecem permitir que os Mordedores formem um perímetro ao redor das cercas, talvez por acidente, ou então são mais inteligentes do que pensamos. — Gabe para de falar a fim de que a informação seja absorvida.

— Continue — diz o Governador, sem desviar os olhos da pista de corrida vazia, pensando enquanto a escuridão crescente desce uma cortina na arena. — Estou ouvindo.

— A questão é que — diz Gabe, a voz baixando uma oitava, ficando tensa e grave com ansiedade — não há muitos deles e não podem ter *tantas* armas assim.

O Governador não diz nada, apenas continua olhando para as sombras que se acentuam nos limites da pista, o único olho visível se semicerrando.

— Nós os observamos por horas, cara — continua Gabe. — Atacamos amanhã e eles vão tombar como galhos. Estou dizendo... mal revidariam...

— Não.

As palavras saem como um fogo de artifício à meia-luz e têm o efeito de um jato de água fria no rosto de Gabe. Ele hesita. Então olha para o Governador e inclina a cabeça, consternado.

Philip observa a noite por um momento, então olha para Gabe.

— Vamos esperar.

Ódio e desapontamento irradiam de dentro do homem corpulento.

— Mas que droga, Governador! Depois do que fizeram com Bruce?! Precisamos acabar com eles agora!

— Como é que é? — O olho bom do Governador encara Gabe por um momento, o minúsculo ponto de luz no centro da íris refletindo a lua como um fusível aceso. — Depois de terem escapado, devem ter levantado a guarda, provavelmente durante semanas, pois não conseguimos encontrá-los. — Ele para com a dramaticidade de um professor que faz uma palestra. — Depois que Martinez os traiu e eles o estriparam, levantaram a guarda de novo. E, ainda assim, nada da gente aparecer.

Àquela altura, Gabe começou a assentir devagar, quase para si mesmo, finalmente entendendo.

— Agora saquearam nosso território e mataram alguns de nossos homens. — O Governador mantém o olhar sombrio e reluzente fixo em Gabe. — Devem estar achando que vamos atrás deles. Por isso, esperaremos. Esperaremos eles relaxarem outra vez. Dessa forma, não estarão esperando. Eles se convencerão de que estão seguros, de que desistimos ou não conseguimos encontrá-los.

Gabe assente.

— É aí que atacamos, porra — diz o Governador. — E, se você quiser ir junto com a gente em vez de virar um pedaço pútrido de comida de Mordedor, vai calar a droga da boca e sair da porra da minha frente.

Gabe continua ali de pé, engolindo o desapontamento e a vergonha.

— AGORA!

O eco estrondoso da voz do Governador se espalha pelas arquibancadas vazias.

No dia seguinte, a dinâmica em Woodbury muda. Percebe-se que cada homem, mulher e criança é capaz de sentir — pelo modo como as crianças são mantidas na maior parte do tempo dentro das casas e em silêncio, ocupadas com livros de colorir ou jogos de tabuleiro, ou pelo modo como as conversas entre os adultos ficaram baixas, sussurradas e urgentes —, mas poucos conseguem articular a tensão que espreita feito um tubarão sob a superfície da vida cotidiana. Qualquer traço do humor negro que um dia temperou as sessões de reclamação em torno da cafeteira do restaurante da rua principal agora se dissipa completamente, sendo substituído pelo propósito sombrio de cada conversa, cada tarefa, cada reunião ansiosa.

Durante a semana seguinte, Gabe e Lilly se reúnem com os anciões da cidade para explicar o que está acontecendo. Em reuniões secretas, eles preparam os chefes de família e os mais fortes dos jovens adultos — aqueles que estarão na linha de frente — para o ataque iminente à prisão. Delegam tarefas necessárias para colocar a cidade no ritmo da guerra, e não demora até um tipo de hierarquia orgânica surgir. Se o Governador é o alto comando, então Lilly e

Gabe se tornam seus generais, repassando ordens aos soldados rasos, organizando o batalhão farroupilha de residentes em uma força de invasão implacável. Lilly se torna a autointitulada porta-bandeira, transformando o medo em ódio, espalhando que aquela será uma missão de justiça, a única maneira de proteger as crianças de Woodbury.

A pista de corrida se torna o centro de comando oficial, com estoques de suprimentos e artilharia reunidos nas garagens do estádio e debaixo de lonas para aguentar a chuva no campo. O santuário íntimo do Governador é estabelecido bem no alto, entre as cabines de imprensa, com mapas do condado de Meriwether presos às paredes e nas superfícies de mesas dobráveis. Tarde da noite, o guerreiro de um braço só pode ser visto andando de um lado para outro da cabine de imprensa, sozinho, a silhueta definida pela luz amarela de lâmpadas sem lustre, estudando compulsivamente a distância de quase quarenta quilômetros entre Woodbury e a prisão, planejando a invasão com a intensidade com que Eisenhower planejou o ataque aliado a Anzio.

No fim daquela semana, Lilly fez um inventário exaustivo dos armamentos à disposição de Woodbury. A cidade tem 27 caixas de balas 7.62 e de 5.56, cartuchos suficientes para um pequeno exército, assim como Kevlar o bastante para vestir metade dos adultos. Tem ainda três metralhadoras de calibre .50 e vários rifles, tanto da variedade de assalto quanto de atirador de elite, de longo alcance. Tem combustível suficiente para mover pelo menos uma dúzia de veículos — a maioria da estação da Guarda Nacional — pelos quase quarenta quilômetros de estradas rurais até a frente de batalha. Tem seis caminhões blindados resistentes a minas, dois veículos de carga, um Veículo Blindado de Transporte de Pessoal, dois Humvees e um

par de grandes sedans Buick de quatro portas que serão usados em caso de emergência.

Gabe passa grande parte da segunda semana consertando o único tanque Abrams M1, que foi descoberto abandonado às traças na estação da Guarda Nacional. O tanque blindado tem uma metralhadora calibre .50 de acionamento remoto no alto e um canhão de 105 mm com 42 balas no compartimento. Como a turbina do tanque funciona com motor a diesel, Gabe precisa mandar duas equipes separadas em busca de combustível em caminhões próximos, atrás das últimas gotas de diesel disponíveis no país.

No fim daquela segunda semana de espera, fortificação e preparação, Lilly afastou seus medos por completo e agora consegue dormir profundamente desde que a praga teve início. Ela não sonha mais e acorda renovada toda manhã, a espinha formigando de ansiedade pela batalha. Até mesmo Austin está participando do projeto. Ele anda treinando tiro ao alvo regularmente e ficou muito ágil com o rifle de precisão. Lilly sente que um laço esquisito a une a Austin — não apenas o luto compartilhado por causa do aborto, mas também o propósito eletrizante da missão, a ânsia comum por um futuro melhor. Os dois se convenceram de que esse é o único modo, e a determinação coletiva os aproximou.

Na noite da terça-feira seguinte, depois que o crepúsculo recaiu sobre a cidade — quase três semanas depois de Gabe ter descoberto a prisão — Lilly termina de carregar o restante dos cartuchos de munição de alta capacidade que estão alinhados em cima das mesas do corredor sob a pista de corrida. Ela decide ir para casa... e acaba de emergir da saída oeste, entrando na escuridão do estacionamento da pista de corrida, quando ouve um farfalhar atrás de si — saindo das sombras do portal — que faz seus pelos se arrepiarem e a leva a

sacar a Ruger e se virar com o cano apontado, instintivamente, para o local de onde veio o ruído.

Uma voz emana da escuridão.

— Mocinha andando sozinha à noite por uma vizinhança perigosa. — A figura masculina esguia à espreita nas sombras fuma um cigarro, e o vaga-lume laranja formado pela ponta é a única coisa visível. — É uma receita para o desastre.

— Quem está aí? — Lilly aponta a arma para a silhueta oculta nas sombras. A voz rouca lhe parece familiar, mas ela não tem certeza. — Identifique-se, por favor...

O Governador sai das sombras para a luz amarela de segurança.

— Bom ver que seus reflexos ainda estão funcionando — diz ele, jogando fora o cigarro.

— Cruzes, você quase me matou de susto. — Lilly guarda a arma no coldre e sente os músculos do pescoço relaxarem. — Não deveria surpreender as pessoas por aqui, a não ser que queira levar um tiro na cabeça.

— Bem observado. — O Governador sorri para ela, os dedos da mão sobrevivente acariciam o bigode pensativamente. Ele está usando o novo objeto da moda que virou sua marca registrada: o tapa-olho improvisado, além da calça camuflada de sempre e do colete de caça. O cotoco do braço direito está envolto em ataduras amareladas. À luz fraca, o único olho do homem brilha. — Andei observando você, Lilly.

— Ah, é?

— Você vem mantendo essas pessoas em forma, e agradeço por isso.

— Temos que estar preparados.

— Você está certa. — O Governador fixa o olho bom nela e a íris reluz. — Principalmente se vamos sair logo antes do alvorecer.

Lilly olha para o homem.

— Amanhã?

— Sim, senhora. — Ele a encara com o único olho. — Você é a primeira a saber disso... não queria deixar todo mundo nervoso antes da hora. Quero avançar pelo leste quando o sol estiver nascendo, entre as árvores. As porras daqueles caminhões fazem barulho demais, não quero que ninguém perceba. Espalhe a notícia para mim, pode ser?

— Com certeza. — Lilly assente, seu estômago gelando, o cérebro, imerso em ansiedade. — Estamos prontos, Governador. Estamos 110 por cento com você.

— É? Que bom. — Ele esfrega o queixo mais um pouco. — E quanto àquele seu pedaço de mau caminho? Finalmente dominou aquele lá?

— Austin? Ele está bem. Está pronto. Estamos todos prontos. Quer que eu dirija o caminhão principal?

— Você vai no caminhão de transporte. Pedirei que Gabe tome a liderança do veículo blindado quando sairmos. Vamos bem devagar.

— Certo.

— O tanque é rápido, vai a mais de oitenta quilômetros por hora, mas vamos bem devagar.

— Entendi. — Lilly olha para o homem. — Você vai em qual?

— Na saída? Estarei na caçamba do seu caminhão de transporte com os rapazes.

— Tudo bem.

— Ficarei no walkie-talkie durante o caminho inteiro, sempre em contato com você, Gabe, Gus e Rudy. Mas, quando nos aproximarmos, quero chamar todo mundo, dizer algumas palavras, nos preparar para destruir.

— Faz sentido.

— Quando estivermos prontos para lançar, vou querer estar no tanque.

— Ótimo. — Lilly umedece os lábios. — Mas tenho pensado em uma coisa.

— O que é?

— E quanto às pessoas na prisão?

O Governador olha para ela.

— O que têm essas pessoas?

Lilly dá de ombros.

— E se elas... você sabe... *se renderem*? Agitarem a bandeira branca ou algo assim?

O Governador observa a noite. Ele tira mais um cigarro do colete e o acende com o Zippo, fazendo uma espiral de fumaça se enroscar ao redor da sua cabeça.

— Pensaremos nisso quando chegar o momento — murmura o Governador, baixo, rouco devido à fumaça. Ele olha para Lilly. — Tem certeza de que está pronta?

— É... como assim? Sim, claro que sim.

— Está se sentindo bem?

— Estou, sim. Quero acabar com aqueles desgraçados tanto quanto você. Por que está perguntando isso?

O Governador respira fundo, olhando para ela.

— Sei o que aconteceu.

— Sabe sobre...?

— Com o bebê.

— O quê? — Arrepios percorrem os braços e as pernas de Lilly, fazendo o estômago dela se contrair. — Como você...?

— Bob me contou. — O Governador abaixa o olhar. — Sinto muito por você ter tido que passar por tudo isso. É difícil para uma mulher, esse tipo de coisa. É só o que quero dizer.

Lilly engole em seco.

— Estou pronta, Governador. Falei que estou pronta e não estava mentindo.

Ele a avalia sob a luz de segurança amarela e fraca. Isso faz Lilly se sentir muito insegura — o modo como o Governador olha para ela, com um indício de pena nos olhos —, quase a deixa envergonhada. Ela quer lutar ao lado daquele homem — daquele instrumento de homem imperfeito, cruel, áspero e sem força — mais do que já quis qualquer coisa antes.

O Governador dá outra tragada no cigarro.

— Preciso de você, garota.

— Você me tem — diz Lilly a ele.

— Tenho bastante músculo. — O Governador lança aquele seu olhar de ciclope. — Mas você é uma pessoa pensante, uma líder nata. Além disso, é muito boa com uma arma. Preciso de você naquela frente de batalha, Lilly.

Ela assente para o homem.

— Entendi.

O Governador dá mais uma tragada.

— O que aconteceu com você... só mostra que mundo perigoso é este com aqueles filhos da puta lá fora. É preciso lidar com eles antes que algo pior aconteça, e nós faremos isso. Não importa o que acontecer, não importa o que seja preciso. Está entendendo?

Lilly fica bastante tempo olhando para ele antes de responder. Sua voz sai fria e inexpressiva:

— Vejo você de manhã — diz ela.

Então, se vira e sai andando com os punhos fechados na lateral do corpo.

O Governador está de pé às sombras daquele portal de saída, observando Lilly Caul sair andando noite adentro. Ele consegue perceber, pelo modo como ela anda, que a menina está pronta. Está pronta para matar pela causa.

Ela desaparece na esquina da rua principal, e a brisa da noite sopra lixo atrás de seus passos.

Philip respira fundo, joga fora o cigarro e o apaga com a bota. Há mais uma coisa com a qual ele tem que lidar antes do alvorecer do dia seguinte — um último membro da tribo para enquadrar antes que o sangue glorioso seja derramado.

Ele anda pelo pórtico seguindo na direção da rua, assobiando, sentindo-se mais vivo do que nunca, pois seu cérebro está livre de qualquer dúvida.

A guerra começou.

PARTE 2

Relógio do Apocalipse

Fendeu-se a terra debaixo deles e, abrindo sua boca, os engoliu, com suas casas, todos os homens de Corá e todos os pertences deles. Desceram vivos para o túmulo, com tudo que tinham; a terra se fechou sobre eles.

— Números 16:31-33.

DEZ

Bob Stookey está de pé mexendo as mãos retorcidas na entrada sufocante e fétida do apartamento do Governador. Sonolento por ter sido arrancado da cama às 3 horas da manhã, ele tenta se conter e não encarar a criança morta na parede a três metros que força a corrente que a prende. A coisa que um dia foi uma menininha veste um minúsculo vestido salopete azul com estampa florida — o tecido está tão manchado, desgastado, encharcado e sujo que parece que alguém o passou por uma plaina de metal — e suas marias-chiquinhas ainda oscilam da cabeça monstruosa como uma piada cruel. Os olhos da menina se arregalam — feito um peixe com o anzol preso na boca —, os lábios escurecidos e sem dentes se fecham no ar conforme ela se estica até o humano mais próximo.

— Volto logo, querida... não se preocupe — diz o Governador, ajoelhando-se diante da filha. Ele sorri para Penny com um olhar muito esquisito. Se pedissem que ele descrevesse o olhar, Bob teria que dizer que se assemelha a uma máscara da morte, ao sorriso de um palhaço estampado no rosto de um cadáver. — Você nem vai sentir minha falta, porque vou voltar logo. Seja boazinha com o tio Bob, está bem? Seja uma boa menina. — A coisa Penny geme e fecha

as gengivas no ar. O Governador a abraça. — Eu sei... também amo você.

Bob vira o rosto, sentindo uma descarga estranha e excessiva de emoções — nojo, tristeza, medo, pena —, todas misturadas no estômago dele como uma bola de fogo. Bob é um entre apenas três seres humanos nos quais o Governador confiou o conhecimento da existência de Penny, e, naquele momento, ele não tem tanta certeza se gostaria de ser um desses confidentes. Ele encara o carpete e engole a náusea.

— Bob?

O Governador deve ter percebido o olhar amargo no rosto do homem, porque ele agora fala firme com Bob, como se reprovasse carinhosamente uma criança.

— Tem certeza de vai conseguir fazer isso? Estou falando sério, ela significa muito para mim.

Bob se apoia na parede e respira fundo.

— Posso cuidar dela sem problemas, Governador. Estou tão sóbrio quanto um juiz. Vou ficar de olho nela. Não se preocupe com nada.

O Governador suspira, olhando de volta para a criatura babando diante dele.

— Pode deixá-la andar por aí se quiser... mas não o julgarei se a deixar acorrentada. — Philip encara os lábios escuros ondulantes da coisa garotinha. — Ela não pode mais morder, mas ainda pode dar trabalho, e não temos com o que alimentá-la agora, então vai ficar um pouco mal-humorada.

Bob acena com a cabeça do outro lado da entrada. Gotículas de suor brotam na testa dele, seus olhos estão queimando e nesse

momento ele percebe que está tão perto da coisa quanto jamais quis estar.

O Governador olha para ele.

— Mas, se alguém morrer, e isso inclui *qualquer um*, certifique-se de que ela seja alimentada. Entende o que estou dizendo?

— Entendo. — Bob tenta não encarar a coisa. — Pode deixar.

O Governador dá um último abraço na garotinha, e um fiapo delicado de bile prende no seu ombro quando ele finalmente se afasta.

Pouco mais de uma hora depois — às 5h14 —, o Governador está de pé ao lado de Gabe na ponta norte da praça da cidade de Woodbury. Um único poste de segurança, entortado na direção de um poste de cabos telefônicos, lança um feixe de luz sobre eles, permeando minúsculas nuvens de mariposas que flutuam despreocupadamente no brilho. Os dois homens estão vestindo o pesado colete à prova de balas de Kevlar recuperado da estação da Guarda Nacional; as placas peitorais e o colete dão a eles um ar destemido e marcial na escuridão bruxuleante. O frio que precede o alvorecer pode ser visto em pequenas lufadas de vapor que saem das bocas deles enquanto os homens avaliam os 23 membros da milícia improvisada que estão de pé, em posição de sentido, diante deles.

Quase duas dúzias de homens e mulheres carregando armas de fogo e cartuchos sobressalentes e equipados com cintos pesados de munição e de armas estão de pé, ombro a ombro, no meio-fio, de frente para o líder, esperando as ordens finais. Atrás deles, a única fileira de veículos — todos abastecidos e ligados — se estende até metade do quarteirão, os faróis brilhando na direção do portão de saída.

Estão prestes a deixar para trás 25 dos colegas aldeões com nenhuma arma de fogo ou bala, pois todo o arsenal deles agora repousa nas caçambas dos carros, nas malas ou está empilhado em compartimentos de carga. O Governador pediu aos Stern que ficassem para trás para cuidar da cidade, e quando Barbara se opôs — afinal de contas, ela e David estão entre os melhores atiradores de Woodbury — o Governador disse a ela que não estava pedindo que fizesse aquilo, porra, estava mandando.

— Nós os temos na mira, meus amigos! — anuncia Philip Blake, agora, para a brigada. Sua voz estrondosa ecoa pela praça escura.

Cada rosto presente naquela manhã reflete a gravidade do momento. Sob as abas de bonés e faixas de cabeça, os olhos deles brilham com propósito sombrio e medo que eles mal disfarçam. Dedos roçam nervosamente nos gatilhos de segurança e nas coronhas dos rifles de assalto. Eles não são soldados profissionais, de modo algum, mas Philip consegue ver o balde de água fria de instinto de sobrevivência que os acorda agora, anima, os deixa eletrizados.

O Governador aplica mais do estímulo ao grupo com a voz grave.

— Esses filhos da puta mataram o Dr. Stevens! Assassinaram Bruce Cooper! — Philip observa a fileira de rostos sombrios e, por fim, vê Lilly de pé no final da fila. Austin está ao lado dela com o rifle de longo alcance no ombro, a cabeça inclinada com uma determinação rigorosa. O cabelo de Lilly está preso em um rabo de cavalo apertado e profissional, ela está com as mãos nos quadris, segurando os cabos das duas pistolas Ruger, e o rifle Remington MSR está preso ao ombro, jogado nas costas. Pelo mais breve

instante, algo no olhar dela incomoda Philip. Talvez ele esteja imaginando, mas ela parece perdida em seus pensamentos, ruminando sobre algo, quando deveria estar zunindo como um diapasão com sede de sangue. Philip mantém o olhar fixo em Lilly, então berra: — Eles me mutilaram e está na hora de pagarem!!!

Lilly encontra o olhar do Governador a seis metros de distância, então se fixa nele por um tempo interminável.

Por fim, ela assente.

O Governador ruge:

— PODEM ENTRAR E VAMOS EMBORA!

Às 5h30 da manhã em ponto, numa confusão de motores ligados, chassis estalando e gritos caóticos, o comboio pesadamente armado embarca, por fim.

No meio do bando, Lilly segue os faróis traseiros vermelhos diante de si da melhor forma que consegue, ambas as mãos apertando o volante enorme do caminhão de carga M35 de duas toneladas e meia que ruge. Lilly não está conseguindo enxergar porra nenhuma. A seca recente deixou a estrada que leva para fora de Woodbury tão empoeirada e granulosa quanto uma caixa de areia, e agora a procissão atravessa um nevoeiro na escuridão antes do alvorecer ao sair pelo portão sul com um estrondo. Lilly mal consegue ver a estação de carga de 4,5 metros do caminhão pelo vidro traseiro, cercada por uma balaustrada e cheia de passageiros.

Ela se sente um anão dentro da enorme cabine, seu pé mal alcança o pedal do acelerador, o ar fede ao suor de gerações de homens ansiosos da Guarda Nacional. Austin está sentado ao lado de Lilly no banco do carona, com o walkie-talkie no colo. A cada poucos momentos, a voz do Governador estala do alto-falante,

ordenando que Gabe se mantenha abaixo dos 65 quilômetros por hora para que a formação permaneça próxima e para se certificar de que ele pegue a 85 para o sul — NÃO PARA O NORTE, PORRA!! — e que apague a porra dos faróis antes que acabe acordando o país inteiro!

Anos antes, Lilly passou muito tempo no divã de uma clínica para saúde mental de Marietta, tentando curar seus ataques de pânico. A psiquiatra era uma mulher gentil, de meia-idade, chamada Dra. Cara Leone, que preferia terapia da conversa a receitar remédios e dedicava bastante tempo analisando os motivos para os pensamentos acelerados de Lilly. Em parte hormonal, em parte devido ao amadurecimento, em parte neuroquímicos e também pelo luto, depois que sua mãe perdeu a batalha contra o câncer de mama, os ataques de ansiedade de Lilly sempre a dominavam em um lugar público, na multidão, acompanhados de um pandemônio de pensamentos que se atropelavam em seu cérebro. Ela era feia, era uma perdedora, estava acima do peso, tinha câncer nos genes, as pessoas a encaravam, ela ia desmaiar, não conseguia respirar, sentia o mundo girando, tinha um tumor no cérebro e ia morrer bem ali naquela mercearia. Felizmente, Lilly cresceu e superou esses ataques ou então trabalhou até vencê-los... isso até aquele momento.

Seguindo o caminhão de carga à frente, com as luzes vermelhas da traseira escondidas por trás de um miasma de fumaça e poeira, Lilly sente a inquietude de um ataque de pânico se aproximando. Ela não sente isso há pelo menos dez anos, mas, com certeza, está voltando tudo agora: os pensamentos se esvaindo, deixando-a zonza conforme os medos invadem seu cérebro, enviando arrepios pela sua nuca. Lilly encara aquelas órbitas vermelhas reluzentes diante de si. Ela encara bastante até que se tornam dois planetas anões vermelhos

flutuando no espaço... Então se concentra no treinamento. Pensa nas lições que Bob lhe ensinou na época do treinamento básico: o zen do atirador.

A bala fará uma trajetória curva. O atirador deve compensar isso mirando mais alto em distâncias mais longas. Se a distância até o alvo for desconhecida, o atirador pode calcular a altura do cano usando algum tipo de marco próximo ao alvo, como um poste ou a estaca de uma cerca, então ele extrapola o ajuste para um alvo próximo. Lilly fica pensando nisso enquanto dirige, engolindo o medo ao se concentrar. O tiro na cabeça é o alvo preferido. Normalmente, a cabeça humana tem quinze centímetros de largura, os ombros humanos têm cinquenta centímetros de distância entre um e outro e a distância média da pélvis de uma pessoa até o alto da sua cabeça é de um metro. Diante de Lilly, o caminhão de carga faz uma curva de noventa graus para a Millard Drive. E ela o segue tranquilamente, girando o volante e guiando o M35 com calma pela poeira e pela estrada de pista dupla.

Lilly se sente melhor. Sente os pensamentos acelerados se apaziguarem na calma viperina da determinação de um atirador de elite, um estado sobre o qual Bob certa vez fez uma rapsódia quando estava bêbado. O tipo da bala determinará a taxa de disparos. O rifle Remington atira um projétil de calibre .308 de 175 grãos de peso a 818 metros por segundo. De uma distância de 550 metros, um ajuste de dezessete graus de elevação precisaria ser feito para acertar o alvo. Lilly sente o comboio acelerar à frente, o odômetro passa um pouco dos 65 quilômetros por hora. Ela segue. Austin diz algo do seu lado.

— Hã? — Lilly olha para o rapaz, sentindo como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo. — Você disse alguma

coisa?

Austin olha para ela, a tensão parece uma máscara nas feições infantis dele.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo.

— Que bom.

Ele assente e olha para o horizonte pela janela ao lado. Lilly repara que o céu mudou de cor atrás das árvores, iluminando-se de um preto profundo para um cinza desbotado. O alvorecer está próximo. Ela segura o volante com mais força e segue a procissão por uma estrada de saída de terra, onde a nuvem pesada de poeira se eleva. A cada poucos minutos, Lilly olha pelo espelho lateral e vê o Governador de pé ao fundo, entre os homens e mulheres em silêncio que estão espremidos feito prataria numa gaveta.

Ele parece que está atravessando a porra do rio Delaware, pensa Lilly, e, durante um instante, sente uma onda de emoções contraditórias. Está um pouco envergonhada por Philip, pelo modo como ele está de pé lá atrás com aquele tapa-olho espalhafatoso e o colete à prova de balas — a cabeça erguida, de modo desafiador, a única mão boa segurando na cabine para se equilibrar nas saliências da estrada — parecendo um general espartano ferido em busca de vingança. E Lilly percebe que tudo isso é verdade. Mas outra parte dela absorve o aspecto da atitude de general confederado do Governador. Ele é o pior dos valentões, e ela sente confiança percorrer seu corpo agora ao saber que vai para a batalha com aquele homem. Quem melhor para acabar com o câncer?

Quinze minutos depois, o sol começa a brilhar forte no tom laranja por trás das montanhas e a estrada começa a se curvar suavemente.

A floresta, de cada um dos lados do comboio, vai ficando mais densa, e o cheiro de pinheiro, de húmus e de excrementos dos errantes invade o interior da cabine. Ao olhar outra vez pelo espelho lateral, é possível ver o Governador no compartimento de carga dos fundos, com o mapa, o qual oscila à brisa. Ele pega o walkie-talkie no cinto. Os outros passageiros, sentados em fileiras de cada lado de Philip Blake, erguem os rifles e verificam as câmaras de munição, seus maxilares ficando tensos de ansiedade.

O Governador aperta o botão para falar. O som da voz dele estala dentro da cabine do caminhão:

— Estamos nos aproximando da colina que dá para a prisão... certo, Gabe?

A voz de Gabe chia e falha:

— Estamos, sim, chefe... A prisão fica a uns 460 metros, na direção das planícies, no limite do condado.

— OK — responde a voz do Governador. — Vamos fazer o seguinte: encontre um local amplo para parar, preferivelmente dentro do campo visual do lugar.

— Entendido!

O sol da manhã açoita a floresta, infiltrando-se em faixas translúcidas entre os galhos, e os tufos fantasmagóricos de algodão flutuam através dos raios, o que confere um clima quase primordial. São exatamente 6h45 da manhã. Gabe encontra uma clareira estreita onde pode parar o carro, e o restante do comboio o segue — movendo-se devagar, mantendo o ruído dos motores o mais baixo possível —, um após o outro, parando suavemente.

Lilly encosta o M35 atrás do caminhão de carga, empurra a alavanca de câmbio para o ponto morto e puxa o freio de mão.

Durante bastante tempo, todos ficam sentados em silêncio. Lilly consegue ouvir sua corrente sanguínea pulsando nos ouvidos. Então, um a um, o ruído de portas se abrindo suavemente sinaliza o ponto de onde não há mais volta. Lilly e Austin saem da cabine, as articulações doloridas pela tensão, os estômagos contraídos de nervoso. Lilly ouve ferrolhos de rifles estalarem baixinho nas sombras frias e azuis das árvores. Tambores são alimentados com balas. Faixas são apertadas em cintos de munição. Coletes de Kevlar são ajustados, óculos escuros são colocados e todos ficam de pé diante das grades frontais dos veículos que roncam baixinho.

— Aqui estamos — anuncia o Governador do banco de trás do caminhão de carga de Lilly. O som da voz dele faz todos ficarem imóveis. Philip Blake faz um gesto extravagante na direção de uma brecha entre as árvores a leste, uma trilha de terra que leva para uma elevação sutil no vale. A prisão é visível em meio a ondas de calor a uns 365 metros de distância. — Tão perto que dá para sentir o cheiro da maldade deles.

Todas as cabeças se viram na direção do conglomerado de prédios de pedra distantes; o complexo parece algum tipo de instalação beduína exótica construída no meio do nada. Os alojamentos baixos estão enfiados atrás de camadas de cerca retorcida e arame farpado, as torres de vigia estão abandonadas, vazias e impotentes. O lugar grita para Lilly — uma casa abandonada, condenada e mal-assombrada, as alas que antes ficavam cheias da escória da sociedade, mas que agora parecem dormir, uma rede de estradas sujas cercando o perímetro exterior — e o único movimento atual é de uma multidão de errantes, volumosa como uma plataforma de metrô na hora do rush, andando a esmo

pelos limites da cerca. Eles parecem tão pequenos e escuros àquela distância que lembram insetos.

— Tentem manter o ritmo dos tanques conforme nos aproximamos — ordena o Governador da plataforma, falando alto o bastante para ser ouvido, mas não tanto a ponto de anunciar a presença do grupo para ninguém, pelo menos ainda não. — Quero parecer uma onda implacável no horizonte. Queremos intimidá-los de imediato... mostrar que foram descuidados!

Lilly tira o rifle do ombro e verifica a culatra da arma — está travada e carregada. A coluna dela formiga de ansiedade.

— Quando começarmos, quando a matança tiver início — continua o Governador, verificando com o único olho bom cada um dos guerreiros —, não se deixem enganar pela aparência deles. Vocês verão mulheres, até mesmo crianças, mas asseguro-os de que essas pessoas são *monstros,* nada diferentes dos Mordedores que matamos sem pensar duas vezes!

Lilly troca um olhar tenso com Austin, que está de pé ao lado dela com os punhos cerrados. Ele assente para ela. A expressão de Austin é de partir o coração, pois seu rosto antes jovial agora parece ter envelhecido muitos anos à aspereza da luz do alvorecer.

— A vida aqui fora — diz o Governador a eles — mudou essas pessoas, distorceu-as em criaturas que matarão sem piedade, sem nem pensar, sem qualquer respeito pela vida humana. Eles não merecem viver.

O Governador sobe pela barra lateral do caminhão e salta para o chão. Lilly o observa, com a pulsação acelerada. Ela sabe exatamente para onde ele vai. Philip anda até o veículo principal, as botas estalando o cascalho no chão, a mão enluvada rachando enquanto o homem cerra o punho.

Gabe está sentado atrás do volante do caminhão principal, inclinando o corpo para fora da janela aberta com uma expressão confusa.

— Tudo bem, chefe?

O Governador olha para ele.

— Vá para a fila com os outros. Quero a frota inteira espalhada pela extensão do vale. E mande um batedor para os fundos do lugar para ficar de olho em qualquer um deles que tente escapar.

Gabe assente, então olha para o Governador.

— Você não vem?

Philip olha para a prisão distante.

— Eu não perderia isso por nada. — Olha de volta para Gabe. — Vou no tanque.

O grupo sai pelo leste, com o sol nas costas, levantando uma tempestade de poeira.

Conforme rugem elevação abaixo e cruzam o vale, o Governador segue no nariz do tanque, a mão enluvada soldada à metralhadora como se estivesse montando um cavalo selvagem. As enormes esteiras do tanque, assim como as imensas rodas de todos os veículos militares, levantam a terra seca conforme o comboio se aproxima, os motores cantando uma ópera alta — um exército de valquírias descendo sobre os condenados —, e a nuvem de poeira fica tão profusa que praticamente engole a frota inteira.

Ao se aproximarem da estrada de acesso externo — a 45 metros da cerca — diversas coisas mudaram. Todos os errantes próximos, tendo sido atraídos pelo barulho e pelo clamor, agora estão reunidos no limite a leste da prisão. Os mortos somam cem ou mais — uma camada a mais de proteção, planejada ou só pura coincidência, para

aqueles que estão dentro da prisão. Na mesma hora, vozes frenéticas começaram a ecoar pelo pátio de cimento atrás da cerca — os habitantes foram pegos desprevenidos e agora correm para se proteger.

Acrescenta-se ao pandemônio a enorme tempestade de poeira, agora tão grande e densa quanto um siroco, que engole completamente o comboio. Cega pela nuvem de poeira, Lilly aperta os freios, quase lançando todo o compartimento de carga com homens e mulheres armados pelo vidro da cabine. Austin se choca contra o painel e bate com a cabeça no para-brisa. Lilly recupera o fôlego e se vira para ele.

— Você está bem?

— Estou — murmura ele, com dificuldades para apontar e preparar a arma.

A nuvem de poeira começa a se dissipar. O sol forte do amanhecer brilha através dos nimbos como fogo através da gaze, tornando tudo luminoso e onírico. O coração de Lilly martela no peito. A cabeça dela lateja com tensão nervosa. Através do para-brisa coberto de sujeira, Lilly consegue ver a cerca exterior da prisão com as coroas de arame farpado — e centenas de metros de extensão — fervilhando de mortos-vivos.

Eles formam um enxame e marcham para a cerca como vespas englobando um ninho — centenas deles, de todas as formas, tamanhos e gêneros, rosnando e babando, movendo-se como um grande organismo —, enlouquecidos por alguma fome demoníaca intrínseca, levados ao frenesi pelo barulho do comboio, pelo movimento frenético dentro do complexo e pelo cheiro de carne humana.

Pela janela a seu lado, através da sua visão periférica, Lilly sente algo se mover. O Governador subiu em uma das aberturas do tanque como uma gloriosa figura de proa diante de um navio, o peito estufado com adrenalina e arrogância. Ele ergue uma das mãos enluvadas e aponta para as multidões de mortos-vivos. Sua voz ecoa com o impacto de um tiro de canhão:

— DESTRUAM TODOS! AGORA!!!

A fuzilaria irrompe por todo o campo — um tornado horizontal acelerando na direção de colunas de carne morta, mesmerizando Lilly, paralisando-a no assombro estrondoso. Errantes começam a se dilacerar em jorros de sangue e tecido em decomposição. Cabeças explodem em estouros sequenciais e coreografados conforme os calibres .50 disparam de automáticas. Os crânios se abrem como fios de lâmpadas se partindo e espirrando na cerca. Corpos em frangalhos giram e dão piruetas na poeira. Cápsulas vazias saltam no ar atrás dos veículos com a profusão de fontes. A cerca ondula e chacoalha com o massacre e corpos se acumulam na cerca retorcida. Lilly nem mesmo tem a chance de inclinar o corpo para fora da janela para disparar um único tiro. A saraivada massiva de tiros dura apenas alguns minutos — puramente exibicionista agora —, mas nesse meio-tempo atravessa os mortos com a força de um tsunami, uma maré vermelha aterrorizante de destruição, partindo carne, despedaçando membros nas articulações, estourando o topo de crânios e transformando rostos monstruosos em polpa vermelha. O barulho é absurdo. Os ouvidos de Lilly zunem e ela os tapa com as mãos, encolhendo o corpo conforme o próprio ar ao redor estoura e vibra. A cordite forma uma nuvem azul sobre o limite leste da prisão, até que a maior parte dos errantes tenha sido abatida.

Enquanto os últimos corpos são massacrados, os disparos diminuem, até Lilly mal ser capaz de ouvir por cima do zunido nos ouvidos e das vozes frenéticas de seres humanos dentro das barricadas da prisão gritando uns com os outros: “ABAIXEM!”; “PAREM!”; “LORI!”; “ABAIXEM, PORRA!”; “ANDREA, PARE!”; mas Lilly não consegue ver muita coisa por trás dos véus de poeira e da fumaça de armas sendo levantada pela exibição de força.

Ao longe, assim que os estouros dos últimos poucos calibres maiores estalam à luz do sol envolta em névoa, Lilly ouve o som da voz do Governador — agora amplificada por um megafone — atravessando os estalos intermitentes de disparos de pequenas armas.

— *...CESSAR FOGO!*

O último dos atiradores abaixa a arma, e de uma só vez um silêncio esquisito toma conta da paisagem. Lilly olha pelo para-brisa sujo para os corpos destruídos, mutilados e fumegantes jogados na cerca. Durante um instante horrível, aquela visão é registrada no cérebro de Lilly, fazendo-a se lembrar das fotos de atrocidades que viu certa vez, da Segunda Guerra Mundial — os corpos de vítimas dos campos de concentração empilhados por escavadeiras dentro de valas sujas de neve, covas rasas — e a sensação que isso dá a ela a faz piscar, balançar a cabeça e esfregar os olhos ao tentar afastar os pensamentos indesejados.

O som de uma voz rouca amplificada por um megafone interrompe o estupor de Lilly.

— *PARA QUALQUER UM DO LADO DE DENTRO QUE AINDA ESTEJA VIVO... ESTA É SUA ÚLTIMA CHANCE DE SAIR DISTO COM VIDA.* — De pé na estrutura dianteira do tanque Abrams, o Governador aponta o megafone para os pátios enormes e

desertos no interior da cerca. A voz dele ecoa pelas paredes dos pavilhões de celas e prédios administrativos. — *NÃO FAREI OUTRA OFERTA*.

Lilly sai em silêncio da cabine e Austin emerge do outro lado.

Os dois se agacham atrás das gigantescas rodas dianteiras do caminhão com as armas prontas. Eles olham pela lateral das portas para a prisão a meia distância, e também para todas as quadras de basquete desertas, estacionamentos e pátios de exercícios. Nada se move dentro do confinamento das cercas, apenas algumas sombras disparam e tremeluzem aqui e ali pelas fendas entre os prédios.

— *VOCÊS NOS MATARAM E NOS DEIXARAM ALEIJADOS, E AGORA SE ESCONDEM ATRÁS DAS CERCAS, MAS SEU TEMPO* ACABOU*!* — Essa última palavra é pronunciada com um zelo tão peçonhento que parece ecoar e penetrar nas paredes da prisão com a meia-vida traiçoeira de uma doença contagiosa. — *NÓS TEREMOS PIEDADE... MAS APENAS SOB UMA CONDIÇÃO*.

Lilly olha por cima do ombro para o Governador, que está de pé no tanque, segurando o megafone. Mesmo daquela distância — sete ou dez metros — ela consegue ver o único olho funcional do homem brilhando como âmbar incandescente. O som da voz ampliada dele parece uma lata de alumínio sendo rasgada.

— *ABRAM O PORTÃO INTERNO... REÚNAM TODAS AS SUAS ARMAS, TODA A MUNIÇÃO, QUAISQUER FACAS, O QUE QUER QUE TENHAM, O EQUIPAMENTO DE TROPA DE CHOQUE, TUDO, E EMPILHEM DIANTE DO PORTÃO MAIS RECÔNDITO. ENTÃO QUERO QUE FECHEM O PORTÃO, TRANQUEM E ESPEREM ENQUANTO MATAMOS OS MORDEDORES*.

O Governador faz uma pausa e ouve o silêncio, a quietude interrompida apenas pelos ecos da voz dele, que se dissipam, e pelo ruído de motores rosnando baixinho ao redor.

— *NÃO PRECISAMOS NOS MATAR... AINDA HÁ UMA CHANCE DE TRABALHARMOS JUNTOS*.

Mais silêncio.

Da sua posição atrás da roda do M35, Lilly consegue ver mais errantes vindo do norte, arrastando os pés pela esquina da cerca na direção dos irmãos caídos. Ela avalia o amplo pátio de exercícios dentro da cerca, as ervas-daninhas formando rachaduras na calçada iluminada pelo sol, pilhas desgarradas de lixo rolando com a brisa. Lilly estreita os olhos. Ela mal consegue discernir alguns objetos escuros aqui e ali que, a princípio, parecem montes de lixo ou de roupas se agitando ao vento. Só que, quanto mais ela observa, mais se convence de que aqueles são seres humanos rastejando para se protegerem.

— *FAÇAM COMO ESTOU PEDINDO E ABRAM OS PORTÕES*. — Ao ouvido de Lilly, a voz do Governador parece quase razoável, até mesmo racional, como um professor explicando aos alunos com muito pesar os protocolos da detenção. Ele diz ao megafone: — *ESTA É A ÚLTIMA CHANCE*.

O Governador abaixa o megafone e, tranquilamente, espera por uma resposta.

Lilly se agacha em silêncio atrás da porta com o rifle Remington, que agora segura firme com ambas as mãos, um dedo suado no gatilho, e a pausa que se segue — que dura apenas alguns minutos — parece se estender por uma eternidade. O sol atinge a nuca dela. Suor escorre pelas suas costas. O estômago de Lilly se revira. Ela sente o leve cheiro de errantes ao vento e aquilo a deixa

enjoada. Lilly consegue ouvir a respiração de Austin do outro lado da cabine e ver a sombra dele. Austin está encarando o chão com o rifle aninhado nos braços.

De uma só vez, uma série de cólicas revira a barriga de Lilly, enviando pontadas agudas de dor pelo abdômen dela e a prendendo no para-lama do caminhão. Parece uma serra circular cortando Lilly ao meio, e ela curva o corpo, agoniada, tentando respirar. Sente o absorvente entre as pernas se envergar e ficar pesado, pois o fluxo de sangue é praticamente uma hemorragia dentro de Lilly.

Ela tem usado absorventes internos e externos desde que sofreu o aborto e o fluxo vai e vem, mas agora o sangramento está voltando como se quisesse se vingar — devido ao estresse ou como uma sequela do exame ou *ambos* — e isso está começando a enlouquecer Lilly. Ela tenta se concentrar nos pátios distantes da prisão e ignorar as cólicas, mas é basicamente uma batalha perdida. A dor lateja e contorce o interior de Lilly, e ela começa a associar o sofrimento dentro de si com os desgraçados malignos dentro daquela prisão. Ela sabe que é forçar a barra, mas não consegue evitar o pensamento... *Isso é culpa deles, porra, esta dor, este sofrimento, este fogo revolto dentro de mim; é tudo por causa deles*. Lilly ouve o murmúrio da voz do Governador nesse momento, e isso faz uma fileira de calafrios percorrer a espinha dela.

Do banco em que está sentado no tanque, o Governador murmura:

— Filhos da puta... não podem facilitar.

Àquela altura, pelo menos mais uma dúzia de errantes está se arrastando na direção do comboio, alguns pelos cantos da cerca do sul e por oeste, e o Governador solta um suspiro exasperado. Por fim, ergue o megafone.

— *VOLTEM A ATIRAR!*

Canos são erguidos, gatilhos posicionam as balas no lugar, produzindo estalos, mas, antes que qualquer um tenha a chance de dar mais um tiro, o som de um único rifle de longo alcance estoura alto no céu azul e silencioso acima de uma das torres de vigia.

O disparo acerta o ombro direito do Governador, logo acima do músculo peitoral.

ONZE

Uma bala disparada de um rifle militar de longo alcance sai do cano a uma velocidade de até 1.067 metros por segundo. A maioria das balas viajando a essa velocidade — nesse caso, uma cápsula Winchester calibre .308 do arsenal da prisão — pode penetrar facilmente um colete de Kevlar e causar danos mortais ao alvo. Mas a distância entre a torre de vigia (no canto sudoeste da propriedade) e o tanque (estacionado a quase cem metros a leste da cerca exterior) ocasiona fricção suficiente da resistência do ar para reduzir consideravelmente a velocidade da bala.

Quando a cápsula penetra o ombro do colete do Governador, ela está viajando a pouco menos de 610 metros por segundo e faz apenas um buraco profundo no Kevlar que faz parecer que ele acabou de absorver um soco do Mike Tyson. O choque do impacto o faz rolar para trás, para fora da beira do tanque.

O Governador cai com força na vegetação rasteira, sem fôlego.

O restante da força de ataque se sobressalta subitamente, e cada um dos atiradores ergue o rosto das miras. A paralisia do grupo dura apenas uma fração de segundo — até mesmo Lilly ficou imóvel, agachada atrás da porta da cabine, olhando boquiaberta para o homem caído — até que Philip arqueja e se vira, inflando os

pulmões, piscando para afastar o choque. Ele respira fundo, emitindo chiados, recuperando-se. O Governador se coloca de pé, protegendo-se atrás da estrutura de ferro do tanque.

— Merda! — cicia o homem entredentes, olhando ao redor, tentando medir a direção de onde veio a bala.

Lilly ergue o rosto para o canto sudoeste do pátio da prisão e vê a torre de vigia reluzindo sob os raios fortes do sol que nasce. A estrutura de madeira vai ficando mais fina perto do topo, encimada por uma pequena cobertura e cercada por uma passarela. Daquela distância, é quase impossível discernir se há alguém lá em cima, mas Lilly tem quase certeza de que nota uma figura escura deitada de barriga para baixo no chão da passarela.

Lilly está prestes a dizer algo sobre isso quando outro flash — como o lampejo de uma mancha solar num espelho — dispara do canto da torre e a consequência estrondosa se segue um nanossegundo depois.

A dez metros de distância de Lilly, bem do lado esquerdo dela, um dos atiradores de Woodbury — um jovem com um cavanhaque e cabelos loiros despenteados que atende pelo apelido de Arlo — estremece repentinamente em uma nuvem de jatos de sangue. Uma bala calibre .308 rasga uma fenda no pescoço dele, cuspindo tecido pelo buraco de saída e fazendo o homem ir para trás cambaleando.

O rifle Kalashnikov sai voando quando Arlo se choca com o jovem de pé atrás dele antes de cair no mato. O outro atirador dá um grito, sangue borrifa em seu rosto, e ele imediatamente cai no chão. Atordoado e em pânico, o homem rasteja de barriga para baixo na direção da carroceria do caminhão de Lilly.

O Governador vê o que Lilly já tinha visto.

— A TORRE! — Ele aponta para o canto sudoeste do pátio. — ELES ESTÃO NA PORCARIA DA TORRE!

Outra faísca de luz prateada reluz contra o sol logo antes de o terceiro disparo ressoar. Mais um homem de Woodbury — esse a seis metros do flanco direito do Governador — recua com o impacto de um tiro direto na cabeça. Um pedaço do crânio dele é atirado pelos ares em uma cascata de sangue conforme o homem cambaleia para trás na grama alta.

Àquela altura, toda a força de invasão está buscando cobertura, vozes frenéticas emitem gritos indecifráveis, vários membros da milícia correm para as metralhadoras e se protegem atrás das colunas dos veículos e das portas abertas de cabines de caminhões.

— ALI! — O Governador aponta para a torre. — AQUELA À ESQUERDA!

Lilly aponta o Remington pela abertura da janela da porta da cabine e tem como objetivo a torre banhada pelo sol. Pela mira da arma, ela vê um sujeito deitado de barriga para baixo no chão da passarela, com uma arma de coronha longa apontada para o pátio. Lilly inspira. É uma mulher. Pode perceber isso pelo rabo de cavalo oscilando ao vento e o corpo esguio. Por algum motivo, essa revelação a enche de ódio, do tipo que ela nunca sentiu. Mas, antes de ter a chance de dar um único tiro, uma saraivada de estrondos irrompe em ambos os lados do caminhão.

O ar fica mais leve quando a brigada inteira dispara o inferno contra aquela torre — os latidos de rifles de longo alcance são ritmados pelos rugidos chacoalhantes das metralhadoras de calibre .50 e dos rifles de assalto em modo automático total. Lilly se encolhe ao ouvir o barulho e sentir o calor, os ouvidos dela já estão zunindo impiedosamente conforme a jovem também tenta dar alguns tiros

controlados. Mais uma onda de cólicas rouba seu fôlego, fazendo com que ela perca a mira, e equipara sua agonia a um rompante de ódio. Lilly ignora a dor, prende a respiração, ajusta o ponto de mira para a taxa de disparo — mirando apenas alguns centímetros mais acima do alvo — e só então atira. O rifle dela estoura, o coice da arma a golpeia no ombro, o cuspe de cordite na lateral do rosto de Lilly parece gordura quente.

Bem no alto da torre de vigia, a borda da passarela se desfaz em um desencadear de pequenas explosões, lançando uma corrente de lufadas de poeira no ar, pulverizando os suportes de madeira, tilintando e faiscando no corrimão de metal e enchendo a área ao redor da figura escura com buracos fumegantes de bala.

É difícil dizer o tamanho do dano físico que causaram à atiradora, mas, pelo aspecto dos estilhaços de madeira que irrompem e do vidro estilhaçado, seria um milagre alguém sobreviver ao tiroteio — o qual se estende há pelo menos um minuto e meio — durante o qual Lilly atira mais nove balas, parando uma vez para ejetar um cartucho usado e recarregar. Por fim, ela vê através da fumaça uma mancha de sangue escorrendo pela parede interna da torre de vigia.

O tiroteio cessa por um momento. Na quietude, a torre de vigia continua em silêncio. Alguém, pelo visto, conseguiu dar um tiro, causando muito provavelmente um ferimento mortal naquela vadia assassina, mas, em meio ao caos, é impossível saber quem acabou acertando. Lilly abaixa a arma e repara em dois atiradores jovens à esquerda, cada um agachado perto da porta traseira de um caminhão de carga, dando high fives.

Lilly ouve a voz do Governador:

— Então?! Querem a porra de uma medalha?

Ao olhar por cima do ombro, ela vê um homem armado abrindo caminho entre os dois rapazes.

— Parem de bater punheta e enfiem esses corpos em sacos! — O homem indica as primeiras casualidades do grupo, as vítimas da atiradora de elite, os restos mortais humanos caídos, empilhados, na grama alta, as cabeças ensopadas em poças de sangue. — E matem o restante desses Mordedores — diz ele, apontando para alguns mortos reanimados que estão espalhados e arrastando os pés pelos cantos da cerca, movendo-se através da névoa azul de fumaça de armas. — Antes que encontrem o caminho até aqui e comecem a mastigar a porra das nossas bundas!

Lilly deixa os outros abaterem os poucos errantes que continuam na cerca. Em vez disso, ela se agacha atrás da porta aberta da M35 e abaixa o Remington, então espera o tiroteio seguir seu curso. O sol bate nela. Apenas por um instante, Lilly pensa nos rapazes que foram mortos apenas momentos antes pela atiradora na torre de vigia. Ela conhecia um pouco o primeiro, Arlo, mas sequer sabia o nome do outro. A mente dela está cheia de emoções contrárias: tristeza pelos homens mortos, ódio fervilhante dos animais naquela prisão. Ela quer queimar todo aquele acampamento, explodi-lo, apagá-lo da face da terra — mas algo dentro dela, uma semente de dúvida, agora se acomoda no fundo do seu estômago como um tumor canceroso. Será que esse é mesmo o melhor modo? O único modo? Lilly consegue ver Austin pela cabine aberta, agachado atrás da porta do carona, que está aberta, disparando a cada poucos segundos como se estivesse em um campo de tiros. Ele parece calmo e centrado, mas ela percebe a loucura na expressão do jovem. Será que Lilly está agora tão louca quanto ele? Ela vê outro borrão pela

visão periférica e se vira bem a tempo de ver Gabe correr para trás dos caminhões.

A figura monstruosa grande e suada parece preocupada, em pânico, ao se aproximar do tanque, atrás do qual Philip está, parecendo excessivamente imperioso e impaciente, a única mão restante fechada em punho. Os dois homens começam a brigar. Ensurdecida pelos estalos de tiros, Lilly não consegue ouvir o que dizem um ao outro, mas tem algo a ver com "nos custando munição demais", "essas pessoas têm uma mira horrível" e "por que não atropelamos a cerca?..."

Por fim, o Governador se vira para o batalhão de frente de guerreiros amadores e grita com toda força:

— Parem! PAREM! CESSAR FOGO!!

O estrondo insuportável para abruptamente. Silêncio recai sobre o campo. Nos ouvidos de Lilly, o eco das metralhadoras calibre .50 se mistura com o ruído branco em seu cérebro. Ela olha por cima da porta e vê alguns errantes ainda de pé perto da cerca — pelo menos uma dúzia ou mais — desmembrados e queimados por buracos de bala, mas com as cabeças intactas, ainda arrastando os pés pela terra — baratas imunes ao spray dos exterminadores.

Lilly ouve a voz do Governador à esquerda.

— Jared! Ligue o tanque!

Lilly engole o nervosismo e consegue ficar de pé nas pernas doloridas. Ela pega o rifle e dá a volta pela traseira da M35. Encontra Austin recarregando diligentemente o rifle Garand, colocando as balas dentro da culatra com dedos trêmulos e escorregadios devido ao suor. Fios do cabelo dele se soltaram do rabo de cavalo e pendem do rosto de Austin e alguns dos cachos grudam na testa encharcada de suor.

— Você está bem? — pergunta Lilly, surgindo por trás dele e apoiando a mão em seu ombro.

Ele dá um pulo.

— Sim... quero dizer... sim... estou bem. Estou bem. Por que está perguntando?

— Só queria me certificar.

— E você?

— Estou ótima, pronta para arrasar. — Lilly olha por cima da nuvem de fumaça que de repente começa a subir do tanque, o motor a turbina grunhindo. — Que diabos eles estão fazendo?

Austin observa o tanque começar a avançar para a cerca, momentaneamente hipnotizado pelo estranho veículo rugindo como um navio pirata na direção do aglomerado farfalhante de cadáveres de pé.

Momentos depois, o Abrams M1 mergulha no regimento desordenado de errantes que se arrastam pela cerca. Uma dúzia ou mais dos mortos-vivos são puxados para baixo das esteiras de ferro, o som da carne e dos ossos deles sendo esmagados até virarem polpa lembra o gemido de um enorme compactador de lixo. Lilly desvia o olhar. Náuseas ameaçam fazer o café da manhã dela voltar. O tanque faz uma curva súbita de noventa graus no pântano viscoso de carnificina humana, então começa a engasgar paralelamente à cerca, derrubando errante após errante com a eficiência grotesca de um fazendeiro arrancando espigas de trigos. Crânios são esmagados e órgãos estouram como bolhas cheias de sangue, e a hemorragia coletiva de literalmente centenas de corpos pútridos começa a levantar uma bruma de fedor acre, insuportável, horroroso.

A essa altura, os soldados do Governador — a maioria se protegendo atrás de veículos, as armas em punho — tomaram total consciência do movimento do lado de dentro das cercas, pela sombra de passagens nas fendas entre alas distantes de celas e em meio às reentrâncias escuras nos limites dos pátios. Com a horda de Mordedores escasseando agora, o terreno da prisão fica mais exposto, mais visível aos invasores. Figuras disparam aqui e ali, correndo em busca de abrigo ou rastejando de barriga no chão, procurando segurança dentro do edifício mais próximo. Lilly vê um homem mais velho com um chapéu molenga rastejar desesperadamente pela área de exercícios em busca de abrigo. Mas só quando o tanque chega ao ponto final da cerca leste e para, ruidosamente, ela nota que ainda há dezenas de errantes — talvez trinta ou mais — espreitando além dos limites mais externos da propriedade, pisoteando os restos mortais terríveis dos colegas criaturas.

O tanque para, ainda ligado, durante um momento na ponta da cerca enquanto o Governador dá a volta por trás de um dos caminhões, o olho arregalado e brilhante de ódio. Ele passa pelo caminhão de carga de Lilly, para e avalia o limite da cerca, o qual está cheio de restos mortais pútridos agora. Gabe se junta a ele e Lilly ouve a conversa dos dois.

— Tenho uma ideia — diz Gabe a Philip. — A visão do tanque não foi o bastante para expulsá-los, mas e se tentássemos atirar aquele canhão neles, porra? Isso poderia chamar a atenção deles, não?

O Governador nem mesmo olha para o homem, apenas continua encarando as cercas, acariciando o queixo barbudo e pensando. O tanque ruge de volta para os portões principais,

girando de forma esquisita ao retornar à posição original. Philip observa tudo com ceticismo.

— Jared precisou de cinco meses para aprender a dirigir aquela merda, mas não chegou a entender como carregar e atirar. A verdade é que é mais para *exibição*.

Agora o Governador olha para Gabe, e o lampejo de algo perturbador — Gabe não consegue identificar exatamente o que é — surge nos olhos de Philip.

— A questão é que na verdade ele só está aqui para reduzir a horda a um grau gerenciável para o flautista.

Gabe olha para ele.

— É o quê?

Tudo começa com um motor rugindo atrás dos caminhões de carga e um borrão de movimento quando um dos veículos menores — uma Chevy S-10 cinza e enferrujada — dá marcha a ré na direção da cerca. Lilly e Austin ficam atrás das portas do caminhão deles conforme a dinâmica no campo de batalha muda repentinamente. Eles veem dois homens de Woodbury com coletes à prova de balas sentados na porta traseira da picape, agitando as mãos e gritando provocações indecifráveis para os corpos reanimados que continuam perambulando pelas cercas. Isso chama a atenção da maioria dos monstros — se não de todos.

O caminhão se afasta devagar e os errantes começam a arrastar os pés instintivamente atrás dele.

Enquanto tudo isso acontece, o Governador decide que a área está limpa o suficiente e é a hora de acabar com aquela porra, então ele ordena que matem todos. Matem todos, porra. Agora. AGORA!

— *ATIREM PARA MATAR, PORRA!*

Dentro das barreiras, os moradores correm para se esconder enquanto o ar ao redor deles pega fogo. Alguns dos mais fracos cobrem as cabeças e ficam no chão, outros rastejam loucamente em busca de segurança e uns dos mais velhos tentam ajudar os mais novos. A artilharia pesada que vem do leste, de todos os cantos do campo, dispara minúsculas nuvens explosivas de poeira no chão de cimento rachado, ziguezagueando pelos pátios, faiscando em caçambas de lixo, nas tabelas das quadras de basquete e por sarjetas, canos de drenagem, ventiladores de sistema de circulação de ar e compressores de ar-condicionado. Vozes altas chegam aos ouvidos de Lilly conforme ela mira alvos móveis, prende a respiração e dispara tiros precisos.

— PARA BAIXO! — grita alguém, segurando uma mulher contra o concreto.

— TODOS PARA BAIXO! — grita outra pessoa, derrubando outra mulher que tenta escapar do ataque. Os pátios se tornam um borrão de movimentos caóticos. Poucas das figuras, se é que há alguma, parecem estar armadas. Isso incomoda Lilly a ponto de fazê-la parar e desviar o olho da mira. Por um momento, ela fica observando um homem mais velho, sem camisa, corpulento, barbudo, de cabelo comprido e desarrumado, disparar, insano, para uma porta. Um disparo repentino enche o ombro dele de buracos de bala ensanguentados, arrancando pedaços dos braços e da barriga cabeludos dele. O velhote cai no chão como um borrifo escarlate, e Lilly solta um suspiro tenso.

Ela vê outra figura fugindo e, por um breve instante, reconhece o homem.

Lilly ajusta a mira e, no campo telescópico, vê o homem de maxilar quadrado chamado Rick Grimes — o filho da puta que

liderou a fuga de Woodbury, o líder daqueles animais, aquele que brigou com o Governador e provavelmente matou Martinez e Deus sabe o que mais o quê — segurando uma mulher e gritando para ela:

— VOCÊ PRECISA ENTRAR! NÃO TEM ONDE SE PROTEGER AQUI FORA! OUVIU?!!

Ele arrasta a mulher para o prédio mais próximo a cerca de dezoito metros dele e 130 de Lilly.

A litania da escola de atirador de Bob tranquiliza Lilly, a acalma — *inspire, escolha o alvo, descubra a distância, ajuste o ponto de mira* — e agora ela está com o aquele tal de Rick no centro da mira. Ela expira devagar e começa a apertar o gatilho... mas então para. Espere. Algo reluz forte, bem no fundo do seu cérebro, algo que ela não consegue identificar, algo incipiente e quase elétrico — feito uma sinapse malfeita — que lança uma série de flashes na mente dela, imagens rápidas demais para registrar.

Lilly estremece ao ouvir a voz do Governador vindo de detrás do tanque, a seis metros dela:

— Nós os encurralamos! É só uma questão de tempo até que...!

O tilintar metálico de um ricochete zunindo no alto da metralhadora de aço do tanque o interrompe. O Governador se abaixa. Vasculhando os pátios da prisão, ele olha para a torre de vigia a nordeste do lado oposto da propriedade. Os outros se viram e de uma só vez todos veem o brilho de outro cano de arma lá em cima, contra o sol — um segundo atirador. O Governador se agacha atrás do tanque. Ele pega o walkie-talkie do cinto, aperta o botão para ligar o aparelho e grita uma ordem rosnada e irada:

— Acabem com aquele desgraçado!

Duas metralhadoras calibre .50 nos tetos de caminhões de carga adjacentes oscilam ao norte, e Lilly trinca os dentes quando os

rugidos metálicos de rajadas de armas automáticas disparam um mundo de sofrimento para cima da torre. As janelas altas irrompem contra o céu azul pálido. Ondas de vidro quebrado estremecem pelos ares produzindo um coro de rachaduras atonais, e gavinhas reluzentes disparam em todas as direções.

Pela visão periférica, de sua posição abaixada no chão, Lilly sente outros movimentos vindo de dentro das barricadas da prisão. Muitos daqueles que estavam abaixados agora tiram vantagem da distração e disparam desenfreados para as entradas dos pavilhões das celas. O Governador também vê isso. Ele se vira e grita para os atiradores:

— EI! — Philip Blake aponta para os pátios da prisão. — Estão fugindo para os prédios, porra! — Então ele indica a torre. — Só precisamos de alguns de vocês atirando para matar aquele imbecil! Porra, fala sério, usem as cabeças!!!

Vários atiradores então se viram e atiram nos pátios sem distinção. Do outro lado da propriedade, aqueles que continuam fugindo se abaixam para se protegerem da saraivada de balas. Lilly olha pela mira e vê diversas almas agora catando armas. Ela vê uma adolescente de cabelo preto e curto rastejando até um rifle, vê um homem grande afro-americano vasculhando uma sacola e uma mulher de dreadlocks — *Michonne* — pegando uma pequena pistola preta do cinto de um homem que, de longe, parece ser uma 9 mm. A moça dos dreadlocks se vira e começa a atirar. As ações dela encorajam outro homem a fazer o mesmo, depois outro e mais outro.

— ENCONTREM ABRIGO! — A voz do Governador aumenta uma oitava. — TODO MUNDO... ENCONTRE ABRIGO AGORA!

Em minutos, mais integrantes da milícia de Woodbury começam a cair.

Johnny Aldridge era um viajante de 40 anos que acabou indo parar na equipe de Martinez, uma alma bondosa que sabia o nome de todos os membros de cada banda de heavy metal que já fez turnê no sul dos Estados Unidos nos anos 1990. Agora ele está caído na grama alta, ao lado de Lilly, perto o bastante para que ela sinta o cheiro antigo de fumaça de cigarro nele; os olhos vítreos do homem estão arregalados, o pomo de adão pulsa os espasmos da morte em um fluxo rítmico de sangue arterial. Lilly vira o rosto e fecha os olhos. Horror e angústia entorpecentes percorrem sua espinha.

Lilly se vira para Austin, que está deitado de barriga no chão, na grama, ao lado dela. Ele engole em seco e não diz nada, mas seu olhar diz tudo. Os olhos do rapaz brilham de terror. Lilly começa a dizer algo, mas ouve a saraivada de disparos que vem do pátio da prisão diminuir um pouco, o último estalo ecoando para o céu da manhã. Será que estão recarregando? Conseguiram voltar para os prédios? Então ela ouve a voz do Governador de novo, cheia de loucura e ódio:

— RECUEM! RECUEM, PORRA!

Lilly ouve o barulho rouco de marchas engatando ao redor dela, motores sendo ligados, canos de descarga estourando. A voz do Governador é quase abafada pelo clamor coletivo de todos os veículos sendo religados.

— Precisamos nos reagrupar, porra... precisamos reorganizar nossas merdas!

Saindo do esconderijo, Lilly luta cuidadosamente para entrar na cabine, mantendo a cabeça baixa, abrindo a outra porta para Austin. Ele volta para o banco do carona, a cabeça baixa, respirando com dificuldade, encolhendo o corpo ao ouvir os estalos

intermitentes de armas disparando pelas cercas. Pelo canto do olho, Lilly vê Gabe dando a volta depressa pela traseira do tanque.

O homem corpulento, ainda bufando, se agacha ao lado do Governador.

— O que acha?

— Não está dando certo — reconhece Philip, falando mais consigo mesmo do que com Gabe. Ele está segurando a única mão enluvada com tanta força que ela estala. Então o Governador rosna as palavras, ciciando como um psicótico: — ESSA PORRA NÃO ESTÁ DANDO *CERTO*!

Gabe começa a responder quando o Governador recua e dá um soco no queixo dele, acertando-o com tanta força que o impacto joga a cabeça do homem para trás e abre o lábio dele. Fiapos de saliva ensanguentada saem voando da boca de Gabe, e ele se encolhe na carcaça do tanque sobressaltado, piscando, pressionando o lábio com a mão. Gabe encara o Governador com fogo nos olhos.

— QUE PORRA É ESSA?

O Governador fixa o olhar incandescente no homem atarracado.

— Apenas entre na porra do caminhão.

Lilly observa tudo isso a sete metros de distância, de dentro da cabine do M35, e só consegue ouvir uns oitenta por cento da conversa, mas já viu o bastante. Está com frio na barriga e a garganta dela se enche de ácido. Lilly olha para Austin, que não diz nada. Ela liga o motor e passa a marcha no caminhão, empurrando a alavanca de câmbio para a ré. Mas só por aquela fração de segundo, antes de recuar, Lilly olha para o pátio da prisão.

Pelas camadas da cerca retorcida antiga, ela vê uma figura solitária caída no limite do pátio de exercícios, ensopada em uma

poça de sangue que só aumenta. Alguém do sexo masculino, vestindo um macacão da prisão, talvez com 30 e tantos anos, cabelo louro como areia, já ficando grisalho, de aparência displicente, com um cotoco onde deveria haver o braço direito. Ele tenta se arrastar sem pressa de volta para os prédios, mas foi mortalmente ferido com um tiro e tudo o que pode fazer é rastejar, centímetro a centímetro, deixando um rastro viscoso de sangue. Mesmo daquela distância, Lilly percebe que é o homem chamado Rick, e, pela aparência dos ferimentos dele, suas chances de sobrevivência são mínimas.

Ela vira o rosto quando o comboio de veículos começa a recuar, um a um, os caminhões fazendo retorno em U e rugindo para longe, na direção do horizonte leste. Lilly segue o tanque em retirada, mergulhando na névoa de poeira que é levantada por todas as rodas gigantescas, sem sentir nada pelo homem chamado Rick... nem simpatia, nem satisfação... apenas um vazio.

DOZE

— Sinto que devíamos dizer algo — diz Austin, hesitante, uma hora depois, com a voz rouca e exausta, de pé no leito de um rio seco quase cinco quilômetros a leste da prisão, tremendo, olhando para a enorme cova.

Abaixo, na vala, os corpos estão uns sobre os outros, braços e pernas jogados, manchas de sangue escurecendo à luz do entardecer. O ar estagnado está repleto de mosquitos e partículas que flutuam pelos raios de sol que atravessam os pinheiros.

— Não sei... é, provavelmente devíamos. — Lilly fica de pé ao lado dele, roendo as unhas, as mechas do seu cabelo castanho que se soltaram do rabo de cavalo pendem ao lado do rosto deprimido da jovem. As armas dela estão nos coldres, na cintura, e seus cotovelos estão ralados e ensanguentados. A lombar de Lilly lateja de dor, as articulações lancinam com a ardência constante da exaustão, e pontadas perfuram seu estômago: a última onda de cólicas cobrando seu preço. Ela funga para conter a agonia e encara as casualidades.

Lilly conhecia todos aqueles homens — se não de nome, certamente de vista — agora empilhados como lenha na vala para evitar que se somem à população de errantes ou que um deles acabe virando almoço do enxame. Aqueles homens que passaram algumas

vezes por Lilly na rua em Woodbury, que disseram oi, que ergueram os bonés da Caterpillar para ela, que deram umas piscadelas... não eram perfeitos, de modo algum, mas eram homens decentes e simples. Alguns deles, como Arlo e Johnny, por exemplo, eram doces e dividiram as porções racionadas com Lilly em mais de uma ocasião. Agora, ela sente um vácuo na alma ao olhar para eles. A depressão comprime os órgãos dela e a sufoca conforme Lilly tenta pensar em uma elegia.

— Johnny, Arlo... Ronnie, Alex e Jake... Evan e... hum. — Ela não se lembra do nome do último jovem. Então olha para Austin, desesperada.

Os olhos dele brilham com tristeza.

— Andy.

Lilly assente.

— Andy... isso. — Ela faz uma reverência com a cabeça e tenta não olhar para as formas pálidas empilhadas nas folhas do monte viscoso abaixo. Como sua avó Pearl diria: "*São apenas as conchas deixadas na praia... os espíritos deles se foram, querida.*" Lilly se vê desejando acreditar em Deus. Mas como alguém poderia acreditar em uma divindade cheia de amor naqueles tempos? Seria legal. Lilly engole a angústia amarga e diz, baixinho: — Cada um de vocês deu a vida por um propósito maior... proteger nossa comunidade... Vocês deram tudo de si. — A voz de Lilly fica levemente mais fraca, o peso da exaustão puxa seu corpo para baixo. — Espero que estejam em um lugar melhor agora. Que todos descansem em paz.

Um longo momento de silêncio se segue, interrompido apenas pelo canto distante e solitário de uma garça-azul. Lilly sente outras presenças rio abaixo, então olha para o sul.

A cerca de cinco metros espreita uma figura escura de pé no limite das árvores — com tapa-olho, um braço faltando e um colete à prova de balas preto feito carvão — fazendo uma careta enquanto olha entre as árvores do outro lado do leito do rio. Gabe está ao lado dele, sem dizer palavra enquanto atarraxa um silenciador no cano de um revólver de aço inoxidável de cilindro curto e calibre .357. Dois outros homens estão de pé a uma distância respeitável rio abaixo, segurando pás. Os outros dezesseis membros sobreviventes da milícia improvisada — uma dúzia de homens e quatro mulheres — podem ser vistos entre as árvores, cuidando dos feridos e de cabeça baixa perto do círculo de veículos estacionado em uma clareira de terra, local vigiado pelos operadores das metralhadoras. Ninguém parece muito interessado em prestar respeito aos mortos agora.

Gabe entrega a arma para o Governador, que dá um breve aceno de cabeça para ele. Então Philip Blake se vira e anda pela margem, na direção de Lilly.

— Terminou? — pergunta ele, ao se aproximar com um olhar de reprovação.

Lilly assente.

— É... vai em frente.

O Governador se posiciona diante dela, acima da enorme cova.

— Meu tio Bud lutou na Segunda Guerra Mundial, no Pacífico. — Philip sequer ergue o rosto ao falar. Ele leva o polegar ao gatilho da .45 e, estoicamente, dispara o primeiro tiro no crânio ensopado de sangue de Arlo Simmons.

Lilly mal reage ao estalo seco do silenciador — os nervos dela estão entorpecidos. O Governador mira o crânio de outra vítima e atira novamente na cova aberta. Dessa vez, Lilly se encolhe um pouco ao ouvir o ruído da bala perfurando o osso.

Philip olha por cima do ombro para os outros que estão reunidos do outro lado da clareira.

— Quero que todos ouçam isto! Venham!

Devagar e relutantes, os outros abaixam os cantis, os cartuchos de munição e os kits de primeiros socorros, apagam os cigarros e se dirigem pela clareira para o limite das árvores. O sol mergulha no horizonte a oeste e as sombras mais intensas somam-se à tensão.

— Meu tio Bud perdeu a vida no *USS Sonoma*, em outubro de 1944 — diz Philip, com a voz fria e inexpressiva ao mirar para outro crânio e atirar uma cápsula no tecido morto. Lilly se sobressalta. Agora, o Governador fala alto o suficiente para que o grupo inteiro ouça. — O navio foi atingido pelos kamikazes japoneses... afundou... foi destruído por selvagens que não respeitavam as convenções da guerra ou da vida em geral. — Ele atira diversas vezes na pilha de corpos, detonando crânio após crânio. Depois faz uma pausa e se vira para os observadores, os rostos lívidos deles procurando espaços por onde podem olhar em meio à vegetação. — É com isso que estamos lidando aqui, e quero que nunca se esqueçam.

Ele para, fazendo com que isso seja registrado, então olha por cima do ombro e assente para os dois homens com as pás.

— Vão em frente, rapazes, cubram agora. — O Governador olha para os demais. — Esses homens não morreram em vão.

Os dois homens com as pás se aproximam e começam a tapar os corpos com a terra fofa da margem do rio. O Governador observa. Ele respira fundo e sua expressão muda diversas vezes. Lilly vê isso pelo canto do olho, mas não o encara.

— Essas pessoas com quem lutamos — continua ele —, elas são piores do que as porras dos Mordedores... São puro mal... são monstros que não têm consideração pelas vidas dos filhos, dos

idosos ou de ninguém. Vocês as viram em ação. Todos viram que eles irão atirar na nuca de qualquer um de vocês sem piscar um olho. Elas vão tirar tudo de você e ainda dançar sobre seus cadáveres.

O rosto de Philip Blake se recompõe subitamente nesse momento, sob a luz deprimente e esmaecida do dia... passando de uma expressão de ódio fervilhante para algo mais estranho e mais insano — um inclinar de cabeça vaidoso, um âmbar de ódio justificado ardendo no olho visível, o que deixa Lilly nervosa. Ele em seguida olha para o batalhão farroupilha.

— Mas tenho novidades para esses selvagens — diz o Governador, conforme os homens atrás dele terminam de enterrar e se afastam do monte de terra com as cabeças baixas.

O tom da voz de Philip muda, ficando mais profundo e suave, como o de um pastor passando do fogo e do enxofre para os salmos.

— Eles podem nos atacar quantas vezes quiserem... podem me mutilar... podem cuspir em nossos túmulos... mas continuaremos contra-atacando, porque estamos numa cruzada santa aqui, gente... Não só para proteger nossa comunidade desses monstros... mas também para livrar o mundo desse mal. — O Governador olha para todos os rostos, demorando-se ao avaliar cada membro do seu exército particular. — Vamos redobrar nossos esforços. Vamos combater fogo com fogo. Não vai ser fácil. Precisaremos dar tudo o que temos.

Ele olha para um homem de meia-idade com boné dos Braves e camisa jeans que está de pé ali perto, com as mãos nas coronhas das duas Colt .45.

— Raymond, quero que pegue dois homens e vasculhe o perímetro hoje à noite. Procure pontos fracos no complexo, qualquer movimento suspeito, quero saber o que estão planejando naquele

motel de beira de estrada onde se escondem. — O Governador olha para outro homem, um motoqueiro barbudo vestindo roupa de couro e segurando uma espingarda calibre .20 de alimentação manual. — Earl, quero que você e outros três vigiem todos os lados enquanto nos reagrupamos. Se vir qualquer coisa que não pareça certa, atire. Entendeu?

O gigante barbudo assente e se apressa para escolher a equipe.

Philip se volta para Lilly e abaixa a voz.

— Vou precisar de que você e esse seu bonitinho ajudem a fazer o inventário, descobrir com que nível de armamentos estamos lidando. Quero contra-atacar com tudo, mas quero ter certeza de que temos os recursos necessários, certo?

Lilly assente.

— Sem problemas... cuidamos disso.

O Governador olha em volta e depois ergue o rosto para o céu.

— Vai escurecer logo.

Lilly olha para ele.

— Em que está pensando?

O homem olha para a cova.

— Já conto. — Então se vira e sai andando.

Ninguém da milícia exausta de Woodbury vê as duas figuras a quase cinco quilômetros a leste disparando pela saída dos fundos do Pavilhão D e correndo pelo pátio dos fundos da prisão, saindo do perímetro por um portão temporário no canto noroeste das cercas.

Ninguém do grupo do Governador percebe as silhuetas escuras de um homem e de uma mulher correndo, lado a lado, pela grama alta na direção do bosque denso de árvores no horizonte oeste. Ainda não está totalmente escuro e o entardecer dourado transforma

o campo ao redor em uma colina esvoaçante e suavemente iluminada. Sombras de carvalhos e chaminés dos prédios da prisão se estendem e alongam formando figuras fantasmagóricas e surreais enquanto os dois sujeitos apressados entram sem serem notados — as armas embainhadas, amarradas e seguras nas costas — no bosque precisamente às 18h47 do fuso horário padrão do leste.

Àquela altura, o grupo de reconhecimento de Raymond Hilliard ainda não partiu, pois ainda discutem que armas devem levar, quanta munição e de que mantimentos podem precisar. Enquanto isso, os homens nas capotas de aço das cabines dos caminhões, de olho na periferia do acampamento do Governador, estão posicionados baixo demais para conseguirem enxergar os pinheiros ao redor. Se estivessem, de fato, acima das copas das árvores, poderiam ver os movimentos repentinos da folhagem farfalhando, os galhos estalando e se agitando, indicando o curso dos dois invasores sorrateiros conforme abrem caminho pelo bosque mais denso na direção do acampamento temporário da milícia.

Naquele momento, no limite da clareira ao longo do leito do rio, fora do círculo de caminhões, três homens e uma mulher estão reunidos nas sombras profundas, verificando suas armas e contabilizando a munição.

— Deixe essa merda aí — ordena Raymond Hilliard ao homem mais velho da equipe de reconhecimento.

— O quê... *isto*? — James Lee Steagal, um velho e alto fazendeiro de Valdosta com cabelo ralo e olhos que lembram os de um cão de caça, aponta para o pequeno frasco de aço inoxidável do qual James acaba de tomar um gole de uísque barato.

— Não, seu idiota... a porra da mochila — diz Raymond, indicando a mochila pesada nas costas do fazendeiro. Raymond

Hilliard é um ex-técnico de futebol americano de um time universitário da Classe C, do norte de Atlanta... Um bom e velho rapaz, alto, esguio e de cabelo grisalho, que está usando um boné dos Falcons puxado bem baixo da testa, acima dos olhos castanhos e espertos. Ele carrega uma AR-15 com um pente de alta capacidade. — Vamos viajar com pouca coisa, traga apenas o suficiente para nos defendermos.

A mulher se intromete.

— Será que a minha Tec-9 vai ser suficiente, Ray? — Gloria Pyne é uma mulher baixa, mignon, de pele rosada, olhos ríspidos com pés de galinha profundos que revelam sua idade, e uma juba espessa de cabelo ruivo enfiada numa viseira que diz ESTOU COM O IDIOTA.

— É, só traga um cartucho extra ou dois. — Raymond se vira para os outros homens de pé atrás de Gloria, ambos mais novos, com tatuagens, vestindo as extravagâncias surradas estilo hip-hop da juventude urbana: bermudas largonas, tênis de cano alto e camisas tipo arrastão. Os dois parecem tímidos e um pouco assustados, apesar de cada um estar levando uma AK-47 com um cartucho de alta capacidade. — Vocês dois, venham nos flancos traseiros e nos deem cobertura.

Um dos garotos olha para o outro, pigarreia de nervoso e sussurra:

— Não vou ficar encarando a traseira de ninguém, muito menos a de Gloria.

— Cale a boca!

O rugido de barítono vem de detrás de um dos veículos, e a sombra de uma figura troncuda marcha na direção deles. Gabe dá a volta pela traseira de um caminhão de carga com a MIG no ombro e

um olhar severo. Seus olhos brilham de tensão. Ele dispara até os dois homens mais novos e cicia para eles entre os dentes trincados, o pescoço grosso reluzindo com a transpiração, a gola rulê preta encharcada de gotas de suor.

— Parem de palhaçada e comecem logo!

Raymond leva o polegar ao gatilho de segurança do rifle de assalto e acena para o grupo.

— Tudo bem, vamos embora.

Eles chegam a menos de 45 metros da clareira — movendo-se em fila única pelo bosque denso, Raymond na dianteira junto de Gabe para vigiar o avanço, os outros seguindo bem de perto — quando Jim Steagal se dá conta de que precisa fazer xixi.

Há alguns anos, a próstata de Jim anda se comportando mal. Ele se esqueceu de se aliviar antes de saírem do acampamento, e agora a combinação da bexiga fraca e os muitos goles de uísque que entornou a noite inteira deixam a caminhada pela floresta silenciosa e envolta em sombras muito desconfortável. Mas a princípio Jim não diz nada. Ele apenas segue em frente, logo atrás de Gabe, contorcendo-se a cada barulho baixo e cantoria dos grilos que inunda o bosque escuro formando uma sinfonia baixa e insistente de sons noturnos. A escuridão aumentou e o ar faísca com vaga-lumes e uma mariposa ocasional que cruza o caminho deles. O grupo sente o fedor dos errantes, mas não tanto a ponto de ficarem preocupados. Os Mordedores parecem estar seguindo em procissão para a atividade na prisão, o que mantém o bosque adjacente abençoadamente livre dos mortos. Jim trinca os dentes ao sentir a urgência da bexiga cheia quando começam a descer uma trilha sinuosa.

Eles chegam a uma clareira — uma ravina de musgo do tamanho de uma quadra de tênis — e o luar agora está tão claro quanto um abajur. Raymond para.

— *SHHHHHH!* — Ele se vira para os outros e, com gestos, ordena que todos se abaixem. O sussurro de Raymond quase não pode ser ouvido acima dos grilos. — Fiquem todos parados só por um segundo.

Gabe anda até onde o homem está e os dois se agacham no limite da clareira.

— Qual é o problema?

— Ouvi alguma coisa.

— O que foi?

Raymond olha para o outro lado da clareira, na direção da linha oposta das árvores.

— Não sei, talvez não tenha sido nada. — Ele encara Gabe. — Estamos perto da prisão, não estamos?

— Sim, e daí?

— Talvez devêssemos encontrar um terreno mais alto para ver o que está acontecendo lá.

Gabe assente.

— Tudo bem... Vamos voltar e pegar aquela outra trilha que leva até a colina.

— Vou logo atrás de você.

Os dois homens ficam de pé e estão prestes a voltar pelo caminho de onde vieram quando Jim Steagal aparece.

— Gente, vão na frente. Alcançarei vocês.

Gabe e Raymond se entreolham. O primeiro diz:

— Qual é o problema, porra?

— A natureza chama, cara... preciso mijar.

Gabe solta um suspiro exasperado.

— Faça o favor de ser rápido e voltar logo para a droga da fila.

Jim balança a cabeça para eles e se dirige para o outro lado da clareira.

Gabe e Raymond conduzem os demais trilha acima e esperam no alto da colina o homem mais velho terminar o que tinha que fazer. Jim vai até um tronco, prende o rifle no ombro com uma faixa de couro e abre o zíper. O jato de urina descreve um arco sobre a terra compacta e produz um ruído alto de água conforme Jim esvazia a bexiga.

Ele expira, aliviado. Então ouve um barulho à esquerda, um galho se partindo, talvez, ou pode ser que ele esteja só imaginando. O bosque parece mais denso. A poça do mijo dele se espalha pela terra rachada.

Algum movimento que Jim percebe pela visão periférica chama sua atenção enquanto ele continua mijando. O homem olha para a esquerda. Vê uma sombra irromper do bosque — acompanhada pelo som de um colete à prova de balas chacoalhando — e emite um ruído involuntário do fundo dos pulmões:

— *Q-Quem...?*

A mulher ataca Jim com uma espada katana reluzente, um borrão de Kevlar preto e dreadlocks oscilando da cabeça dela. O rosto ébano esguio e esculpido da mulher está parcialmente oculto por um capacete de esquadrão de choque.

Tudo acontece tão depressa que o jato de mijo continua inabalado enquanto a mulher experientemente agita a lâmina. A última coisa que Jim Steagal vê é o brilho da lâmina chanfrada da espada nos olhos.

A espada corta o rosto dele entre o lobo da orelha e a linha do maxilar, produzindo um ruído doentio de um talo de aipo sendo partido.

O topo do crânio de Jim sai voando e cai no chão, quicando. Sangue jorra da concavidade restante, enquanto os olhos dele continuam enviando imagens ao cérebro. Por uma fração de segundo, quando a cabeça decepada rola pelos ares, os nervos óticos registram o corpo inerte deixado para trás, ainda mijando, e o jato involuntário de urina continua desenhando um arco alto. Então, o que resta de Jim Steagal desaba numa pilha de sangue e mijo na lama rígida — e os próximos acontecimentos naquela clareira não são ouvidos ou vistos pelo homem morto.

— Rápido, Tyreese! — A mulher de dreadlocks gira o corpo na direção do homem caído. — Me ajude com o corpo!

Naquele momento, no alto da colina, atrás do emaranhado de vegetação rasteira, o rosto de Raymond Hilliard surge — esgueirando-se por uma brecha nos arbustos — e os olhos do homem se arregalam.

— AH, *PORRA*!

Então as coisas começam a acontecer muito rapidamente — quase rápido demais para que o olho nu seja capaz de absorver — conforme Raymond impulsiona o corpo pela trilha seguindo para a clareira com a AR-15 pronta e carregada e subindo depressa. Outro borrão de Kevlar preto-azulado surge do nada e dispara pela clareira na direção do atirador que se aproxima. Aquele homem enorme afro-americano — que tem os ombros tão sólidos quanto a estrutura de uma ponte — derruba Raymond Hilliard em uma manobra aérea.

O rifle de assalto de Raymond descarrega com o impacto — estilhaçando o ar da noite com uma saraivada estrondosa —, e a explosão sobe para além das copas das árvores, rasgando folhas e expulsando um bando de morcegos para o céu escuro. Raymond se estatela no chão e o homem negro de colete à prova de balas cai em cima dele. Ao bater a cabeça numa pedra, Raymond imerge em um estado de inconsciência momentâneo.

Quase simultaneamente, a mulher chamada Michonne, de pé a cerca de seiscentos metros do lado oposto da clareira, vê os outros membros da equipe de reconhecimento correndo na direção da cena com as armas erguidas e os canos disparando algo branco-magnésio na escuridão.

— Ai, merda — murmura ela, agachando-se conforme balas disparam ao seu redor.

Disparando para a clareira, Gabe vê Raymond contorcendo-se no chão a quase quinhentos metros, momentaneamente inerte, piscando para o céu, e o outro homem — o afro-americano gigantesco — fica de pé com dificuldade. Ele tem pelo menos 1,90 metro e quase 113 quilos — sendo que pouquíssimos desses quilos são gordura — e Gabe percebe que esse cara está se movendo muito depressa e de modo desengonçado para alguém tão grande.

O homem enorme cambaleia para trás atravessando a clareira, segura a mão da mulher e então tenta puxá-la para longe.

— CORRA! — grita ele. — VAMOS!

— NÃO! — Ela se desvencilha da mão dele. Gabe se vira na direção do borrão de dreadlocks e atira; a bala raspa no ombro do colete da mulher, uma bombinha no escuro, e ela desvia para trás de uma árvore. O homem enorme se joga no chão. Na escuridão

bruxuleante, a voz da mulher se sobrepõe o barulho dos tiros. — Temos que fazer isso agora, Tyreese! Ou não faremos mais!

A essa altura, Gabe se abrigou atrás de troncos caídos na clareira — com os demais membros da equipe de reconhecimento — e consegue dar mais dois tiros que instigam outros disparos da equipe... até que todos estejam atirando à vontade.

Os estalos arrítmicos preenchem o ar com luzes prateadas, rasgando a folhagem. Gabe usa um revólver Magnum .357 com uma mira laser — o feixe vermelho luminoso dança pela clareira conforme ele tenta mirar as silhuetas que se movem — e os três primeiros tiros que ele dispara levantam poeira a centímetros de onde o enorme homem negro está deitado de barriga para baixo, fazendo pedaços de casca serem quebrados do tronco de uma árvore acima dele.

— PORRA! — resmunga o homem chamado Tyreese com os dentes trincados, protegendo a cabeça.

— Ei! — O som da voz de Michonne nas sombras próximas chama a atenção do homem grande. — Aqui! Tyreese! Por aqui! — A mulher passa a mão pela borda do ombro do colete à prova de balas dele e dá um puxão forte.

Tyreese desliza para trás, fora de controle, escorregando de bunda numa pequena elevação formada por uma trincheira ou por uma toca escavada por gambás, guaxinins ou sabe Deus o quê debaixo dos enormes troncos de madeira morta. Gabe pisca e vira a arma para baixo conforme o gigante desliza para dentro do vazio da escuridão, indo logo atrás da mulher.

Como mágica.

Os dois... somem na escuridão.

— QUE PORRA FOI ESSA?!

Um tempo depois, Gabe está de pé na borda da clareira com Gloria Pyne e os dois homens mais jovens de bermuda largona e casacos de seda — cada um deles segura uma arma, cujos canos estão fumegantes. Os olhos deles estão arregalados e alertas conforme avaliam a área deserta. A quietude da noite os sufoca — os grilos parecem mais um motor a jato rugindo nos ouvidos do grupo — e o luar ilumina os rostos tensos de todos.

— Como eles fizeram essa porra...? — Gloria começa a pergunta óbvia quando o som do grito de Gabe a interrompe.

— ENCONTREM ELES! — Com as veias pulsando nas têmporas, o pescoço grosso e os ombros tensos como vigas, Gabriel Harris solta cápsulas usadas na terra, então pega um cartucho de carregamento rápido no cinto e enfia mais uma fileira de seis balas de ponta oca na Magnum. Mas, antes mesmo que os outros tenham a chance de se virar e começar a busca, um ruído vindo do outro lado da clareira enrijece a espinha de todos. Eles ficam imóveis com os pelos arrepiados, e os dois mais jovens, Eric e Daniel, se encaram. Poderia ser qualquer coisa, como o vento, animais. Aqueles desgraçados que acabaram de atacá-los poderiam estar a um quilômetro e meio dali agora.

Outro barulho — um estalo no escuro, quase como um interruptor sendo ligado ou um graveto se quebrando — chama a atenção de todos para o limite oeste da clareira. Todos os canos são elevados, a inspiração é coletiva e os dedos pairam nos gatilhos. Os pelos de Gabe se arrepiam quando ele segura a Magnum com ambas as mãos, os braços gorduchos e roliços como presunto param na posição de disparo, a mira frontal aponta para a escuridão densa e primordial do outro lado do limite das árvores. Ninguém diz

palavra durante um bom tempo, enquanto esperam e esperam e esperam até algo se mover por trás do véu escuro dos arbustos, mas nada acontece. Eles aguardam outro ruído de estalo, mas o silêncio envolve a clareira. Gabe consegue ouvir o próprio coração pulsando nos ouvidos.

Depois de mais um segundo interminável ou dois, Gabe silenciosamente indica que Eric, o mais jovem dos dois fãs de hip-hop, siga afastando-se bem pela esquerda e que o outro, Daniel, siga bem afastado pela direita. Com breves acenos de cabeça, os dois jovens atiradores se separam devagar pela clareira, pisando com suavidade no chão de terra compacta, movendo-se o mais silenciosamente possível. Gabe gesticula para que Gloria fique quieta e o siga. Aproximando-se devagar da parede de carvalho preto e dos arbustos selvagens — agora escuros como cortinas de veludo preto diante deles — Gabe mira a .357 ao seguir em frente e Gloria faz o mesmo com a Tec-9, segurando-a com ambas as mão; a tensão faz os olhos deles se semicerrarem e as testas se franzirem. O bosque permanece em silêncio conforme Gabe se aproxima da barreira de vegetação rasteira. Ele está pensando que poderia haver errantes ali, espreitando, preparando-se para atacar. Poderia ser...

De repente, sem qualquer aviso, o som da voz de uma mulher gritando do fundo dos pulmões perfura o silêncio atrás deles...

— AGORA!!

...e Gabe tem apenas tempo suficiente para dar meia-volta quando duas figuras o atacam de lados opostos da clareira. E nesse instante frenético, antes que uma única arma dispare, a mente de Gabe se acelera com um amontoado de percepções envoltas em pânico — mesmo enquanto ele vira a .357 e começa a apertar o gatilho para dar o primeiro tiro —, as variáveis lampejam em seu

cérebro como manchas de sol na escuridão: *eles estavam atirando pedrinhas, porra, ou alguma outra coisa pela clareira, o truque mais velho desse mundo, e nós caímos nessa* — e algo começa a brilhar como um feixe de luz na escuridão diante do rosto de Gabe antes que ele atire — cuidado — CUIDADO!

A espada katana que a mulher negra tem nas mãos passa raspando pelo rosto dele — a um centímetro e meio da sua garganta — e, graças à reação involuntária de Gabe de recuar e acidentalmente disparar a Magnum para o alto, ele tem a sorte de manter a cabeça presa ao pescoço. Gabe solta um grito involuntário, e nesse momento a clareira subitamente pega fogo.

Por um momento, o caos grandioso que se segue — o efeito estroboscópico de todas as faíscas dos canos de armas, a confusão coletiva de tiros, gritos, aço incandescente, balas zunindo e duas pessoas sorrateiras vestindo coletes à prova de balas saindo da linha de fogo para diferentes direções — transforma a estreita clareira num tumulto só.

TREZE

A batalha dura meros segundos, nem mesmo um minuto inteiro, mas quando a poeira baixa — os últimos tiros ecoam e se dissipam nas brechas mais distantes da floresta — um dos reconhecedores mais jovens, Eric, está caído no chão, morto, o pescoço tendo sido cortado pela lâmina da katana. Um dos dois agressores também está caído de cara no chão frio, ferido. A outra desapareceu e a katana está jogada na vegetação rasteira.

A respiração de Gabe se acelera conforme ele verifica rapidamente o limite das árvores nos arredores da clareira.

— PARA ONDE ELA FOI, PORRA?!!

Gabe ouve um barulho, então percebe que, em meio à agitação, a mulher fugiu, disparou margem abaixo para o bosque mais denso. Ele segue aos tropeços pela beira da encosta e vê uma silhueta na escuridão a leste, agora lutando para escapar pela vegetação rasteira densa. Ele ouve a mulher respirando com dificuldade e ofegando ao fugir.

— FIQUE AQUI! — ruge Gabe para os demais, apontando para o enorme homem negro no chão. — MANTENHA ELE VIVO!

O homem chamado Tyreese solta um gemido involuntário. Uma das balas de Gabe penetrou o colete à prova de balas da coxa

direita do gigante, atravessou a parte mais grossa da perna dele e o deixou imobilizado. Daniel e Raymond estão segurando o homem no chão, enfiando os canos das armas na nuca dele, forçando os joelhos na lombar do homem.

Gabe enfia mais um pente na .357 e desce a encosta.

A escuridão e o ar frio da floresta o envolvem conforme Gabe embrenha-se nas árvores, segurando a Magnum com ambas as mãos, acendendo a luz tática FastFire. O ponto dança acima das folhas diante de Gabe. A mulher começou com certa vantagem, mas o bosque é tão denso a leste que Gabe supera a distância com facilidade, todo o tamanho do homem quebrando a folhagem. Ele consegue ver a silhueta a uns cinco metros dele agora, disparando por outra clareira. A mulher chega à clareira e irrompe das árvores em um enorme espasmo de braços agitando-se e de pernas sendo impulsionadas — as passadas dela parecem as de uma gazela, e a mulher corre para o terreno descampado.

Gabe chega à clareira e percebe que nunca a alcançará — não correndo por terra aberta — então ele reduz o passo até parar no chão macio e cai sobre um joelho. Gabe mira o laser na vadia fugitiva, que agora não passa um borrão de Kevlar preto que se afasta ao longe.

O fio fino de luz carmesim se estende na escuridão e pisca ao redor dos calcanhares dela.

Gabe dispara meia dúzia de tiros sucessivos, o estrondo de cada um ecoa para o céu estrelado e o coice da arma faz os braços de Gabe estremecerem. Pela mira, ele vê os erros de raspão: um disparo vai alto demais, alguns fazem a poeira subir aos pés dela e o resto passa longe. A mulher continua correndo até Gabe não conseguir mais vê-la.

— PORRA! PORRA! PORRA, PORRA, PORRA! — Gabe cospe com raiva na terra e emite um grunhido indiscernível de ódio.

A mulher está muito longe agora. Um redemoinho de noite e vento atirara folhas pelo campo deserto atrás dela.

Um ruído logo à esquerda de Gabe chama a atenção do homem para uma nova sombra que se move para fora das árvores.

Um errante desgarrado perambula pelo luar, atraído pela comoção — um do sexo masculino, vestindo macacão jeans surrado e com um rosto comprido e enrugado da mesma cor de uma minhoca —, os braços mortos se estendem para Gabe, os dentes pútridos estalam como castanholas. Gabe abaixa a mão com tranquilidade até a bota e puxa uma faca Randall de trinta centímetros.

— Morda isto, filho da puta!

Gabe enfia a lâmina da faca no maxilar do Mordedor, de baixo para cima, enfiando-a na articulação sinovial da criatura. O Mordedor fica inerte no mesmo instante, e a determinação luminosa nos olhos amarelos da coisa se apaga como chamas de um fogão. Gabe solta o cabo da faca e a coisa desaba, a Randall ainda despontando da papada da criatura.

Por um momento, Gabe não faz nada além de encarar os restos mortais pútridos que estão caídos na grama alta aos pés dele. A visão daquilo lhe dá uma ideia. Ele volta a olhar para os limites do campo, avaliando as árvores escuras por onde a mulher acaba de sumir. Ele tem uma inspiração.

— Foda-se ela — diz o homem para si mesmo ao tirar a faca do errante.

Ele está com a espada da mulher. Sabe o que vai fazer. Gabe se vira e começa a voltar para o grupo, formulando sua história.

O Governador está de pé no círculo de veículos — só uma lanterna de acampamento Coleman em um tronco fornece a única iluminação na clareira de terra no alto da colina, projetando um círculo esmaecido de luz amarela pálida nos demais membros da milícia que cuidam dos ferimentos e fazem o inventário dos mantimentos — quando o som de passos interrompe os pensamentos dele.

— Que porra é essa? — murmura Philip Blake ao se virar e deparar com o grupo de figuras exauridas pela batalha se arrastando para fora do bosque logo atrás dele.

Muitas cabeças se viram; os nervos estão sensíveis devido a um aumento na atividade dos errantes na área, e muitas pessoas respiram aliviadas ao ver humanos.

Um homem atarracado com a compleição de um caminhão lidera a brigada farroupilha. Atrás de Gabe, dois membros da equipe de reconhecimento — Raymond e Daniel — arrastam, entre eles, um quarto homem aparentemente ferido, vestindo colete à prova de balas preto. Sangue pinga do rosto oscilante do prisioneiro convalescente — a mulher o chamava de Tyreese — e ele mal se sustenta com os enormes braços sobre os ombros dos outros dois homens. Gloria Pyne vem logo atrás, carregando um punhado de rifles e armas.

— É... nós o encontramos no bosque — relata Gabe, andando na direção do Governador. — Ele e a mulher nos atacaram. Os dois mataram Eric e Jim.

A expressão do Governador fica mais severa à luz bruxuleante da lanterna.

— A mulher? Está falando daquela maldita vadia que me torturou?

Gabe assente.

— É... essa mesma. Nós os seguimos até o bosque. Eles lutaram, mas não conseguiram nos segurar por muito tempo.

Os demais arrastam o enorme homem negro para o outro lado do tronco e o erguem para que o Governador possa inspecioná-lo. Quase inconsciente, com o visor do capacete de batalhão de choque destruído, o rosto começando a inchar pela surra, Tyreese tenta erguer a cabeça, mas é uma batalha perdida. Ele solta um suspiro de dor entre os dentes trincados.

— Achei que iria gostar de ter a chance de se sentar com este aqui — arrisca Gabe, indicando Tyreese com o polegar — e talvez ter uma conversinha com ele...

O Governador encara o gigante ferido.

— A garota, Gabe. O que aconteceu com a garota?

— Ela se desvencilhou de nós, fugiu pelo bosque, então fiz um favor a você.

O Governador inclina a cabeça.

— Um favor? De que porra está falando?

Gabe olha para o Governador. Nem sorriso nem careta, a expressão do homem atarracado é difícil de decifrar. Por fim, ele diz:

— Eu a alcancei e estourei a porra dos miolos dela.

Um breve instante de silêncio se segue, durante o qual Philip Blake se prepara para uma enxurrada inesperada de emoções contraditórias que o esmagam: alívio, ódio, curiosidade mórbida, desapontamento e, mais do que qualquer outra coisa, *desconfiança*.

— Você atirou na cabeça dela? — pergunta, por fim, o Governador. — Você a matou?

— É. — Gabe encara o Governador feito um filho pródigo que retorna ao lar com o elixir, e a pausa se prolonga. — Ela está morta, chefe.

O Governador pensa mais um pouco sobre isso.

— Você a viu morrer? — Ele quer saber cada detalhe, qual foi o olhar dela nos últimos momentos, o que a mulher sofreu. Mas, em vez de perguntar sobre essas coisas todas, ele simplesmente diz: — Você testemunhou?

Gabe se vira e olha por cima do ombro.

— Gloria! — A mulher com a viseira que diz ESTOU COM O IDIOTA se apresenta, atrapalhando-se com o monte de armas. Gabe explica: — Aquela vadia fugiu. Ela foi até muito longe. Eu a vi correr. Atirei nela. Eu a vi cair. Vi quando parou de se mover. — Gabe umedece os lábios, medindo as palavras com cuidado. — Tenho certeza de que não foi uma morte tão lenta e dolorosamente quanto você gostaria, mas ela está morta, chefe. — Gloria entrega ao homem algo embrulhado em camurça. — Mas antes de fugir da gente... — Gabe pega o objeto, desembrulha com cuidado e o revela ao Governador. — ...nós pegamos isto. — Ele ergue o objeto para que brilhe à luz amarelo-icterícia. — Achei que iria gostar de um troféu.

Gabe empunha a espada com um floreio, segurando-a acima da cabeça em um ângulo paralelo ao chão, parecendo, de alguma forma, tolo para o Governador. Enquanto olha boquiaberto para a coisa, absorvendo todas as implicações, ele inspira profundamente. Então, subitamente, pega o objeto de Gabe e o restante dos reconhecedores recua, estremecendo. Gabe fica petrificado, encarando o Governador.

Violência latente reluz no olhar de Philip enquanto ele estica os ombros e ergue a lâmina brilhante acima da cabeça. Por um momento, a espinha de Gabe gela de terror. Então, num golpe decisivo com uma das mãos, Philip abaixa a ponta da espada no centro de um toco de árvore, produzindo um ruído alto.

Outro momento de silêncio terrível paira no ar assim que a espada desponta rigidamente da madeira apodrecida como uma bandeira enterrada em um cume.

— Tragam o homem para meu escritório particular — diz o Governador, por fim, gesticulando para o homem ferido com colete à prova de balas. — Vamos ter uma conversinha.

— Estamos do mesmo lado, você e eu — diz o Governador para o homem enorme sentado no banco traseiro do veículo de carga. A clausura abafada fede a suor e ao odor acobreado do sangue. Uma única lâmpada redonda ilumina o piso de malha de aço conforme o Governador anda de um lado para outro, as botas ecoando no ferro. — Sabe disso, não é?

O homem negro está jogado contra a parede com o colete de Kevlar preto surrado, as mãos atadas nas costas, o rosto inchado tombando para a frente e de um lado para outro. Ele cospe saliva ensanguentada no chão e consegue erguer o olhar, o rosto ébano grisalho contorcido de dor e ódio.

— Sério? E que lado é esse?

— O lado da *sobrevivência*, amigo! — O Governador dispara as palavras para o homem, tentando fazer com que ele se descontrole, tentando provocá-lo. — Estamos todos no mesmo barco, lutando pelas nossas vidas. Estou errado, amigo?

O homem negro engole em seco e encara o Governador, respondendo com a voz muito baixa e contida, como se estivesse prestes a gritar.

— O nome é Tyreese.

— Tyreese! *Ty-rreeeeeese*... gosto disso. — O Governador anda de um lado para outro. — Tudo bem, Tyreese, vou fazer uma pergunta.

E seja honesto.

O homem negro cospe de novo.

— Não importa... não tenho nada a esconder.

— Poderíamos torturar você, fazer dos seus últimos momentos um inferno, todas essas coisas boas, mas, por favor... precisamos mesmo passar por isso de novo? Eu o machucarei muito, levarei você ao ponto de passar mal, mas não exatamente, e, quando você se recusar a falar, vou fazer com que ceda, esfolar sua pele ou algo assim, blá-blá-blá... Precisamos mesmo passar por essa merda ridícula de novo?

O homem enorme ergue o rosto e fixa o olhar no Governador, então diz:

— Vá em frente.

O Governador bate nele. Com força. Um tapa forte com o dorso da mão enluvada — violento e abrupto o suficiente para bater a parte de trás do crânio do homem na parede atrás dele — que faz Tyreese perder o fôlego e piscar como se estivesse sentindo o cheiro de sais perfumados.

— Acorde, cara! — O Governador mantém um tom de voz animado, prestativo e benevolente. — Você não está pensando direito... só estou dizendo!

Tyreese respira com dificuldade, tentando controlar o ódio e piscar para afastar a dor. Os ombros enormes dele estremecem debaixo do colete gasto.

— Foda-se.

— Tyreese, por favor. — Agora o Governador parece desapontado, arrasado. — Não faça desta uma daquelas situações irritantes nas quais eu preciso machucar você seriamente, pior do que você já está. Algumas perguntas simples, só isso.

Tyreese funga para afastar a dor.

— O que quer saber?

— Pontos fracos da prisão, por exemplo?

Nesse momento, Tyreese cai na gargalhada, dando uma risada sarcástica, cansada e divertida que dura vários minutos. Em seguida, ele ergue o olhar.

— Não há pontos fracos... É uma porra de prisão, Sherlock!

— E que tal você me contar quantas pessoas tem lá dentro? Que tipo arsenal vocês têm, munição, mantimentos, que tipo de energia usam?

O homem negro olha para o Governador.

— Que tal você comer merda e morrer?

Philip encara o homem por um momento, então se prepara para bater nele de novo, dessa vez com o punho fechado, mas, logo antes de golpeá-lo, um som de batidas o interrompe. Alguém bate na moldura da porta do lado de fora da caçamba traseira coberta com lona do caminhão.

— Governador?

É a voz de Lilly, e o som dela envia um alarme como água gelada escorrendo pela espinha do Governador. Ele morde o interior da bochecha por um breve instante antes de responder, pensando melhor. Talvez seja algo bom — talvez ela devesse ver aquilo — ver a brutalidade nos olhos escuros do homem, ver contra quem estão lutando.

— Entre, Lilly — diz Philip, por fim. — Você pode ser testemunha.

A lona se dobra para dentro e Lilly Caul entra no espaço fechado. Ela veste uma jaqueta jeans surrada, seu cabelo preso está afastado do rosto bronzeado, o qual brilha com suor e está vermelho

devido à tensão nervosa. Lilly se mantém distante, observando da traseira do veículo.

O homem enorme no banco ergue o rosto para ela, respirando com dificuldade, tentando controlar as emoções. Ele parece estar à beira de explodir.

O Governador vê que o homem está prestes a perder a calma, e se inclina para perto dele, fitando-o nos olhos. Tyreese ergue o olhar para o ele. Philip sorri e fala baixinho, como que para uma criança:

— Lilly, conheça Tyreese. Cara legal, cabeça boa. Eu só estava tentando colocar algum juízo na cabeça dele, ver se havia alguma forma de ele falar com o tal do Rick, fazer com que o cara fosse sensato e se rendesse, assim poderíamos evitar mais derramamento de sangue e...

O homem corpulento impulsiona o corpo subitamente — colocando todos os seus quase 113 quilos em movimento — batendo com a própria testa no rosto do Governador. O golpe na cabeça, instantâneo e brutal, soa como uma tábua se partindo, pegando o Governador completamente de surpresa, deixando-o zonzo por um momento e fazendo com que seja lançado para trás, contra a parede. O Governador se choca contra as barras estruturais do veículo, arquejando, então desaba no chão.

Lilly saca a Ruger e mira no homem enorme.

— PARA TRÁS! — Ela desativa o gatilho de segurança. — PARA TRÁS, PORRA... AGORA! *SENTE-SE*!

Tyreese se senta novamente, os punhos ainda cerrados, e ele expira com raiva, o rosto se contorcendo de ódio. A coxa de Tyreese pinga sangue do ferimento da bala, mas ele mal parece notar. Antigo *linebacker* da NFL e leão de chácara de alguns dos bares mais perigosos de Atlanta, Tyreese parece capaz de quebrar Lilly ao meio.

O rosto lamuriante dele permanece estoico enquanto o homem cospe sangue do lábio cortado, olhando para baixo e balançando a cabeça. Ele murmura algo inaudível.

Lilly vai até o Governador, se ajoelha e o ajuda a se sentar.

— Você está bem?

Ele pisca e tenta se recuperar, tenta inspirar ar para os pulmões. Sua testa está sangrando e o Governador tosse incessantemente, mas a dor toma conta dele, o eletriza, energiza.

— Está vendo? Está vendo do que estou falando? — murmura Philip Blake, com a voz rouca. — Não se pode usar o bom senso com essas pessoas... Não é possível... *negociar* com elas... pois são animais, porra.

Do outro lado do espaço fechado, o homem murmura outra coisa, com a cabeça baixa.

Lilly e o Governador erguem o olhar. Tyreese sussurra, como se falasse consigo mesmo.

— E iraram-se as nações...

— O que foi, seu babaca? — grunhe o Governador para Tyreese. — Quer compartilhar com o restante da turma?

Tyreese ergue o olhar para eles e seu rosto sombrio se enche de ódio deprimente e ameaçador.

— E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, e eles serão julgados, e aqueles que temem meu nome, pequenos ou grandes, devem destruir aqueles que destroem a terra... e haverá guerra no paraíso. — Tyreese para e olha para os dois. — É do Apocalipse... não que vocês saibam alguma coisa da *Bíblia*. É isso que está acontecendo. Não podem fazer a maré retroceder; vocês abriram a porta. Deem adeus às próprias vidas. Morrerão pelas próprias espadas e sequer...

— CALE A BOCA! — Lilly se põe de pé, avança na direção de Tyreese e pressiona o cano da Ruger na testa dele. — APENAS CALE A PORRA DA BOCA!

O Governador fica de pé e coloca-se entre Lilly e Tyreese.

— Tudo bem, vamos nos acalmar agora. Para trás, Lilly. Deixe isso comigo. — Ele guia Lilly gentilmente para longe do prisioneiro, na direção da abertura traseira do veículo. — Está tudo bem. Deixe comigo. Eu cuido disso.

Lilly, com a respiração acelerada, fica de pé diante da abertura, pressiona de novo o gatilho de segurança e enfia a arma de volta no coldre em seu quadril.

— Desculpe.

— Não se preocupe — diz o Governador, dando um tapinha reconfortante no braço da jovem. Ele limpa o sangue da testa. — Vou cuidar disso. Vá e tente dormir um pouco.

Lilly olha para ele.

— Tem certeza de que está bem?

— Estou. Deixe isso comigo. Não se preocupe.

Depois de uma longa pausa, Lilly volta a olhar para o prisioneiro, que agora está sentado encarando o chão. Ela emite um suspiro de dor e sai.

O Governador se vira e olha para Tyreese. Muito suavemente, aos sussurros, Philip Blake murmura:

— Deixe isso comigo. — Ele vai até o banco diante do prisioneiro, do lado oposto ao espaço fechado. Debaixo do banco, em meio a teias de aranha e lixo, Philip encontra um taco de beisebol caído ao lado de uma pilha de panos. — Deixe isso comigo — repete ele, com um sussurro quase inaudível ao pegar o taco, então vai até a abertura traseira e abaixa a porta de metal, que se fecha com um

clangor, dando privacidade aos dois homens. O Governador se volta para o prisioneiro.

Philip sorri para o homem.

— Deixe isso comigo.

Pouquíssimos membros sobreviventes da milícia de Woodbury conseguem dormir naquela noite — muito menos Gabe. Virando-se e se remexendo em um colchão duro na parte traseira do caminhão de carga, com a barriga redonda, em formato de barril, presa entre a parede e uma fileira de caixas de mantimentos, Gabe tenta esvaziar a mente, mas o cérebro dele se revira, empaca e volta a pensar nas mentiras que o homem contou. Quantas vezes mentiu desde que a praga se alastrou? Gabe perdeu a conta. Mas esta última mentira poderia realmente voltar para assombrá-lo — a vadia de tranças no cabelo ainda está lá fora. O que o Governador vai fazer quando descobrir? Gabe se pergunta se deveria desistir de toda aquela batalha contra o pessoal da prisão. Ele se revira na cama mais um pouco. O barulho constante dos grilos, dos sapos e dos patos do lado de fora do caminhão aumenta e engole a escuridão até ficar definitivamente ensurdecedor para Gabe, como uma tempestade, e ele leva as mãos às orelhas e tenta afastar os pensamentos. O estômago dele queima e se revolta com a indigestão causada pelo nervosismo. Gabe tem tido problemas gastrointestinais há meses — uma combinação da dieta de merda com o estresse constante — e agora sente como se agulhas estivessem sendo enfiadas em sua barriga, perfurando as entranhas. Gabe tenta respirar fundo, de forma equilibrada e, por fim, o exercício de respiração o coloca em um estado de sono quase comatoso, no qual o homem tem pequenos lampejos de pesadelos, como a moça negra chegando sorrateira até

ele e enfiando a katana em seu abdômen, logo acima do umbigo, girando a espada, em seguida, como se tentasse abrir uma entrada nas vísceras dele, e Gabe tenta gritar no sonho, mas nada além de ar silencioso sai de dentro dele, que acorda perto do alvorecer, arquejando.

Alguém está batendo na abertura traseira do veículo, e Gabe pisca para a luz pálida que se infiltra pela lona e ouve o som de uma voz profunda e aveludada de barítono.

— Ei! Gabe, levante essa bunda gorda daí. Preciso de você agora!

O Governador surge na abertura traseira do caminhão de carga enquanto Gabe luta para se levantar do colchão, tateando em busca da camisa de gola rulê surrada e começando a se vestir.

— Estou acordado, chefe. Do que precisa?

— Conto no caminho. Pegue a AR-15 e me ajude com o grandalhão.

Gabe segue o Governador pela clareira até um caminhão de transporte. Dentro do compartimento de passageiros, a vida do homem chamado Tyreese está por um fio; ele se enrosca em posição fetal no chão do compartimento, o colete à prova de balas não está mais lá, os pulsos dele ainda estão atados por corda e fios, a pele do homem exibe hematomas e queimaduras devido à agressão constante do Governador durante a noite com o taco de beisebol. Agora, o homem mal respira, ambos os olhos estão inchados e fechados, os lábios, rachados e sangrando, e ele sussurra litanias silenciosas, orações, citações do Apocalipse que ninguém consegue ouvir.

O Governador e Gabe erguem o homem para um banco, o que não é uma tarefa fácil, considerando os quase 113 quilos de peso semimorto, então amarram os pulsos dele à parede. Philip cobre o homem com uma lona e murmura:

— Vamos desembrulhar o presente quando chegarmos lá.

Gabe olha para Philip.

— Chegarmos aonde?

O Governador suspira.

— Você é um filho da puta burro, Gabe.

Os dois saem da caçamba e dão a volta na cabine; Gabe pega o volante e Philip ocupa o banco do carona. Philip ordena que ele vá com calma e devagar — nada de faróis — e os dois saem da clareira despercebidos por todos, exceto Lilly.

Ela surge no caminho deles à luz que precede o alvorecer como se fosse um fantasma, gesticulando para que parem.

Gabe encosta ao lado dela e abre o vidro.

— O que você quer, Lilly?

— O que estão fazendo? Aonde diabos estão indo? — Lilly olha para dentro da cabine e vê o Governador. — Me deixem ir com vocês. Vou pegar minhas armas, só preciso de um segundo.

— Não! — Do banco do carona, o Governador se inclina para a frente e faz contato visual com ela. — Você vai ficar aqui e vigiar as coisas. Vamos tentar negociar com eles, usar o grandalhão como vantagem.

Lilly assente devagar, com relutância.

— Tudo bem, mas tomem cuidado, pois vocês estarão em menor número.

— Deixe que nós nos preocupamos com isso. — O Governador pisca para ela. — Vigie o forte.

Os dois saem em uma nuvem de poeira enquanto Lilly observa das sombras.

Ela percebe naquele momento — e, por algum motivo, com pesar crescente — que a espada de Michonne estava pendendo do quadril do Governador conforme os dois saíram.

Eles chegam à prisão às 6h53 da manhã, de acordo com o relógio no painel do caminhão, derrubando um aglomerado de errantes que perambula pelo gramado alto a leste da propriedade. A grade do caminhão esmaga grupos de cadáveres reanimados com uma série de estampidos aquosos e ossos quebradiços estalando debaixo das rodas enormes. Sob ordens de Philip, Gabe sopra o alto-falante uma vez, acordando qualquer um que possa estar dormindo ainda do lado de dentro das celas de pedra cinza atrás do arame farpado. Gabe para perto da cerca leste e então faz uma curva, descrevendo um U enorme. Ele abaixa a janela e pega a .38 Special alojada sob o painel, disparando pela lateral do caminhão em alguns Mordedores desgarrados. Cabeças estalam para trás em névoas de sangue e matéria cerebral — pelo menos mais meia dúzia de errantes cai em sequência, como pinos de boliche.

— Agora dê ré até a cerca — ordena o Governador, olhando pelo espelho lateral.

Gabe pisa nos freios, então se atrapalha com a alavanca de câmbio para engatar a ré e faz um estardalhaço ao acelerar o motor e recuar na direção da cerca de arame retorcido, como se tivessem que entregar uma pizza. Um borrão de movimento chama a atenção dele pelo canto do olho, no espelho, conforme aproxima o caminhão da cerca — os habitantes da prisão disparam por fendas entre os prédios, acordando uns aos outros, correndo atrás das armas. Acima

do barulho do motor a diesel, Gabe consegue ouvir os fracos gritos de aviso.

O caminhão chacoalha até parar a menos de três metros da cerca externa.

— Vamos fazer isso — murmura o Governador ao chutar a porta para abri-la e descer do caminhão.

Os dois homens saem tranquilamente dos estribos do veículo e depois dão a volta pela traseira do caminhão. A espada katana, guardada na bainha, quica no quadril do Governador conforme ele estende a mão e abre a caçamba do veículo. Gabe sente os olhos tanto dos errantes quanto dos humanos na nuca deles. Antes de entrar no compartimento de carga, o Governador murmura:

— Mantenha as porras dos Mordedores longe o suficiente de nós até que eu termine, está bem?

— Pode deixar — diz Gabe, enfiando um cartucho na AR-15. Ele pressiona o gatilho de segurança conforme o Governador sobe no compartimento fechado.

A lona é retirada do homem negro zonzo tão repentinamente quanto um Band-Aid sendo arrancado de um ferimento. Tyreese ainda respira com dificuldade, os olhos dele estão inchados e semicerrados. O homem tenta enxergar e faz uma tentativa falha de se mover, mas a dor o mantém domado. Tyreese emite um ruído de engasgo no fundo da garganta quando o Governador o coloca de pé.

— Hora do show, amigo — sussurra Philip com o carinho com que se dirige a um animal doente a caminho do veterinário.

CATORZE

Dentro da barricada de arame farpado e cerca retorcida alta, muitas silhuetas param subitamente o que estão fazendo, vários pares de olhos se fixam na visão inesperada do colega sendo exibido na traseira de um caminhão, à vista de todos na prisão. O Governador posicionou o homem negro zonzo na beira da caçamba do caminhão, de joelhos, de frente para o complexo presidiário, com a cabeça pendendo. A cena estranha quase lembra algum ritual asiático obscuro de purificação da morte. A porta da caçamba e o compartimento de carga do caminhão se tornam naquele momento um palco teatral. Os pulsos do enorme homem ainda estão atados, a cabeça dele está curvada como se pesasse uma tonelada. O silêncio se espalha pela propriedade como se fosse uma maré negra. O vento sopra os cabelos do Governador na direção do tapa-olho enquanto ele dramaticamente saca a espada reluzente da bainha.

— ANTES QUE ALGUÉM SE ANIME NO GATILHO — grita ele para aqueles do lado de dentro do complexo, segurando a espada acima da figura curvada de Tyreese —, SAIBAM QUE TAMBÉM ESTOU COM A MULHER! — Ele absorve a quietude, o silêncio. — SE MEU AMIGO GORDO E EU NÃO VOLTARMOS PARA O ACAMPAMENTO INTEIROS, ELA MORRE!

Ele faz uma pausa momentânea para que essa introdução seja absorvida.

— ENTÃO, NADA DE MOVIMENTOS REPENTINOS, OK?

Mais uma vez, o homem faz uma pausa, ouvindo a própria voz ecoar pelas alas das passagens e das celas. O Governador interpreta o silêncio avassalador como cooperação e assente.

— A PARTIR DISSO, ACHO QUE PODEM VER AONDE ISSO VAI NOS LEVAR. ABRAM OS PORTÕES. ENTREM NESTE CAMINHÃO E VOLTEM CONOSCO... OU FAREI ALGO TERRÍVEL COM O AMIGO DE VOCÊS.

Ele dá um tempo para que isso seja absorvido, então começa a dizer outra coisa quando um movimento brusco a centímetros dele chama sua atenção para o prisioneiro. Tyreese inclina a cabeça para cima com grande esforço e espia, com os olhos inchados, para fora da caçamba, a propriedade da prisão.

— N-não deixem ele entrar! — A voz que sai do homem está embargada com dor, gorgolejante com o sangue no fundo da garganta. — Não...

Philip acerta a ponta cega da espada na nuca do homem com força suficiente para fazer um ruído de rachadura e derrubá-lo no piso de ferro ondulado. Tyreese emite um som que é meio resmungo, meio gemido.

— Cale a boca! — Philip abaixa o olhar para o homem como se olhasse para um lixo. — Cale a porra da boca! — Então ele olha de volta para o terreno descampado e silencioso da prisão. — ENTÃO, O QUE VAI SER, GENTE?

O Governador espera um momento. O som da respiração entrecortada de Tyreese é a única coisa audível.

— VOCÊS TÊM UM MINUTO PARA DECIDIR!

Um minuto interminável se passa e, no curso desse tempo, o Governador percebe que está sendo observado de todo lado da propriedade: há um pequeno aglomerado de pessoas reunidas atrás de uma das torres de vigia, outro grupo espreitando dentro de uma reentrância escura do pavilhão principal de celas, alguns espalhados em lados opostos dos pátios — todos os olhos fixos no Governador. Algumas pessoas miram as armas, enquanto outras sussurram e discutem desesperadamente. Mas, bem depressa, o veredito fica claro para Philip — ele sabe o que precisa fazer.

— ENTÃO, O QUE VAI SER?

Ele sente uma dormência na base da espinha, aquele som de clarim familiar ressoando em seu cérebro, uma sombra vermelha descendo sobre o olho solitário. A pele do Governador fica dormente, e a mente dele se tranquiliza, a grande calma silenciosa e viperina antes do ataque.

O primeiro golpe desce decisivamente, porém um pouco hesitante devido aos tendões descoordenados do braço esquerdo de Philip — ele precisa girar o corpo de modo esquisito para conseguir um bom ângulo — e a lâmina finca um mero centímetro e meio no pescoço do homem. Tyreese emite um chiado contido. O corpo inteiro dele se curva, como se tivesse sido eletrocutado.

— Merda! — resmunga o Governador aos sussurros conforme o sangue escorre pelo fio chanfrado da espada katana, a lâmina presa nos tendões e na cartilagem da nuca daquele homem enorme.

Os leves arquejos e gemidos que vêm dos confins da prisão mal são registrados pelos ouvidos de Philip. Ele apoia a bota nos ombros do homem e puxa a lâmina, produzindo um ruído aquoso de sucção.

Toda a determinação instantaneamente se esvai daquele homem enorme como se alguém tivesse ligado um interruptor, o choque o paralisa, o mantém preso ao chão do compartimento de carga, a cabeça dele estremece quando artérias importantes se desconectam do corpo.

Tyreese desaba mais, só que de alguma forma — no enrijecimento involuntário, enquanto o sistema nervoso do homem se desliga — ele consegue permanecer sobre os cotovelos e os joelhos, o rosto pressionando o piso frio, os braços e o quadril estremecendo com os espasmos da morte, os pulmões chiando conforme o homem se afoga na enorme hemorragia que ensopa a plataforma enferrujada debaixo dele.

O Governador ergue a espada para dar um segundo golpe e, dessa vez, ele abaixa a arma com um pouco mais de força. A lâmina se enterra a meio caminho do pescoço espesso do homem — o sangue jorra com a força de um gêiser, descrevendo um arco no ar, derramando-se até inundar todo o compartimento de carga — e dessa vez o Governador consegue ouvir os arquejos assustados vindo de dentro das cercas. Ele puxa a lâmina de volta.

Tyreese cai. A cabeça dele oscila, mal presa ao corpo agora. O homem desaba em um ângulo esquisito, seu rosto sem vida encostando no piso de ferro encharcado de sangue, a laceração no pescoço exibindo a distensão e o relaxamento do sistema circulatório conforme ele pulsa inutilmente. Além de poucos espasmos pós-morte e tiques da musculatura daquele homem enorme, Tyreese está caído, morto, seu espírito se foi.

Com um floreio, o Governador dá o golpe final — a força intensa causa danos catastróficos ao pescoço do homem enorme — fazendo com que uma fonte de sangue jorre para cima. O fluxo

espirra no Governador quando a cabeça se solta, por fim. A expressão congelada no rosto decepado parece quase tranquila conforme a cabeça se balança livremente, os olhos paralisados, fechados, com um olhar esquisito de contentamento. A cabeça rola a alguns centímetros do antigo eixo, o qual está liberando um fluxo de sangue como uma fonte de batismo fluindo pela beira da porta traseira da caçamba.

Cansado devido a todo o esforço, tomando grandes fôlegos, bufando e chiando, o Governador recua do espetáculo horrível, com a espada ainda presa à mão esquerda. Mesmo àquela distância, ele consegue ouvir os murmúrios traumatizados que vêm de dentro da prisão. Parece ruído branco ao vento — o som de repulsa misturado ao desespero — e aquilo alimenta o ódio de Philip.

Ele chuta o crânio solto da beirada da porta do compartimento e a cabeça decepada sai quicando pela grama alta, rolando quase vinte metros antes de parar virada para baixo. Philip empurra os restos mortais ensopados de sangue do corpo de Tyreese da borda do veículo também, fazendo com que a forma gigantesca desabe na terra com um estampido úmido e oco.

A essa altura, Gabe já entrou na cabine do caminhão, os olhos atentos às dezenas de errantes vindos do norte e do oeste que arrastam os pés naquela direção, atraídos pela balbúrdia. Ele abre a porta do motorista quando Philip desce da caçamba escorregadia por causa do sangue e dá a volta pelo caminhão.

— Vamos deixar o corpo dele para os Mordedores — murmura Philip, andando calmamente na direção da cabine. Ele não se apressa; não demonstra medo algum. Aproxima-se de Gabe e diz: — Vamos dar o fora antes que os Mordedores cheguem perto demais ou um desses desgraçados em estado de choque decida...

O estalo seco e ríspido de um rifle de alta capacidade o interrompe, e o Governador instintivamente se abaixa quando o primeiro disparo ricocheteia no para-lama dianteiro, amassando o aço e enviando uma roseta de faíscas pelo ar.

— PORRA! *PORRA!* — O Governador continua abaixado quando mais tiros são disparados, mais três balas de alto calibre que perfuram a coluna do veículo, levantando nuvens de poeira do chão a meros centímetros da cabeça de Philip. Ele rasteja para a frente do caminhão quando Gabe bate a porta do motorista e liga o motor.

— DIRIJA, PORRA... DIRIJA!! — vocifera o Governador depois de ocupar o assento do carona. O caminhão avança e uma nuvem de poeira rodopia atrás do veículo quando Gabe pisa fundo no pedal e faz um zigue-zague em direção à estrada principal a quatrocentos metros de distância. Em segundos, os dois atravessaram o campo adjacente e voltaram, cantando pneu, para a estrada ao sul...

...desaparecendo nos raios quentes do início da manhã tão repentinamente quanto chegaram.

Duas figuras montam guarda no limite da clareira de terra quando Gabe volta com o caminhão para a estrada de acesso sinuosa que leva para o acampamento temporário. Raymond Hilliard e Lilly Caul estão em lados opostos da estrada, com as mãos nos quadris, o sol brilhando no círculo de veículos militares atrás deles. Os dois parecem preocupados.

Gabe passa por eles, dirige o caminhão de carga pela clareira e estaciona ao lado do tanque. Ele desliga o motor com um suspiro de alívio.

O Governador já saiu do banco do carona e vê as sentinelas se aproximarem.

— E aí? — diz Raymond Hilliard primeiro, tirando o boné do Falcons e limpando o suor da cabeça careca. — Hã... como foi?

— Como *foi*? — repete o Governador, sem nem mesmo interromper a caminhada, passando cheio de ódio pelo homem. A bainha da katana quica no seu quadril conforme ele anda. — Não foi bem, é isso! NÃO *FUNCIONOU*, PORRA!

Raymond observa o homem voltar para a tenda temporária montada no limite da clareira em busca de mantimentos. Lilly corre atrás do Governador.

— O que aconteceu? — pergunta ela, alcançando Philip e segurando o braço esquerdo dele.

Philip para e a perfura com os olhos. Gabe está atrás dele, parecendo envergonhado e culpado.

— Tentamos fazer com que abrissem os portões, que trocassem o próprio homem por acesso à prisão. Até ameaçamos a vida dele. — O Governador sustenta o olhar no de Lilly, o único olho castanho e reluzente irradia loucura para a jovem. — Esses filhos da puta malucos e malignos atiraram no próprio homem! — Atrás de Philip, Gabe abaixa a cabeça e encara o chão desajeitadamente. — Tínhamos alguma vantagem, então eles próprios atiraram na cabeça do homem deles, porra!

Lilly escancara a boca e murmura:

— Por que diabos...?

— Decidiram matá-lo para que não pudéssemos usá-lo contra eles! — O Governador encara Lilly. — Está me acompanhando? Entende com o que estamos lidando aqui?

A essa altura, outros se reuniram atrás de Lilly para ouvir as notícias — onze guerreiros eventuais de pé com as bocas semiabertas e espantados, os olhos contando a história. Aquilo é mais do que o

grupo esperava. O perigo está mais perto do que qualquer um deles já havia se arriscado. Gloria Pyne olha para baixo e chuta a terra, repensando as coisas. Raymond Hilliard abre caminho entre Gus e Gabe e diz ao Governador:

— Então... o que vamos fazer agora?

O Governador se vira devagar — mirando o olho bom no homem como se fosse um farol — e diz, muito baixo e friamente:

— O que vamos fazer?

Raymond Hilliard dá um breve aceno de cabeça, o aceno de uma criança perdida.

O Governador ruge:

— Nós matamos cada um deles, porra... *É ISSO O QUE VAMOS FAZER!*

Lilly cerra os punhos ao ouvir a voz de címbalo do Governador — o fechar de punhos é involuntário a essa altura —, o olhar dela hipnotizado por Philip Blake. Ele recua de Lilly e se vira para o grupo. O Governador olha para a espada katana que tem na mão como se tivesse se esquecido de que ela estava ali. O homem fala em um tom invariável, seco e inexpressivo ao encarar o trabalho elaborado da espada:

— Chega de esperar... chega de embromar. Está na hora de acabar com isso. — Ele funga subitamente, pisca como se recebesse um choque elétrico. Um farfalhar soa atrás do Governador: é Gabe, murmurando alguma coisa bem baixinho, mas Philip mal repara. — VAMOS PARTIR *AGORA*!

Os outros ficam paralisados por um momento, como totens à luz da manhã, que mancha o chão ao redor deles com poças amarelas incandescentes. O grupo não faz nada além de encarar, as

bocas semiabertas, alguns deles engolindo em seco ou levando as mãos às armas. O Governador agita a espada no ar.

— AGORA! — Ele encara os presentes. — Entrem nos carros, levem as porras das armas e vamos! Vamos acabar com esses monstros, livrar o mundo desse mal, bem aqui... BEM AGORA! — Ele olha para as expressões pálidas e lívidas das pessoas. — O que tem de errado com vocês, porra, já me ouviram, então reúnam suas merdas e vamos embora!

Ninguém cede. O Governador ouve uma inalação rápida de ar vindo de Gabe, e ele se vira e olha para o homem corpulento de pescoço espesso vestindo gola rulê.

— Qual é a porra do seu problema?

— Eu... hã...! — Ele tem dificuldades para dizer alguma coisa, então olha para as sombras atrás de um caminhão de carga próximo, as mesmas sombras de onde uma silhueta acaba de saltar, pegando todos de surpresa.

O Governador vê os olhos de Gabe se virando na direção da área ao redor do caminhão de carga atrás deles, mas, antes que Philip sequer tenha a chance de se virar, ele sente o beijo inconfundível do aço frio e azul na sua nuca, logo acima da vértebra superior.

Philip continua imóvel, o cano de um rifle de alta capacidade sendo pressionado com força contra os tendões da nuca dele. O Governador expira e solta uma única palavra embargada:

— *Porra.*

Gabe é o mais próximo do agressor, e ele umedece os lábios, cauteloso, antes de dizer qualquer coisa — como em um jogo mortal de xadrez, o relógio começando a tiquetaquear —, a mão dele na

coronha da semiautomática sobressalente presa entre o cinto e o quadril.

—Tudo bem, você não é burra — diz ele bem baixinho para a invasora de pé atrás de Philip. — Mas precisa saber que, *se* o matar, morrerá em seguida.

— Sim... estou ciente disso — responde a voz familiar a centímetros do ouvido esquerdo de Philip. É a voz de uma mulher calma e comedida como a de uma telefonista. O som da voz dela deixa a espinha do Governador rígida. Muito devagar, muito sutilmente, os observadores de pé ao redor da clareira começam a levar as mãos às pistolas, ou cuidadosamente levam os dedos aos gatilhos de segurança dos rifles de assalto.

— Muito bem, faça as contas — diz Gabe à mulher com o máximo de sinceridade e racionalidade que consegue reunir. — Está vendo quantos de nós há, e, basicamente, você está cercada, então... sabe como é... meio acadêmico.

— Acha mesmo que eu me importo? — pergunta ela. A mulher está usando o colete à prova de balas preso ao redor da silhueta esguia e tem um lenço de cabeça estilo samurai preso com firmeza ao redor dos dreadlocks. Ela está apontando uma AK-47 para o Governador, uma arma capaz de disparar cem balas de 7.62 mm por minuto. — Acha que não planejei isso? — Ela solta um resmungo divertido. Philip não se moveu um milímetro desde que a conversa começou. A mulher diz: — *Você* é o burro.

— Sou mesmo? — Gabe sorri, sacando a .45 em um movimento ágil. — Tem certeza?

— Gabe... não. — O único olho bom do Governador encara com intensidade determinada o cano da semiautomática do homem sendo erguido. — Gabe!

— Você quer morrer, moça? — Gabe aponta a arma para o ponto ao lado da cabeça do Governador. — Tudo bem... vou conceder esse desejo!

— GABE!!

O barulho do disparo da .45 estilhaça o ar silencioso no exato momento em que o rifle de Michonne ruge, fazendo-a recuar devido ao coice da arma um nanossegundo antes de a bala revestida de metal com a ponta oca de Gabe acertar o ombro do colete, deformando o Kevlar e mandando um fragmento pelos ares. O Governador teve tempo de curvar o corpo para a frente, mas acaba atingido no maxilar inferior, logo abaixo da orelha ferida.

O barulho faz com que todos na área se abaixem ou corram para trás do abrigo mais próximo conforme a cena tensa estoura em um borrão de movimentos ágeis como relâmpagos — ações e reações, umas atropelando as outras —, os ruídos dos disparos ecoando e subindo para o céu. O Governador imediatamente acaba no chão, sem fôlego, a saliva ensanguentada escorrendo pela terra, a espada voando da sua mão. Michonne se move com a graça bestial de uma pantera ao mergulhar na direção da espada enquanto os outros combatentes se recuperam. Lilly surge de detrás da coluna dianteira do caminhão de carga, segurando a Ruger com ambas as mãos — a posição Weaver que Bob ensinou a ela, as táticas de comando israelenses são quase sua segunda natureza agora — e busca a figura escura no campo visual. Gabe, no chão, atira incessantemente no borrão de movimento enquanto simultaneamente rasteja na direção do Governador caído — esvaziando o pente inteiro da .45 —, incapaz de acertar qualquer coisa além das solas do coturno de Michonne. A essa altura, ela fechou as mãos enluvadas em torno do cabo delicadamente

trabalhado da espada ninja e está girando para o lado na direção de Raymond Hilliard, que recua com a AR-15 agitando-se para as laterais, para cima e para baixo em busca de um alvo. Em um movimento fluido, Michonne gira e corta, abrindo uma laceração no tronco de Raymond com uma eficiência silenciosa.

Uma maré de sangue escorre pelo colo de Raymond conforme ele grita e deixa a arma cair, então cambaleia para trás até atingir o chão, e agora diversas coisas ocorrem na velocidade faiscante e onírica de um pesadelo sob os raios fortes da luz do sol que perfuram as árvores.

Os outros membros da milícia se espalharam em busca de abrigo, alarmados pelo advento daquela espada reluzente e mortal, enquanto Gabe se colocou em cima do corpo do Governador para servir de escudo humano. Nesse meio-tempo, Michonne girou e foi para trás do tronco de um carvalho antigo com o rifle de assalto erguido e preparado, então abre fogo contra os demais.

Com uma das mãos, Michonne dispara balas capazes de perfurar um colete pela terra rachada da clareira, levantando montes de turfa, amassando o aço de caminhões adjacentes, fazendo faíscas tilintarem e se acenderem em para-lamas, lançando lascas de árvores pelos ares e envolvendo a clareira em um caos de fogo e chumbo quente. O Governador, preso ao chão debaixo do corpulento Gabe, fecha o olho quando poeira e faíscas disparam ao seu redor.

E então — como se um interruptor tivesse sido desligado — a agressora some.

O silêncio que se segue subitamente à batalha pega todos de surpresa. O tiroteio cessa de forma tão repentina quanto começou, e,

por um tempo, o Governador fica deitado com o rosto na terra, o ardor frio do maxilar ferido se espalhando pela espinha.

— Saia de cima de mim, porra — cicia ele, por fim, agitando-se debaixo do enorme peso do guarda-costas. — A mulher, porra... A MULHER!

Gabe rola e sai de cima de Philip, lutando para ficar de pé, e rapidamente avalia o perímetro — ao mesmo tempo em que remove o pente usado da .45, enfia um novo e desliza o ferrolho. Ele abaixa a arma.

— Merda. — Gabe olha em todas as direções e vê que a garota sumiu. — Merda, merda, merda!

O Governador fica de pé e leva a mão enluvada até o corte profundo na linha do maxilar, o sangue escorrendo pelos dedos. Philip olha ao redor da clareira. Na névoa azul formada pela cordite, ele vê Raymond caído em uma poça crescente de sangue e os demais cautelosamente saindo dos esconderijos, exaustos, com raiva e medo. Lilly sai de detrás de um veículo, mantendo o olhar fixo no Governador.

Sem sequer olhar para a Ruger, Lilly joga o pente vazio no chão — a expressão contorcida dela fixa em Philip. Lilly respira com dificuldade, seus lábios tremem de ódio e seus olhos brilham de raiva. Ela passa a impressão de que seguiria Philip até o inferno agora.

Philip se vira para Gabe, que ainda avalia ao redor como se Michonne pudesse se materializar do nada a qualquer momento. Então Gabe repara que o Governador o está encarando com uma intensidade ameaçadora. Gabe engole em seco.

— Chefe, eu...

— Foi assim? — interrompe Philip com um grunhido baixo e áspero, sua voz encharcada de desprezo, a mão enluvada ainda pressionando o maxilar, mal contendo o sangramento. — Da última vez que você "estourou a porra dos miolos dela"... foi desse jeito?

— Chefe... — Gabe começa a explicar, mas se interrompe quando vê o Governador erguendo a mão enluvada e ensanguentada.

— Não quero ouvir. — Philip aponta para os demais com o polegar. — Prepare todos para partir... vamos acabar com isso agora... AGORA MESMO, PORRA!!

Com Austin ao lado, Lilly ordena que cada última caixa de munição seja aberta e carregada em armas, que cada última gota de combustível seja despejada em tanques, que cada pente de munição seja preenchido, que cada colete à prova de balas disponível seja vestido e preso. Ela faz Gus cuidar do ferimento do Governador, usando as linhas de sutura no kit de primeiros socorros para fazer uma rápida sutura de campo. Lilly verifica todos os rádios, todos os veículos, todos os pneus, todos os motores, todas as baterias, todos os fluidos, todas as metralhadoras, as miras, os binóculos, os capacetes, os visores e os mantimentos para imprevistos. A pulsação de Lilly se acelera quando ela está quase concluindo as últimas preparações, a gravidade da situação rapidamente a envolve. Parece diferente dessa vez.

O ódio é um micróbio que passa de um hospedeiro a outro, e passou totalmente do Governador para Lilly. Ela odeia aquelas pessoas agora como nunca — o suficiente para iniciar um massacre, o suficiente para dizimá-las da face da terra. Lilly as odeia pelo que fizeram com sua cidade, com seu futuro, com sua esperança de uma

vida melhor. Ela os odeia pela brutalidade deles. Pelo que tiraram dela. A vida de Lilly é insignificante agora na Grande Perspectiva das Coisas. Nada mais tem significado algum além do ódio que ela sente. Lilly passou de vez para o outro lado, está completamente concentrada e pronta para matar... pronta para queimar aqueles filhos da puta até morrerem.

Em certo momento, Austin repara na aura pouco familiar de Lilly conforme a jovem carrega pentes de munição na cabine do caminhão para ter fácil acesso a eles. Ela tem dois rifles de longo alcance enfiados atrás do seu assento.

— Ei, você está bem? — pergunta Austin, dando um tapinha carinhoso no ombro de Lilly. — Por que está cantarolando?

Ela para e olha para ele.

— Cantarolando?

— Você estava cantarolando algo para si mesma... não reconheci a música, mas me pareceu meio estranha.

Lilly limpa o rosto. Ao redor da clareira, motores rugem, fumaça escapa dos canos de descarga. Portas batem, atiradores se posicionam atrás de metralhadoras, e o Governador está de pé no seu amado tanque, observando tudo, parecendo ríspido e pálido, desprovido de toda humanidade, como um golem que se ergue da lama. Isso deixa Lilly sem fôlego. Ela quer ver Philip Blake arrancar braços e pernas daquelas pessoas, destruir a jugular delas com os dentes, queimar a prisão até só restarem cinzas e então enterrar essas cinzas e jogar sal na porra da terra.

— Entre, bonitinho — diz Lilly, por fim, ao segurar o volante. — Temos um trabalho para fazer, porra.

Os dois saem do acampamento logo antes do meio-dia, com o sol alto e pálido no céu.

Austin não fala muito no caminho, apenas fica sentado no banco do carona, segurando a Garand no colo, olhando de vez em quando pelo espelho retrovisor para verificar os quatro soldados que estão indo na traseira. Lilly dirige em silêncio, sentindo uma calma esquisita. Em cada negociação, a pessoa disposta a perder tudo tem a vantagem — Lilly não tem mais nada por que viver a não ser por seu ódio — e essa força faz a pele dela ficar dormente conforme o comboio sobe a estrada vicinal sinuosa na direção do horizonte leste. Ela passa a alavanca de câmbio para marchas mais baixas e cantarola uma melodia sem ritmo, mais um tique do que uma melodia de fato. Ela olha para Austin na cabine e, do nada, algo se contorce em seu estômago, um lampejo de inquietude que incomoda o fundo da mente dela, beliscando a barriga de Lilly e acabando com sua confiança.

Com a cabeça baixa, o cabelo pendendo no rosto, Austin Ballard nunca pareceu mais jovem ou mais vulnerável para Lilly do que naquele momento, e isso a desperta, interrompe o estupor e envia uma onda inesperada de pesar pelo corpo dela. A vida de Austin também corre risco, e a percepção disso desaba sobre Lilly — *ele não está pronto para isto, não está equipado* — e essa revelação leva a outra notícia surpreendente e estarrecedora. A princípio, Lilly vê pelo canto do olho, e não tem certeza se mais alguém no regimento de veículos reparou.

Assim que a procissão de veículos chega ao topo da colina a leste da prisão e a ampla e espinhenta encosta de pasto que ladeia a propriedade se torna visível entre as árvores — a meia distância, algumas dezenas de mortos se arrastam pelo campo diante da prisão —, Lilly vê leves sinais de movimento em cada lado da estrada de terra, bem nos fundos, nas sombras do bosque, misturando-se às

colunas escuras de pinheiros, seguindo pela luz fraca com o propósito frenético de formigas em uma fazenda de formigas.

Montes e montes de errantes, talvez centenas deles, convergiram para a área — atraídos durante as últimas 36 horas pela recorrência de batalhas —, o número deles se multiplicando como amebas crescendo na enorme placa de Petri que é a floresta. Lilly sabe o que isso significa. Já teve problemas com hordas de mortos-vivos antes. No outono do ano anterior, durante a malsucedida tentativa de golpe de estado em Woodbury, uma horda envolveu o grupo de conspiradores de Lilly no bosque como uma onda gigante, quase tombando a van deles e devorando tudo dentro de quilômetros. Ela sabe muito bem como hordas podem ser imprevisíveis e perigosas, principalmente quando se unem e formam uma manada vagarosa. A legião de corpos teimosos, desengonçados e rastejantes podem derrubar a barricada mais sólida, transformar acampamentos em destroços e quebrar as cercas de qualquer prisão.

Naquele único instante terrível, conforme o comboio atravessa a colina e, veículo a veículo, começa a descer a encosta, o cérebro de Lilly registra a verdade sombria. Ela percebe, por fim, a diferença entre aquele ataque e o anterior.

Agora os dois lados estão fodidos.

QUINZE

As pessoas na prisão estão prontas dessa vez. O comboio mal chega à metade do pasto antes que os pátios se acendam com fogo pesado, surpreendendo a força invasora. Freios pneumáticos chiam. Para-brisas se estilhaçam. Balas de ferro e aço ricocheteiam. Caminhões derrapam na relva encharcada. Motoristas e passageiros se abaixam em busca de abrigo, alguns deles saltam das caçambas abertas dos caminhões e rastejam de barriga no chão sob o chassi dos enormes veículos. Lilly pisa fundo nos freios e para o caminhão subitamente, então grita para que Austin saia caso os tanques de combustível sejam atingidos em meio à batalha. Ela chuta a porta para abri-la, impulsiona o corpo para fora da cabine e cai no chão; diversos montes de relva explodem na terra ao redor de Lilly. Ela não consegue enxergar nada. Austin não está mais no outro lado da cabine. Acima do estardalhaço dos tiros, Lilly mal consegue ouvir o Governador vociferando furioso em algum lugar na névoa de fumaça de armas e poeira que se adensa, mas não consegue localizar a posição dele. Ela tenta ajustar o rifle, e talvez revidar o fogo — alguns membros da milícia estão fazendo tentativas inúteis de responder à saraivada —, mas as mãos de Lilly não obedecem aos sinais que o cérebro envia para elas. As pessoas na prisão estão

posicionadas atrás de veículos estacionados, de barriga para baixo, atirando de debaixo dos carros, ocasionando um caos completo, abatendo cada vez mais membros da milícia encurralada de Woodbury. Lilly ouve a voz de barítono de Gabe rugir freneticamente, berrando acima da barulheira, discutindo com o Governador, exigindo saber por que aquelas táticas loucas vão funcionar desta vez. Lilly cobre a cabeça enquanto a relva continua sendo arrancada ao redor dela, o bombardeio interminável levantando montes de barro. Ela tenta respirar fundo e se concentrar na arma, no ódio e no parco treinamento, mas outra coisa invade seus pensamentos. Pelo canto do olho, ela vê os limites do campo de batalha se enchendo de figuras esfrangalhadas e trôpegas, e o peito de Lilly gela com a percepção: há mais incontáveis deles agora, vindo de todas as direções, descendo o campo como uma praga em movimento.

Lilly consegue rastejar debaixo do M35. Ela vê os pés de Austin se agitando ao lado da cabine — ele está tendo dificuldade para se levantar e revidar os tiros — e grita por cima do barulho para que se abaixe e vá para debaixo do caminhão, pelo amor de Deus.

Errantes os cercaram, a maioria deles consegue se arrastar entre os disparos ou se afastar das cercas infestadas de balas e perambular na direção dos invasores. Lilly começa a atirar nos pés dos errantes, derrubando-os e sistematicamente enfiando balas nos crânios das criaturas. Cabeças estouram feito fusíveis sobrecarregados, jorrando sangue na grama e nos braços e pernas de Lilly, mas ela não para de atirar. As figuras em farrapos seguem se arrastando até os invasores, e Lilly continua disparando até que o pente dela emita um clique avisando que está vazio e uma nuvem de névoa azulada se acumule ao redor do caminhão dela. O coração dela bate acelerado no peito e

Lilly sente, subitamente, um torno fixo se prender ao redor do seu tornozelo. Ela solta um grito de choque e olha para a metade de baixo do seu corpo.

Um enorme errante do sexo masculino vestindo um terno fúnebre rastejou para debaixo do caminhão e suas mãos retorcidas e escurecidas seguram a perna de Lilly, a boca pútrida dele se abre — os dentes esverdeados como lodo estão a centímetros da pele exposta da panturrilha fina de Lilly, entre o alto da bota e a perna dobrada da calça jeans — e a visão disso a deixa paralisada por um momento. Ela direciona o cano da Ruger para o crânio da coisa e puxa o gatilho — esquecendo-se de que a arma precisa de um pente novo, fazendo o ferrolho de alimentação se abrir —, e nada além de um clique sai da arma vazia.

Lilly grita, chuta e procura o pente no cinto quando uma terceira figura preenche o espaço estreito debaixo do M35 — apenas um borrão escuro a princípio — então surge o aço azul reluzente da Glock de Austin.

Com uma faísca, o disparo seco abate o Mordedor do sexo masculino, fazendo jorrar um fluido oleoso do crânio recém-perfurado, que se espalha pelo emaranhado de grama debaixo do caminhão. O fedor dos mortos agora envolve Lilly enquanto ela emite um suspiro de dor e choque, aliviada. Austin rasteja até ela.

— Você está bem, ele pegou você, a mordeu? Você está bem?! — balbucia Austin, colocando o braço ao redor dela, afastando com carinho as mechas encharcadas de cabelo que se soltaram do rabo de cavalo de Lilly.

Ela consegue assentir, engolindo o gosto acobreado de ácido na garganta. O barulho de outra saraivada de tiros ao redor deles torna

impossível os dois se ouvirem. Lilly se vira de novo e pega o rifle, rastejando de debaixo do caminhão.

O ar ficou tão denso com cordite e o tiroteio que parece até que já anoiteceu, e isso tira o fôlego de Lilly, deixa os sentidos dela dormentes, faz seus olhos ficarem cheios d'água. Ela se posiciona apoiada na cabine. Tenta se recompor, colocando mais um pente na pistola Ruger, enfiando-a no cinto, e então vira o Remington para a posição de tiro. Austin está logo atrás dela, mirando o Garand para o tiroteio incandescente que vem de dentro das cercas.

Lilly leva a mira ao olho quando, de repente, vê um minúsculo objeto flutuar pelo ar acima da cerca de arame farpado, então tudo fica mais lento.

Uma calmaria momentânea no tiroteio se segue de forma inesperada, e o movimento acelerado da batalha parece frear. Na sua mente, Lilly vê o projétil subir formando um arco acima das cabeças deles, em câmera extremamente lenta, até cair no chão diante de um enorme Buick sedan, quicando uma vez e tilintando sob a grade frontal dentada do carro.

A explosão que se segue agita a terra e suga a pressão do ar da paisagem, transformando o pasto — apenas por um instante — na superfície do sol.

A granada impulsiona o veículo de quase uma tonelada para os ares, liberando estilhaços da metade frontal e mandando todos os homens e mulheres dentro de um raio de 45 metros para o chão. A explosão estilhaça tímpanos e chacoalha as árvores, e atira o Governador e Gabe em direções opostas, fazendo cada um deles se estatelar no chão e sair rolando.

O Governador se choca com a carroceria inferior do tanque, perdendo o fôlego dos pulmões conforme tem um lampejo úmido pelo único olho funcional da explosão do projétil contra o sol — partículas afiadas como lâminas da frente do Buick —, que dilacera os combatentes mais próximos e desprevenidos. Pedaços pontiagudos de metal cravam-se no velho e corpulento Charlie Banes, arrancando um pedaço do peito dele, erguendo o homem mais de um metro do chão e impulsionando-o para trás, os braços se agitando, a lufada de sangue o vestindo de líquido escarlate conforme o homem cai no gramado, o coração parando e a vida sendo drenada de dentro dele antes mesmo que pare de rolar.

No mesmo instante, do outro lado do pátio, uma constelação de estilhaços feito mísseis minúsculos atravessou o corpo de Rudy Warburton, fazendo o homem, momentaneamente, cambalear em uma dança da morte grotesca, a arma voando para longe, a voz grossa, rouca pelo uísque — a mesma voz de locutor que orgulhosamente apresentou o Governador à multidão na arena — emitindo um grito da morte que causa nervoso aos dentes do Governador.

— P-PORRA! — O Governador sai rolando de debaixo do tanque, arquejando em busca de fôlego e vendo dobrado com o olho solitário. Ele tenta focalizar o chão. Seu tapa-olho está torto. Lâminas de grama estão em seu cabelo, o fedor de combustível queimando, em suas narinas. O corpo de Philip grita de dor. Seu rosto enfaixado parece úmido e quente e o braço fantasma se contorce e agarra o ar, ilusoriamente preso ao cotoco. — P-PPP-PORRA! *P-PPPP-PORRA!!*

Ele apoia as mãos nos joelhos, seu ouvido está apitando, o cérebro incandescente de ódio. O Governador mal ouve o fogo de resposta gritando acima de sua cabeça. A maioria dos sobreviventes

da milícia se abaixou em busca de abrigo e começou a atirar desesperadamente nas torres de vigia e nos recessos do terreno da prisão. O ar se acende com traçantes e ricochetes. Um total de seis homens está caído em pilhas ao redor da terra escura e chamuscada que se abriu devido à explosão da granada.

Charlie se foi. Rudy, Teddy Grainger, Bart, Daniel, e até mesmo o grandalhão Don Horgan, o lutador — todos se foram —, mutilados em pedaços por tiros ou pelos estilhaços mortais.

O Governador vê Gabe caído de costas a cerca de dez metros, ao lado da caçamba aberta do caminhão, a cabeça oscilante; a concussão da explosão o deixou zonzo. Ódio quente como magnésio percorre Philip quando ele se coloca de pé com dificuldade, encolhendo o corpo dolorosamente quando um calibre .50 passa zunindo acima da cabeça dele. Sobre a cabine de um caminhão próximo cuja caçamba está aberta, o atirador da metralhadora, Ben Buchholz, ataca o território da prisão com fúria, mas sem estratégia ou propósito. Um rápido olhar para a torre de vigia a sudoeste revela nuvens de chama branca conforme um atirador solitário dispara tiros precisos no comboio. As balas ricocheteiam em para-lamas, estilhaçam para-brisas e acertam os calcanhares de milicianos sobreviventes.

— GABE!

A voz do Governador parece abafada e distorcida aos próprios ouvidos danificados do homem. Ele consegue desviar pela brecha entre o tanque e o caminhão de caçamba aberta. Àquela altura, Gabe está se impulsionando de pé, piscando para afastar o choque e a dor. O Governador alcança o homem gordo e agarra a nuca da gola rulê como se puxasse o filhote de uma ninhada.

— VENHA CÁ, PORRA!

Philip arrasta Gabe pelo descampado até a traseira do Abrams.

— VENHA CÁ! — O Governador joga o corpulento Gabriel Harris na traseira do tanque, deixando-o sem fôlego conforme mais disparos de alta velocidade zunem e faíscam do Abrams blindado.

— O-o que...!! — Gabe se contorce de agonia, desviando do rangido que mais parece uma serra circular de calibre .50 a quase vinte metros de distância.

Balas faíscam ao redor deles por um momento, distraindo-os, fazendo com que cada um se abaixe e se contorça com tensão nervosa, o que faz cada homem perder a visão periférica.

Nenhum deles vê o trailer Winnebago gigantesco e surrado rugir para fora das árvores diretamente a oeste, ladeando os limites da frente de batalha em uma névoa de poeira. Na verdade, a princípio, *ninguém* da força de ataque repara no novo acréscimo à zona de guerra.

— *Precisamos* repensar essa porra — anuncia Gabe alguns segundos depois, com a voz embargada e exausta, de pé com o Governador atrás do tanque blindado enquanto balas passam zunindo acima das cabeças deles como vespas. Perfurando com o olhar o olho solitário do Governador, falando alto o suficiente para ser ouvido acima do barulho dos tiros intermitentes, Gabe emprega um tom de voz que nunca usou com o Governador, um tom que escorre recriminação e ódio. — Nossa gente está morta de medo! Estão levando uma lavada, caindo como moscas, você precisa fazer alguma coisa, cara, precisa tomar a liderança, porra!

A mão esquerda do Governador se ergue e agarra Gabe pelo pescoço, fazendo aquele homem pesado se chocar contra a carroceria coberta de parafusos do Abrams.

— Cale a porra da boca, Gabe! Não vamos amarelar dessa vez, vamos destruir esse lugar, é agora ou nunca!!

Naquela pausa tensa de um milésimo de segundo, Gabe encara o chefe de olhos arregalados — seu mentor, sua figura paterna — e uma faísca de vergonha se acende em seu olhar. Nenhum dos dois está ciente do Winnebago que circula pelo limite distante a oeste do campo de batalha, distante o suficiente para passar despercebido pela maioria dos combatentes — até mesmo aqueles dentro do confinamento da prisão. O trailer derrapa e para formando um redemoinho de poeira, e uma figura surge como um espectro no teto, uma mulher solitária empunhando um rifle de longo alcance.

— Tudo bem, tudo bem, d-desculpe, desculpe — balbucia Gabe, com ambas as mãos enluvadas no pulso do Governador, tentando soltá-las da largura do seu pescoço parrudo. Philip larga Gabe. O homem respira com dificuldade conforme continua falando mais alto que o barulho do tiroteio. — Só estou dizendo que estamos levando uma surra e precisamos de um plano! Não podemos simplesmente atirar nesses filhos da puta sem um...

— CALE A PORRA DA BOCA!

Philip Blake fixa o olho incandescente no homem atarracado e ouve vozes na sua cabeça borbulhando das catacumbas escuras do cérebro — *Philip está morto, se foi, Philip está morto e enterrado, ele virou pó* — encolhendo o corpo subitamente ao ouvir o banshee inesperado gritando em sua cabeça: *Cale a boca, cale a boca!* Tiros rugem atrás dele, os estalos fazem Philip estremecer, distraindo-o da visão da atiradora solitária de pé no teto de um trailer coberto de ferrugem a centenas de metros de distância, fantasmagórica à miragem de ondas de calor no limite da floresta.

— Ouça, ouça o que vou dizer, seu gordo cagão: não vamos recuar de novo, porra! — Philip consegue gritar com a voz embargada, empurrando Gabe para a frente de ferro escorregadio do tanque. — Entendeu?! Entendeu isso?! Vamos acabar com isso AGORA! *AGORA!!*

Gabe recua, esfregando o pescoço, piscando para afastar lágrimas de pesar, parecendo repentinamente um garotinho que diria ou faria qualquer coisa para acalmar o pai agressivo, que mentiria, roubaria, mataria, estupraria e saquearia, faria *qualquer coisa* para agradar o pai irritado e calar as provocações das crianças da escola que um dia o chamaram de grande lata de banha.

O único tiro que ecoa do oeste, uma bala de alto calibre disparada com a precisão de uma ferroada que sai do teto de uma casa móvel a 320 metros de distância, acerta a parte exposta do crânio de Gabriel Harris.

O Governado recua quando a cabeça de Gabe irrompe, lavando o tanque com um jorro de matéria encefálica rosa e gelatinosa, formando uma enorme poça fúcsia no ferro. A respiração do Governador congela nos pulmões conforme Gabe cambaleia sobre as pernas fracas durante um momento, os olhos vítreos fixos em Philip, um olhar de morte que lembra um computador travando, concentrado no rosto do chefe, procurando infinitamente pela aprovação de um pai que nunca virá. E então aquele homem enorme desaba como se desmaiasse.

Ele atinge o chão, produzindo um estampido que desperta Philip com a força de um tapa.

— PUTA QUE PARIU!

Philip Blake se esgueira para trás do tanque e espia pelo outro lado.

— PORRA! PORRA! PORRA! PORRA!!

Em estágios rápidos, o Governador vê o Winnebago distante e tem um lampejo da figura feminina que está de pé corajosamente no teto como se fosse uma criatura mítica, uma valquíria descendo dos céus para ajudar os habitantes da prisão, e, por fim, ele repara na picape estacionada a quinze metros do flanco esquerdo, no mato. Philip vê Gus agachado atrás da porta traseira, disparando uma AR-15 sem parar, xingando e disparando e xingando.

— GUS! — ruge Philip. — ENTRE NA PICAPE E ATROPELE A PORRA DAQUELA MULHER... AGORA MESMO!!

Gus leva apenas um momento para ver sobre o que o Governador está falando. Com um breve aceno de cabeça, Gus começa a agir, mantendo-se abaixado e rastejando até o outro lado da S-10, para a cabine. Ele escala até alcançar a parte de trás do volante. O para-brisa já está rachado em milhares de cacos brilhantes feito diamante, quebrado pelo tiroteio.

O cano de descarga tosse vapor quando Gus coloca em marcha *drive* e dispara para o trailer.

O Governador anda até o corpo de Gabe e puxa o rifle Bushmaster do ombro do homem morto, e, quando Philip se coloca de pé de novo e avalia o campo de batalha, as coisas já começaram a piorar.

De detrás da porta traseira do M35, Lilly Caul observa os eventos se desencadearem e implodirem como uma reação nuclear, os pulmões tentando puxar ar, o coração batendo contra as costelas tão alto quanto um tambor. Lilly segura o Remington com as mãos grudentas de suor e desvia da explosão de metal com metal que ecoa no horizonte a oeste. Ela olha pela borda da porta a tempo de ver

Gus acelerar a picape na direção do Winnebago, quase partindo o enorme trailer ao meio.

O impacto manda partículas de vidro quebrado e estilhaços de eixos e estruturas metálicas pelos ares e faz a atiradora — uma mulher de cabelo claro preso em um rabo de cavalo e usando vestimenta de presidiária — dar cambalhotas do teto, jogando-a para o mato no limite do bosque. É difícil dizer àquela distância, mas parece que Gus foi atingido — a porta dele se escancara com o impacto, o corpo atarracado do homem desaba para fora da cabine e um redemoinho de fumaça escura obscurece o local da batida.

Lilly ouve uma risada embargada e insana e olha para a esquerda, então vê o Governador agachado atrás do tanque observando a picape de Gus e o que sobrou do Winnebago se transformarem num cogumelo de fumaça e chamas.

— TOME ESSA, VADIA... VOCÊ FODE COM A GENTE! É, É ISSO MESMO! — Para Lilly, ele parece ter finalmente perdido a cabeça.

— Meu Deus... Meu Deus... isso é loucura! — Lilly se agacha atrás da porta e salta ao ouvir uma série ensurdecedora de disparos que quase estouram seus tímpanos; o tiroteio vem agora a centímetros de distância. Lilly se vira e vê Austin agachado atrás da ponta oposta da porta, disparando o Garand contra a torre de vigia, as balas .308 ressoando e zunindo. Ele está gritando alguma coisa. Lilly tenta chamar sua atenção. — Austin! AUSTIN!

— ... os desgraçados estão nos derrubando como se fôssemos insetos! — Ele atira mais um pouco, olha para Lilly, sem parar de atirar, então volta a olhar para ela com os olhos incandescentes. — Vamos lá! Lilly, o que foi?! O que está fazendo?!

— Poupe a munição, bonitinho!

— Do que está falando?!

— Você vai...!

Lilly começa a explicar que eles têm uma quantidade finita de munição, que precisam se posicionar melhor e que aqueles desgraçados poderiam atirar outra granada a qualquer segundo quando o som da voz do Governador soa acima dos disparos. Ela se vira de costas e vê o homem mancando pelo campo de batalha, o rosto dele marcado pela exultação psicótica.

— É só uma questão de tempo agora! — O Governador anda na direção de dois atiradores abaixados atrás de uma pilha de caixas de mantimentos caídas, atirando cegamente nas torres. — Nós os encurralamos! Os filhos da puta não vão durar!

Um dos atiradores atrás das caixas, um homem mais velho com cabelo ralo e óculos amarelos de aviador, ergue o rosto da mira no momento em que uma bala acerta seu olho esquerdo.

O disparo estilhaça a lente do atirador e sai pela parte de trás do crânio dele. O homem se convulsiona para trás, o rifle sai voando das suas mãos, a matéria encefálica jorra na grama atrás dele quando o homem desaba a menos de três metros de onde o Governador passa arrastando os pés.

— Nós os temos exatamente onde queremos! — Philip caminha por trás da fileira de veículos e de atiradores como um general MacArthur vestido de preto. — Não deixem que tomem a porra de um fôlego! Mantenham a pressão!

— Ei, Governador! — Lilly tenta chamar a atenção dele de detrás do M35. — EI!

Outra saraivada de balas desce da torre, mas o Governador sequer encolhe o corpo e os disparos levantam poeira aos pés dele. Então, de uma só vez, outro membro da milícia cai explodindo em

borrifos de sangue que saem da parte de trás do crânio dele, o boné da Caterpillar voando quando ele cai no chão.

— GOVERNADOR!! — grita Lilly para o homem. — ELES ESTÃO NOS MATANDO! NÃO PODEMOS FAZER ISSO!

Alguns dos homens estão recuando da linha de fogo em busca de abrigo, correndo de um lado para outro, mergulhando embaixo de chassis de caminhões.

— Que merda vocês estão *fazendo*? — vocifera o Governador para as tropas que recuam. — NÃO PODEMOS DESISTIR AGORA!! NÃO PODEMOS DEIXÁ-LOS VENCER!

Outra saraivada de tiros de longo alcance leva Lilly de volta ao chão atrás do M35 — Austin está de barriga para baixo, a centímetros dela —, montes de relva sobem a cada disparo, terra é jogada nos rostos deles. Tonteira percorre o corpo de Lilly e ameaça roubar a visão dela, seus ouvidos estão apitando tanto que o tiroteio parece ocorrer debaixo d'água — PLING! PLING! PLINK-PLINK-PLINK! — e ela ouve o Governador berrar alguma coisa, então tenta enxergar através da nuvem crescente de fumaça de armas que envolve o campo.

— FODA-SE! — O Governador marcha na direção do tanque como um soldado de madeira, seu único braço dobra-se com rispidez, a mão enluvada e solitária está fechada em um punho apertado. — FODA-SE! FODA-SE!!! *FODA-SE!!!* ESTÁ NA HORA DE ACABAR COM ISSO!!!

Ele chega ao Abrams e sobe pela escada lateral de aço.

Na visão comprometida de Lilly, tão aguada e embaçada quanto tinta escorrendo, ela mal consegue absorver a visão surreal do Governador batendo na escotilha do tanque, como se tivesse um pacote para entregar à equipe. Ele grita para Jared deixá-lo entrar, e a

escotilha gira subitamente, abrindo-se como uma caixinha de surpresa. Philip mergulha para baixo, para a escuridão do espaço fechado, e a escotilha se fecha no momento em que o grito estrondoso do homem chega aos ouvidos de Lilly:

— APENAS DIRIJA!

Uma névoa de fumaça densa é repentinamente soprada da parte de trás do tanque conforme as esteiras são ativadas. O motor ruge e a besta começa a se mover.

Lilly congela no chão, boquiaberta diante da visão bizarra do monólito blindado rolando na direção da cerca. As íris dela se dilatam de forma involuntária, a respiração de Lilly fica presa na garganta enquanto ela vê o curso da batalha tomar um rumo inesperado.

O tanque chacoalha na direção da barreira de cerca retorcida, passando por cima dos últimos errantes que ainda estão no caminho, as esteiras gigantescas pulverizando ossos e carne pútridos. A frente do tanque se choca com a cerca, o metal retorcido e o arame farpado cedem, as reverberações viajam um quarteirão em cada direção. O barulho é como uma tempestade metálica.

A cerca exterior cai em um paroxismo de aço se rasgando.

O Abrams tritura a primeira barreira com a facilidade de um compactador de lixo gigante, fumaça é soprada da turbina, as esteiras esmagam a cerca e a transformam em espaguete. Quase cem metros de cerca retorcida, em cada direção, desabam quando a besta atravessa a brecha até a cerca seguinte. A segunda barreira cai tão facilmente quanto a primeira.

Enquanto tudo isso acontece, Lilly observa o cessar-fogo bizarro dentro da prisão. Os únicos sons agora — quase inaudíveis

acima do ruído das cercas estalando, rangendo e tilintando — são passos correndo em todas as direções conforme o povo do lado de dentro se espalha em busca de abrigo.

Em uma nuvem de poeira, neblina e disparos de atiradores estalando na carapaça de ferro do tanque, o Abrams devora a última barreira — a cerca interna — enquanto faíscas se acendem e crepitam no ar. A maioria dos errantes nos arredores foi derrotada pelo fogo cruzado ou pelas esteiras do tanque.

Agora os ricochetes ecoam de forma bizarra pelas passagens entre as celas.

Logo, até mesmo as torres ficam silenciosas e calmas conforme o monólito blindado para seis metros dentro do portão, puxando pedaços da cerca de metal nas esteiras como partículas de comida presas nos dentes de um monstro revoltado. O motor ruge por um momento, quase como um prelúdio para o movimento seguinte daquela sinfonia horrível. O cano de descarga bufa na traseira do tanque. A pausa que se segue — que dura meros segundos — parece, para Lilly, durar horas.

— Lilly?! Você está bem?! Fale comigo! — A voz de Austin, quase inaudível para ela, interrompe o ruído branco dos seus pensamentos acelerados. Lilly se vira e vê Austin agachado ao lado dela, atrás da comporta traseira do M35, segurando o M1 Garand na mão com tanta força que as articulações dele estão brancas. — O que acha? — pergunta o jovem com medo reluzindo nos olhos. — E agora?

Lilly começa a murmurar algo em resposta quando o som de outra voz interrompe o estado de estupor dela.

— Vamos, eles estão em menor número! — A voz vem de trás dela. Lilly se vira e vê os membros restantes da milícia saírem

preparados dos veículos, com as armas erguidas. Tom Blanchford, um enorme mecânico de Macon, está com as costas apoiadas na lateral da caçamba aberta do caminhão. — Vamos! Vamos acabar com o sofrimento desses desgraçados de uma vez por todas! VAMOS!!!

Um a um, esgueirando-se abaixados e depressa, desviando entre os veículos, os homens e as mulheres sobreviventes da milícia de Woodbury seguem para o campo de batalha, passando por cima dos restos esmagados da cerca destruída e indo para dentro da prisão.

— Vamos lá — diz Austin, ficando de pé e estendendo, em seguida, a mão para baixo para ajudar Lilly a se levantar.

Por um brevíssimo instante, ela para. Encara a mão de Austin. Lilly sente a pulsação ácida latejar na espinha, pelos braços e pernas, o gosto de cobre e de sangue na boca.

Então, em um sussurro rouco e fraco, ela diz:

— É, vamos acabar com isso.

Lilly pega a mão de Austin, se coloca de pé, gira o Remington para a posição de tiro, dá um aceno rápido com a cabeça e dispara para o combate.

DEZESSEIS

Dentro do pátio da prisão, em um nevoeiro de poeira, a escotilha do tanque se escancara e um rosto sombrio, cadavérico e sujo de sangue surge como um tubarão emergindo da escuridão do oceano.

— ABRIR FOGO! MATEM TODOS! ELES ESTÃO CERCADOS!

De cada lado do tanque, um total de sete membros da milícia de Woodbury dispara em direções diferentes; a maioria deles segue apontando o cano dos rifles de assalto, atirando em qualquer coisa que se mova. O pátio de exercícios é tomado pelo caos durante um momento. Os habitantes da prisão fogem em busca de abrigo, recuando para as reentrâncias dos prédios — como baratas desaparecendo nas fendas.

Disparos de armas automáticas estalam e ecoam de um lado para outro. Borrões de movimento. O Governador grita ordens da escotilha do tanque, as quais são afogadas pelo barulho. Atiradores de cada lado disparam atrás dos cantos dos prédios ou das sombras formadas pelas abas dos telhados, buscando cobertura e vantagem no massacre. Um dos homens do Governador toma a iniciativa de subir na torre de vigia sudoeste, segurando a faca de caça entre os dentes, o M4 preso ao ombro.

A maré de batalha virou; os moradores da prisão agora se separam em busca de proteção e dos modos mais ágeis de fugir.

* * *

Lilly e Austin seguem o último contingente por cima da cerca caída e entram no pátio da prisão, as passadas pesadas de suas botas fazendo a cerca chacoalhar. Eles se movem depressa com as armas apontadas e prontas, logo atrás de dois outros homens, o sol nos olhos. Lilly tem uma pistola em cada mão, o Remington está preso e quica no seu ombro. Austin perde o fôlego ao correr, uma combinação de medo, exaustão e ódio.

A passagem de tempo parece ficar lenta, movendo-se agora com um aspecto leitoso, viscoso, conforme Lilly e Austin alcançam o prédio mais próximo — a quase dez metros do tanque do Governador — e batem as costas na parede de pedra. O coração de Lilly acelera. Mesmo em meio à descarga de adrenalina por terem corrido até a propriedade, ela sente um tipo surreal de claustrofobia dentro do enorme complexo. Pavilhões de celas de três andares os oprimem de todos os lados, projetando longas sombras nos pátios. O ar tem o cheiro acre de circuitos elétricos sobrecarregados e borracha queimada. Vozes abafadas e o som de passos correndo emanam das paredes.

Um momento depois, Lilly se abaixa ao ver o lampejo de um movimento entre dois prédios, ergue uma das Rugers, dispara um único tiro contra o borrão, mas só acerta a parede de reboco. Ela vê a fumaça de poeira de gesso se dissipar nas sombras a quase vinte metros. Lilly olha através do pátio para o tanque. Ela vê o

Governador sair da besta de ferro com uma pistola Tec-9 na mão enluvada. Então vê outra coisa a distância, atrás de Philip, o que faz sua espinha gelar e deixa sua garganta seca como ferragem.

Bem além do campo adjacente — a terra agora ferida e sulcada por marcas de pneu, chamuscada e esburacada pela explosão da granada e coberta pela carnificina dos mortos-vivos —, Lilly consegue ver a floresta ao longe. Colina acima, atrás das colunas de carvalhos antigos e das cortinas densas de folhagem, o bosque fervilha com incontáveis figuras em frangalhos emergindo das sombras, abrindo caminho para fora da vegetação rasteira — centenas deles — surgindo com as pernas rígidas e vorazes sob a luz do dia. Há tantos que parecem, daquela distância, uma maré negra — uma onda escura e pútrida da mesma extensão de um campo de futebol americano — se desvelando e rolando vagarosamente colina abaixo, na direção do barulho e da confusão da prisão. Naquele instante horrível, durante o único impulso elétrico que dispara em seu cérebro, Lilly faz um cálculo espontâneo. Em minutos — dez, talvez, ou quinze, no máximo — a prisão será tomada.

O Governador desce da carroceria de aço do tanque e ocupa uma posição de supervisão na traseira do Abrams. A maioria dos habitantes sobreviventes da prisão desapareceram dentro de pavilhões de celas e de anexos, mas as almas mais determinadas ficaram do lado de fora, oferecendo uma resistência frágil, os estalos intermitentes de tiros silenciados e gritos de pânico fazem Philip Blake se contorcer e encolher o corpo enquanto ele aponta para um de seus soldados.

— EI! VOCÊ! — O Governador sinaliza para um homem alto e esguio com a cabeça raspada que está ocupado atirando com o rifle

de assalto nas janelas embarreiradas do prédio mais próximo, um homem que Philip viu na equipe de Martinez antes, cujo nome nunca se deu o trabalho de aprender. — Venha cá!

O homem para de atirar e segue apressado até o Governador.

— Sim, senhor?

O Governador fala com o maxilar trincado, os ferimentos dormentes, as vozes na cabeça dele começam a atormentá-lo, como estática estalando em uma rádio de curta frequência, sinais distantes de uma transmissão fantasmagórica interferindo nos pensamentos dele.

— Não sobraram muitos deles! — grita Philip para o homem careca. — Quero que reúna alguns de seus homens... está me ouvindo, porra?

O homem careca dá um aceno de cabeça maníaco.

— S-ssim, senhor, sim.

— Quero que leve seus homens para dentro, entendeu? Vão procurar qualquer um que esteja escondido ou tentando resistir do lado de dentro, está me entendendo?

— Sim, senhor... e quer que a gente... o quê?

O Governador rosna para ele.

— Quero que leiam para eles a porra de uma história para dormir... SEU IDIOTA DE MERDA, QUERO QUE ACABE COM ELES!

Com um aceno, o homem de cabeça raspada se vira e sai correndo na direção do outro atirador. O Governador o observa por um momento, se contorcendo, o rosto sujo de sangue formigando e quente, o maxilar ferido latejando e febril. Ele afasta a voz que reverbera na sua mente e murmura para si mesmo:

— É só uma questão de tempo agora... então cale a porra da boca... me deixe em paz.

Philip vê uma sombra piscar entre dois prédios bem à frente, a 45 metros de distância, onde um pequeno grupo de sobreviventes está amontoado num recanto, discutindo, dois homens e uma mulher... então ele se abaixa atrás do tanque, erguendo a Tec-9 de Jared e mirando. O Governador coloca a mulher na mira e dá três disparos ágeis — o coice quase desloca o ombro dele —, o jorro de sangue distante no recanto o revigora, a visão da mulher caindo no chão é como uma descarga de heroína nas suas veias.

O Governador assente com satisfação, mas, antes que consiga tomar fôlego, ele vê outras duas figuras — um homem mais velho e outro mais novo, os dois vestindo coletes à prova de balas, talvez pai e filho — que subitamente disparam para fora do esconderijo e saem correndo. Eles logo saem do alcance, movendo-se depressa para o estacionamento da prisão, onde os veículos estão parados do lado oeste da propriedade. O Governador repara três de seus homens à toa na base da torre de vigia à esquerda e grita para eles:

— ACABEM COM AQUELES DESGRAÇADOS AGORA MESMO!

Em segundos, os homens perto da torre abrem fogo contra a dupla e uma barreira de disparos automáticos irrompe como o rufar de tambores — fumaça de faíscas cinzentas se acende à luz do dia —, preenchendo o ar com um ruído feio.

Philip vê o fogo cruzado envolver os dois homens fugitivos, e um tiro direto na cabeça derruba o mais novo. O garoto com colete à prova de balas desaba no concreto em uma poça de sangue tão escuro quanto puro petróleo. O mais velho para subitamente e volta até onde está o homem mais jovem.

Os atiradores cessam os disparos conforme o mais velho tenta ajudar o mais jovem a se levantar — é difícil ver exatamente o que está acontecendo ali na névoa de fumaça azul e cheia de poeira, mas o Governador tem a impressão de que o mais velho está soluçando — um pai acariciando o filho à beira da morte —, aconchegando o crânio destruído do mais jovem no colo, e então deixa que a onda de agonia se libere por meio dos soluços.

O homem mais velho chora sem parar agora no chão, segurando o garoto, alheio aos perigos ao seu redor; presumivelmente está além de se importar com a própria vida. Tudo aquilo faz Philip querer vomitar.

Ele marcha até os membros da milícia que estão de pé, envergonhados, perto da torre, com as armas abaixadas, os olhares assombrados fixos na cena de morte do outro lado do pátio.

— Qual é a porra do problema de vocês? — indaga o Governador ao se aproximar do primeiro atirador.

— Ai, Deus... Eu... Ai, Deus. — O homem com boné de Massey Ferguson e longas costeletas, que atende pelo apelido de Smitty, uma vez conversou com o Governador na taverna da rua principal de Woodbury sobre atirar em perus para a ceia de Ação de Graças. Agora, o rosto lamuriante e enrugado do homem se contorce, os olhos injetados dele cheios de lágrimas. — Eu acabei... eu matei um menino. — Ele fixa o olhar angustiado no Governador. — Acabei de matar o filho daquele homem como se ele fosse algum animal doente.

O Governador lança um olhar pelo pátio empoeirado e vê o homem mais velho — grisalho, as têmporas ficando acinzentadas, de uns 50 e tantos anos, talvez quase 60 — de joelhos, curvado sobre o menino, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Pelo maxilar saliente, o

cabelo cinza-férreo engomado, as rugas ao redor dos olhos, ele parece um operário ou fazendeiro, mas com certa rispidez, o que torna o choro ainda mais incongruente. A visão não ajuda em nada o Governador, não causa impressão alguma a não ser um leve tremor de alarme por ninguém apagar aquele desgraçado cheio de rugas. O Governador se volta para Smitty e diz:

— Ouça, me ouça, isso é importante... está ouvindo?

O homem chamado Smitty limpa o rosto com o dorso da mão.

— S-sim, senhor.

— Quantos dos nossos aquele suposto "garoto" matou com a porra do rifle dele? Hein? QUANTOS?!

Smitty abaixa o rosto.

— Tudo bem... entendi.

O Governador apoia a mão enluvada no ombro do homem e aperta.

— Você deveria sentir orgulho por tê-lo matado! — Então ele dá um empurrão suave. — Vamos! Se preparem... isso ainda não acabou!

— Tudo bem — diz Smitty com um breve aceno de cabeça. — Tudo bem. — Ele abaixa o rosto para o rifle e enfia outra cápsula na arma com um resmungo, sua voz quase um sussurro agora. — Tanto faz.

Mais um pensamento ocorre ao Governador e ele começa a dizer outra coisa quando um borrão de movimento à esquerda cruza sua visão periférica. Ele vira a cabeça na direção do prédio mais próximo e vê quatro silhuetas disparando por uma saída lateral. A princípio, não faz nada além de apontar e começar a dizer:

— Ali! ALI... LÁ VEM...!

Mas suas palavras ficam presas na garganta quando a identidade de duas daquelas figuras são subitamente registradas em um instante.

Ele reconhece o homem alto e bonito chamado Rick — o autoproclamado líder — mancando desesperadamente no pátio, seu macacão da prisão surrado e protuberante no tronco devido às muitas ataduras onde ele levou um tiro. Rick se arrasta com uma mulher de um lado e um menininho de cerca de nove anos do outro. Ele ajuda a mulher a pular uma pilha de destroços como se ela estivesse doente. Ao mergulhar na névoa de poeira, de olhos arregalados e desesperados, o grupo parece fugir para o portão mais afastado no canto noroeste do pátio. Seguindo-os de perto, a quarta figura — uma mulher mais nova com um jaleco branco manchado — carrega uma Winchester semiautomática e já está com a mira erguida para o próprio olho.

O Governador identifica Alice e grita de repente para o séquito.

— ACABEM COM AQUELA VACA TRAIDORA!

A 27 metros na direção leste, debaixo do toldo do Pavilhão D, Lilly Caul vê o encontro se desenrolar do outro lado do pátio descampado, o primeiro disparo de automática destruindo a pausa no ataque, arrepiando os pelos da sua nuca — e então ela ergue a arma — esquecendo-se, apenas por um momento, da horda de mortos-vivos que se aproxima.

O batalhão de cadáveres errantes, tão denso quanto um pasto cheio de gado, já chegou às encostas no limite do campo e começou a se arrastar e a cambalear como uma enorme e ondulante multidão de paralíticos em putrefação do outro lado da grama alta do pasto adjacente. Eles parecem, daquela grande distância, uma força

invasora, um exército de centuriões mortos desabando de alguma necrópole infernal — os braços esticados, chocando-se uns nos outros, as cabeças pendendo, os olhos parecendo refletores amarelos do sol pálido — entrando em foco cada vez mais nítido conforme se aproximam das cercas externas. Do ponto de vantagem de Lilly, a grande variação de idade, formato, altura, gênero e grau de decomposição deles continuam sendo só um borrão, mas o grupo está se aproximando o suficiente para que ele possa sentir o cheiro e ouvir. O aroma rançoso da decomposição gasosa e o coro incessante de gemidos desafinados aumentam nas brisas suaves da tarde.

Distraída pelo aparecimento de Rick Grimes, da família dele e de Alice, com a adrenalina aumentando em partes iguais de pânico e ódio, Lilly perdeu a noção do terrível ataque dos mortos e agora está segurando Austin com o braço livre.

— Olhe! — Ela puxa o garoto na direção da discussão do outro lado do pátio. — Olhe quem é! Minha nossa, Austin... VENHA!

Os dois correm pelo cimento esburacado de uma quadra de basquete destruída, as armas erguidas e prontas para disparar. Bem à frente, a quase vinte metros, meia dúzia de milicianos disparam contra a família fugitiva.

— Vá! Continue! CORRA! — grita Alice para Rick, então dispara uma série de tiros aleatórios.

Lilly segue aos saltos para o confronto, os dentes trincados de tensão. Ela vê Alice fazer uma tentativa fracassada de continuar atirando o bastante para dar à família Grimes uma chance de fugir. Mas a enfermeira é rapidamente derrotada. Uma das balas atinge a perna dela, desestabilizando-a, e outra passa de raspão pelo seu ombro, derrubando-a no chão.

Lilly se aproxima o suficiente para ver o Governador marchando na direção da enfermeira.

Alice ergue o olhar, com o rosto todo ensanguentado, e vê os três homens se aproximarem dela em estilo militar, com os canos erguidos. Então cospe.

— FODAM-SE!

Ela atira uma última vez, acertando um dos homens ao lado do Governador no intestino.

— VACA DESGRAÇADA! — O Governador avança em Alice e chuta o rifle das mãos dela.

Lilly se aproxima pela direção oposta com o Remington pronto para atirar e mira na enfermeira caída. Ela faz contato visual com Alice, que sustenta o olhar e, por um breve momento, as duas mulheres se encaram silenciosamente. Lilly mal consegue reconhecer a mulher que um dia foi sua amiga e confidente. Alice cospe sangue na outra, que sente uma pontada de ódio como a cabeça de um fósforo se acendendo no estômago.

Pela visão periférica, ela consegue ver a família Grimes fugindo para o portão mais distante. Um disparo ecoa — erra por pouco — e atinge o concreto aos pés de Rick.

O Governador de um braço só está de pé acima da enfermeira e arma o mecanismo da Tec-9 ao dar um puxão no ferrolho do cinto, com um clique metálico alto. Ele exibe os dentes. O homem respira depressa pelas narinas conforme Alice fecha os olhos e vira o rosto. Ela está pronta para morrer. Philip mira a Tec-9 na mulher e resmunga baixinho para ela:

— ...traidora...

Um único disparo da Tec-9 faz Lilly saltar quando a parte de trás da cabeça de Alice estoura como uma bomba aquosa de

partículas vermelhas, caindo no concreto.

— Acabe com eles — diz o Governador de forma suave para Lilly, mas ela não ouve a princípio.

— O quê? — Ela desvia o olhar da enfermeira assassinada. — O que foi isso?

Philip fecha a cara para Lilly.

— Eu mandei acabar com aqueles filhos da puta. — Ele aponta o cano da pistola para a família fugitiva. — AGORA!

Lilly assume posição de disparo e apruma os ombros, então respira fundo, erguendo a arma na direção das três figuras fugitivas. Elas estão a uns 23 metros da liberdade.

Durante aquele próximo segundo e meio, antes de levar a mira ao olho, Lilly vê diversas coisas pelo canto do olho que são registradas como um aviso escandaloso no seu cérebro. Ela vê outros membros do exército do Governador virando-se para a cerca retorcida destruída, alguns deles recuando com os olhos arregalados e trêmulos. Do lado de fora dos restos esmagados da barricada de arame retorcido, o tsunami de mortos-vivos avança para a prisão.

Aproximando-se cerca de cinquenta metros agora, o limite dianteiro da horda parece um corpo de dança formado por monstros descerebrados que vestem roupas comuns esfarrapadas — ternos mofados, vestidos em frangalhos, escurecidos por bile, e macacões jeans rasgados — e têm os olhares amarelados autônomos fixos na área geral, misturando-se com os pequenos redemoinhos de vento, formando um nevoeiro de odor de morte. A sinfonia dissonante de cordas vocais mortas se ergue ao nível de uma banda marcial psicótica, que começa a latejar e murmurar com a melodia desafinada dos gemidos insaciáveis.

Lilly se concentra na tarefa que tem à frente e leva a mira ao olho.

Durante um único instante frenético, ela calcula a distância e a taxa de disparo, e, de uma só vez, registra a mulher fugitiva correndo meio passo atrás de Rick Grimes, segurando algo junto ao peito.

Pelo alvo, o embrulho da mulher parece ser algum tipo de munição — uma bomba, um monte de granadas, uma arma automática de cano curto envolta em tecido — então Lilly a coloca na mira.

Ela prende a respiração, coloca o alvo da mira na mulher e, de forma rápida e decisiva, puxa o gatilho.

O coice da arma golpeia o ombro de Lilly e um nanossegundo depois ela vê a mulher desabar pela lente telescópica da mira.

Pelo campo de visão estreito e ampliado, parece ter sido uma morte cinematográfica silenciosa: as costas da mulher se abrem em um afloramento escarlate, o corpo dela é atirado para longe, o impacto do calibre .308 dilacera o corpo dela, assim como o pacote misterioso — lançando fragmentos de ossos, tecido, sangue e roupas pelos ares.

Ela cai estatelada no chão em cima do embrulho, um minúsculo objeto desponta de um cobertor, visível agora pela mira. Lilly fica paralisada. A mira se cola ao olho dela como se tivesse sido mergulhada em nitrogênio líquido. Lilly encara o objeto.

O tronco dela fica gelado enquanto ela encara sem parar aquele objeto rosado e macio visível pelo quadrante superior direito da mira.

O urro distante de sofrimento do homem chamado Rick chega aos ouvidos de Lilly. Ele para de repente, olhando por cima do

ombro em horror absoluto ao ver sua esposa caída. Ele fica paralisado por um momento, encarando a mulher fatalmente ferida e o objeto que desponta de debaixo do peito dela. O garoto alcança a cerca e se vira para ver o que aconteceu, então o homem gesticula para que ele continue.

— Não olhe para trás, Carl! SÓ CONTINUE CORRENDO!

O menino dispara na direção de um caminhão de caçamba aberta que está estacionado perto do portão noroeste enquanto mais tiros ecoam de alguns dos outros milicianos, mas agora o homem chamado Rick corre até o garoto e o agarra.

— NÃO, CARL! NÃO VAMOS CONSEGUIR ALCANÇAR O CAMINHÃO! — O homem vira a criança para o outro lado. — PRECISAMOS IR POR AQUI! MANTENHA A CABEÇA BAIXA E, FAÇA O QUE FOR, MAS NÃO PARE DE CORRER!

Lilly mal repara no homem e no menino mudando de curso e voltando para a cerca na direção do portão oposto, o qual está lotado com a primeira onda dos mortos-vivos, a frente da horda se arrastando pelos destroços da cerca retorcida e desaguando na prisão com as bocas se movendo e os braços mortos esticados e oscilando. Eles entram um a um pela enorme brecha na cerca, espalhando-se pelos pátios no estouro habitual deles em câmera lenta, seus olhos amarelos famintos examinando tudo, mas Lilly não se importa mais.

Ela não consegue desviar o olhar da mira ou parar de encarar o minúsculo objeto carnudo que desponta da esposa caída, um objeto que se revela ser um braço.

Um braço de um bebê.

A princípio, o Governador não nota o estupor catatônico de Lilly. Ele está preocupado com os perigos que passaram a se dirigir para ele tão depressa — a primeira onda de cadáveres agora está a menos de 45 metros, arrastando-se desengonçadamente pelo cimento rachado na direção da milícia sobrevivente —, espalhando seu fedor e barulho como uma catapora invadindo o terreno descampado.

O Governador é capaz de ver Rick Grimes e o filho chegarem à fenda entre duas cercas demolidas e serpentearem pela horda que está chegando, o homem disparando nas cabeças das criaturas mais próximas, abrindo uma trilha por onde podem escapar, fazendo alarde.

— Malucos desgraçados — resmunga Philip para os homens. — Não desperdice mais bala alguma, os Mordedores os pegarão antes que a gente consiga.

E, certamente, a fuga desenfreada de Rick e seu filho começa a chamar a atenção da frente da horda, o que dá ao Governador e seus homens tempo para limpar e conquistar a prisão.

— Que porra é essa? — Philip repara no homem mais velho vestindo colete à prova de balas a quase 25 metros, caído de joelhos ao lado do corpo do filho. — Por que diabos aquele velho desgraçado ainda está respirando?

Ao lado de Philip, um ex-professor de matemática desengonçado do ensino médio que tem o apelido de Ruivo faz um gesto nervoso com os ombros, mantendo o dedo no gatilho da AR-15, olhando por cima do ombro para a horda que se aproxima deles, então volta a olhar para o velho de colete.

— Ele não se mexia, largou a arma, parecia estar se rendendo.

O Governador anda até o velho. O zumbido dos errantes preenche o ar. Philip sente como se formigas estivessem rastejando

em sua pele. Ele consegue ver, pelo canto do seu olho bom, a horda que os cerca. O braço fantasma coça quando ele fixa o olhar de ciclope no homem de cabelo grisalho e engomado que está aos prantos.

O velhote ergue o olhar vagarosamente como se tomado por um pesadelo, ainda lutando para acordar. Os dois fazem contato visual.

— Meu Deus — murmura o velho baixinho, quase como se recitasse uma litania. — Por favor... apenas me mate.

O Governador encosta o cano da Tec-9 na testa franzida do velho. Mas não puxa o gatilho — não a princípio —, apenas pressiona a arma na testa do homem por um momento interminável, encarando, ouvindo o estalar insistente da interferência do rádio na cabeça: *… do pó ao pó, morto e enterrado, ele se foi, Philip Blake se foi.*

O estouro da Tec-9 interrompe a voz e manda o velhote para o espaço.

Por um tempo, Philip Blake fica encarando o velho agora deitado em uma poça fresca de sangue de um carmesim intenso ao lado do filho. A poça se espalha, forma asas no cimento, como um teste de Rorschach, dois anjos deitados, um ao lado do outro — mártires, cordeiros sacrificados. Philip começa a se virar quando ouve outra voz, angustiada, cheia de luto, vindo de algum lugar próximo.

Ele se volta e vê que Lilly Caul se moveu pelo pátio e agora está de pé sobre a mulher Grimes, que está deitada congelada na morte em cima dos restos mortais pálidos do bebê dela. Austin Ballard está a seis metros de Lilly, observando, horrorizado e confuso, virando-se na direção dos Mordedores que se aproximam. A horda progrediu pela propriedade, encurtando a distância em quase trinta metros ou

quase. O fedor e o barulho aumentaram, atingindo níveis insuportáveis, e agora alguns dos homens do Governador começaram a atirar na linha de frente, abatendo os mais próximos — um após o outro —, os fluidos que escapam colorindo o cimento erodido de vermelho-vivo e preto-tinta-de-polvo.

— Qual é a porra do problema *dela*? — diz o Governador para ninguém em especial conforme anda até onde Lilly está de pé, balançando a cabeça devagar, com o Remington ainda em uma das mãos; mechas de cabelo castanho reluzente se soltaram do rabo de cavalo e oscilam em seu rosto.

O Governador grita com ela:

— Qual é a porra do seu *problema*? Precisamos entrar! O QUE HÁ COM VOCÊ, PORRA?! RESPONDA!!!

Muito devagar, Lilly se vira e lança um olhar tão desprezível que Philip quase perde o fôlego. Ela murmura algo que o Governador não ouve a princípio, o único olho dele hipnotizado pelo olhar incandescente dela.

— Como é? — indaga ele, a única mão enluvada se fechando em punho.

— Seu monstro — repete Lilly, mais alto dessa vez, com os dentes trincados.

O Governador fica completamente imóvel, contido, feito uma cobra constritora encolhendo-se na presença de uma ameaça — tudo isso apesar da ameaça iminente da horda que se espalha pelos arredores com o odor de carne pútrida e o som de mecanismos quebrados, rangendo e gemendo. Com muito cuidado, pronunciando cada palavra com clareza, o Governador diz:

— Que. Porra. Você. Acabou. De. *Dizer para mim?*

Austin se vira na direção do Governador e ergue sua arma como se tentasse decidir em quem atirar.

— Eu *disse* — dispara Lilly Caul para ele, e suas palavras parecem dardos agora, projéteis apontados para o rosto de Philip, alimentados por lágrimas quentes que escorrem pelo rosto dela — que você é um monstro de merda! OLHE O QUE ME FEZ FAZER?! — Sem desviar o olhar do Governador, Lilly aponta para a mulher assassinada e o bebê, a carnificina patética no laço eterno da mãe agarrando o bebê próximo ao peito. — APENAS OLHE, PORRA!!

Ele *olha* agora, e *vê*, e talvez pela primeira vez desde que passou a controlar Woodbury, Geórgia — desde que se tornou o Governador — o homem que se intitula Philip Blake vê, *de fato*, as consequências de suas ações.

— M-merda — murmura ele para si mesmo, a voz afogada pelo clamor dos disparos que contêm o ataque implacável, pútrido e infernal que está se aproximando deles.

— Um bebê! — ruge Lilly para o homem. — UM BEBÊ! — Ela vira a arma e acerta a coronha no rosto do Governador. A dor irradia pela ponte do nariz dele, o impacto causa uma pancada aquosa que momentaneamente o cega e o leva ao chão. — VOCÊ ME FEZ MATAR A PORRA DE UM BEBÊ!

Philip cai com as costas no chão e tenta se levantar, mas a cabeça dele está retumbando como um alarme, a tontura percorre o corpo dele e o deixa sem fôlego.

— O-o que você...?

Lilly Caul vira o cano do Remington e se volta para o homem. Ela enfia o cano de aço azulado na boca do Governador com força suficiente para quebrar dois dos dentes da frente dele. O cano se

aloja tão fundo na garganta de Philip que força um refluxo contido para fora dele.

Os dedos dela começam a apertar o gatilho. O único olho de Philip Blake encontra o olhar dela.

O mundo inteiro parece parar — o tempo fica suspenso — como se o inferno tivesse, por fim, congelado.

PARTE 3

A Queda

O chamado da morte é um chamado de amor.

— Hermann Hesse

DEZESSETE

— LILLY, *NÃO*!! — A voz dispara do membro da milícia mais próximo, Hap Abernathy, o motorista de ônibus aposentado que está usando um boné surrado do Atlanta Braves, seus olhos cinzentos agora tão escancarados e grandes quanto moedas de prata enquanto os outros homens se aproximam da cena horrível.

Alguns deles erguem as mãos de forma involuntária. Outros miram na cabeça de Lilly. Ela mal repara nos colegas combatentes ao encarar intensamente o Governador ajoelhado, o cano do Remington ainda enfiado na boca do homem.

Por que ela não atira? No cérebro de Lilly, um relógio faz tique-taque... impassível, frio, cruel, inegável... contando os minutos até que ela finalmente decida puxar o gatilho até o fim e acabar com aquela era terrível. Mas Lilly não puxa o gatilho. Ela apenas encara... o rosto do garoto-propaganda de tudo que é rudimentar, selvagem e brutal no animal humano.

O que Lilly não percebe, no entanto — naquele instante —, é que os atiradores momentaneamente se distraíram da horda que se aproxima. Os primeiros errantes — agora se arrastando alguns passos adiante da horda — percorreram quase 25 metros do pátio erodido. Estão fixando os olhos vítreos de boneca nos humanos e

cambaleiam de forma bizarra na direção do doce aroma de tecido vivo; os braços mortos se erguem, os dedos se curvam em garras e se estendem naturalmente, agarrando o ar, ansiosos para dilacerar os vivos.

— Lilly, me escute — diz Austin Ballard ao ultrapassar os outros atiradores, aproximando-se dela, falando baixinho, mas com urgência, no ouvido dela. — Não precisa fazer isso... me escute... há outras formas de lidar com isso... você não precisa fazer isso.

Uma única lágrima escorre do canto do olho de Lilly e pinga do maxilar dela.

— Um bebê, Austin... era um bebê.

Austin luta contra as próprias lágrimas.

— Eu sei, querida, mas ouça, me ouça. Esse não é o jeito de...

Austin não tem a chance de concluir seu raciocínio, pois uma longa sombra bloqueia subitamente o sol. Com a Glock ainda na mão direita, ele recua uma fração de segundo antes que os primeiros dedos viscosos, pútridos e retorcidos o atinjam com sede selvagem de sangue.

Lilly se vira e grita. Austin recua e dispara quatro balas rápidas — a número um vai alto demais, as números dois e três atingem a cabeça do Mordedor mais próximo, a número quatro acerta um segundo Mordedor na jugular. A primeira criatura estremece, um fluxo de fluido cerebral e sangue cobre seu corpo antes que ela desabe no cimento. O segundo Mordedor é jogado para trás, o pescoço dilacerado, mas não cai. Meramente se choca com os irmãos, derrubando de forma estúpida duas criaturas menores.

Enquanto isso, o resto dos milicianos se espalha, disparando furiosamente contra o exército de cadáveres reanimados que envolve toda a área. A névoa empoeirada faísca com o tiroteio, ricochetes e

com a fumaça da centelha de canos que se acendem modo automático total. Alguns dos homens disparam desesperados para o abrigo mais próximo — uma porta parcialmente visível às sombras de um pequeno cômodo adjacente — enquanto outros correm freneticamente para o centro da horda que avança, mandando fragmentos de carne pútrida pelos ares em todas as direções.

Lilly se volta para o Governador no exato momento em que ele se move.

Ao segurar o Remington pelo cano, Philip acerta a coronha do rifle com o máximo de força possível no rosto de Lilly. A arma a golpeia no queixo, o impacto corta o lábio inferior da jovem, lasca um dente dela, a faz ver estrelas e a deixa zonza por um momento. Lilly cambaleia para trás, sobressaltada. A arma escorrega das mãos dela e cai no cimento quando o Governador se coloca de pé.

Um Mordedor ataca Lilly e ela chuta o abdômen da criatura no último momento possível. O adolescente morto vestindo couro preto se curva e cambaleia para trás, mas não cai. Lilly consegue desviar e enquanto corre leva a mão para a parte de trás do cinto e pega a .22, apesar de estar enxergando dobrado e de ter o lábio latejando, úmido e ensanguentado.

— LILLY, POR AQUI! — Austin está a seis metros ao norte dela agora, atirando em outra leva de Mordedores que se aproxima da direção oposta. Ele aponta freneticamente para o pequeno cômodo a cerca de dez metros.

Lilly hesita. Olha por cima do ombro. Vê o Governador se virando com o rifle Remington nas mãos. Ele acerta uma Mordedora à queima-roupa, praticamente vaporizando a cabeça grisalha da velha em uma erupção de crânio pútrido e partículas de matéria

cerebral em decomposição. Os restos borrifam no rosto dele e o fazem encolher o corpo e cambalear para trás, tossindo e cuspindo.

Um grito ecoa na direção oposta, e Lilly se vira a tempo de ver um homem de Woodbury — um encanador baixinho e atarracado de Augusta chamado Clint Mansell — sucumbir aos dentes escuros de um enorme errante do sexo masculino. O cadáver dilacera o pescoço do rapaz troncudo, enterrando-se no conjunto de nervos que sangra por baixo da gordura enquanto outro Mordedor avança nas costas do homem. O grito mortal aquoso e engasgado de Clint Mansell conforme ele é morto faz o restante dos homens se mexerem.

— HÁ MUITOS DELES! — grita um dos mais velhos ao recuar para o pequeno cômodo, disparando a AK contra a horda reunida.

Lilly dispara uma série de tiros precisos no grupo de Mordedores que a cerca. Cada tiro perfura um crânio podre, lançando borrifos de matéria escurecida pela parte de trás de cada cabeça, quando ela ouve os balbucios psicóticos do Governador atrás de si.

— NÃO ENTRE EM PÂNICO! ELES NÃO PODEM... NÃO PODEM CORRER MAIS QUE... ONDE DIABOS ESTÁ...? CALE A BOCA! ESCUTE, NÓS PODEMOS... NÓS PODEMOS... CALE A PORRA DA BOCA!! NÓS PODEMOS... ENTRAR... LIMPAR A... PODEMOS RECONSTRUIR A... PRECISAMOS FICAR UNIDOS, GENTE... PORRA! PORRA! PODEMOS FAZER ISSO DAR CERTO...!

Subitamente, Lilly sente um formigamento na base da espinha e uma tranquilidade estranha percorrendo o corpo; o barulho e o caos se dissipam dos seus ouvidos, se tornando um zumbido baixo. Lilly solta o cartucho vazio da Ruger, saca outro do cinto, enfia-o na coronha e puxa o ferrolho. Então se volta para o Governador, que

está discutindo com as vozes dentro da sua cabeça, virado de costas para ela.

Lilly tem cerca de sessenta segundos antes que o próximo grupo de Mordedores a atinja.

Ela bloqueia tudo: a dor, o som da voz de Austin a chamando, o medo, o pandemônio... tudo.

Trinta segundos agora, antes que o Governador se vire e a veja.

Lilly aponta a Ruger para a nuca do homem e inspira.

Quinze segundos.

Ela mira.

Dez segundos.

Lilly atira.

Considerando que a bala calibre .22 de quarenta grãos e corpo longo acerta o Governador na nuca — perfurando o cérebro e saindo pela órbita ocular —, surpreendentemente, ele sente pouca dor. Seu globo ocular saudável dispara para o ar seguido por um fiapo de sangue, e o vento frio golpeia o rombo na cabeça dele.

Durante um instante terrível, feito um paciente de cirurgia cerebral que permanece lúcido e semiconsciente durante o procedimento, ele mantém o corpo ereto, apoiado em joelhos fracos, de costas para a agressora, apenas parcialmente ciente da mortalidade que corre em sua direção com a inércia irrefreável e a luz branca brilhante de um trem de carga.

Uma mera fração de segundo se passa antes que o lobo frontal e o restante do cérebro de Philip se apaguem e parem de enviar sinais involuntários para o sistema nervoso central dele, mas é tempo suficiente para que a condição do Governador seja registrada nos abismos mais profundos do cérebro dele, a notícia ruim se

espalhando pelos lobos e hemisférios cerebrais, pelos centros de memória e pelas fissuras e convoluções misteriosas do distúrbio secreto do homem. A voz na sua cabeça volta com força renovada, dando a ele notícias ainda *piores*, que o levarão ao esquecimento: Philip Blake se foi há quase um ano. Philip Blake virou pó. Morreu. O reinado do Governador foi uma farsa... uma mentira.

— NNNGGHHUH! — Um urro engasgado sai do Governador conforme ele cambaleia às cegas durante um breve instante, tentando discutir uma última vez com a voz em sua mente, seu corpo agora tão pesado quanto um elefante, um elefante moribundo preso na paralisia do próprio peso morto.

O enxame de Mordedores se aproxima, os dedos feito garras esticados, em massa, seguindo para a pele morna e nutritiva do Governador. O zumbido coletivo de motor a jato que carrega o hálito rançoso e os gemidos aquosos deixa uma última impressão nos nervos auditivos de Philip, o barulho do estouro da manada de Mordedores o envolve e abafa a voz interior que o cutuca com a verdade selvagem: *ele se foi... ele se foi há anos... está no chão... morto... enterrado... não existe mais!*

O Governador mal sente o chute na lombar que recebe de Lilly.

O último empurrão dela o faz rolar para a frente, às cegas, seu único bom braço se agitando futilmente, quase de maneira cômica, como a barbatana de um peixe, conforme o homem mergulha no âmago pútrido e dissecado dos cadáveres reanimados. Os Mordedores praticamente o pegam com os braços agitados e os maxilares estalando, e o Governador desaba na multidão, contorcendo-se na escuridão terrível, encontrando a voz uma última vez.

— PHILIP BLAKE VIVE!

O grito da morte, apesar de rouco, sem determinação e frágil como papel, é chocantemente audível e claro para todos aqueles que estão dentro de um raio de trinta metros.

— *PHILIP BLAKE VIVE!* — grita o Governador conforme os dentes escurecidos e viscosos baixam até ele, levando-o ao chão, incisivos dilaceram partes das roupas dele, enterram-se nos pontos macios das bordas do seu colete à prova de balas.

As criaturas avançam no pescoço exposto. Vão para as extremidades. Buscam as concavidades dos ferimentos dele, mastigando o tapa-olho, enterrando-se na carne pulsante da órbita ocular oca. Eles dilaceram o nariz do homem e sugam o tecido da sua cavidade nasal com o vigor de porcos farejadores de trufas em busca de iguarias. Os resquícios mornos da vida do Governador fluem para fora dele em uma grande hemorragia que inunda os agressores em um batismo até que o frenesi gastronômico começa a desconectar carne e nervos dos ossos, puxando e esquartejando o corpo em pedaços mais fáceis de comer... Os últimos impulsos fantasmagóricos de atividade cerebral parecem um disco de vinil empacado na mesma frase, repetindo-se incessantemente... *PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE PHILIP BLAKE VIVE...*

Momentos depois, não resta mais nada a não ser a refeição e o sangue...

... e o eterno ruído branco da tela da mente de Brian Blake no fim da transmissão.

Agora, ocorre a Lilly Caul — assim que ela recua da cena horrível, fervilhando de terror, as duas Ruger apontadas, uma em cada mão — que o efeito ocasional de o Governador ser devorado pelas mesmas criaturas que ele um dia usou como entretenimento é uma janela de oportunidade que se abre para os sobreviventes — uma distração momentânea — conforme os vários Mordedores envolvem a pilha de carne fresca. O ataque violento se estagnou, atraído para a comoção do frenesi gastronômico, mais e mais das criaturas se aproximando para sentir o gosto dos restos mortais humanos ainda mornos.

A calmaria na fuga em debandada deixou os membros restantes da milícia de Woodbury de pé, paralisados, entre a horda e o prédio mais próximo, estarrecidos, encarando, observando o líder ser reduzido a frangalhos viscosos e úmidos de tecido e roupas diante dos olhos deles. Movida a pura adrenalina agora, Lilly avalia rapidamente a situação. Em meio a toda a agitação, ela acabou perdendo Austin de vista. Mas, nesse momento, antes que ela tenha a chance de entender o que aconteceu com ele, Lilly vê um caminho livre para a entrada mais próxima de um pequeno cômodo.

— EI! — Ela tenta chamar a atenção dos demais combatentes, olhando pelo pátio para quatro homens e uma mulher horrorizados: Matthew, Hap, Ben, Speed e Gloria Pyne, conforme eles recuam na direção do prédio. — OLHEM PARA MIM! TODOS VOCÊS, OLHEM PARA MIM!

Por um único instante, em meio aos horrores envoltos em adrenalina que ocorrem no pátio da prisão ocupado e encoberto por fumaça, uma mudança sutil, porém instantânea, de poder ocorre. Lilly encontra uma voz que não sabia que tinha, um grito estranho de barítono que sai de dentro dela — a voz de seu pai, firme, mas

justa, imperativa, porém humilde, e forte o bastante para espantar um coiote de uma varanda —, e direciona essa voz para o grupo de sobreviventes.

— ISSO VAI ENTRETER ALGUNS DELES, MAS NÃO POR MUITO TEMPO! — Lilly indica o frenesi gastronômico em progresso pelo pátio, então aponta o polegar para o cômodo mais próximo, escondido em meio às sombras. — VAMOS! TODOS ATRÁS DE MIM!

Lilly dispara para o prédio, e os outros a seguem, alguns deles acordando do estupor e disparando tiros contra o bando. Parte da horda se separou do frenesi gastronômico e está arrastando os pés na direção dos humanos, e uma série de tiros durante a fuga os abate com borrifos de fluidos cerebrais e pedaços de crânio pútrido voando em meio à névoa.

— CONTINUEM EM FRENTE E CONTINUEM ATIRANDO! — berra Lilly. — ESTOU QUASE SEM MUNIÇÃO... TEMOS QUE CONSEGUIR...!

Uma explosão alta atrás dela interrompe suas palavras, e Lilly se vira a tempo de ver Austin — desabando para trás, caindo no chão, dois Mordedores tentando agarrar as pernas dele — sua Glock esvaziando enquanto ele dispara as últimas balas do pente no topo das cabeças das criaturas. Infelizmente, as balas abatem o macho, mas apenas roçam no crânio da fêmea. Austin grita um palavrão, chuta e se debate contra a mulher. A antiga dona de casa barriguda — ainda vestindo o roupão de tecido felpudo imundo, com bobes no cabelo viscoso — estala os dentes podres na direção dos pulsos e das pernas inquietas de Austin.

— AUSTIN!!

Lilly dispara até ele, percorrendo a distância entre os dois em meros segundos — de talvez uns dez metros — erguendo as duas .22 ao correr, disparando tiros com precisão cirúrgica pelo espaço entre ela e a dona de casa morta. Tiros diretos na cabeça arrancam a mulher monstruosa de cima de Austin com uma série de erupções de rachar o crânio; carne e matéria cinzenta brilhante irrompem até que metade da cabeça dela tenha sumido. A mulher para ao lado de Austin, o crânio aberto como uma abóbora oca, exibindo um corte transversal do cérebro infectado com a precisão científica de uma aula de biologia do ensino médio. Gás é expelido das profundezas da cavidade cerebral fétida dela, e Austin rola para o lado, tossindo e com ânsia de vômito.

Lilly o alcança, enfia as pistolas no cinto e segura uma das mãos de Austin com a força de um torno fixo de ferro. Ela o puxa para que fique de pé.

— Vamos, bonitinho... vamos dar o fora daqui.

— Por mim, tudo bem — murmura Austin com a voz embargada, levantando-se.

Os dois saem correndo na direção do pequeno cômodo, levando os demais para longe do perigo através de uma porta de metal entreaberta e para dentro das câmaras desconhecidas do Pavilhão D.

Impulsionados pelo frenesi gastronômico e encorajados pelo número crescente de errantes que se impulsionam pelas aberturas nas cercas, a horda ocupa depressa o território da prisão, até que multidões de figuras esfarrapadas e em putrefação tomem conta, desajeitadamente, de cada canto, cada metro quadrado de cada pátio, quadra de basquete e passagem. Alguns deles encontram

entradas para os prédios através de portas entreabertas, deixadas assim pelo êxodo dos habitantes. O barulho incrível e o fedor inundam as passagens e ecoam para cima, no céu metálico impassível.

Do alto das colinas que dão para a propriedade, os últimos habitantes em fuga param e observam o lar temporário deles ser dominado por mortos-vivos.

Se existe um retrato mais indelével do fim do mundo, pessoa alguma entre as que olham de volta para o território da prisão abandonada naquele dia consegue pensar em qual seria. O amplo complexo que se estende por centenas de acres de pasto quase se move com os cadáveres despertos. De um ponto de vantagem tão distante, parecem vários pontinhos pretos em uma pintura pontilhista infernal, a horda farfalhante preenchendo cada canto e reentrância, milhares deles, muitos inclinando os rostos mortos na direção do céu desinteressado e emitindo berros e resmungos, como se fossem consumidos por dentro pela fome avassaladora, cancerosa e inescapável. Aquela visão leva lágrimas aos olhos dos que viveram ali em relativa segurança durante tantos meses. A imagem permanecerá viva nas mentes deles pelo resto das suas vidas. A prisão se tornou um mensageiro da destruição.

As últimas poucas almas que fogem naquele dia para o bosque adjacente encaram o bando apenas por um breve momento, incapazes de suportar olhar para aquilo por muito tempo, antes de se virarem e começarem a fase seguinte da árdua busca por abrigo.

Um estrondo enorme reverbera na estrutura da recepção, fazendo todos se sobressaltarem. A prisão está desabando sob o peso do ataque violento, o estardalhaço preocupante de milhares de pés se

arrastando e cordas vocais mortas gemendo incessantemente dentro e fora, preenchendo o ar conforme os membros sobreviventes da milícia de Woodbury se reúnem no meio de um saguão desolado, sujo e coberto de lixo, tentando recuperar o fôlego e descobrir o que fazer em seguida.

— Austin! — Lilly aponta para uma prateleira na parede dos fundos do recinto, sobre a qual estão empilhadas placas de sinalização, mastros e utensílios. — Faça um favor e pegue uma daquelas placas de sinalização para reforçar aquele lado da porta!

Arrastando os pés e mancando, Austin corre até o outro lado do recinto e pega um dos suportes de ferro. Ele se vira para uma saída lateral situada debaixo de uma placa apagada que diz CORREDOR D-1 e empurra o objeto para o meio da porta, travando-o debaixo da placa da tranca quebrada e uma treliça lateral no exato momento em que outro golpe abafado acerta o lado de fora da porta.

Austin recua sobressaltado quando poeira de gesso cai do alto e o metal range devido à força de múltiplos errantes do lado de fora da porta fazendo pressão para entrar, tentando chegar à fonte dos odores humanos que os provocam.

— Eles vão quebrar a porra da porta! — grita Matthew Hennesey da antessala. — São muitos deles, porra!

— Não são, não! — Lilly corre até a entrada e começa a empurrar um aparador de metal cheio de pastas de arquivamento e diretórios pesados no vidro coberto por tábuas da porta. — Vamos, me ajudem com isso. Matthew e Ben, arrastem essas bundas até aqui!

Os dois bufam e empurram a imensa unidade de armazenamento para a porta.

O recinto tem pouco menos de 45 metros quadrados de piso de ladrilho gasto e paredes de concreto pintadas, marcadas com grafite ilegível e os usos e abusos de gerações de procedimentos de entrada. O ar cheira a cal e é azedo, como o interior de uma geladeira velha. Uma das paredes abriga a recepção protegida por um vidro imundo, elevada até a altura dos ombros, na qual os recém-chegados passavam para a guarda oficial do estado da Geórgia. Outra parede está coberta de buracos de bala e os retratos rachados e pendentes de antigos agentes penitenciários e oficiais do estado. Uma falta de energia submergiu o lugar numa escuridão fria, mas a luz ambiente do dia do lado de fora das janelas altas e cobertas de madeira fornece iluminação suficiente para que Lilly veja os rostos espantados e aterrorizados do seu contingente.

Além de Lilly e Austin, o grupo farroupilha de sobreviventes da milícia de Woodbury consiste nos seguintes quatro homens e uma mulher, agora reunidos em um grupo apertado no meio da recepção: Matthew Hennesey, o pedreiro na casa dos 20 anos de Valdosta, agora coberto por cintos de pentes de munição quase vazios e uma jaqueta militar encharcada de suor; Hap Abernathy, o motorista de ônibus escolar aposentado, magricela e grisalho de Atlanta, que no momento parece um bom candidato para uma cirurgia de prótese de quadril, pois manca acentuadamente e tem ataduras nas costelas; Ben Buchholz, um homem com olheiras profundas de Pine Mountain que perdeu sua família inteira no ano anterior para um bando de mortos-vivos do lado de fora do F.D. Roosevelt State Park e parece estar relembrando aquele trauma antigo; Speed Wilkins, um jovem arrogante de 19 anos, estrelinha do futebol americano de ensino médio da escola Athens que, no momento, parece embriagado e zonzo pela batalha, toda aquela afetação de homem

importante no campo desaparecida há muito tempo; e Gloria Pyne, com a perna ferida atada com um curativo tosco, os olhos muito enrugados e cansados ainda arregalados debaixo da viseira que diz ESTOU COM O IDIOTA, o enfeite de cabeça em frangalhos e sujo de sangue e fuligem.

Outro golpe faz todos saltarem.

— Calma, gente. — Lilly está de pé diante deles de costas para a porta da entrada. Cada uma das pistolas Ruger está enfiada atrás do cinto dela, de lados opostos do quadril, para fácil acesso, mas o problema é que Lilly só tem cerca de seis balas em um pente e uma no outro, com uma bala a mais em cada câmara. O som de unhas raspando faz os dentes dela trincarem e a pressão deixa o aparador tremendo e rangendo conforme o enxame se impulsiona contra a porta. — Isso é muito importante... que a gente fique calmo e que não entremos em pânico.

— Está de brincadeira comigo?! — Hap Abernathy fixa os olhos velhos e cinzentos em Lilly. — Ficarmos *calmos*? Por acaso reparou em quantas daquelas coisas há lá fora? É só uma questão de tempo até...

— CALE A BOCA! — vocifera Austin para o homem, com fogo nos olhos, uma explosão tão incomum que faz até as sobrancelhas de Lilly se erguerem. — Apenas cale a porra da boca e deixe a moça falar, ou talvez você queira apenas...!

— Austin! — Lilly gesticula suavemente para ele, dando um aviso, com a mão enluvada. Ela ainda está usando as luvas sem dedos que Austin lhe deu na noite anterior. — Está tudo bem. Ele só está expressando o que todo mundo está sentindo. — Ela olha para todos eles, um de cada vez, e aquela voz de seu pai emerge. — Estou pedindo a todos vocês que confiem em mim, e vou tirá-los daqui.

Lilly espera todos recuperarem o fôlego, se recomporem. Hap Abernathy encara o chão, agarrado à AR-15 como uma criança a um cobertor. Outra pancada faz o grupo estremecer. Um ruído de rachadura vem das profundezas da prisão, então algo cai e se estilhaça acima deles.

Os errantes entraram no Pavilhão D — uma das entradas dos fundos foi deixada aberta — mas ninguém sabe quantos deles se infiltraram no prédio ou que partes da prisão ainda são seguras.

— Hap? — diz Lilly baixinho para ele. — Você está bem? Está comigo nessa?

Ele assente devagar, encarando o chão.

— Sim, senhora... estou com você.

Um segundo de silêncio ruidoso se segue quando os estalos e o zumbido baixo e onipresente dos mortos-vivos que os cercam tomam conta do ar com uma tensão insuportável. O que ninguém expressa naquele momento — o gorila no recinto que todos tentam desesperadamente ignorar — é o assassinato do Governador, cometido por Lilly à vista de todos apenas momentos antes. Bem no fundo, eles esperavam que isso acontecesse de alguma forma, mais cedo ou mais tarde. São todos filhos de um pai agressivo que tentam se recuperar do desfecho inevitável, porém lógico, de situações como aquela — e, como as crianças que sofrem agressão em toda parte, já começaram a reprimir seus sentimentos não resolvidos. Olham para Lilly agora com novos olhos. Esperam que ela lidere.

— Estamos a salvo aqui — diz Lilly, por fim. — Por enquanto, pelo menos. Vigiaremos com atenção as janelas altas, e manteremos as portas o mais seguras possível. Quanta munição todos têm?

Eles levam um tempo para calcular isso. Em meio à agitação, perderam a conta. Matthew tem a reserva mais farta — umas duas

dúzias de balas 7.62 mm no bolso da calça cargo e mais sete no pente da AK — mas o restante do grupo tem um estoque minguado. Ben tem 11 balas 9 mm de 15 grãos restantes para sua Glock 19. Gloria tem um pente cheio de 305.56 mm para sua AR-15, e Hap tem um revólver com seis balas restantes. Speed tem uma Bushmaster com cinco balas ainda no pente. E Austin tem uma única bala no M1 Garand — Gloria empresta a ele sua Glock 17 sobressalente —, o que faz Lilly se perguntar quantas balas tem nos dois pentes separados das pistolas calibre .22. Ela os verifica e confirma que restam apenas mais quatro.

— Tudo bem, então não estamos exatamente armados até os dentes, mas estamos a salvo aqui — diz Gloria, por fim, ao retirar a viseira e passar os dedos pelo cabelo tingido. — E então? Qual é o plano? Não podemos simplesmente ficar nesta porra de sala para sempre.

Lilly assente.

— Estou pensando em esperarmos o bando ir, dar a eles a chance de se espalhar um pouco. — Lilly observa o grupo, lança a cada um deles um olhar respeitoso como se oferecesse uma opção quando, na verdade, eles não têm uma. — Passaremos a noite aqui, então reavaliaremos pela manhã.

Um longo silêncio se segue, mas ninguém discute com ela.

Tarde naquela noite, depois que cada um dos seis sobreviventes se recolheu em recuos e cantos particulares dentro do confinamento da entrada (a maioria com o propósito de tentar obter *algo* que se assemelhasse ao descanso), Lilly e Austin se veem ocultos nas sombras atrás do balcão da recepção com a frente de vidro. Os dois abrem uma lona plástica que tiraram de dentro do armário de

mantimentos e a estendem no chão para terem um pouco de conforto, e se sentam, jogados, na lona, as armas na prateleira atrás deles, as costas apoiadas nos armários de arquivos da parede dos fundos... conforme o zumbido incessante de errantes continua inabalado do lado de fora das portas e janelas embarricadas.

Durante um tempo muito longo, nem Lilly nem Austin diz uma palavra. Os dois meramente passam o tempo abraçados, acariciando os braços e os cabelos um do outro. Afinal, o que há para dizer? O mundo saiu de controle e eles só estão tentando se segurar. Mas Lilly não consegue desligar a mente. Ela continua secando as gotas de sangue que escorrem do seu lábio cortado com um Kleenex e repara que pequenas coisas ao redor dos dois não fazem sentido, como o perfumador de ambientes de pinho pendurado na lâmpada do escritório acima dela, ou a mancha de sangue inexplicável no teto, ou o caroço debaixo da manga de Austin.

— Espere um minuto — diz Lilly em certo momento, bem tarde naquela noite. O estômago dela está grunhindo devido ao nervosismo e à sensação de vazio por não ter comido nada durante quase 24 horas. Lilly olha para a manga da jaqueta de couro de Austin e percebe que há dois furos logo acima do caroço. — O que *é* isso?

— Tudo bem, não fique muito brava comigo — pede Austin quando Lilly se abaixa e puxa a manga da camisa dele. Debaixo do punho, uma bandana azul desbotada está enrolada ao redor do pulso de Austin, o tecido, ensopado de sangue.

Lilly puxa cuidadosamente a bandana e vê as perfurações delatoras.

— Ai, meu Deus, não — murmura ela, bem baixinho. — Por favor, diga que se cortou na cerca.

Pelo olhar no rosto estreito de Austin, que avalia Lilly por meio das mechas selvagens do seu cabelo cacheado — uma mistura desconcertante de tristeza, determinação, angústia e calma — está claro que ele não se cortou no arame farpado.

DEZOITO

Já começando a escurecer e se tornar lívidas nas bordas com infecção, as marcas de mordida são tão severas — talvez profundas o bastante para terem perfurado uma artéria — que é um milagre que Austin não tenha sangrado até a morte. Lilly fica de pé. Com a mente acelerada e o coração batendo forte no peito, ela gagueja por um momento:

— Cara... Austin, nós precisamos... Meu Deus... os kits de primeiros socorros estão no... porra... PORRA!

Austin se coloca de pé, substituindo a bandana, amarrando-a ao redor do ferimento. Ele começa a dizer algo, mas Lilly está ocupada se virando, procurando freneticamente nas estantes e nas gavetas do escritório de entrada algo — qualquer coisa — para frear a infecção.

— Precisamos cuidar disso imediatamente antes que... MERDA!

Ela arremessa gavetas abertas, vasculhando documentos antigos, formulários empoeirados de entrada, mantimentos de escritório, papéis de bala, garrafas vazias de bebida. Lilly olha de novo para Austin e grita:

— Um torniquete!

— Lilly...

Ela abaixa a mão até a bainha da camisa jeans e começa a rasgar uma faixa do tecido, com as mãos trêmulas.

— Precisamos aplicar um torniquete antes...!

— Que diabos está acontecendo?!

A voz vem do canto oposto do balcão da recepção, de uma figura que está de pé do lado de fora da divisória de vidro, audível pela fenda por onde as pessoas passam documentos. Gloria Pyne tem uma manta de mudança enroscada no corpo, e, pela vermelhidão e pelo inchaço debaixo dos olhos, ela parece estar semiconsciente. Ela bate no vidro.

Lilly respira fundo e tenta parecer meio calma.

— Não é nada, Gloria, é só...

— O que há de errado com Austin? — Ela repara na bandana ensanguentada. Duas outras figuras, Hap e Ben, surgem atrás dela, olhando pelo vidro. — Isso é uma mordida? — Gloria encara o tecido ensopado de sangue ao redor do pulso dele. — Ele foi mordido lá fora?

— Não, droga, é só...

— Lilly, venha aqui por um segundo. — fala Austin baixinho para ela. Passa o braço saudável ao seu redor e a aperta com carinho. Ele olha nos olhos dela e sorri com tristeza. — É tarde demais.

— O quê? NÃO! De que merda você está falando?

— É tarde demais, garota.

— Não! Não! Porra, não! Não diga isso! — Lilly olha para o recinto empoeirado e vê o grupo inteiro agora reunido do lado de fora do vidro, os raios de lua descendo pelas janelas altas, ressaltando os olhares tensos deles. Estão todos boquiabertos olhando para Austin.

— Lilly... — Austin começa a falar, mas Lilly o interrompe erguendo a mão. Ela se volta para os demais.

— Voltem a dormir, porra, todos vocês... PODEM IR! VOLTEM! NOS DEEM UM POUCO DE PRIVACIDADE, PORRA!

Devagar, um a um, o grupo fica de costas para o vidro e volta para as sombras do saguão. No silêncio que se segue, Lilly se vira e busca as palavras certas. Ela *não* vai permitir que Austin desista.

O rapaz toca o rosto de Lilly.

— Estava fadado a acontecer mais cedo ou mais tarde.

— De que merda você está falando?! — Ela pisca para afastar as lágrimas. Não pode se permitir chorar agora. Talvez algum dia consiga chorar de novo. Mas não agora. Agora, Lilly precisa pensar em alguma coisa. Depressa. — Tudo bem... olhe. Vou ter que fazer algo radical aqui.

Austin balança a cabeça com tranquilidade.

— Sei no que está pensando. Infelizmente, a coisa já foi muito além da amputação, Lilly. Consigo sentir a febre. Já se espalhou. Não há nada que você possa fazer. É tarde demais.

— Porra, pode parar de dizer isso! — Ela se afasta de Austin. — Não vou perder você!

— Lilly...

— Não, não... isso é inaceitável! — Ela umedece os lábios, olhando ao redor do espaço confinado, pensando, buscando alguma resposta. Ela volta a olhar para Austin, então vê a expressão dele e, subitamente, perde a determinação, percebendo que, de fato, não há nada que possa fazer por ele. Como um balão esvaziando, Lilly encurva o corpo, emitindo um suspiro de angústia. — Quando isso aconteceu? Foi aquela errante grandalhona que atacou você antes de entrarmos?

Austin assente. A expressão dele permanece tranquila, quase pacífica, como um religioso convertido. Austin acaricia o ombro de Lilly.

— Você vai sobreviver a esta coisa. Simplesmente sei. Se alguém é capaz disso, é você.

— Austin...

— O tempo que me resta... não quero, sabe, pensar nisso. Entende o que quero dizer?

Lilly seca as lágrimas dos olhos.

— Tem tanta coisa que não sabemos. Ouvi dizer que uma vítima, perto de Macon, nunca se transformou. Teve a porra de um *dedo* mastigado e nunca se transformou, porra.

Austin suspira e sorri para si mesmo.

— E unicórnios existem.

Lilly o pega pelos ombros, então encara Austin fixamente.

— Você não vai morrer.

Ele dá de ombros.

— É. Vou, sim. Todos vamos. Mais cedo ou mais tarde. Mas você tem uma boa chance de evitar isso por um bom tempo. Vai sair daqui.

Lilly esfrega o rosto, o pesar e o horror sobem pelo esôfago dela e ameaçam parti-la em milhões de pedaços. Mas ela impede que isso aconteça, empurra para longe, engole... com força.

— Vamos todos sair daqui, bonitinho.

Ele dá mais um aceno cansado, então volta a se sentar na lona, encostando-se na parede.

— Se não estou enganado, acho que vi uma garrafa em uma daquelas gavetas que você estava vasculhando. — Austin dá um de seus sorrisos de astros de rock que são sua marca registrada,

afastando mechas do cabelo cacheado do rosto lívido. — Se Deus existe, ainda terá alguma bebida nela.

Eles ficam acordados pelo resto da noite, compartilhando os últimos dedos de bebida alcoólica na garrafa esquecida por algum agente penitenciário sobrecarregado. No alvorecer, eles conversam baixinho, tomando o cuidado de não serem ouvidos pelos outros no saguão, discutindo tudo, *exceto* a mordida de Austin. Falam sobre como vão sair daquele lugar, se conseguirão encontrar algum mantimento nas outras partes da prisão, e como podem evitar a infestação de errantes que lota os corredores do prédio.

Lilly tira a condição de Austin da cabeça. Ela tem um trabalho a fazer — levar aquelas pessoas para casa em segurança — e assumiu o manto da liderança com a prontidão com que se veste uma roupa nova, tão fácil quanto puxar um gatilho, tão rápido quanto dar um tiro na cabeça. Os dois conversam sobre como as pessoas em Woodbury reagirão à morte de Philip Blake. E, durante um tempo, Lilly fantasia sobre uma nova Woodbury, um lugar onde as pessoas possam respirar, viver em paz e cuidar umas das outras. Ela quer muito isso, mas Lilly nem Austin podem admitir para si mesmos como isso parece improvável — como as chances deles de escapar intactos daquela prisão esquecida por Deus são pequenas.

Por volta do alvorecer, quando as janelas altas assumem um tom de cinza brilhante e começam a projetar uma luz pálida na recepção, Lilly desperta de seus devaneios. Olha para Austin. Ele estremece com uma febre que só piora. Os olhos escuros — antes perpetuamente vivos com malícia — agora parecem com o de um homem de 80 anos. Círculos escuros contornam as pálpebras inferiores dele, e capilares rompidos deixaram a parte branca dos

olhos dele num tom de rosa esmaecido. A respiração de Austin parece difícil, pesada e engasgada com muco, mas ele consegue sorrir de volta para Lilly.

— O que foi? Em que está pensando?

— Ouça isso — sussurra Lilly. — Está ouvindo?

— O quê? Não estou ouvindo nada.

Ela inclina a cabeça na direção da porta lateral que dá para o corredor do pavilhão.

— Exatamente. — Lilly fica de pé e se limpa, então verifica as pistolas. — Parece que os errantes se espalharam, ficaram entediados com os corredores vazios. — Ela pressiona o gatilho de segurança da Ruger. — Vou dar uma olhada no pavilhão, ver se conseguimos encontrar alguma coisa útil.

Austin fica de pé e quase cai devido à tontura. Ele engole a náusea que cresce dentro dele.

— Vou com você.

— Não, de jeito nenhum. — Lilly enfia a arma no cinto, verifica a segunda pistola e a enfia na parte de trás da calça jeans. — Você não está em condições de ir. Vou levar os outros comigo. Fique aqui e vigie o forte.

Austin olha para ela.

— Vou com você, namorada.

Lilly suspira.

— Tudo bem... tanto faz. Não tenho energia para discutir com você. — Ela anda até a porta de vidro, empurra para abri-la, então olha pela luz tênue do saguão. — Ben? Matthew?

Na área da recepção, os demais estão amontoados no chão. Estão sentados em um cobertor depois de uma noite em claro, os olhos vermelhos e inchados pelo cansaço. A princípio, parecem estar

jogando algum jogo, o conteúdo dos bolsos deles formam uma pilha em cima do cobertor diante deles, como se estivessem fazendo apostas. Mas Lilly logo percebe que estão reunindo o conteúdo minguado dos bolsos: barras de chocolate, chaves, cigarros, uma lanterna, chiclete, duas facas de caça, uma mira, um walkie-talkie, lenços, um cantil e um rolo de fita isolante.

— O que está havendo? — Matthew fica de pé, levando a mão ao cinto de munição. — O que está acontecendo com o júnior?

— Estou bem como o dia — responde Austin, sério, atrás de Lilly, mas pela sua voz ele parece estar tão bem quanto um cão açoitado. — Obrigado por perguntar.

— Preciso que alguns de vocês me ajudem com uma busca rápida pelo corredor — diz Lilly a eles. — Matthew, traga a AK... apenas por precaução... e Ben, você também... leve essas facas. — Ela então olha para Gloria. — O restante de vocês, segurem as pontas aqui no forte. Se alguma coisa der errado, disparem um tiro de aviso. Entenderam?

Todos assentem.

— Vamos — diz ela aos outros —, vamos fazer isso rápido e em silêncio.

Os três homens seguem Lilly pela porta lateral. Ela saca a .22, toma fôlego, então puxa o banco de ferro da barreira temporária. Ela gira a maçaneta com cuidado, e a porta range baixinho quando Lilly a entreabre alguns centímetros. Pela fenda, ela olha para fora, inclinando o pescoço para ver toda a extensão do corredor principal de trinta metros.

O corredor está envolto em uma escuridão silenciosa, algumas celas estão abertas.

No final do corredor, tão longe que parecem amontoados irreconhecíveis de roupas espalhadas no chão, Lilly vê os restos dos três homens que o Governador mandou para a prisão na tarde anterior. Eles estão caídos, dilacerados sobre os azulejos, os torsos e as extremidades tão mutilados que são irreconhecíveis como homens. O sangue seco cobre o chão e as paredes.

Felizmente, até onde Lilly pode ver, os errantes seguiram em frente, apesar de seus odores pútridos ainda pairarem no ar.

Lilly assente para todos, e um a um eles se esgueiram para o corredor.

* * *

O grupo chega à metade da passagem, passando por cela vazia após cela vazia, ando sem encontrar nada a não ser lixo e roupas jogadas no chão — as pessoas obviamente saíram apressadas — quando Austin ouve de repente um barulho atrás de si. Ele se vira e fica cara a cara com uma figura que irrompe de uma das celas escuras e sem janelas.

Austin recua sobressaltado, erguendo instintivamente a Glock no mesmo instante em que um enorme Mordedor do sexo masculino com uma barba cinza embaraçada no estilo de Rasputin abre a boca, rangendo, e avança para ele. Com o maxilar pendente em frangalhos ensanguentados devido a um recente ferimento à bala, os olhos leitosos irradiando sede de sangue, o velho morto tenta morder o rosto de Austin quando o cano da Glock quase acidentalmente se aloja no pescoço da criatura. Austin começa a apertar o gatilho.

— Austin, não atire! — sussurra Ben Buchholz para ele das sombras do flanco direito. — O barulho! Austin, não!

Piscando devido ao choque, com a febre alta lançando feixes de luz dolorosos sobre o seu campo de visão, Austin pressiona a enorme cabeça da criatura na parede mais próxima. O impacto quebra o crânio da coisa, mas ela continua mastigando furiosamente o cano preso em sua boca como se tentasse triturar a arma.

Austin resmunga e bate o crânio diversas vezes na parede quando um lampejo de aço brilha em sua visão periférica e a lâmina de uma faca é enterrada na testa da criatura produzindo um ruído aquoso.

Sangue podre e fluidos escuros jorram ao redor do cabo da faca quando Ben Buchholz puxa de volta a lâmina, então ele esfaqueia uma segunda e terceira vez, até que a coisa barbada desaba no chão em uma massa gorgolejante de sangue e gases.

Um momento de silêncio tenso se segue enquanto todos se recompõem.

Eles prosseguem. Austin vai na retaguarda, movendo-se devagar, a náusea contorcendo seu intestino, formando nós, a febre enviando calafrios suados pelas costas dele. O grupo se esgueira até o fim do corredor. Ben e Matthew assumem a liderança, cada um com uma faca de caça em punho. Austin vê Lilly parar diante de uma cela aberta cerca de sete metros à frente. Ela encara algo ali dentro. Os outros dois homens param e olham por cima do ombro dela.

Tem alguma coisa errada. Austin consegue perceber isso pela linguagem corporal de Lilly, pelo modo como ela se abaixa sobre um dos joelhos e pega algo do chão. Os outros dois homens esperam

impacientemente por ela, sem dizer nada. Austin se aproxima e olha por cima do ombro de Lilly.

Ele vê o que a deixou tão hipnotizada e se vira para os outros homens.

— Deem um segundo para a gente, pessoal — diz Austin aos dois. — Vejam se conseguem manter a porta do fim do corredor segura.

Os dois homens saem devagar, avaliando a profundidade do corredor diante deles com as facas apontadas e prontas. Ruídos perturbadores de arranhões ecoam. O zumbido distante e onipresente da horda vibra no ar. Os pátios ainda estão lotados de mortos, a horda continua cercando os pavilhões. No momento, porém, o corredor permanece calmo e silencioso. Austin se agacha ao lado de Lilly e apoia um braço ao redor dela.

Uma única lágrima escorre pelo queixo dela. Os ombros de Lilly estremecem conforme ela avalia o antigo quarto de uma criança, que evidentemente abandonou o lugar com pressa. Do outro lado da parede de concreto, acima da cama dobrável, alguém pendurou um pequeno cartaz com letras do alfabeto que soletram o nome S-O-P-H-I-A. Lilly aninha um pequeno urso de pelúcia nos braços, como se fosse um pássaro ferido — o bicho de pelúcia não tem um olho e o pelo dele está gasto até o tecido por ter sido compulsivamente acariciado. Em uma penteadeira improvisada com caixas de madeira em um canto há uma antiga caixa de música.

— Lilly...?

Austin sente um tremor de medo quando Lilly se afasta dele e atravessa a cela, indo até a penteadeira. Ela abre a tampa da caixa de música e uma melodia tilintante soa de lá durante um momento. *Hush, little baby, don't you cry... Mama's gonna sing you a lullaby*. Lilly

desaba, sentando-se diante da caixa de música, e a expressão dela se fecha com pesar. Lilly soluça. Baixinho. Incontrolavelmente. Seu corpo estremece e se curva conforme ela abaixa a cabeça. Lágrimas escorrem pelo rosto dela, caindo no piso de ladrilhos imundos. Austin se junta a Lilly, ajoelha-se ao lado dela, procurando a coisa certa a dizer. Mas não consegue pensar em nenhuma palavra.

Ele vira o rosto para longe dela, em parte por respeito, em parte porque não suporta vê-la chorar daquele jeito. Austin avalia o conteúdo da cela, pacientemente tentando dar a Lilly o espaço e o tempo para permitir que aquele luto terrível percorra o corpo dela. Ele vê as coisas da criança espalhadas pelo chão, na cama, em uma pequena prateleira pregada à parede de concreto destruída. Austin vê bonecas Kewpie, pontas de flechas, folhas prensadas no papel colorido e livros — dúzias deles — alinhados na prateleira e enfiados debaixo da cama. Ele avalia os títulos: *O mágico de Oz*, *A fantástica fábrica de chocolate*, *Eloise*, *The Phantom Tollbooth* e *Matilda*.

O olhar de Austin se detém em um dos livros. A cabeça dele lateja. Seus olhos se enchem de lágrimas e o estômago se contorce com os calafrios da febre ao encarar fixamente o título do livro. Ele tem uma ideia bem ali, uma forma de sair daquele lugar — o destino de Austin escrito na lombada dourada e rachada de um clássico da coleção Little Golden Books com orelhas. A coisa toda se forma na mente dele em um grande paroxismo de inspiração.

Austin olha para Lilly.

— Prometo a você que vamos sair daqui — diz ele com um tom de voz baixo, comedido e confiante. — Você vai ter uma vida longa, muitos bebês, vai ser uma mãe incrível, e fará muitas festas com bebidas e aqueles pequenos guarda-chuvas dentro delas.

Lilly consegue levantar a cabeça e olhar para Austin com os olhos cheios d'água e inchados. Ela mal é capaz de falar. Sua voz parece desprovida de vida.

— Que besteira está dizendo?

— Tenho uma ideia.

— Austin...

— É uma forma de sairmos desta confusão. Venha. Vamos reunir todo mundo que eu explico. — Ele ajuda Lilly a se levantar.

Ela olha para Austin, que retribui o olhar, e, pela primeira vez desde que a guerra começou, o amor entre os dois retorna com sinceridade.

— Não discuta comigo — diz Austin, abrindo um sorriso fraco para Lilly e a empurrando para fora da cela.

Mas antes de voltar para a recepção, Austin dá uma última olhada para o triste lar da criança...

... e vê pela última vez a lombada desfiada, rasgada e muito manuseada de *O flautista de Hamelin*.

DEZENOVE

Menos de uma hora mais tarde, antes de o sol sequer deixar os pinheiros altos a leste, Lilly está de pé com os demais na recepção mofada, esperando o sinal de Austin. Ela não consegue demonstrar emoção alguma. Não consegue demonstrar seu medo, sua tristeza, sua angústia por permitir que Austin execute aquele plano insano. Os outros cinco membros sobreviventes da milícia de Woodbury — que àquela altura já estavam ocupando suas posições na sala — precisam saber que aquilo vai funcionar. Estão encolhidos e prontos para saltar, e cada um dos olhares assustados deles recai em Lilly. Precisam da liderança dela agora mais do que nunca.

Matthew e Speed — o mais forte dos seis — estão de pé próximos ao enorme aparador de metal que bloqueia a saída. Gloria, Hap e Ben — cada um segurando as armas com as mãos escorregadias de suor — estão no centro do recinto, de frente para a saída, preparados para se moverem ao sinal de Lilly. Ela tem uma pistola Ruger em cada mão, está respirando fundo do outro lado do aparador, feito uma corredora na linha de largada, os músculos retesados pela tensão, tão pronta quanto nunca mais estará.

Ninguém sabe da discussão aos sussurros que ocorreu apenas meia hora antes entre Austin e Lilly atrás do vidro rachado do

escritório da recepção. Ninguém ouviu Lilly implorar a ele para não fazer aquilo. E ninguém mais nunca saberá o que aconteceu quando Austin finalmente cedeu e admitiu em meio à corrente de muco e lágrimas que *precisa* fazer aquilo — que não tem escolha — porque sempre foi covarde e mentiroso, e esses atributos só pioraram quando a praga se alastrou, e aquele é o único modo pelo qual ele conseguirá se redimir e fazer algo bom e certo.

Austin então contou a Lilly a coisa mais sincera — que viverá no coração dela pelo resto da sua vida — que *ela* é a única pessoa que Austin já amou, e que ele a amará por toda a eternidade.

O primeiro disparo ecoa do lado mais afastado do pátio, baixo e abafado dentro do saguão, contido por paredes de tijolo e reboco.

Todos no recinto estremecem, as espinhas se enrijecem ao ruído. Lilly ergue uma das armas para o teto, chamando a atenção de todos.

— Tudo bem — diz ela. — Esse é o primeiro sinal. Ele precisa de dois minutos, e então saímos. Preparem-se.

Sem um cronômetro, Lilly começa a contar os segundos na cabeça para ocupar os pensamentos.

Um Mississippi... dois Mississippi... três Mississippi.

Austin chega a meio caminho do pátio de exercícios no limite norte da propriedade — disparando chamarizes de grande calibre a cada poucos segundos para atrair o enxame para longe dos pavilhões — quando a horda fica densa demais.

Zonzo devido ao sol árduo que lateja atrás dos olhos dele, enfraquecido pela febre, Austin consegue abrir caminho aos chutes em meio a um aglomerado de Mordedores no limite das cercas, mas logo os monstros se tornam mais numerosos do que ele na proporção

de trezentos para um. Ele chega aos destroços esmagados da cerca retorcida, abatendo alguns errantes com tiros na cabeça — Matthew o equipou com uma AK, um pente completo e uma faca —, mas, assim que mergulha na muralha de errantes que perambula pela grama alta, acaba sendo imobilizado.

Austin gira e dispara contra um grupo de monstros em farrapos que está vindo por trás dele, mandando carne e sangue pelos ares em um arabesco de jorros vermelhos, mas, quando ele se volta para o campo, um dos mortos-vivos do sexo masculino mais alto o acerta com força e o derruba. Austin deixa a arma cair e tenta se colocar de pé, mas a criatura o agarra pelo tornozelo, enterrando os dentes pútridos, cravando-se nele com a força de ganchos. Austin grita e chuta inutilmente.

Por pura força de vontade, ele se levanta. Com cada último resquício de força que é capaz de reunir, a dor lancinante se espalhando por cada tendão, cada capilar, ele começa a se mover de novo, o enorme errante ainda agarrado a Austin. Ele sabe, bem no fundo, que a questão não é destruir criaturas — e sim atraí-los para longe — então Austin arrasta o morto-vivo o máximo que consegue pelo campo destruído.

A princípio, é lento, mas ele avança uns 23 metros dessa forma, sangrando intensamente, a faca agora no seu punho suado e escorregadio, a dor como algo vivo dentro de Austin, devorando-o. Ele se debate e acerta mais e mais agressores que avançam nele de todas as direções, gritando o mais alto que pode:

— VENHAM ME PEGAR, FILHOS DA PUTA... SEU BANDO DE COVARDES FEDIDOS E PODRES!! VENHAM ME PEGAR!!

Pelo canto do olho, Austin vê a dianteira do enxame mudar de direção como uma maré negra rolando de volta para o mar, muitos

daqueles que estavam perambulando ao redor dos prédios agora se viram meio desengonçados, chocando-se uns nos outros, começando a se arrastar para o campo, atraídos pela comoção de carne fresca entre eles.

O plano de Austin está funcionando — pelo menos até o momento. O difícil será levá-los para longe dos veículos. O corpo de Austin começa a falhar, o errante crava as garras no lugar por onde passam as artérias femorais, braços em frangalhos se enroscam nos pés dele, fazendo Austin perder o equilíbrio. Ele sabe que só tem mais alguns minutos de vida, mais alguns metros, mais alguns fôlegos engasgados.

— VENHAM BUSCAR, CÉREBROS DE MERDA! A SOPA ESTÁ SERVIDA! O QUE ESTÃO ESPERANDO?!

Ele é capaz de ver o veículo mais próximo — um caminhão de transporte militar — com as portas ainda abertas, o vento soprando pela cabine vazia. Ele consegue arrastar o monstro para a esquerda da caravana abandonada por mais alguns metros antes de a dor e de a pressão dos dentes da criatura e dos dedos como garras o arrastarem para o chão.

Austin rasteja mais alguns metros antes que mais dentes pútridos se aproximem, e um nevoeiro de fedor pútrido irritante o envolve, o coro infernal de grunhidos se contrai ao redor dele como uma turbina girando sem parar. A dor o faz perder o fôlego, escurece e distorce a visão de Austin, faz com que o número crescente de dentes que se enterra na carne dele perca todo o sentido. Ele ouve um sussurro dentro de sua mente, o qual abafa o horror, entorpece a dor e transforma as manchas escuras de centenas de rostos cadavéricos que pairam sobre ele em um borrão embaçado. O sussurro carrega Austin para longe — fazendo-o atravessar um

portal lindo, branco imaculado — conforme a alimentação o dilacera: *amo você, Austin... e sempre, sempre, sempre, sempre amarei... nunca deixarei de amar você*. Foi a última coisa que Lilly disse a ele naquela manhã, e é a última coisa que Austin ouve em sua mente enquanto suas artérias são destruídas e derramam a força vital dele na grama, o sangue escorrendo para a terra...

O aparador gigante grita subitamente sobre o chão quando os dois homens jovens o empurram para longe da porta. Lilly dá um breve aceno para Gloria, Hap e Ben, os três retribuem o gesto para ela, e Lilly se volta para a porta, vira a maçaneta e a abre.

A luz forte de um sol pálido brilha no rosto dela conforme Lilly sai.

Ela registra diversas coisas conforme dá os primeiros passos desajeitados sobre o deque de concreto do pátio de exercícios — os outros a seguem de perto, as armas em punho, os olhares incandescentes se dirigindo por toda parte de uma só vez —, mas tenta se concentrar somente na tarefa de levar o grupo intacto para um veículo em vez de sucumbir ao fluxo caótico de informações que agora percorre seu cérebro.

A primeira coisa que ocorre a Lilly é a ausência de qualquer sinal de Austin. Ela examina a propriedade, então verifica as cercas exteriores, mas só vê errantes. Onde diabos ele está? Será que chegou ao bosque? Lilly conduz o grupo até a cerca externa.

A segunda coisa que a mente fervilhante dela percebe é a escassez de errantes que continuam perambulando pelos pátios. Só alguns desgarrados ainda se arrastam pelo cimento aqui ou ali, representando pouquíssima ameaça a um grupo fortemente armado de humanos correndo pelo pátio de exercícios.

Matthew empunha a maior faca — e corre ao lado de Lilly —, de olho nos Mordedores espalhados que podem reparar no grupo.

Eles atravessam a propriedade parcamente povoada em menos de um minuto, e Matthew precisa enfiar a faca nos crânios pútridos de apenas um punhado de errantes antes de chegarem ao pasto.

Isso leva à terceira coisa que o cérebro de Lilly percebe por completo nesse momento: a configuração da horda agora se alterou espontaneamente para o norte. Como uma massa fervilhante de formigas, os mortos-vivos se juntam ao redor de algo escuro e reluzente no chão a quinze metros do veículo mais distante.

O barulho do frenesi gastronômico chega aos ouvidos de Lilly conforme ela lidera o grupo para o caminhão — o enorme veículo ainda está parado, com as portas da cabine abertas, exatamente como ela as deixou no dia anterior — e a líder grita para os outros quando eles erguem os pescoços para observar a cena grotesca que se desenrola no limite leste do pasto:

— NÃO OLHEM!

A voz de Lilly parece quase robótica aos próprios ouvidos — toda a emoção foi drenada de dentro dela a essa altura pela descarga escaldante de adrenalina — enquanto ela se dirige para o assento do motorista do caminhão. Ela para subitamente quando vê a errante estropiada com um vestido de verão imundo dentro da cabine, encaixada atrás do volante, o vestido em frangalhos enroscado na alavanca de câmbio. Lilly ergue depressa a .22 e acaba com o sofrimento da mulher, atirando na parte de trás do crânio, que atinge o vidro da porta do carona.

Sangue escuro lava o interior do para-brisa quando a fêmea desaba no chão da cabine. Lilly chuta o corpo na direção da porta,

rasgando o vestido para soltá-lo. Gloria Pyne estende a mão do lado do carona e puxa o corpo para fora do veículo, jogando-o na grama.

Os outros correm para a porta traseira e começam a subir no caminhão. Primeiro Hap Abernathy... depois Speed, então Matthew e, por fim, Ben. Lilly olha pela janela do motorista e vê — no reflexo interrompido do espelho rachado — que Ben Buchholz tem dificuldades para abrir caminho a bordo. O conteúdo do caminhão — caixas de madeira com equipamentos e mantimentos — se moveu e esparramou-se, e agora os quatro homens precisam se amontoar perigosamente perto do portão de trás para caber no compartimento de carga entulhado.

O som de uma batida abafada na traseira sinaliza que eles estão seguros a bordo.

As chaves ainda oscilam na ignição, e Lilly liga o motor. Gloria ocupa seu lugar no banco do carona, fechando a porta atrás de si o mais silenciosamente possível. Ela olha pela janela aberta. No limiar da horda, alguns Mordedores desgarrados os notaram e se viram preguiçosamente para o grupo, começando a se arrastar na direção deles.

Gloria posiciona o cano da Glock 19 na janela aberta, preparando-se para disparar alguns tiros silenciados enquanto Lilly dá marcha a ré, mas Gloria fica paralisada ao ver o que exatamente está caído no chão, no centro do enxame.

Já dilacerado e eviscerado além do reconhecimento, os restos humanos exibem montes familiares de longos cabelos cacheados, couro despedaçado e um colete de munição também dilacerado. Dois Mordedores brigam por uma única bota de motociclista, a fíbula branca visível e parte do tornozelo ensanguentado ainda alojados dentro do sapato. Gloria inspira fundo.

— Ai, meu Deus... o que fizemos?

— Não olhe — murmura Lilly ao pisar fundo no acelerador.

As marchas cantam e o caminhão começa a recuar. As forças da inércia lançam Lilly e Gloria para a frente, quase as fazendo bater no painel quando a carroceria do veículo estremece e ameaça se partir em pedaços. Os enormes pneus se agitam e são erguidos ao passar sobre corpos mortos — tanto de humanos quanto de errantes —, os quais ainda estão caídos, estatelados sobre o campo de batalha. Lilly mantém o pé no acelerador. Alguns Mordedores desgarrados são derrubados pelo para-choque traseiro em uma sucessão de pancadas aquosas e arrítmicas enquanto o caminhão recua.

— NÃO OLHEM!

Lilly grita com a voz engasgada — falando mais consigo mesma do que com Gloria ou os demais — conforme o veículo ruge para trás, ultrapassando o limite do enxame. O fedor envolve o caminhão chacoalhante, o ar está escuro com fumaça, carbono e gotas de exaustão que envolvem as janelas abertas assim que as inúmeras criaturas se reúnem como corvos carniceiros quase 45 metros ao norte ao redor dos restos humanos patéticos, os quais estão agora espalhados por um acre de terreno sacrificial escabroso, encharcado de sangue.

Não olhe, diz Lilly a si mesma ao pisar nos freios a dez metros do limite da encosta do bosque, fazendo Gloria se chocar com o banco do carona. Lilly se atrapalha para passar a alavanca de câmbio para a primeira marcha e pisa fundo.

O motor ruge e as rodas traseiras se enterram na turfa enlameada por um momento, girando no lugar, e Lilly percebe — por uma fração de segundo terrível — que ela tem agora a breve oportunidade de ver melhor pelo para-brisa coberto de sangue o

frenesi gastronômico que salvou as vidas deles, o que acontece naquele instante. *Não olhe, não olhe, não olhe*, Lilly continua repetindo para si mesma conforme as rodas traseiras finalmente encontram apoio e o caminhão mergulha para a frente deixando um enorme rastro de terra e detritos.

Ela consegue não olhar durante todo o tempo necessário que eles levam para circularem a encosta até a estrada de acesso e começar a manobrar na lateral da colina, o motor gritando.

Mas, assim que o veículo sobe a colina, Lilly lança um olhar involuntário para o reflexo rachado do espelho lateral.

A primeira coisa que ela percebe é a grandiosidade da prisão — os pátios agora completamente tomados, demolidos, desprovidos de qualquer vida, cheios de corpos, algumas das torres ainda levemente fumegantes como resultado do tiroteio — e ela registra isso em um único microssegundo de sinapse cerebral que dispara na parte mais profunda do seu sistema límbico: *isso é tanto o fim quanto o início*.

Então, naquele único instante horrível antes de chegar à estrada no limite do bosque, ela faz a única coisa que prometeu a si mesma que não faria.

Os olhos são involuntariamente atraídos para o canto do espelho que ainda reflete o enxame de Mordedores ao norte, àquela distância parecendo um milhão de vermes escuros entocando-se em um túmulo, e é então que Lilly faz aquilo que marcará sua alma para sempre.

Ela olha.

— Lilly? Querida? Você está bem? Fale comigo. — Gloria Pyne quebra o silêncio torturante da cabine barulhenta cerca de oito

quilômetros depois conforme o caminhão de carga prossegue pela autoestrada sinuosa de asfalto.

A estrada de pista dupla desolada corta uma trilha através das sombras densas e infestadas de Mordedores dos bosques primitivos, e o borrão de pinheiros antigos de cada lado faz Gloria se sentir quase claustrofóbica. Lilly continua dirigindo em silêncio. Eles estão se aproximando de Woodbury. A cidade está em um vale logo adiante, depois de uma curva na estrada, talvez a dez minutos ou menos.

— Lilly?

Sem resposta.

Gloria morde o lábio. O alívio de escapar inteira da prisão durou pouco tempo para ela; aquilo que sua mãe chamava de "intuição feminina" se revira agora em seu cérebro com o advento do silêncio petrificado, lívido e deprimido de Lilly Caul. Com as mãos grudadas no volante, os olhos brilhantes e profundos de agonia, Lilly não disse palavra desde que escaparam da prisão.

— Fale comigo, querida — pede Gloria. — Grite... berre... chore... xingue... *alguma coisa*.

Lilly subitamente olha para ela, e as duas mulheres fazem contato visual durante um único momento. Gloria fica chocada com a clareza nos olhos de Lilly.

— Nós íamos ter um bebê — revela Lilly por fim, com a voz clara e calma.

Gloria a encara.

— Ai, meu Deus... sinto muito, querida. Você...?

— Ele salvou nossas vidas — acrescenta Lilly então, como se colocando um ponto final em algo.

— Salvou mesmo — diz Gloria, assentindo, mas a mente dela hesita por um instante. Ela olha para Lilly. — Você também, querida. Você nos salvou quando...

— Ai, não. — Lilly vê algo perturbador à frente ao fazerem a curva. — Ai, meu Deus, *não*.

Gloria volta o olhar para o para-brisa e vê o mesmo que Lilly quando os freios pneumáticos são acionados, chiando ruidosamente e reduzindo a velocidade do caminhão até o veículo quase rastejar.

Ao longe, a cerca de quatrocentos metros, acima do alto dos pinheiros oscilantes que ladeiam a borda leste da cidade, uma enorme nuvem de fumaça escura se espalha para o céu.

Woodbury está em chamas.

VINTE

O caminhão de carga chacoalha pela estrada abandonada, cruzando por fora do limite mais ao sul de Woodbury. O ar estala com o barulho de madeira se queimando, e o fedor acre de carne queimada e piche paira sobre as ruas. Lilly pisa fundo nos freios a algumas centenas de metros da barricada.

A distância, as muralhas ao leste queimam, mandando para os ares uma nuvem nociva e espiralada de fumaça. Lilly consegue ver que o lugar está sob ataque — daquela distância, parece que um pequeno bando de errantes forçou entrada pelo bosque ao sul — e agora os vinte ou mais cidadãos restantes, a maioria deles idosos e crianças, lutam para afastar o ataque violento com tochas e armas brancas.

Por um breve momento, Lilly quase fica hipnotizada pela visão: alguns dos Mordedores ao longo das aberturas nas barricadas pegaram fogo, e agora cambaleiam sem direção ou propósito, como cardumes fosforescentes de peixes, rodeados de chamas, radiantes e surreais ao sol matinal. Algumas das faíscas que saem das criaturas atingem partes das construções mais afastadas, o que é só mais uma soma ao caos.

— Meu Deus, precisamos ajudá-los! — dispara Gloria, escancarando a porta.

— Espere... ESPERE! — Lilly agarra a mulher, contendo-a. Pelo espelho lateral, Lilly consegue ver os outros na traseira inclinando-se para fora da porta, os olhos incandescentes e arregalados de pânico, alguns já estão saltando da caçamba e empunhando as armas. Lilly grita para eles.

— ESPEREM, TODOS!

Lilly sai da cabine. Ela tem duas ou três balas em cada Ruger, mas Matthew tem pelo menos duas dúzias de balas capazes de perfurar coletes ainda dentro da arma, e o pente da Glock 19 de Gloria está quase cheio. Os outros homens têm algumas balas cada, mas, considerando o fato de que não parece haver mais de cinquenta errantes — por alto — dominando o lado sul da cidade, eles devem ter o suficiente para interceder.

Matthew vai para a frente da cabine, jogando para trás o carregador da AK. O rosto jovial dele se franze de pânico, seus olhos escuros brilhando de tensão.

— Qual é o plano?

Uma lufada de vento carregado de fogo e fedor de morte os atinge e o grupo se abaixa diante da cabine, todos começando a respirar mais rápido.

Ben Buchholz fala do outro lado da cabine:

— Sugiro entrarmos atirando; que outra escolha temos?

— Não, nós vamos... — começa Lilly, quando uma voz vindo do outro lado do caminhão a interrompe.

— O que quer que seja — diz Gloria Pyne, olhando boquiaberta para os incêndios e as aparições monstruosas envoltas em chamas que cambaleiam aqui e ali pela barricada em ruínas —, é melhor

fazermos rápido. Essas pessoas não vão conseguir detê-los por muito mais tempo só com fósforos e as próprias mãos.

— Ouçam, ouçam! — Lilly ergue a mão e se vira para Hap Abernathy, que está agachado atrás do para-lama do caminhão. — Você costumava dirigir ônibus, certo?

O homem mais velho assente vigorosamente.

— Trinta e quatro anos e um Timex de ouro do Distrito Escolar de Decatur... por quê?

— Você vai dirigir o caminhão. — Lilly olha para os demais, fazendo contato visual com cada rosto tenso. — E o restante de vocês, como estão seus vocais?

Minutos depois, Barbara Stern dispara por uma esquina da rua principal com a Mill com um extintor químico nos braços quando ouve um som muito esquisito cantarolando ao vento, por cima do coro de cadáveres reanimados gemendo.

O cabelo ruivo grisalho dela está preso para trás do rosto profundamente enrugado, o vestido de estilo camponesa e a jaqueta jeans estão ensopados de suor e produtos químicos, e Barbara se sente responsável por esse desastre. Assim como David. O Governador os considerou suficientemente responsáveis para deixar a cidade sob os cuidados deles durante a batalha, e agora *isso*!

Tudo faz os pelos do corpo de Barbara Stern se arrepiarem quando ela ouve vozes humanas cantando ao sul, ululando como uma tribo de moças solteiras beduínas, os gritos penetrantes deles ficam mais altos que o zumbido de madeira e carne queimando. Barbara engole o pânico e muda levemente de direção, dirigindo-se ao cruzamento da ferrovia no fim da Mill Road — onde o maior

número de Mordedores está se aglomerando e entrando pelas fendas na fortificação.

Ela vê algo se movendo do lado de fora, além do inferno incandescente, algo que levanta uma tempestade de poeira para o céu, e, quanto mais perto ela chega, melhor consegue ouvir um motor — tão distinto quanto um sino — rugindo em marchas baixas: *um caminhão*! Seu coração bate mais forte conforme ela se aproxima do caos na parede. O calor a golpeia no rosto conforme Barbara se aproxima da esquina envolta em névoa da Mill com a Folk Avenue.

Ela vê o marido perto do escritório abandonado da ferrovia, gritando ordens a outros. Alguns dos cidadãos mais idosos estão posicionados em locais cruciais dos trilhos, agitando tochas de forma bizarra para os Mordedores que se aproximam, lutando uma batalha perdida, os gritos humanos sendo abafados pelo barulho. Os olhos de Barbara se enchem d'água conforme ela se aproxima da cena.

Perto do prédio comercial, Barbara vê os outros três cidadãos idosos espalhando quantidades cada vez menores de espuma química na fachada em chamas. David tem um arco de caça nas mãos trêmulas e puxa outra flecha do monte assim que Barbara se aproxima. Eles encontraram o arco no armazém com uma velha aljava cheia de algumas dúzias de flechas, e agora David está mirando, trêmulo, uma das últimas flechas no errante que se aproxima.

Chamas envolvem um enorme errante do sexo masculino vestindo macacão de operário cheio de graxa conforme ele rasteja na direção de David, o rosto em chamas da criatura ainda mordendo o ar, os braços em chamas, mas ainda estendidos. A flecha perfura o crânio pútrido do errante entre os olhos e ele cambaleia para trás em um miasma de faíscas, abrindo o maxilar esburacado — fumaça sai

de dentro da garganta escura dele — antes de desabar na calçada escorregadia.

— DAVID! OLHE! — Barbara solta o extintor ao se aproximar do marido, e o tanque rola pelos paralelepípedos do cruzamento. — OLHE! ALÉM DOS TRILHOS! DAVID, SÃO ELES!

David repara naquilo sobre o que Barbara balbucia no momento em que uma pedra angular do prédio desaba e metade do escritório da ferrovia cede em uma fonte de faíscas. O calor, o barulho e os tentáculos de chamas se espalham como uma bomba de partículas, fazendo cada sobrevivente recuar sobressaltado, alguns deles disparando para conseguir abrigo, caindo no chão em cima das articulações frágeis e velhas. David cambaleia para trás e tropeça nos próprios pés, deixando cair o arco e as flechas. As chamas pegam numa poça de óleo e se alastram pela estrada. Vozes gritam e Barbara vai até David.

— Querido, não é hora de tirar uma soneca — provoca ela, sem fôlego, erguendo David com um resmungo. — Olhe, David! Olhe! Eles estão recuando! OLHE!

E, com toda a certeza, David Stern consegue se recuperar e olhar para cima, e, de uma só vez, vê do que Barbara está falando. Ao longe, o enxame mudou de curso; muitos dos Mordedores ainda estão em chamas e fumegantes conforme se voltam desengonçadamente para os ruídos de motor e os gritos que emanam do estacionamento vazio além dos trilhos. Um enorme veículo agora avança devagar pelo estacionamento, atraindo a atenção deles. A fumaça negra é visível acima da muralha e o clamor das vozes cantantes preenche o ar. Barbara e David ficam de pé e saem correndo pelo cruzamento.

Eles encontram um ponto de vantagem perto da antiga torre de água de madeira e olham através de uma fenda na barricada em chamas o caminhão de carga militar que está avançando pelo cascalho denso do lado mais afastado dos trilhos.

— Ai, meu Deus — murmura Barbara, levando a mão à boca. — É Lilly!

David olha boquiaberto para o estranho espetáculo que se desenrola no pátio de trens abandonado.

O caminhão chacoalha sobre trilhos petrificados conforme a horda de errantes, muitos ainda incandescentes, fumegantes e faiscantes, segue o som das vozes humanas que se projetam da traseira do veículo. Três homens estão sentados na porta da caçamba empunhando armas, urrando, torcendo e gritando para a multidão, e de vez em quando eles berram coros desafinados de antigas canções de rock do sul dos Estados Unidos — "Green Grass and High Tides", "Long Haired Country Boy", "Whipping Post" —, e a esquisitice daquilo, a mera incongruência de um bando de homens gritando e cantando, mesmeriza cada errante e humano que consegue ouvir a distância. Então o tiroteio começa.

Os flashes dos canos da traseira do caminhão abatem monstro após monstro. Algumas das criaturas cambaleiam e giram em redemoinhos de faíscas e espuma de sangue antes de caírem. Outras desabam feito sacos de pedras. Uma a uma, como pombos, as criaturas são derrubadas pelos barulhentos que cantam em falsete na traseira do caminhão.

Lilly está de pé atrás deles, segurando-se em uma barra lateral, supervisionando a operação com o olhar tão concentrado quanto um laser, até que repentinamente, sem aviso, o caminhão atinge um

buraco. O solavanco derruba Speed Wilkins — o mais jovem dos três — da traseira do caminhão.

Do ponto de vantagem atrás da torre de água em chamas, Barbara inspira sobressaltada.

— Ai, meu Deus... meu Deus, meu Deus... merda!

No estacionamento vazio, o homem atrás do volante do caminhão de carga evidentemente não vê o acidente e continua dirigindo devagar para longe do homem caído, que está se pondo de joelhos no momento em que um batalhão de errantes o cerca. Speed tateia desesperadamente o chão em busca da sua arma, mas os Mordedores estão se aproximando de todos os lados — pelo menos uma dúzia deles —, a maioria ainda fumegante devido a retalhos de roupas em frangalhos que continuam pegando fogo. Um deles — uma mulher magricela com o rosto chamuscado, a carne morta tão carbonizada quanto um pergaminho — abre o maxilar com rangido e revela fileiras de dentes afiados e cobertos de limo.

Speed solta um grito e se afasta da mulher, rolando com o ombro por cima de três outros monstros.

Tudo isso acontece no intervalo de alguns segundos enquanto Barbara e David Stern observam impotentes de detrás da torre. David ergue o arco hesitantemente, pensando que pode conseguir acertar os três agressores que agora convergem para o rapaz — mas ele está tão longe do alcance que poderia muito bem estar em outro país. No momento em que David tensiona uma flecha de ponta de metal no arco, diversas coisas ocorrem com a agilidade de um estalar de pescoço.

Barbara vê uma faísca ser lançada para fora do caminhão, saltando no ar antes que outros dois homens sequer tenham a chance de erguer as armas.

Lilly para a quase cinco metros de Speed Wilkins, justo quando os três cadáveres em chamas o cercam. Wilkins rola para longe, debatendo-se desesperadamente, chutando o errante menor com as botas de operário. Lilly avança pela abertura, parando apenas por uma fração de segundo para pegar a Bushmaster de Speed — o rifle talvez tenha duas balas restantes, se é que tem, mas já é *alguma coisa* — e ao mesmo tempo ergue a .22 na mão esquerda enquanto joga o rifle para Speed com a outra mão.

No último instante possível, antes que os dentes pútridos do Mordedor mais próximo se fechem no antebraço de Speed, Lilly dispara uma série de tiros rápidos nas cabeças dos agressores, acertando dois dos três bem no centro morto das testas, mandando para o céu fluidos escuros e fazendo os corpos incandescentes desabarem na terra.

Praticamente no mesmo instante, Speed pega o rifle, o golpeia na boca da terceira criatura e dispara a última bala da câmara. O crânio do terceiro Mordedor se vaporiza em uma névoa de fluido cerebroespinhal preto-arroxeado, deixando os observadores do outro lado do estacionamento, amontoados atrás da torre d'água, completamente sem fôlego enquanto observam. Barbara leva a mão à boca, os olhos arregalados e ardentes enquanto David solta um suspiro doloroso.

Agora, os dois observam a equipe no caminhão de carga entrar em ação — canos despontando das janelas abertas da cabine, os homens se levantando na beira da porta traseira —, esvaziando o que sobrou da preciosa munição no aglomerado de Mordedores. Balas perfuram a carne pútrida e destroem as figuras esfarrapadas em um balé grotesco da morte — um *plié* de carne se dilacerando aqui, um *jeté* de borrifo de sangue ali, um *grand pas de deux* de duas

figuras em chamas e carbonizadas que se chocam e caem com uma convulsão de sangue — conforme o ar se acende com o chacoalhar de tiros da automática.

— Meu Deus — murmura Barbara Stern, completamente amedrontada, a voz quase inaudível mesmo aos próprios ouvidos, ao observar Lilly andar tranquilamente de volta para o caminhão, rasgar um retalho da base da blusa, desatarraxar uma tampa da coluna traseira do caminhão e enfiar o tecido no tanque de combustível do veículo. Apenas cerca de dez Mordedores ainda estão de pé, e agora começam a se arrastar para o caminhão. Lilly puxa um isqueiro do bolso, acende o retalho e então dá a volta até o lado do motorista do caminhão para dizer algo aos demais.

Os quatro homens e uma mulher se viram e disparam para a barricada enquanto Lilly estende o braço e começa a apertar a buzina pneumática do caminhão — a lamúria ríspida atrai cada Mordedor restante nos arredores — e, por fim, se vira e foge conforme o retalho em chamas acende o vapor do diesel e então ateia fogo no conteúdo dos tanques de combustível.

Lilly percorre uns 25 metros — quase chega à muralha em chamas — quando o reservatório de combustível explode. A explosão é precedida por um flash rápido e silencioso de luz forte como magnésio, feito o flash de um fotógrafo, fazendo um ruído similar ao de uma cabeça de fósforo, e então a coisa estoura.

Os Mordedores restantes são liquefeitos na explosão; o estrondo sônico lembra o tremor do martelo de Vulcan estilhaçando a cidade inteira, chacoalhando janelas por pelo menos três quarteirões. A onda de choque avança sobre Lilly e a faz sair do chão, atirando-a pela fenda na cerca em chamas. Ela cai apenas a

alguns metros do ponto no qual os Stern estão olhando boquiabertos o espetáculo de detrás da torre d'água.

Uma nuvem de cogumelo escura com a consistência de poeira de carvão se enrosca e sobe para o céu acima do caminhão retorcido, e cerca de sessenta por cento da gaiola e da carroceria do veículo agora estão reduzidos a destroços chamuscados.

O silêncio que se segue é quase tão chocante quanto a explosão. Lilly rola e fica de costas, então encara o céu vazio; a cabeça dela gira, seu ouvido apita, a boca está com gosto de cobre devido ao lábio cortado que se abriu de novo e a lombar dela está retesada com a concussão. Os demais membros da equipe de Lilly saem de detrás dos destroços em chamas e ficam de pé, observando-a por um momento, como se tivessem perdido os sentidos com o ato final do contra-ataque.

Ninguém diz nada durante bastante tempo enquanto as chamas crepitam ao redor deles. O sol está alto no céu agora, o dia esquenta. Por fim, Barbara Stern sai de detrás da torre de água e casualmente anda até onde Lilly continua caída, recuperando o fôlego.

Barbara olha para a jovem e emite um suspiro longo e angustiado, então consegue dar um sorriso cansado. Lilly sorri de volta para ela — grata por ver um rosto racional — e as duas mulheres se comunicam intensamente sem dizer nada. Por fim, Barbara Stern respira fundo, semicerra os olhos para Lilly e murmura uma única palavra:

— Exibida.

O grupo não consegue relaxar — sequer pelo mais breve momento —, porque a cidade está vulnerável. Eles usaram a maior parte da

munição, e a muralha continua queimando, atirando chamas que se alastram para outras estruturas. Além disso, eles têm quase certeza de que o pandemônio atraiu mais errantes do bosque adjacente.

Lilly toma as rédeas e começa a cuidar da questão do fogo. Ela posiciona os homens capazes — Matthew, Ben, Speed, Hap e David Stern — ao longo da fenda para vigiar contra mais ataques de errantes com a quantidade minguada de munição que ainda restou. Então Lilly alista os mais saudáveis dos idosos e das crianças para que formem uma brigada de incêndio ao longo dos trilhos da ferrovia, utilizando a água parada do poço atrás do tribunal.

Eles apagam os focos de incêndio com uma eficiência surpreendente, considerando as diversas habilidades e a destreza física dos cidadãos mais fracos que agora carregam baldes de água fétida e tanques de CO_2 pelo limite sul da cidade. Ninguém questiona a autoridade de Lilly conforme ela gentilmente, mas com firmeza, grita ordens do telhado de um caminhão de carga leve. As pessoas estão chocadas e trêmulas demais para discutir com ela.

Além disso, a maioria dos cidadãos sobreviventes de Woodbury ainda espera que o Governador retorne. Tudo ficará bem quando ele aparecer. Pode estar um caos insano agora, mas, quando Philip Blake ressurgir, as coisas certamente se acalmarão e voltarão ao normal.

Ao anoitecer daquele dia, Lilly consegue, por fim, manter a cidade segura.

Os focos de incêndio foram todos extintos, os corpos foram removidos, as barricadas foram consertadas, os feridos foram levados para a enfermaria, os becos foram livrados de qualquer errante à espreita e as provisões e a munição restantes, contabilizadas. Exausta, dolorida e arrasada, Lilly faz um anúncio na

praça da cidade. Todos deveriam fazer uma pausa rápida, cuidar dos feridos, se revigorarem, e então se reunirão na sala comum do tribunal em uma hora. Eles precisam conversar.

Poucos sabem que Lilly tem uma notícia bombástica para dar a eles, e precisa fazer isso da forma mais gentil possível.

VINTE E UM

A população inteira de Woodbury — uma cidade que certo dia foi conhecida por ser o maior centro ferroviário a oeste da Geórgia central e costumava ser mencionada na literatura de divulgação e na insígnia da torre de água como "Doce como um Pêssego" — agora se reúne na sala comum de odor bolorento e entulhada aos fundos do pequeno prédio do tribunal.

O número total de almas que ainda habita a cidade — sem incluir os dois homens que estão patrulhando as muralhas do lado de fora (Matthew e Speed) ou o homem que se ocupa com alguma tarefa desconhecida na enfermaria (Bob Stookey) — soma um total de 25: seis mulheres, catorze homens e cinco crianças com menos de 12 anos. Essas 25 pessoas agora ocupam seus lugares ao redor do piso de parquete arranhado, em cadeiras dobráveis, cada uma delas voltada para a frente da sala em estilo teatral, esperando que a única oradora no programa daquela noite comece a apresentação.

Lilly anda de um lado para outro ao longo da parede à frente, rachada e coberta de buracos de bala, onde os restos rasgados das bandeiras estadual e nacional pendem por fios em mastros de metal amassados feito totens de uma civilização há muito perdida. Desde que a praga se alastrou, quase dois anos antes, os homens têm vivido

e morrido naquela sala. Ameaças não proferidas foram feitas, contratos foram selados e regimes mudaram das maneiras mais violentas.

Antes de falar, Lilly mede suas palavras em silêncio, o rosto úmido com suor de nervoso. Ela colocou roupas limpas; uma bandana colorida de orquídeas está agora amarrada ao pescoço dela. As botas de cano curto emitem cliques no azulejo empoeirado conforme Lilly anda. Ela tem uma Ruger MK II em um novo coldre no quadril. O vento chacoalha as vigas altas e o rangido de cadeiras de metal cessa, os sussurros ansiosos se dissipando.

Todos esperam quietos Lilly dizer o que precisa.

Ela sabe que precisa simplesmente falar, então respira fundo, se vira para o grupo e conta a verdade. Ela conta tudo a eles.

Bob Stookey perambula pela calçada escura e deserta com o recipiente de material biológico grudento e manchado de sangue debaixo do braço, virando na esquina da rua principal com a Jones Mill Road, quando vê os geradores no gramado no tribunal a quase vinte metros do outro lado da praça. Os motores pequenos e baixinhos de cinco cavalos vibram e bufam uma fumaça pelo escape, trabalhando incansavelmente, fazendo as janelas do anexo brilharem com uma luz amarela suave e morna.

A visão da cidade inteira reunida dentro daquelas janelas faz Bob parar e se deter na beira da praça por um momento, observando as reações dos colegas cidadãos às notícias de Lilly. Bob sabe o que aconteceu, sabe sobre Austin e todos os outros que morreram, e sabe o que, muito provavelmente, Lilly acaba de despejar em cima daquelas pobres pessoas. No fim daquela tarde, Bob conversou rapidamente com Lilly, compartilhou do luto dela e disse à jovem

que ele a apoiaria com o que tivesse planejado para aquele lugar. Mas não contou a ela sobre o último pedido do Governador, no entanto, nem lhe mostrou a única ocupante do apartamento do segundo andar no fim da rua principal.

Agora Bob está de pé, sozinho, com a caixa cheia de entranhas, observando o palco de janelas à luz radiante da sala comum.

Ele vê Lilly assentindo para as pessoas e nota alguns dos cidadãos erguendo as mãos, falando, fazendo perguntas imponderáveis, os rostos franzidos de preocupação. Mas Bob também vê naquele momento algo que o faz franzir a testa com espanto, talvez até com um pouco de desânimo. Daquela distância, escondendo-se atrás de um álamo esquelético com a gororoba nojenta espalhando fedor ao redor dele, Bob vê alguns dos rostos exibindo expressões de... de quê? Esperança? Benevolência?

A mãe dele, Delores, que foi enfermeira da marinha na Guerra da Coreia, tinha uma palavra para o que Bob está vendo naquele momento pelas janelas imundas nos rostos envelhecidos e exaustos conforme as pessoas ouvem pacientemente Lilly explicar seus planos para o futuro da pequena aldeia em frangalhos. A palavra é "graça".

Até mesmo nas piores situações, Bobby, costumava dizer Delores Stookey a ele, *em meio à morte e ao sofrimento e, sim, até mesmo ao mal... as pessoas encontram graça. Deus nos fez assim, Bobby, não percebe? Deus nos fez a Sua imagem. Nunca se esqueça disso, querido. As pessoas conseguem encontrar graça debaixo das rochas do sofrimento, se precisarem*.

Bob Stookey observa os rostos na sala comum, a maioria ouvindo com ansiedade Lilly Caul explicar o que está por vir. Pela expressão *dela* — pelo modo como cruza os braços, como quase imperceptivelmente joga os ombros na direção do público, apesar do

corpo e da alma arrasados, da exaustão e do luto — agora, parece que está encerrando.

Ninguém nunca acusaria Bob Stookey de ser treinado em ginecologia e obstetrícia — embora ele tivesse tratado aquela pobre menina no exterior depois do aborto que ela sofreu — mas Bob está *convencido* de que agora observa o nascimento de uma nova alma.

A de uma líder.

De pé na sala sem ar, no centro dos olhares febris de 25 rostos ansiosos, assustados e esperançosos, Lilly Caul espera os sussurros se acalmarem uma última vez antes de colocar as cartas na mesa.

— Vou resumir para vocês — diz ela, por fim. — O que quer que pensassem de Philip Blake, ele nos manteve vivos e deixou os errantes longe. Simples assim. Mas vocês se acostumaram a viver numa ditadura. Todos nós nos acostumamos.

Ela para por um momento, medindo as palavras com cuidado, observando os espectadores a observarem. A sala fica tão silenciosa que Lilly consegue ouvir os estalos da fundação, o sussurrar da brisa pelos ossos do prédio de cem anos.

— Não quero ditar nada — diz ela. — Mas estou disposta a assumir a responsabilidade por esta comunidade. Temos uma oportunidade aqui. Não estou pedindo poder. Não estou pedindo nada. Só estou dizendo que podemos fazer de Woodbury um bom lugar para se viver de novo, um lugar seguro, decente. E estou disposta a ser aquela que... sabem... *que nos guiará até lá*. Mas não farei isso se não quiserem. Então, está na hora de votarmos. Chega de ditaduras. Woodbury é uma democracia agora. Então, aqui vamos nós. Todos a favor de que eu tome as rédeas por um tempo, ergam as mãos.

Metade das mãos na sala sobe imediatamente. Barbara e David Stern — sentados na fileira da frente, as mãos as mais altas de todas — já estão sorrindo, mas os olhos tristes denunciam a luta que está por vir.

Algumas das pessoas no fundo da sala se entreolham como se buscassem um sinal.

Lilly emite um suspiro de alívio profundo e de exaustão quando o restante das mãos é erguido.

O sono vem com dificuldade naquela noite, apesar da fadiga de Lilly. Parece que ela não dorme na própria cama há anos — que na verdade não *tem dormido* há anos — quando, de fato, fazem apenas dois dias. Ela cochila e acorda, levanta algumas vezes para fazer xixi e, enquanto está de pé, descobre as coisas de Austin espalhadas pelo apartamento.

Com um carinho e uma tristeza que a dominam de surpresa, Lilly reúne cuidadosamente todos os pertences dele — o isqueiro, um baralho, um canivete, algumas peças de roupas, inclusive um moletom com capuz sobressalente e um chapéu de estilo *porkpie* — e os coloca em uma gaveta para que fiquem bem guardados. Lilly nunca os jogaria fora. Mas precisa limpar a área para os desafios à frente.

Então ela se senta e chora bastante.

Ao voltar para a cama, Lilly tem uma ideia — algo que ela e o restante de Woodbury deveriam fazer logo de manhã, antes de começarem qualquer outra das inúmeras tarefas. Ela dorme por algumas horas e, quando acorda em um quarto inundado pela luz do sol, os raios entrando pelas cortinas, ela se sente transformada. Lilly se veste e então vai até a praça.

Alguns dos cidadãos mais velhos com bexigas mais fracas e próstatas mais envelhecidas já se reuniram no restaurante do outro lado do tribunal e ligaram a cafeteira antiga de aço inoxidável quando Lilly chega. Eles a cumprimentam com uma cordialidade reservada aos líderes mundiais. Lilly tem a sensação de que todos estão secretamente aliviados porque o regime do Governador chegou ao fim, e as pessoas estão felizes por saber que foi ela quem assumiu.

Ela conta a ideia a eles, e todos concordam que é boa. Lilly alista alguns dos mais fortes para sair e espalhar a notícia, e, uma hora depois, a cidade inteira já se reuniu nas arquibancadas da pista de corrida.

Lilly ocupa o centro — anda pelo campo de terra, fica de pé no antigo ringue de luta no qual homens e mulheres lutaram até a morte para a diversão dos residentes — e, agradece a todos por terem vindo, diz algumas palavras sobre seus planos para o futuro e, por fim, pede a todos que abaixem as cabeças por um momento, em memória das pessoas entre eles que faleceram.

Então ela simplesmente lista os nomes dos homens e mulheres que morreram nas últimas semanas e meses na luta pela sobrevivência.

Durante quase cinco minutos, a vagarosa litania de nomes ecoa pelo céu azul como o ovo de um tordo americano.

— Scott Moon... Megan Lafferty... Josh Lee Hamilton... Caesar Martinez… Doc Stevens… Alice Warren… Bruce Cooper… Gus Strunk… Jim Steagal… Raymond Hilliard… Gabe Harris… Rudy Warburton… Austin Ballard…

Um atrás do outro, ela recita os nomes com uma voz forte, respeitosa e ressonante, parando por um momento depois de cada

nome conforme o vento os leva ecoando até os limites do estádio. Lilly memorizou a maioria deles, olhando para baixo apenas de vez em quando para as anotações rabiscadas na ficha que está apoiada na palma da mão suada dela em busca dos últimos poucos nomes que não sabia antes daquele dia. Por fim, chega ao último nome e para por um instante antes de dizer, sem emoção:

— Philip Blake.

O nome tem um eco próprio — fantasmagórico, profano — conforme reverbera na brisa. Ela olha para cima, para a multidão reunida na barreira de cerca retorcida, e a maioria das cabeças curvadas se ergue para olhá-la. O silêncio recebe a troca de olhares. Lilly emite um longo suspiro e então assente.

— Que Deus tenha piedade de suas almas — diz ela.

Um punhado de respostas sussurradas e améns percorre a arena.

Lilly convida todos para o campo, para a última fase do ritual. Devagar, um a um, os mais velhos, as crianças e os membros sobreviventes da milícia descem em fila pelo portão e para o campo de terra. Ela supervisiona o desmonte.

O grupo remove o mastro e os grilhões que um dia amarraram errantes à periferia do ringue de luta. Eles limpam os vestíbulos e as salas fechadas, removendo os resquícios abandonados de roupas rasgadas, cápsulas de balas usadas, tacos quebrados e lâminas retorcidas que impedem as passagens. Limpam as poças solidificadas de sangue. Varrem as rampas, esfregam as paredes, jogam todas as evidências das lutas em enormes latas de lixo. Alguns dos homens mais jovens chegam até mesmo a descer para as catacumbas abaixo do estádio e destroem os errantes que ainda estão

presos no purgatório infernal, e Lilly começa a sentir que o projeto de arrumação é uma limpeza do tipo mais profunda.

O circo romano fecha oficialmente naquele dia — chega de gladiadores, chega de brigas a não ser a coletiva pela sobrevivência.

Enquanto trabalham, Lilly repara em outra coisa que a surpreende. Muito sutilmente a princípio, mas aumentando conforme o campo se transforma, os humores começam a mudar. As pessoas passam a conversar umas com as outras em tom positivo, a fazer piadas, relembrar os velhos tempos e indicar que dias melhores virão. Barbara Stern sugere que o grupo transforme o terreno do campo em uma horta — ainda há sementes viáveis no armazém de comida — e Lilly acha que é uma ideia muito boa.

E, por uma breve passagem de tempo, sob o sol morno de uma manhã de primavera da Geórgia — por mais rápida que seja — as pessoas quase parecem felizes.

Quase.

No pôr do sol naquela noite, as coisas se acalmaram na nova Woodbury.

A barricada foi reforçada nos cantos sudeste e norte da cidade, um novo horário de patrulhamento foi estabelecido — o bosque ao redor permanece relativamente quieto — e os suprimentos da cidade de combustível, água potável e mantimentos secos são contabilizados e distribuídos de forma igual entre os residentes. Chega de racionamento, chega de política, chega de perguntas. Eles têm provisões e fontes de energia suficientes para se manterem durante meses — e Lilly marca uma reunião da cidade no tribunal, onde começa o processo de estabelecer um tipo de comitê de

consulta entre os mais velhos e os chefes de famílias para que votem em assuntos críticos.

Assim que o anoitecer se aproxima e o ar esfria, ela decide, por fim, voltar para casa. Está sofrendo com a dor que ainda sente na lombar e com as cólicas intermitentes que continuam a atormentando, mas está com a cabeça renovada e os pés no chão como nunca.

Exausta, mas estranhamente tranquila, Lilly caminha pela calçada deserta na direção do seu prédio, pensando em Austin, pensando em Josh e no seu pai, quando ela vê uma figura familiar andando com dificuldade no lado oposto da rua, segurando uma sacola escura de onde pingam gotas pretas na calçada.

— Bob? — Lilly atravessa a rua e se aproxima dele cautelosamente, olhando para a sacola encharcada de sangue. — O que está havendo? O que você está fazendo?

Ele para nas sombras; uma luz branca, vaporosa e distante mal ilumina as suas feições enrugadas.

— Nada de mais... hum, sabe... cuidando das coisas. — Ele parece nervoso e envergonhado de um jeito estranho. Desde que conseguiu parar de beber, sua aparência melhorou, o cabelo ensebado agora está cuidadosamente penteado e afastado com gel da testa bastante enrugada, o que acentua os pés de galinha ao redor dos olhos caídos.

— Não quero ser intrometida, Bob. — Lilly indica a sacola com a cabeça. — Mas é a segunda vez que vejo você arrastando uma coisa nojenta pela cidade. Não é da minha conta, mas isso é, por acaso...?

— Não é humano, Lilly — dispara ele. — Peguei na estação elétrica. É só carne.

— Carne?

— Pedaços de um coelho que encontrei em uma de minhas armadilhas, apenas uma carcaça.

Lilly olha para ele.

— Bob, eu não...

— Prometi a ele, Lilly. — Toda a pretensão se esvai de Bob Stookey nesse momento, e seus ombros desabam com desespero, talvez até um pouco de vergonha. — Essa coisa... ainda está lá dentro... pobre criatura condenada... um dia foi a filha dele, e eu fiz uma promessa a ele. Preciso manter essa promessa.

— Cruzes, não quer dizer que...

— Você poderia usar o argumento que ele salvou minha vida — diz Bob, abaixando o rosto para o chão. A sacola pinga. Bob funga, arrasado.

Lilly pensa durante um instante, então diz, bem baixinho, mas com muita firmeza:

— Me mostre.

VINTE E DOIS

Bob vira a chave e empurra a porta para abri-la, então Lilly o segue para dentro do apartamento, atravessando o portal do santuário íntimo do Governador.

Ela para no saguão fétido. Bob ainda segura a sacola de carne na mão retorcida conforme segue e vira em um canto, desaparecendo na sala, mas Lilly se demora naquele vestíbulo entulhado, observando o que restou da vida privada do Governador.

Desde que chegou a Woodbury, Lilly Caul entrou no covil do Governador só umas duas vezes, e cada visita foi breve e acompanhada de uma inquietude de fazer os pelos se arrepiarem. Ela se lembra de ouvir aqueles ruídos inexplicáveis vindo de outros cômodos — a respiração forte, os tilintares baixos e metálicos, e aquele zumbido esquisito e incessante de bolhas, como se um laboratório de metanfetamina estivesse a todo vapor na cozinha — mas naquele momento, de pé com os braços cruzados defensivamente no peito, ouvindo aqueles mesmos ruídos, ela sente muito pouco da repulsa e da aversão que sentiu antes.

A profunda tristeza do lugar chama atenção de Lilly, e pesa sobre ela. O piso de madeira arranhado, o papel de parede desbotado, as janelas cobertas com musselina preta e cobertores em

frangalhos, a única lâmpada que pende do teto de gesso rachado, os odores de mofo e desinfetante fortes no ar estagnado — tudo isso revira o estômago de Lilly com uma tristeza enorme. Ela toma fôlego para se conter e tenta afastar a tristeza da mente. Bob grita seu nome da sala.

— Lilly, venha cá... quero que conheça alguém — chama a voz dele, hesitando levemente conforme Bob tenta manter as coisas tranquilas e simples. Lilly respira fundo de novo, e um pensamento estranho passa pela cabeça dela: *o homem que viveu aqui perdeu tudo, o que o levou à loucura e fez com que acabasse aqui, como um náufrago neste limbo extravagante e solitário de janelas mascaradas e lâmpadas sem luminária e sem vida*.

Lilly entra na sala, e a minúscula figura acorrentada à parede oposta a faz parar subitamente. A visão de Penny Blake envia um calafrio de terror — em grande parte involuntário — para o estômago de Lilly. Os pelos da nuca dela se eriçam. Mas, acompanhadas dessas respostas instintivas, vêm ondas cada vez mais fortes de desespero, tristeza e até mesmo de empatia.

Algo no modo como as características da infância ainda se prendem àquela criatura faz a mente de Lilly hesitar — o rosto enrugado e escurecido emoldurado por marias-chiquinhas embaraçadas e laços imundos amarrados, o pequeno vestido salopete tão encharcado de baba, bile e sangue que a cor centáurea-azul original se tornou um cinza-minhoca. Bob se ajoelha perto da criatura, perto o bastante para acariciar o ombro dela, mas longe o suficiente para ficar apenas além do alcance da mandíbula que estala, se fecha e range.

— Lilly, conheça Penny — diz Bob com um carinho que é quase incongruente enquanto ele enfia a mão na sacola e pega um pedaço

de tecido vermelho-arroxeado. A coisa-garota morde o ar e emite um gemido sofrido. Bob a alimenta com o órgão. Os olhos branco-leitosos da menina se enchem de agitação e algo que quase parece agonia enquanto ela mastiga as sobras, fazendo fluidos vazarem pelas gengivas minúsculas, enrugadas e sem dentes, que em seguida escorrem pelo queixo.

Lilly se aproxima, e a tristeza pesa sobre ela, forçando-a a cair de joelhos alguns metros diante da coisa-criança.

— Ai, meu Deus... Bob... Jesus... isso é? Ai, meu Deus, meu Deus.

Bob suavemente acaricia os cabelos ensebados da criança conforme a criatura devora as entranhas.

— Penny, conheça Lilly — diz Bob, bem baixinho, para a criatura.

Lilly abaixa a cabeça e encara o chão.

— Bob, isso é... Deus.

— Eu prometi a ele, Lilly.

— Bob... Bob.

Ela balança a cabeça e continua encarando o chão enquanto os ruídos aquosos de estalos preenchem o ar. Ela mal consegue olhar para o monstro minúsculo. Pela visão periférica, Lilly consegue ver marcas de prego no carpete gasto, um contorno de manchas de sangue onde um painel foi rapidamente pregado ao chão. Também vê os borrões de manchas de sangue teimosas nas paredes que se recusaram a sair com desinfetante e trabalho árduo. O ar cheira a podridão azeda e cobre.

Bob diz outra coisa, mas Lilly não ouve. A mente dela está imersa em tristeza agora, marinando na miséria e na loucura presas àquele lugar, apodrecendo nas cortinas, nos grãos das tábuas do piso

e no mofo preto dos rodapés. Aquilo tira o fôlego de Lilly e faz seus olhos arderem. As lágrimas surgem então, e Lilly tenta recuperar o fôlego para os pulmões e estancar as lágrimas dos olhos e a vontade de chorar. Ela engole o choro, cerra os punhos e volta a olhar para a garota.

Há muito tempo, Penny Blake se sentou no colo do pai, ouviu histórias de ninar, chupou o dedo e se aninhou num cobertor. Agora, ela enxerga por olhos da cor da barriga de um peixe, insensata como uma toupeira, catatônica com uma fome negra que nunca desaparecerá. Penny é a personificação do preço da praga.

Durante uma eternidade insuportável, Lilly Caul fica ajoelhada diante da garota, balançando a cabeça, encarando o chão enquanto Bob alimenta a criatura com o restante da gororoba, sem dizer nada, assobiando baixinho como se apenas trançasse o cabelo da menina.

Lilly busca as palavras certas. Ela sabe o que precisa ser feito.

Por fim, depois de minutos intermináveis, ela consegue erguer o olhar para Bob.

— Sabe o que precisamos fazer, não é? — Ela se fixa no olhar caído, injetado e deprimido de Bob. — Sabe que não há outra saída.

Bob emite um suspiro miserável, se levanta, arrasta os pés até o sofá e se senta como se a pedra de Sísifo estivesse sobre seus ombros. Ele encolhe o corpo e esfrega os olhos, os lábios trêmulos ao dizer:

— Eu sei... eu sei. — Bob olha para Lilly através de lágrimas. — Você vai ter que fazer isso, menina Lilly... não tenho coragem.

Eles encontram um picador de gelo na gaveta da cozinha e um lençol relativamente limpo na cama, e Lilly diz a Bob para esperar do lado de fora. Mas Bob Stookey — um homem que cuidou de soldados à beira da morte e acolheu cães abandonados durante a vida inteira —

se recusa a desonrar a memória de uma menininha. Ele diz a Lilly que a ajudará.

Os dois se esgueiram por trás da coisa-menina enquanto ela se alimenta e Lilly joga o lençol em cima da criatura, cobrindo a cabeça e o rosto de Penny, tentando não perturbá-la mais do que o necessário. O pequeno monstro se contorce e se debate no casulo de tecido por um momento, enquanto Lilly empurra cuidadosamente o corpo agitado para o chão. Forçando o próprio peso sobre a forma que se estremece, Lilly pega o picador de gelo com a mão direita.

A cabeça se agita e se debate sob o lençol, e Lilly luta por um tempo para posicioná-la corretamente para um golpe limpo e decisivo. Bob se agacha ao lado dela, ao lado do montinho que estremece, e começa a cantar baixinho para a criatura — um antigo hino cristão — e Lilly para por um momento, logo antes de enfiar o picador de gelo na cabeça embaixo do lençol, sendo surpreendida pelo som da voz de Bob.

— Em uma colina muito distante ficava uma cruz antiga e gasta — canta Bob baixinho para a coisa que um dia foi uma criança, e o sotaque acentuado dele se transforma subitamente, ficando suave, caloroso e doce como mel. — É o emblema do sofrimento e da vergonha, e amo aquela velha cruz onde o mais amado e o melhor por um mundo perdido de pecadores foi morto.

Lilly fica paralisada, sentindo algo extraordinário acontecer sob o lençol encharcado abaixo dela. A agitação, o estremecimento e os grunhidos diminuem, a criatura repentina e inexplicavelmente vai se acalmando, como se ouvisse o som da voz de Bob. Lilly encara o lençol. Não parece possível, mas a coisa continua parada.

Bob canta baixinho.

— Então Ele vai me chamar um dia, para meu lar distante... Onde partilharei da glória Dele para sempre.

Lilly enfia a ponta bem fundo no crânio embaixo do lençol.

E a coisa chamada Penny vai para seu lar distante.

Os dois decidem fazer uma cerimônia fúnebre para a criança. Lilly tem a ideia e Bob acha que é algo muito bom a se fazer.

Então Lilly manda Bob sair para reunir os outros, encontrar um carrinho de mão, uma lona encerada, um recipiente apropriado e um local adequado para o túmulo.

Depois que Bob vai embora, Lilly permanece no apartamento, pois tem uma pendência para resolver.

VINTE E TRÊS

Lilly encontra uma caixa de balas no armário do quarto de Philip, as quais cabem na espingarda apoiada na parede atrás de uma pilha de caixas de pêssego. Lilly carrega a arma e a leva até o cômodo ao lado.

Foi necessária apenas uma olhada pela porta na direção daquele aposento escuro no qual os aquários grotescos continuam alinhados na parede, borbulhando e estalando nas sombras, para que o mistério de Philip Blake ficasse para sempre enterrado na memória de Lilly.

Agora, ela se posiciona diante dos recipientes de vidro e carrega a espingarda. Lilly aponta o cano para o primeiro aquário e atira. A explosão quase estoura os tímpanos dela quando o recipiente explode, mandando cacos de vidro pelo ar e um jorro de fluidos para o chão. A cabeça inchada sai quicando.

Lilly enfia outra bala na câmara e atira, e faz isso outras diversas vezes, acertando cada aquário bem no centro, despejando ondas de água pelo chão aos seus pés e mandando as cabeças para o esquecimento. Ela usa 25 balas, até que o quarto esteja inundado com água purificadora, vidro quebrado e os troféus restantes do Governador.

Ela joga a espingarda no chão e sai do quarto inundado com os ouvidos zumbindo e os últimos traços da loucura de Philip Blake exorcizados da terra.

* * *

Naquela tarde, conforme o sol começa a descer por trás das copas altas das árvores no horizonte oeste e o ar fica frio e luminoso com as sombras que se estendem, os 28 habitantes sobreviventes de Woodbury, Geórgia, estão de pé em um semicírculo ao redor de um monte de terra remexida há pouco, terminando o tributo a uma criança perdida... e encerrando um capítulo violento na história pós-praga da cidade.

O local que Bob escolheu para o local de descanso de Penny fica do lado de fora da muralha, à sombra de carvalhos enormes, coberto de flores selvagens e relativamente livre dos destroços de batalhas e conflitos anteriores.

Todos ficam de pé num silêncio respeitoso, as cabeças baixas, sussurrando as orações finais. Até mesmo as crianças presentes param de brincar por um tempo e baixam os olhares para a terra, então unem as mãozinhas para rezar. Lilly fecha a Bíblia pequena, cheia de orelhas, que Bob emprestou a ela para a ocasião, e olha para o chão por uma fração de segundo, esperando que o momento siga seu curso. Ela acabou de recitar uma elegia breve para uma criança que ninguém conheceu, uma criança que parece ser um símbolo adequado para a perda de tantos outros, assim como a santidade daquelas vidas ainda vividas, e agora Lilly sente uma espécie de encerramento profundo.

— Descanse em paz, pequena Penny — diz ela por fim, quebrando o feitiço e acabando com o momento. — Obrigada a todos. Provavelmente deveríamos voltar agora... antes que a escuridão caia.

Bob está ao lado de Lilly com um lenço amassado nas enormes mãos, o tecido encharcado com suas lágrimas. Ela percebe pela vermelhidão e pela umidade dos olhos de cão farejador de Bob que aquela pequena cerimônia improvisada fez bem a ele. Fez bem a todos.

Um a um, o grupo vira de costas para o túmulo e começa a seguir pelo estacionamento vazio do lado de fora da ponta nordeste da cidade. Lilly vai à frente com Bob, que anda a passos lentos ao lado dela, esfregando os olhos com o lenço. Atrás de Bob, Matthew e Speed carregam rifles na altura dos quadris, caso encontrem algum errante desgarrado.

Os outros seguem de perto, conversando baixinho, falando distraidamente sobre questões grandes e pequenas, quando o barulho fraco de um motor distante chama a atenção de todos. A maioria para e vira o pescoço para ver o que, em nome de Deus, pode estar vindo naquela direção.

— Se eu não soubesse direito — observa Bob para Lilly, levando a mão à Smith & Wesson atrás do cinto —, diria que isso foi um carro vindo pela 109.

— Tudo bem, vamos com calma, todo mundo, calma — diz Lilly ao grupo, olhando por cima do ombro para a fileira de pessoas atrás dela e vendo algumas delas puxando armas, algumas das crianças se aproximando dos adultos. — Vamos só ver o que é antes de ficarmos agitados.

Por um momento, em vez do som explosivo de um motor morrendo, tudo o que Lilly percebe ao longe é um fiapo de fumaça preta subindo acima das copas das árvores e então se dissipando ao vento. Ela fixa o olhar na curva da estrada algumas centenas de metros adiante quando uma caminhonete surrada aparece.

Lilly percebe no mesmo instante que o carro não representa uma ameaça. Parece ser um Ford LTD velho, gasto e todo enferrujado, um modelo do final dos anos 1990, queimando óleo, com metade dos painéis de madeira arranhados por raspões laterais, as rodas oscilando como se pudessem cair a qualquer momento.

— Abaixem as armas — ordena Lilly a Matthew e Speed. — Vamos... está tudo bem.

Conforme o veículo chacoalha cada vez mais perto, as pessoas do lado de dentro entram no campo de visão dela — um casal abatido na frente, três garotos maltrapilhos pequenininhos atrás —, aparentemente uma família, o motor soltando fumaça. Eles encostam a uma distância segura — cerca de 25 metros adiante na estrada — e o carro engasga até parar numa nuvem de névoa tóxica.

Lilly ergue as mãos vazias para mostrar às pessoas no carro que não é uma ameaça.

A porta do lado do motorista se abre com um rangido e o pai sai. Vestindo camadas de roupas do Exército da Salvação, tão mal nutrido quanto um prisioneiro de guerra, o homem é só pele e osso. Parece prestes a desabar a qualquer momento. Ele responde ao gesto de Lilly ao erguer as *próprias* mãos para mostrar que também não oferece perigo algum.

— Boa noite! — grita Lilly para ele.

— Oi. — A voz do homem parece oca, como a de um paciente de câncer terminal. — Posso perguntar se vocês têm água potável

sobrando que possam compartilhar?

Lilly reconhece o leve sotaque urbano de uma cidade do sul — Birmingham, Oxford, Jacksonville, talvez — e olha por cima dos ombros para os demais.

— Vocês, aguentem aí um segundo; volto já. — Ela se dirige para o estranho novamente. — Vou me aproximar um pouco, senhor, se não tiver problema...

O homem se vira e olha, preocupado, para a família amontoada, nervosa, no carro. Ele se volta para Lilly.

— Claro... acho que sim... pode vir.

Lilly anda devagar até a caminhonete, as mãos ainda erguidas. Quanto mais se aproxima, mais percebe como aquelas pessoas estão mal. O homem e a mulher parecem estar com o pé na cova, os rostos lívidos e macilentos tão magros que parecem cadavéricos. No banco traseiro entulhado, as crianças estão cobertas de sujeira e com poucas roupas. A caminhonete está cheia de embalagens vazias e cobertores devorados por traças. É um milagre essas pessoas ainda estarem de pé. Lilly se aproxima e mantém alguns metros de distância do pai.

— Meu nome é Lilly, e o seu é...?

— Calvin... e aquela é Meredith. — Ele aponta para a esposa e então para os filhos. — E aqueles são Tommy, Bethany e Lucas. — Calvin olha para Lilly. — Moça, eu seria eternamente grato se você pudesse talvez nos dar um pouco de comida e quem sabe algumas armas das quais não precise...

Lilly olha para o homem e abre um sorriso caloroso, inocente e sincero.

— Tenho uma ideia melhor, Calvin. Que tal eu mostrar o lugar a você?

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

The walking dead:
A queda do governador II

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/404149-a-queda-do-governador-parte-dois

Site da série

http://www.thewalkingdead.com.br/

Wikipedia do autor Robert Kirkman

http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Kirkman

Twitter do autor Robert Kirkman

https://twitter.com/RobertKirkman

Wikipedia do autor

http://en.wikipedia.org/wiki/Jay_Bonansinga

Biografia do autor

http://www.skoob.com.br/autor/10986-jay-bonansinga

SUMÁRIO

CAPA
OBRAS DOS AUTORES PUBLICADAS PELA GALERA RECORD
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
PARTE 1 | CAMPO DE BATALHA
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
PARTE 2 | RELÓGIO DO APOCALIPCE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE

QUINZE
DEZESSEIS
PARTE 3 | A QUEDA
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
COLOFON
SAIBA MAIS